



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - MESTRADO

LEANDRO SILVA CARDOSO

**“A ESPERANÇA DE UMA VIDA NOVA EM UM LUGAR NOVO”: HISTÓRIA
ORAL EM TAQUARUSSU/MS — ORIGENS, RECOMEÇOS E COTIDIANOS**

DOURADOS/MS

2024

LEANDRO SILVA CARDOSO
“A ESPERANÇA DE UMA VIDA NOVA EM UM LUGAR NOVO”: HISTÓRIA ORAL EM TAQUARUSSU/MS — ORIGENS, RECOMEÇOS E COTIDIANOS

LEANDRO SILVA CARDOSO

**“A ESPERANÇA DE UMA VIDA NOVA EM UM LUGAR NOVO”:
HISTÓRIA ORAL EM TAQUARUSSU/MS — ORIGENS, RECOMEÇOS
E COTIDIANOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: Fronteiras, Identidades e Representações.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Afonso da Silva.

DOURADOS/MS

2024

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

C268” Cardoso, Leandro Silva.

“A ESPERANÇA DE UMA VIDA NOVA EM UM LUGAR NOVO”: HISTÓRIA ORAL EM TAQUARUSSU/MS — ORIGENS, RECOMEÇOS E COTIDIANOS. [recurso eletrônico] / Leandro Silva Cardoso. -- 2024.

Arquivo em formato pdf.

Orientador: Daniel Afonso da Silva.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Grande Dourados, 2024.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. História Oral Aplicada. 2. História Oral de Vida. 3. Taquarussu (MS) 4. Povoamento. 5. Memória de Expressão Oral. I. Silva, Daniel Afonso Da. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

LEANDRO DA SILVA CARDOSO

**“A ESPERANÇA DE UMA VIDA NOVA EM UM LUGAR NOVO”:
HISTÓRIA ORAL EM TAQUARUSSU/MS — ORIGENS, RECOMEÇOS
E COTIDIANOS**

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD

Aprovada em ____ de ____ de 2024

BANCA EXAMINADORA

Presidente e orientador: Dr. Daniel Afonso da Silva (UFGD)

1º Examinador: Dr. Fernando Perli (UFGD)

2º Examinador: Dr. Fábio da Silva Sousa (CPAQ)

DEDICATÓRIA

Aos colaboradores e colaboradoras que confiaram em mim e ensinaram-me a arte da escuta. Através dessa jornada de reimaginação, ressignificação e silêncio pude aprender e ser inspirado por suas histórias de vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço e saúdo a caminhada, as pedras e os sorrisos que ajudaram-me a manter o caminhar certo durante este projeto de pesquisa, com saúde e forças para chegar até o final.

Sou grato à minha querida e batalhadora mãe, Maria Penha da Silva, pelo apoio que sempre me deu durante toda a minha vida.

Aos meus amigos e amigas Álvaro, Tatiane, Fernanda, Rogério, Ebersson, Leonardo, Ailton, Fagner, Kelly, Lucir e Melquides, pelo apoio e pelas palavras de conforto em meus momentos de medo e fraqueza.

Às colaboradoras e colaboradores Rosa, Agenor, Terezinha Silva, Carmelina, Aliceu, Claudenir, Josefa, Maria, Matilde, Emir, Terezinha Teixeira, Carlinhos, Anita e Lourdes, pois sem eles esta pesquisa não teria sido possível. Sou grato pela palavra confiada.

Deixo um agradecimento especial ao meu primeiro orientador, Dr. Leandro Seawright Alonso, pelo incentivo e pela dedicação do seu escasso tempo ao meu projeto de pesquisa. Obrigado por confiar em mim e na proposta do projeto de pesquisa. Ressalto que aprendi muito com essa parceria e sem a presença dele esse trabalho não teria acontecido.

Agradeço também ao meu professor e orientador, Dr. Daniel Afonso da Silva, por ter me acolhido e por ter aceitado conduzir-me para a finalização da pesquisa. Também quero agradecer ao PPGH/UFGD, à minha banca avaliadora composta pelos professores Dr. Fernando Perli e Dr. Fábio da Silva Souza, e todos os professores de meu curso pela elevada qualidade do ensino oferecido.

Costurei fatos da vida para justificar o recorte que
me destilar o passado.

José Carlos Sebe Bom Meihy.

RESUMO

A dissertação examina a memória de expressão oral sobre o povoamento do município de Taquarussu, localizado no estado do Mato Grosso do Sul, utilizando os métodos da História Oral Aplicada no gênero narrativo de História Oral de Vida. Para a análise, foram entrevistadas catorze pessoas que testemunharam a criação e o desenvolvimento do município entre as décadas de 1950 e 1980, dentro do contexto do projeto "Marcha para o Oeste" implementado pelo Governo Vargas. Foi utilizado o método dialógico na análise das fontes, combinando as entrevistas com fontes textuais e imagéticas, a fim de se contrapor as diferentes narrativas sobre a fundação de Taquarussu (MS), revelando a complexidade da memória em seus aspectos individual, coletivo, oficial e clandestino. A análise das entrevistas destacou aspectos subjetivos das redes de colaboradores e revelou uma trajetória marcada pelos desafios da domesticação da paisagem e do desenvolvimento urbano, bem como aspectos marginalizados pela historiografia oficial, como a presença originária dos indígenas Ofaié nas antigas terras de Taquarussu. As narrativas oriundas da comunidade de destino estudada, composta por migrantes de diferentes regiões do Brasil em busca de terras férteis no sul do então estado de Mato Grosso, permitiu-nos compreender a memória como uma ponte entre o individual e o coletivo, demonstrando a dinamicidade da memória na construção da identidade social de um povo e o importante papel da história oral nos estudos historiográficos.

Palavras-chaves: História Oral Aplicada. História Oral de Vida. Taquarussu (MS). Povoamento. Memória de Expressão Oral.

ABSTRACT

The dissertation examines the oral expression memory regarding the settlement of the municipality of Taquarussu, located in the state of Mato Grosso do Sul, using the methods of Applied Oral History in the narrative genre of Oral Life History. For the analysis, fourteen people who witnessed the creation and development of the municipality between the 1950s and 1980s were interviewed, within the context of the "March to the West" project implemented by the Vargas Government. The dialogical method was used in the analysis of the sources, combining the interviews with textual and imagistic sources, in order to contrast the different narratives about the founding of Taquarussu (MS), revealing the complexity of memory in its individual, collective, official, and clandestine aspects. The analysis of the interviews highlighted subjective aspects of the networks of collaborators and revealed a trajectory marked by the challenges of domestication of the landscape and urban development, as well as aspects marginalized by official historiography, such as the original presence of the Ofaié indigenous people in the former lands of Taquarussu. The narratives from the studied destination community, composed of migrants from different regions of Brazil in search of fertile lands in the south of the then state of Mato Grosso, allowed us to understand memory as a bridge between the individual and the collective, demonstrating the dynamism of memory in the construction of the social identity of a people and the important role of oral history in historiographical studies.

Keywords: Applied Oral History. Life Oral History. Taquarussu (MS). Settlement. Oral Expression Memory.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ANPUH** – Associação Nacional de História
- CPNA** – *Campus* de Nova Andradina
- CVSPMT** – Companhia de Viação São Paulo Mato Grosso
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- INCRA** – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
- LABHIST** – Laboratório de História
- MBH** – Microbacia Hidrográfica
- MRG** – Microrregião Geográfica
- MS** – Mato Grosso do Sul
- MT** – Mato Grosso
- PPGH** – Programa de Pós-Graduação em História
- SANESUL** – Empresa de Saneamento de Mato Grosso do Sul S.A
- SPI** – Serviço de Proteção ao Índio
- UFGD** – Universidade Federal da Grande Dourados
- UFMS** – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
- UPG** – Unidade de Planejamento e Gerenciamento

LISTA DE MAPAS

Mapa 01. Localização do Município de Taquarussu.....	19
Mapa 02. Hidrografia de Taquarussu – Córrego Baile.....	173

LISTA DE QUADROS

Quadro 01. Hino de Taquarussu – MS	241
---	-----

LISTA DE FLUXOGRAMAS

Fluxograma 01. Redes.....	30
----------------------------------	----

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01. Rosa Ferreira dos Anjos.....	40
Fotografia 02. Agenor Francisco dos Anjos.....	48
Fotografia 03. Terezinha Silva dos Santos.....	54
Fotografia 04. Carmelina Candido dos Santos Silva.....	61
Fotografia 05. Aliceu Francisco da Silva.....	67
Fotografia 06. Claudenir José Crivelli.....	72
Fotografia 07. Josefa Tavares de Almeida.....	77
Fotografia 08. Maria Aparecida da Silva.....	82
Fotografia 09. Matilde Gonzaga Gomes.....	88
Fotografia 10. Antônio Emir Moraes.....	93
Fotografia 11. Terezinha Teixeira Rosa.....	100
Fotografia 12. Antônio Carlos Braz.....	109
Fotografia 13. Ana Silva Rodrigues.....	115
Fotografia 14. Lourdes Garcia Justino.....	120
Fotografia 15. Modelo das primeiras casas construídas nas décadas de 1960 e 1970.....	166
Fotografia 16. Características das residências construídas na década de 1960.....	167
Fotografia 17. Mulheres na derrubada da mata no ano de 1972.....	168
Fotografia 18. Meio de transporte mais utilizado entre a década de 1960 e 1970.....	170
Fotografia 19. Córrego Baile.....	172
Fotografia 20. Antiga ponte de madeira sob córrego baile em Taquarussu.....	176
Fotografia 21. Ponte sob o córrego baile na BR MS 473, Taquarussu.....	176
Fotografia 22. Primeira escola do bairro rural Taquarussu, 1966 (turma vespertino)	185
Fotografia 23. Escola do bairro rural Taquarussu, 1966 (turma matutino)	186
Fotografia 24. O governador José Manoel Fontanillas Fragelli, na inauguração da Escola Estadual Fr. Martinho Marques (28 de agosto de 1973)	191
Fotografia 25. Missa na igreja de madeira onde hoje é a casa de Claudenir José Crivelli.....	193
Fotografia 26. Derrubada da mata e extração da madeira para comercialização em 1960.....	198
Fotografia 27. Serraria do Sr. José Castellari.....	198
Fotografia 28. Coroinhas colhendo algodão com o padre José Dulce.....	201
Fotografia 29. Carga de algodão para ser entregue aos cerealistas em Taquarussu no ano de 1973.....	202
Fotografia 30. Produtores rurais efetuando exportação de algodão no ano de 1982.....	204
Fotografia 31. Moitas de taquara no leito do Córrego Baile – Taquarussu.....	228

LISTA DE TABELAS

Tabela 01. Colônias	29
Tabela 02. Análise da rede 01.....	134
Tabela 03. Análise da rede 02.....	134
Tabela 04. Análise da rede 03.....	134
Tabela 05. Análise da rede 04.....	135

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO I - PROCEDIMENTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS DA PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL	24
1.1. Conceitos norteadores: comunidade de destino, colônia e redes.....	25
1.2. Temporalidade e memória em história oral.....	26
1.3. A divisão da comunidade de destino em colônias e a constituição das redes colaborativas.....	28
1.4. O Perfil dos colaboradores da pesquisa.....	30
1.5. A elaboração das entrevistas segundo os métodos da história oral.....	31
1.6. A ida à campo: aplicando os métodos na coleta de entrevistas.....	32
1.7. O tratamento das entrevistas: transcrição, textualização, tom vital e transcrição.....	36
CAPÍTULO II – HISTÓRIAS DE VIDA: “ENTRE” & “VISTA”	39
2.1. Rede 01.....	40
2.1.1. Memória de Rosa.....	40
2.1.2. Memória de Agenor.....	48
2.1.3. Memória de Terezinha Silva.....	54
2.1.4. Memória de Carmelina.....	61
2.2 Rede 02.....	66
2.2.1 Memória de Aliceu.....	67
2.2.2 Memória de Claudenir.....	72
2.2.3 Memória de Josefa.....	77
2.3 Rede 03.....	82
2.3.1 Memória de Maria.....	82
2.3.2 Memória de Matilde.....	88
2.3.3 Memória de Emir.....	93
2.3.4 Memória de Terezinha Teixeira Rosa.....	100
2.4 Rede 04.....	109
2.4.1 Memória do professor Carlinhos.....	109
2.4.2 Memória da professora Anita.....	115
2.4.3 Memória da professora Lourdes.....	120
CAPÍTULO III – RELAÇÕES DIALÓGICAS POR REDES	132

3.1. Desdobramentos da Rede 01: O Sofrimento.....	135
3.2. Análises da Rede 02: A Migração.....	142
3.3. Eixos Analíticos da Rede 03: O Homem e a Terra.....	147
3.4. Diálogos da Rede 04: A Educação.....	150
3.5. Resultados dos Eixos Analíticos entre Redes.....	154

CAPÍTULO IV - POR UMA NOVA PERSPECTIVA: HISTÓRIAS DE VIDA, HISTÓRIA DE POVOAMENTO..... 155

4.1 As primeiras interferências na Fazenda Samambaia.....	155
4.1.1 “Abrigava em seu seio a semente do novo, nova vida e lugar novo”: Os primeiros passos no núcleo de Taquarussu.....	159
4.1.2 O Córrego Baile e seu papel no povoamento de Taquarussu.....	171
4.1.3 A formação das primeiras instituições sociais.....	178
4.1.4 “O suor escorrendo pelo rosto refletia o esforço para uma colheita farta”: A cultura do algodão em Taquarussu.....	195
4.1.5 A “luta” e o “sofrimento”: Os pequenos produtores no bairro Taquarussu.....	206
4.1.6 O Bairro São João.....	212
4.1.7 Crença Popular: O Saci-Pererê oralizado no processo de colonização de Taquarussu.....	218
4.1.8 Uma Análise acerca da toponímia “Taquarussu”	224
4.1.9 “Nós e os outros”: A formação identitária e cultural taquarussense.....	231

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 244

REFERÊNCIAS..... 248

INTRODUÇÃO

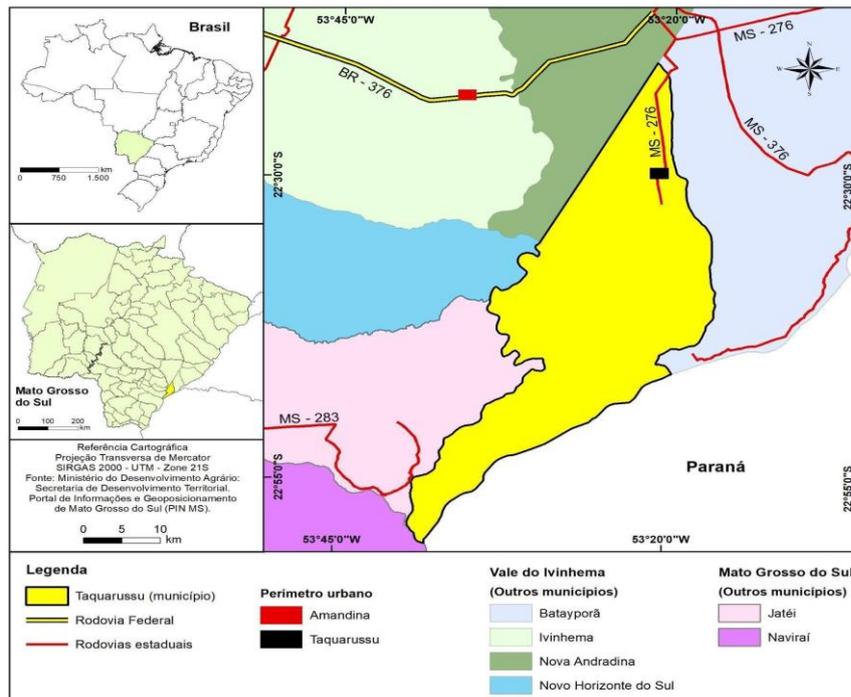
O presente estudo é o resultado da pesquisa de mestrado vinculada ao campo da História Oral Aplicada, em seu gênero narrativo de História Oral de Vida. O objetivo geral foi investigar as narrativas sobre o povoamento do município de Taquarussu, localizado no estado do Mato Grosso do Sul, a partir da memória de expressão oral de quatorze moradores sobre a fundação do referido município entre as décadas de 1950 e 1980. O estudo buscou intercalar as entrevistas com fontes textuais (livros, monografia, jornais) e fontes imagéticas (fotografias), analisando os diferentes discursos sobre a fundação de Taquarussu, sejam eles discursos institucionais, clandestinos, coletivos e/ou individuais. Essa abordagem nos permitiu captar as nuances e as complexidades do amplo fenômeno da memória e da oralidade, enriquecendo, assim, tanto o entendimento da história regional de Taquarussu, bem como sobre os estudos da História Oral Aplicada.

O projeto de pesquisa surgiu como uma extensão de minha formação acadêmica em História, concluída em 2019, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *Campus* de Nova Andradina (UFMS/CPNA). Durante a graduação, desenvolvi uma pesquisa de três anos sob a orientação da professora Rejane Aparecida Rodrigues Candado, focalizando o processo de educação e formação da identidade indígena no Brasil Colônia. Esta experiência foi crucial para despertar meu interesse em prosseguir na área da pesquisa acadêmica.

Em maio de 2021, após dois anos do término da graduação, surgiu a ideia de explorar novas temáticas para o processo seletivo do mestrado. Certa noite, na academia, onde rotineiramente mergulho em reflexões pessoais, fui impactado pela música "*On My Own*" de Lea Michele, do musical francês da Broadway, "*Les Misérables*", reproduzida em meus fones de ouvido. Nesse momento, um cartaz da Prefeitura Municipal de Taquarussu, que divulgava a "*Live Solidária de Aniversário de 41 anos de Taquarussu*", capturou minha atenção. O nome "Taquarussu", em negrito e vermelho, despertou-me uma inquietação nostálgica sobre a formação do município e a origem de seus primeiros habitantes. "O que levou essas pessoas a abandonarem suas cidades natais e se estabelecem em áreas de mata virgem?" "Qual é a disponibilidade de materiais históricos sobre Taquarussu?" "Como é o acesso desse repertório pelas escolas locais?" – foram reflexões que surgiram em meus questionamentos. A escassez de materiais educacionais sobre a história de Taquarussu, algo que reparei em minhas próprias experiências no ensino básico da cidade, intensificou meu desejo de explorar essa lacuna através de uma pesquisa acadêmica.

Instigado pela possibilidade de aprofundamento das referidas questões, busquei analisar previamente as informações existentes nos órgãos institucionais do município. Cabe destacar que o município de Taquarussu está situado na Microrregião Geográfica (MRG) de Nova Andradina, no sul do Mato Grosso do Sul. Sua sede está a uma distância de 318 km da capital, Campo Grande, como vemos no mapa a seguir:

MAPA 01. LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE TAQUARUSSU



Fonte: Organizado pelo autor, 2022.

A região é caracterizada pela presença predominante do bioma da mata atlântica da planície do rio Paraná, que abrange aproximadamente 14% do território do estado. Além disso, também inclui áreas de florestas estacionais semidecíduais e decíduas, matas ciliares e remanescentes inseridas nos biomas Cerrado e Pantanal. No entanto, a vegetação atual do município tem sido amplamente influenciada pela intervenção humana, especialmente pelas frentes de ocupação e urbanização que ali chegaram na década de 1950. Isso resultou na transformação de áreas em pastagens para criação de animais, desmatamento para estabelecimento de sítios e fazendas, além do cultivo de lavouras de soja, milho e cana-de-açúcar. Esta última é a atividade predominante na região, devido à presença da Usina Laguna – Álcool e Açúcar (IBGE, 2022).

Acerca de sua fundação, as informações fornecidas pelo órgão administrativo do município¹ destacam que ele foi fundado no final da década de 1950, com sua história marcada pela chegada de pioneiros de diversas origens étnicas, como nordestinos, paulistas e paranaenses, atraídos pelas terras férteis e em busca de melhores oportunidades de vida. A região, inicialmente composta por uma grande quantidade de propriedades rurais de pequenas dimensões, logo viu seus moradores unirem esforços para erguer um povoado.

Nos dados da Prefeitura Municipal de Taquarussu, destacam-se os nomes dos pioneiros Benedito Machado, Manoel Antônio Marciano Cordeiro, Miguel Araújo e Bruno Tribelli, os quais, supostamente, desempenharam papéis fundamentais na urbanização da região ao lotearem suas terras para a implantação da nova comunidade, contando com a colaboração de Valero Nunes de Souza, responsável pela elaboração da planta do povoado. Em 1963, Antônio Rodrigues estabeleceu a primeira casa comercial, contribuindo para o desenvolvimento econômico da região. O reconhecimento oficial de Taquarussu veio com a elevação a distrito pela Lei nº 3.708 de 24 de maio de 1976, e posteriormente à categoria de município pela Lei nº 76, de 12 de maio de 1980. Desde então, a data de 12 de maio é celebrada como o dia da emancipação política de Taquarussu.

Em relação aos dados demográficos atualizados, conforme o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2022, a população total do município é de 3.625 habitantes. Sua área territorial abrange 1.052,232 km², posicionando-o na 67ª posição entre os 79 municípios do estado do Mato Grosso do Sul. É relevante destacar que, segundo o Censo de 2022, 2.040 habitantes se autodeclararam pardos, representando a maioria, enquanto 1.363 habitantes se autodeclararam brancos, 213 se declararam negros, 6 se autodeclararam amarelos e apenas 3 se declararam indígenas. Essa discrepância entre os grupos étnico-raciais na população de Taquarussu chama atenção, principalmente considerando que a região era originalmente ocupada pelos indígenas Ofaié. A presença ínfima de indígenas autodeclarados no município parece sugerir uma história de conflitos e desterritorialização dos povos originários, evidenciando a complexidade das relações étnicas e históricas na região.

Após a revisão preliminar dos poucos dados existentes sobre Taquarussu, identifiquei a possibilidade de um enfoque analítico no contexto da História Oral de Vida apresentar novas possibilidades historiográficas sobre a localidade. Reminiscências de minha participação em um minicurso sobre História Oral durante o "XIV Encontro de História da ANPUH/MS", em

¹ As informações podem ser conferidas no site oficial da Prefeitura Municipal de Taquarussu, disponível em: <https://www.taquarussu.ms.gov.br/site/municipio/conheca-o-municipio/historico/>. Acessado em 06 de fevereiro de 2023.

2018, no *campus* da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), reforçaram minha convicção sobre a importância da oralidade para os estudos da memória coletiva e da identidade social, e como esses estudos poderiam contribuir com a minha temática. O evento também marcou meu primeiro contato indireto com o professor Leandro Seawright Alonso, quem mais tarde tornou-se o primeiro orientador da presente pesquisa.

Buscando organizar as ideias e lembranças, naquela mesma noite retornei para minha residência e encaminhei um áudio de WhatsApp para um amigo, que foi meu professor na UFMS/CPNA, Ricardo Oliveira da Silva. Expliquei-lhe a ideia e ele celebrou o meu interesse, indicando o contato do professor Danilo Leite Moreira, que também foi meu professor na graduação. Danilo trabalhou com História Oral no mestrado, com uma pesquisa sobre a história do município de Batayporã (MS) e, no doutorado, trabalhou com uma pesquisa sobre a história de mulheres caminhoneiras, ambas defendidas no Programa de Pós-Graduação em História da UFGD (PPGH/UFGD). Nesse sentido, o professor Danilo forneceu-me conselhos teórico-metodológicos importantes para iniciar a construção do anteprojeto de pesquisa.

O primeiro passo do anteprojeto foi realizar um levantamento das pesquisas já realizadas sobre Taquarussu, sendo encontrado um total de três trabalhos. As duas primeiras pesquisas encontradas foram as das geógrafas Jaqueline Redigolo (2010)² e Ana Cláudia Soares (2010)³, apresentadas no curso de graduação em Geografia da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), *campus* de Glória de Dourados. A terceira pesquisa encontrada foi a dos historiadores Hélio Carlos Alexandre e Rafael Pereira (2017)⁴, solicitada pela Prefeitura Municipal de Taquarussu e organizada em formato de livro. Em contato com essas pesquisas, pude observar que, embora forneçam dados relevantes para a historiografia local, carecem das características distintivas do campo da História Oral Aplicada, como informações mais íntimas sobre a construção da identidade social taquarussense. Essa constatação me incentivou a abordar a mesma temática sob uma perspectiva diferente, visando alcançar resultados inovadores e complementares.

² REDIGOLO, Jaqueline, 2010. *História e memória de taquarussu: a consolidação do município*. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) — Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2010. (Não publicado).

³ SANTOS, Ana Cláudia dos. *Memória do município de Taquarussu — MS: a história contada por seus protagonistas*. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) — Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2010. (Não publicado).

⁴ ALEXANDRE, Hélio Carlos; Pereira, Rafael. *Taquarussu — MS: sua história*. Andradina — SP, Elaboração HR — História Regional. 2017.

Após a revisão da literatura mencionada, entrei em contato com o professor Danilo, que gentilmente recomendou-me a leitura do livro "História Oral: Como Fazer, Como Pensar", de autoria dos pesquisadores José Carlos Sebe B. Meihy & Fabiola Holanda (2015). Ao absorver os *insights* proporcionados por essa obra, pude começar a organizar e aprofundar minha proposta de pesquisa. Durante esse período, recebi um convite do professor Danilo para participar de uma reunião do grupo de pesquisa em História Oral coordenado pelo professor Leandro Alonso Seawright. Esses encontros, realizados de forma remota devido às restrições sanitárias da COVID-19, constituíam uma oportunidade valiosa para envolver-me mais profundamente com as questões relacionadas à História Oral Aplicada.

Durante minha primeira participação no grupo de pesquisa, obtive um segundo contato com o professor Leandro Alonso Seawright. Embora tenha sido uma participação breve, aproveitei para apresentar-me e explicar os motivos que me levaram a estar presente, discutindo o início da elaboração do anteprojeto e meu interesse em ingressar na pós-graduação. Ao término das apresentações, o professor Leandro Alonso Seawright compartilhou a informação de que, no último semestre daquele ano, ministraria uma disciplina optativa no programa de pós-graduação intitulada "Tópicos Especiais III: História Oral Aplicada: Escritas de Ouvido". Essa oportunidade despertou meu interesse e representou um passo significativo em minha jornada acadêmica.

Em 28 de julho de 2021, foi publicado a seleção de alunos especiais e, depois da inscrição, eu fui selecionado. Como aluno especial, busquei aprofundar minha compreensão sobre a História Oral Aplicada e construir o projeto de pesquisa para o mestrado. A participação como aluno especial na disciplina foi de suma importância para o desenvolvimento do projeto. Durante esse período, tive acesso ao livro dos professores José Carlos Sebe B. Meihy & Leandro Seawright (2020), intitulado "Memórias e Narrativas: História Oral Aplicada", o que me proporcionou *insights* valiosos para a concepção do projeto. Essa obra, em síntese, explora as diferenças entre a memória de expressão oral e escrita, além de discutir aspectos teóricos fundamentais para uma abordagem democrática, humanizadora e social da História Oral Aplicada. Com base nesses conhecimentos, comecei a estruturar e elaborar o projeto.

Nesse sentido, durante aproximadamente quatro meses, elaborei o esboço da pesquisa e submeti minha inscrição para o processo seletivo com o projeto intitulado "Por uma nova perspectiva do processo de colonização do município de Taquarussu – MS (1959 – 1980)". O resultado das análises de pré-projetos foi divulgado e fui aceito como aluno regular no Programa da PPGH/UFMG. Após a divulgação do resultado, tive a oportunidade de conhecer pessoalmente meu futuro orientador, o professor Leandro Alonso Seawright. Sob sua

orientação, revisei os trabalhos dos professores Meihy & Seawright e explorei as obras de Ecléa Bosi, Maurice Halbwachs e Michel Maffesoli, a fim de fundamentar teoricamente a pesquisa. A partir das orientações do professor, optamos por assumir o gênero narrativo de “História Oral de Vida”.

Estruturalmente, a dissertação está dividida em quatro capítulos. O capítulo I apresenta os procedimentos teórico-metodológicos que devem ser percorridos em uma pesquisa de História Oral. O capítulo II narra a trajetória de vida dos quatorze colaboradores, os quais foram organizados em quatro redes. O capítulo III abrange a relação dialógica das entrevistas obtidas em cada rede, separadas por eixos em destaque que giram em torno do tom vital. Por último, tem-se o capítulo IV que representa o encontro dos pontos semelhantes e dissemelhantes presentes nas narrativas conduzidas pela memória de expressão oral, formando assim o corpus documental da dissertação. Nesse contexto, o estudo demonstra os resultados das análises das histórias de vida, com a presença da combinação de documentos e fontes biográficas, apresentando uma história do tempo presente, humanizadora e democrática, repleta de histórias vivas e contínuas.

CAPÍTULO I - PROCEDIMENTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS DA PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL

É *mister* destacarmos que todo projeto em História Oral necessita de um planejamento, não se resumindo apenas em “entrevistas casuais”. Nesse mesmo entendimento, as entrevistas não devem ser estabelecidas de modo informal, isoladas ou independentes, pois a coleta deve ser orientada por proposições rigorosamente éticas, as quais são divulgadas aos participantes antes e depois da pesquisa. Em geral, pode-se afirmar que a História Oral é um conjunto de procedimentos que não existe sem um projeto previamente organizado (Meihy & Holanda, 2015), o que demandou uma acurada elaboração desta dissertação.

Como mencionado, a pesquisa foi ancorada nas concepções do gênero narrativo de História Oral de Vida, cujo material principal é definido pela memória de expressão oral, a qual é “cuidada, cultivada, educada [...]” (Meihy & Seawright, 2020, p. 12). Essa abordagem extrapola os diagnósticos sociais convencionais, explorando as lembranças dos entrevistados a fim de se descobrir novos argumentos. Mediante as emoções coetâneas e discrepantes, os entrevistados e o pesquisador caminham para o mesmo fio, encontrando um sentimento social e, conseqüentemente, construindo uma história “múltipla”.

Estabelecendo-se os parâmetros da pesquisa, o que demandou planejar as entrevistas, os tratamentos textuais, as autorizações ao Comitê de Ética, dentre outras etapas, a estrutura da pesquisa se baseou em seis perguntas fundamentais: “De quem?”, “Como?”, “Quando?”, “Por quê?”, “Por quem?” e “Para quem?” (Meihy & Seawright, 2021, p. 27), as quais se associam ao “Porquê?” no conjunto das intencionalidades do oralista⁵. Como componente íntimo do oralista que o liga aos entrevistados, o projeto, desde as suas preliminares, constitui processos pensados e repensados, provocando um histórico. A história do projeto é um texto pessoal e íntimo que apresenta o andamento da pesquisa desde as suas preliminares até sua finalização, assim como as mudanças, as flexibilidades, os percursos, as dificuldades, as diversas situações, o qual sai do pessoal e caminha para o público.

Ao optarmos pelo gênero da História Oral de Vida, nos deparamos com a necessidade de “escovar a história a contrapelo”, como argumentou Walter Benjamin (1985, p. 225), ou seja, pensar a trajetória de povoamento de Taquarussu de outro ângulo, diferente daquilo que já foi feito e reproduzido pelas instituições do município, pensar a partir das experiências de

⁵ “Aquele que opera a história oral, torna-se abrigo das histórias escutadas de maneira atenta e criteriosa”.

vida de seus próprios moradores. Essa proposta se consolidou com as colaborações, por meio das histórias de vidas escutadas, registradas e analisadas.

Algumas passagens das entrevistas nos levaram para “outros lugares”, aqueles que Pierre Nora (1993) chamou de “lugares de memória”, como o Córrego Baile e as casas de pessoas simples do referido município. Os entrevistados, a partir de seu cotidiano, se lembraram e contaram a história do povoamento de Taquarussu de modo muito íntimo e diferente do que foi registrado nas poucas narrativas oficiais. Essa proposta não significa uma intenção de apagar a história de “pessoas ilustres” ou de personagens políticos mencionados pela história oficial de Taquarussu, mas compreender que outras pessoas estiveram nessa mesma trajetória. Pessoas que nos auxiliam a não pensar somente em uma “única história”, mas nas “diversas histórias” que coexistem sobre um mesmo lugar. Tais pessoas, quando lembram, apresentam outras perspectivas que foram marginalizados ou esquecidos pela memória oficial.

Sob tais considerações, a História Oral de Vida, nesta pesquisa, consiste em “[...] uma tentativa de reconectar o ponto de vista nativo, local, vindo de baixo” com outro “vindo de cima: de contextualizar aquilo que é local e de permitir que o global o reconheça” (Portelli, 2016, p. 150). Aqui caminha-se pela história plural, na ótica do protagonismo de pessoas colocadas para escanteio em certas narrativas oficiais – os heróis anônimos, que simultaneamente, são “cada um” e “ninguém”, onde esse “ninguém” também é produtor de histórias. Afinal, o sujeito comum também possui o seu valor “[...] mesmo que destituído de rigor” (Certeau, 1996, p. 105).

Por meio dessas incursões, foi pensada a trajetória do povoamento de Taquarussu e percebeu-se, na contraposição das narrativas, que a história de um município não se dá somente por aquilo que é dito e escrito, mas também por aquilo que, por algum motivo, foi silenciado ou marginalizado. O silêncio é importante e pode contar muita coisa, pois anuncia a própria palavra que se quebra e se refaz no estado de existência da vida (Seawright, 2023).

1.1. CONCEITOS NORTEADORES EM HISTÓRIA ORAL: COMUNIDADE DE DESTINO, COLÔNIA E REDES

Após a revisão da literatura especializada recomendada pelo meu orientador, o passo derradeiro foi definir a problemática do estudo, identificando a **comunidade de destino**, elemento crucial para estabelecer-se o ponto de partida de uma pesquisa em História Oral. Segundo Ecléa Bosi (2013), a comunidade de destino é um conjunto de pessoas que compartilham destinos em comum, com experiências que os qualificam como grupo e

princípios orientadores que moldam sua identidade coletiva. Essas comunidades são formadas por pessoas com experiências e dramas vividos com intensidade e consequências significativas.

Com a identificação da comunidade de destino, foi possível visualizar as **colônias** que, na perspectiva de Meihy (2006), são definidas pelos padrões gerais de sua comunidade de destino. Esses padrões englobam elementos que identificam as pessoas, seus motivos e trajetórias, reunindo-as em características afins. Em outras palavras, a colônia é um grupo social que compartilha uma identidade comum e é caracterizada por aspectos que as distinguem de outros grupos sociais.

Finalmente, a partir das colônias, tem-se o conceito de **rede**, uma subdivisão da colônia, cujo objetivo é apontar as pessoas a serem entrevistadas na pesquisa. A rede define os **colaboradores** ou participantes, que são pessoas dispostas a serem entrevistadas e que desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da pesquisa. Sem esses, a pesquisa não seria possível, uma vez que são eles que fornecem a base para o estudo.

Como destacou Fabíola Lins Caldas (2003), é crucial reconhecermos a importância dos conceitos e procedimentos de “Comunidade de Destino”, “Colônia” e “Rede” como estímulos iniciais para a pesquisa, em vez de limitadores de fronteiras sociais. Utilizá-los como motivação para iniciar a investigação, sem torná-los determinantes predefinidos, é fundamental. Ou seja, não se trata de idealizar a noção de “não-interferência”, como discutido por Portelli (2001), mas sim de proporcionar aos colaboradores, isto é, os entrevistados, espaço e liberdade de escolha. Eles devem ter a autonomia para decidir por onde começar, o que recordar, sobre o que falar e em que ordem organizar seu discurso, bem como os significados que desejam conectar. Somente dessa forma podemos compreender verdadeiramente como a memória individual se entrelaça com a memória coletiva e como é influenciada por ela.

1.2. TEMPORALIDADE E MEMÓRIA EM HISTÓRIA ORAL

Além dos conceitos centrais em História Oral, o desenvolvimento de um estudo nesse campo se define na temporalidade inscrita da pesquisa. De início, o projeto se estabeleceu na cronologia histórica da década de 1950 até a década de 1980, pois dentro deste período se iniciou o processo de povoamento de Taquarussu por meio dos primeiros fluxos migratórios, no estabelecimento de loteamentos de terras pela Companhia de Viação São Paulo Mato Grosso. À época, houve o surgimento do Núcleo de Taquarussu, nomeação provisória daquele espaço que era, até então, compreendido juridicamente como distrito do município de Batayporã do estado de Mato Grosso do Sul.

Para compreendermos o povoamento e o processo de emancipação político-administrativa de Taquarussu, o recorte temporal foi escolhido com cautela. No entanto, é importante destacar que, no âmbito da História Oral, a temporalidade cronológica é refém de um outro tipo de temporalidade: o tempo da memória. Neste sentido, a temporalidade definida aqui difere do tempo empregado pela historiografia, pois se desvincula da temporalidade sincrônica e diacrônica, se estabelecendo uma dinâmica “maleável e nem sempre diretiva, repleta de vaivéns” (Meihy & Seawright, 2020, p. 23). Desta forma, ao ler as entrevistas, o leitor desse estudo deve compreender a temporalidade da memória como distinta do tempo físico, uma vez que os colaboradores operam com o tempo da memória coletiva e delimitam o tempo e os temas analisados.

Para a fundamentação teórica dessa temporalidade, foi indispensável acionarmos o conceito de "memória" e os debates subjacentes a essa ampla temática. Como uma esfera de compartilhamento de lembranças, a memória é um campo de percepções do passado ancorado no presente e na criação de uma rede afetiva (Ricoeur, 2007). Há uma sofisticada rede de afetos que se expressa na memória coletiva, isto é, na memória de uma determinada comunidade que fala daquilo que se lembra, daquilo que o grupo quer lembrar, daquilo que é esquecido e daquilo que não deve ser lembrado. Afinal, a construção da memória pressupõe uma disputa de lugar e poder, sendo um movimento socialmente construído (Pollak, 1992) por grupos vivos, com seu elo no presente (Nora, 1993).

Nesse sentido, ao longo do estudo, acionamos certos aspectos relacionados à memória que são comumente estudados no campo da História Oral, incluindo a “memória de expressão oral”, que se refere à transmissão oral de relatos e narrativas ao longo das gerações (Meihy & Seawright, 2020). Cita-se também os "lugares de memória", que segundo Pierre Nora (1993), são locais físicos e símbolos que evocam a memória coletiva de uma sociedade. Além disso, aborda-se a noção de "memória coletiva", que é compartilhada por um grupo de pessoas e se forma a partir de experiências comuns e símbolos culturais, bem como seu contraste com a "memória oficial", esta última a versão da história sancionada pelas autoridades governamentais (Bosi, 2013; Halbwachs, 2006). Também se considerou o conceito de "memória clandestina", de Michael Pollak (1989), que se refere a narrativas não-reconhecidas pela memória oficial, muitas vezes associadas a experiências marginalizadas. Os "traços da memória", conceito de Michel de Certeau (1996), foi abordado como vestígios e fragmentos encontrados na cultura material, imaterial e práticas cotidianas. Por fim, também foi acionada a "reminiscência da memória", conceito de Paul Ricoeur que destaca o processo de recordar e relembrar memórias

passadas, o qual é influenciado por narrativas individuais e coletivas e pela interpretação do passado ao longo do tempo.

1.3. A DIVISÃO DA COMUNIDADE DE DESTINO EM COLÔNIAS E A CONSTITUIÇÃO DAS REDES COLABORATIVAS

Trabalhar com o conceito de comunidade de destino nos possibilitou enxergar além do que os colaboradores desta pesquisa fizeram no passado, “mas o que queriam fazer, o que acreditavam estar fazendo e o que pensam em fazer” (Portelli, 1997, p. 31). A comunidade de destino é formada por pessoas que possuem uma singularidade de significados, de modo que, notar as diferentes perspectivas e histórias de vida, as dessemelhanças, os desdobramentos que identificam tal comunidade, foi de grande importância. Pois, embora trabalhadas em modo individual, seu resultado implica na filiação coletiva (Meihy, 1991). Para perceber-se a amplitude da comunidade de destino, é necessário compreender suas delimitações e identificar as suas colônias.

Portanto, por ser um trabalho que discorre sobre questões contingentes e históricas, a saber, a migração de pessoas para o centro-oeste do Brasil, vinculado ao Projeto Marcha para o Oeste e interferência da Viação São Paulo Mato Grosso, foi necessário delimitar o espaço para melhor localizar e acessar os colaboradores. Qualifica-se o termo “colônia” como os grupos menores abrangidos pela pesquisa, ou seja, a primeira divisão da comunidade de destino.

Para a organização das colônias foi necessário enxergar a comunidade afetiva, localizar e delimitar as comunidades que perfazem os cidadãos de Taquarussu, divididas em “comunidade ruralizada” e “comunidade urbanizada”, mas que, apesar de suas divisas, possuem contato diário. No processo de delimitação, foi possível identificar 08 colônias, como aponta a tabela a seguir:

TABELA 01. COLÔNIAS

Colônia	Zona	Nome
01	Urbanizadas	Município de Taquarussu
02	Ruralizadas	Comunidade Ruralizada Pouso das Araras
03	Ruralizadas	Comunidade Ruralizada Vera Cruz
04	Ruralizadas	Comunidade Ruralizada Bairro Tranchã I e II
05	Ruralizadas	Comunidade Ruralizada Bairro Três Ranchos
06	Ruralizada	Comunidade Ruralizada Bairro Procópio
07	Ruralizada	Comunidade Ruralizada Bairro Cafezinho
08	Ruralizada	Comunidade Ruralizada Bairro São João

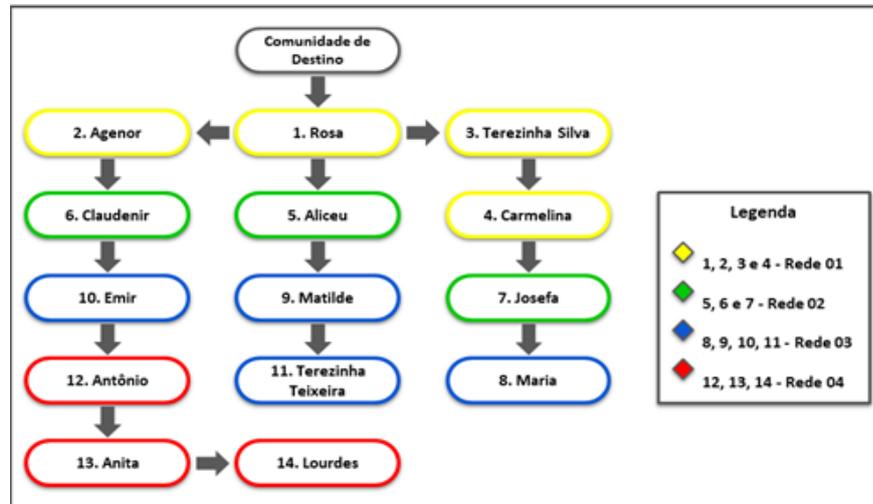
Fonte: Organizado pelo autor, 2022.

Na proposta desta pesquisa, que explora o fluxo migratório motivado pela notícia de terras férteis para investimento, compreender as diferentes perspectivas das famílias que migraram para Taquarussu foi um exercício de memória essencial. Foi crucial reconhecer que, possivelmente, as motivações que levaram as pessoas de sexo masculino poderiam ser distintas das motivações das pessoas de sexo feminino, dentre outros fatores como estado de origem, raça e religião, que oferecem visões de mundo e produzem razões migratórias distintas. Nesse sentido, para uma melhor organização e compreensão das diferentes situações, tornou-se necessário mapear e refinar as redes envolvidas.

Se a formação das colônias demandou refinar os dados sobre os possíveis colaboradores, as redes, por outro lado, formaram-se espontaneamente. A entrevista com o ponto zero da pesquisa orientou a formação das demais redes e dos próximos entrevistados da mesma rede e das demais. Considerando as particularidades da memória, da colônia e da comunidade de destino, a rede se dividiu em quatro, sendo variadas na perspectiva de exercer o “*contraditório*, sempre desejável em história oral” (Meihy & Seawright, 2020, p. 172. Realce nosso).

A primeira rede iniciou com a Rosa Ferreira dos Anjos e com o Agenor Francisco dos Anjos, os quais apontaram novos colaboradores e, esses, no mesmo sentido, apontaram outros. A última rede encerrou com a Lourdes Garcia Justino. Para uma compreensão aprimorada do esquema de redes, elaborou-se um fluxograma representativo, que oferece uma incursão heurística visando organizar o funcionamento da memória da comunidade de destino em Taquarussu, conforme ilustrado a seguir:

FLUXOGRAMA 01. REDES



Fonte: Organizado pelo autor, 2022.

1.4. O PERFIL DOS COLABORADORES DA PESQUISA

Os colaboradores desta pesquisa possuem, em sua maioria, idade aproximada de 70 anos ou mais. Grande parte chegou em Taquarussu ainda criança com seus pais, os quais já se encontram falecidos. Nesse sentido, percorremos pelo caminho onde muitas recordações não são propriamente do colaborador, mas emergem dos relatos de seus familiares e em contato com a comunidade lembrada, pois a memória, o lembrar e a recordação são compartilhadas e formadas em conjunto, diante do fator social (Bosi, 2013; Halbwachs, 2006). À medida que a memória de um colaborador foi cruzada com a de outro, as narrativas foram recebidas como uma informação do passado, diante do tempo da memória. Com isto, as lembranças foram estimuladas e compartilhadas por meio da linguagem da tradição oral.

Diante do perfil dos entrevistados, visou-se, como interesse secundário, destacar a função da memória na velhice, observando que o público em análise, o qual compõe as redes desta pesquisa, é uma fonte rica para a historiografia e para a identidade social de Taquarussu. A memória na função social cria um vínculo com o tempo passado, o qual dá a oportunidade do idoso de transmitir seus conhecimentos, sentimentos e emoções como sinônimo de competência. Nas colaborações foi notável o sentimento de pertencimento que os colaboradores sentiram ao narrar sua história de vida. Nesse sentido, os idosos possuem um caráter social na formação da pessoa, possuem uma ampla rede mnemônica, sejam elas de lugares, pessoas, situações boas ou ruins, mas que narradas, percorrem pelo coletivo (Bosi, 2013; Halbwachs, 2006).

1.5. A ELABORAÇÃO DAS ENTREVISTAS SEGUNDO OS MÉTODOS DA HISTÓRIA ORAL APLICADA

Considerando o papel da entrevista no trabalho de história oral, se fez necessário diferenciar o que é “história oral”, “oralidade” e “fonte oral”. A oralidade é uma expressão representada por toda manifestação da fala humana “[...] manifestações sonoras, expressadas em tradições culturais mais ou menos resistentes” (Meihy & Seawright, 2020, p. 32); e a fonte oral é toda manifestação que tem cuidado de armazenamento. Desse modo, a história oral é uma disciplina “do tempo presente” (Pollak, 1992) e não uma espécie de ferramenta fria. Essa disciplina se alicerça em métodos, procedimentos e objetos definidos. Dessa forma, as entrevistas presentes neste projeto não caminham no sentido instrumental, mas se ancoram nas análises profundas, com cuidados técnicos e éticos, seguindo os parâmetros que a disciplina requer (Meihy & Ribeiro, 2011, p. 36).

Por ser um projeto que tem por metodologia o gênero narrativo de história oral de vida, os caminhos para a memória de expressão oral se dão por entrevistas múltiplas, as quais formam-se por mais de uma entrevista com o mesmo colaborador, com intuito de rearranjar as memórias. As entrevistas, que demandam cuidados técnicos e éticos, foram organizadas e realizadas no projeto de pesquisa, obedecendo aos parâmetros metodológicos. Possuem uma pergunta de corte geral, com intuito de estimular as narrativas das histórias de vida dos colaboradores, sobre o deslocamento e a fixação no território que hoje se localiza o município de Taquarussu. Estímulos também foram utilizados, como fotografias e outros objetos em posse dos colaboradores, dando ênfase à “valorização expressiva verbal” (Meihy & Seawright, 2020, p. 122).

Não foi priorizado e nem organizado um roteiro de perguntas, mas foram mantidos diálogos com os participantes. De início, foi apresentada uma pergunta geral/de corte que enfatiza os objetivos da pesquisa com intuito de não empregar a memória do colaborador, mas sim de escutar naturalmente, como uma conversa do cotidiano. As entrevistas foram mantidas como sinônimo de parceria entre colaborador e oralista, trabalhadas sem uma estruturação, com objetivo de não quebrar a estruturação aurática da memória e, dessa forma, caminhar a partir da escuta para o mesmo fio, ou seja, contar a história do entrevistado para compreender o processo de povoamento de Taquarussu.

Nesse sentido, foi estipulado inicialmente a colaboração de onze pessoas, sendo feitas duas entrevistas com cada, somando um total de 22 encontros. Porém, deu-se a necessidade de convidar o historiador Antônio Carlos Braz e a professora Ana Silva Rodrigues, os quais

formam a quarta rede. Os colaboradores chegaram em Taquarussu ainda crianças e justifico a presença deles pela quantidade de relatos que envolvem seus nomes, bem como por serem representantes da classe docente. A presença de professores nas entrevistas é, ao nosso ver, importante, por serem profissionais que estão abordando a temática em sala de aula sem fontes escritas, pois as que existem são rasas de informações.

Os professores buscaram dialogar com as memórias dos pioneiros do município, mas sem os parâmetros que a pesquisa em história oral necessita, para “extrair informações” e aplicar no processo de ensino-aprendizagem. Esse é um dos motivos da realização dessa pesquisa. Por fim, somaram-se quatorze pessoas e o total de vinte e oito entrevistas, as quais foram apontadas diante a organização das redes.

Para a captura das entrevistas, foi utilizado o aplicativo de gravação de celular de sistema operacional *android*, que disponibiliza a base para a construção de textos. Evidentemente, a pesquisa em História Oral não se encerra junto a gravação das entrevistas e, tampouco, mostra-se pronta para ser transplantada em textos acadêmicos. Desse modo, antes das gravações foram realizadas conversas com cada colaborador, a chamada “pré-entrevista”, pois o resultado das colaborações demanda alimentar o “pacto entre as partes” (Meihy & Seawright, 2020, p. 174) e, dessa maneira, marcar o primeiro encontro sobre negociações e explicações dos objetivos do projeto de pesquisa, para manter a participação consciente.

1.6. A IDA À CAMPO: APLICANDO OS MÉTODOS NA COLETA DE ENTREVISTAS

Com o projeto em campo, sempre acompanhado pelo caderno e pelo registro de campo, foi possível escutar a história de vida de homens e mulheres que vivenciaram situações coetâneas e divergentes. Atinente ao respeito, fui bem recebido em cada residência. É importante destacar que o projeto não se resume nas entrevistas e as mesmas não podem ser realizadas fora do projeto, como também não se encerram ao desligar o gravador.

Sob tais considerações, no dia 11 de março de 2022 foi realizado o primeiro contato colaborativo. A partir dessa data muito do que pensava-se sobre realizar entrevistas mudou substancialmente em meu imaginário. Pautado no respeito aos sentimentos, sejam eles a dor, o choro, a alegria e os diversos gestos corporais, foi possível enxergar além do que as palavras emitem. Na observação assídua e cuidadosa de cada colaborador, foi possível sentir as emoções que norteiam o contexto abordado, pois a entrevista “não é construída apenas por palavras, mas sim, pela performance em geral [...]” (Meihy & Seawright, 2020, p. 22).

Foi genuinamente tocante testemunhar a satisfação estampada no rosto de Rosa dos Anjos ao compartilhar as melhorias ao longo de sua jornada em Taquarussu: a conquista do lote de terra, a construção de sua casa e a chegada de seus filhos e netos. Da mesma forma, foi intrigante observar a mistura de dor e saudade nas palavras de Zinho Crivelli, ao recordar que parte das mudanças trazidas em cima do caminhão ficou para trás no trajeto, enquanto o Agenor Francisco expressou sua frustração e descontentamento por não receber o reconhecimento merecido das autoridades públicas do município, mesmo após terem desbravado a mata e lutado para estabelecer-se em Taquarussu. A força, empoderamento e coragem transbordaram nas narrativas de Carmelina Candido, que lembrou seu papel na derrubada da mata para erguer sua casa, cavar poço e cultivar a roça. Já a Terezinha Teixeira compartilhou com pesar a história do falecimento de sua mãe, vítima da doença de Chagas, enquanto suas lembranças se misturavam às lágrimas ao recordar a leitura de seu primeiro terço em uma simples casinha de madeira de sua infância. A alegria contagiante de Ana Rodrigues ao retratar sua trajetória como a primeira professora de Taquarussu, quando ainda era um bairro ruralizado, também marcou os relatos. E, por fim, a gratidão e o contentamento dos catorze colaboradores ao testemunharem que, apesar dos desafios enfrentados, hoje desfrutam do bem-estar e colhem os frutos de suas árduas jornadas. Refletiram o espírito resiliente e determinado da comunidade de Taquarussu.

Nas primeiras entrevistas, foram reparadas algumas discrepâncias nas narrativas, grande parte no que diz respeito à localização da construção da primeira escola de Taquarussu. Com a formação da segunda rede, essa discussão se intensificou. Essas divergências foram muito instigadoras e seguem como fomentadoras na organização dos desdobramentos das entrevistas. As primeiras entrevistas foram realizadas de modo presencial, com intuito de ocasionar o encontro entre “oralista e colaborador”, como é aconselhado pelos professores Meihy & Seawright (2020, p. 120). Outros momentos foram mantidos por encontros em modo remoto por vídeo, chamadas via *WhatsApp* ou no *Google Meet*, assim como mensagens de texto e áudio trocados, para melhor atender a disponibilidade dos colaboradores, como foi o caso de Antônio Carlos Braz e de Terezinha Silva dos Santos. Com exceção, apenas uma entrevista foi realizada totalmente em modo remoto, com a Ana Silva Rodrigues, feita via chamada de *WhatsApp*, a qual foi gravada pelo aplicativo de gravador de tela do dispositivo celular.

Ao fim das entrevistas, fechou-se a quarta rede e senti a necessidade de realizar mais uma entrevista como parte da rede supracitada. No dia 01 de agosto, executando meu trabalho rotineiro de organização de pauta, ata, indicações e outros documentos pertinentes ao Poder Legislativo na Câmara Municipal de Taquarussu, recebemos a visita de duas mulheres. Sentadas, aguardando atendimento e observando o painel que conta a trajetória da regência dos

presidentes da Casa de Lei, começaram a dialogar sobre a história do município de Taquarussu. Na conversa, indagavam a data de sua chegada com sua família, ainda crianças, ao mesmo tempo que recordavam de muitas coisas, como a primeira escola e a primeira professora. Em parte da conversa, comparando datas, começaram a debater quem seria a primeira família a chegar na região, envolvendo nomes, como do Agenor Baiano presente na rede 01, Bruno Crivelli pai do Zinho Crivelli da rede 03, e o Zé do Jipe e Miguel Araújo, nomes que aparecem nas entrevistas. Essa discussão foi instigadora, pois, mais uma vez, provocou as dissemelhanças que a História Oral analisa e a disputa por memória e lugar.

Em certo momento da discussão, as referidas mulheres relataram um nome que escutei em boa parte das colaborações já executadas e transcritas, a primeira professora de Taquarussu, Anita. “Uma pessoa muito atenciosa e carinhosa, tinha prazer em lecionar”, como a descreveram. Escutando o debate, aguardei a sua finalização e apresentei-me como aluno da PPGH/UFGD e, no computador, mostrei a pesquisa em andamento. Conheci Célia Antunes e a Célia de Oliveira, mantendo uma conversa sobre o assunto, e percebi que os relatos eram os mesmos já escutados em algumas redes da pesquisa. Questionei sobre Anita, e elas me informaram ser um apelido que todos chamavam a referida professora e, que se precisasse, elas poderiam me passar o contato. Neste instante, a rede de número 4 da pesquisa encontrou mais uma colaboradora.

A caminho de Dourados, destino a UFGD para cursar as disciplinas de mestrado, acompanhado por Simone Santos Siqueira, Sandra Maria de Menezes Mendonça e Claudinei Araújo dos Santos, muito foi discutido sobre as pesquisas e os textos debatidos em sala de aula. De certa forma, esse contato contribuiu muito para o projeto. Das várias questões sobre teoria, decolonialidade, políticas públicas, nós discutimos também a questão indígena da região do Vale do Ivinhema, sendo que os quatro projetos percorrem direta ou indiretamente nessa temática. Sempre dialoguei sobre a necessidade de ter algo novo para compor o meu projeto, pois de certa forma todas as pesquisas já realizadas abordam a mesma trajetória das comunidades indígenas e utilizam as mesmas referências.

No dia 18 de agosto de 2022, no grupo de *WhatsApp* nomeado como “Mestrado e Doutorado”, composto pelos quatro alunos viajantes supracitados, Claudinei Araújo entrou em contato comigo indagando sobre uma nova história de vida que seria de grande contribuição para meu projeto. Conseguimos encontrar o senhor Valdeir Bugão, descendente dos Ofaié, grupo indígena que percorreu todo o vale do Ivinhema e que, nas últimas pesquisas, aparece como desaparecido da região, sem ter, sequer, vestígios de parentescos.

Enxergando uma nova história dessas comunidades na região, entrei em contato com o orientador Leandro Seawright para obter algumas orientações. Em companhia de Claudinei Araújo, negociamos e marcamos um encontro com Valdeir Bugão na cidade de Batayporã do estado de Mato Grosso do Sul. Aproveitando a situação, agendamos ainda uma visita ao Museu Memorial Jindrichi Tractha, a fim de encontrar fontes materiais sobre as respectivas pesquisas.

No segundo contato com Valdeir, recebi sua recusa na participação da pesquisa, justificada por problemas pessoais e pela morte de sua avó. Foram feitas outras tentativas de participação do então possível colaborador, porém ele reafirmou o desinteresse de colaborar com a pesquisa. Mesmo diante deste desencontro, deixo registrado o imenso interesse de ouvir a história de vida de Valdeir. A presença do colaborador seria de grande aprendizado, sendo importante ouvir o colonizado, aqueles prejudicados pelo processo de povoamento, ressaltando a força do conteúdo trágico das comunidades indígenas do estado de Mato Grosso do Sul. Futuramente, pretendo negociar possíveis encontros para futuras pesquisas.

Ainda pensando nas questões indígenas e analisando algumas entrevistas que relataram a temática, tínhamos a intenção de conversar com a Dita, pois seu nome aparece em dois relatos semelhantes sobre a trajetória indígena na região de Taquarussu, próximo à localidade que residia com sua família. Infelizmente, antes que ocorresse o encontro, Dita, ou como foi registrada em sua certidão, Benedita Amadeu Machado, faleceu. Sua narrativa seria, por suposto, de grande valia para a história de Taquarussu. Deixo aqui as singelas e respeitadas intenções de ter escutado sua história de vida.

Para manter uma boa conversa entre colaboradores e oralista, foram estabelecidas negociações ao longo da execução. Por motivos de viagens ou problemas de saúde, dia chuvoso ou frio, algumas datas de entrevistas foram remarcadas, como foi o caso de Carmelina dos Santos Silva e de Matilde Gonzaga Gomes. Assim, com o aumento dos casos de COVID-19 e do avanço da dengue, as entrevistas marcadas no mês de maio do ano de 2022 foram renegociadas.

Nessa perspectiva, o projeto já não foi o mesmo daquele que foi organizado para o processo seletivo do PPGH. Sob novas orientações e com a introdução das entrevistas, as questões que antes norteavam foram substituídas e reformuladas em decorrência da delimitação da memória dos colaboradores. As ideias prévias e toda a agenda da pesquisa precisou ser revisada e repensada, pois “[...] o que o historiador quer saber, não necessariamente coincide com o que o narrador quer contar” (Portelli, 2016, p. 10).

Na conclusão das entrevistas, foi possível perceber que as histórias ali mantidas não possuem um fim, mas continuam em um processo de construção e reconstrução de significados

(Le Goff, 2003). Ainda foi possível notar uma relação de parceria entre o historiador e os colaboradores, sendo as narrativas levadas ao público, pois as entrevistas não foram e não são mantidas em mão única, mas são interlocuções entre as duas partes. Isto é, as relações de confiança e afeto entre as partes — oralista e colaborador — fomentam para que as narrativas sejam levadas e ouvidas além das fronteiras que emerge a comunidade de Taquarussu e da comunidade acadêmica.

As interferências do projeto em campo trouxeram grande suporte para a pesquisa e para o status do pesquisador. As relações entre colaboradores, oralista e o modo em que a história oral deve ser trabalhada, me fez pensar muito acerca do tema, também sob orientação do professor Leandro Seawright.

O projeto hoje apresentado foi construído com o tema “A esperança de uma vida nova em um lugar novo: História Oral em Taquarussu — Origens, Recomeços e Cotidianos”, e não carrega as entrevistas como sinônimo de documentos “frios”, segundo o entendimento convencional, mas como histórias de vidas, as quais são o centro desta dissertação. Nesse sentido, a pesquisa integra a área de concentração “História, Região e Identidade” na linha de pesquisa: “Fronteiras, identidades e representações”, pautada na democracia e no respeito, sob a perspectiva humanizadora, pois a História Oral é uma disciplina do tempo presente. De certa forma, ao concluir a composição das redes, isto é, ao escutar as quatorze histórias de vida, hoje caminho como um novo pesquisador. “Enxergo”, nesse sentido, a importância da escuta, do respeito e de como a história oral pode modificar e apresentar contextos e histórias que antes não eram conhecidas. A relação com as redes, de certa forma, mudou quem sou.

1.7. O TRATAMENTO DAS ENTREVISTAS: TRANSCRIÇÃO, TEXTUALIZAÇÃO, TOM VITAL E TRANSCRIÇÃO

As entrevistas foram realizadas com pessoas residentes no município de Taquarussu, sendo a maioria marcada no período vespertino, horário que os colaboradores se encontram em descanso dos serviços rotineiros. Por se tratar de uma memória social, as diferentes situações são determinantes na produção das lembranças, as entrevistas abrangem a memória pessoal, familiar e comunitária, apresentando o modo de ser do colaborador e de sua cultura, valorizando a história de vida. Após as gravações, houve procedimentos importantes para a conclusão da pesquisa, processos que materializam o código oral em escrito. Tais processos foram divididos em quatro fases: a) Transcrição, b) Textualização, c) Tom vital e d) Transcrição, (Meihy & Seawright, 2020).

Esses procedimentos permitiram que os resultados das entrevistas dialogassem com as fontes textuais e imagéticas, culminando na produção do texto final. Este texto final é guiado pela harmonia entre a leveza e o rigor, uma "costura artesanal" como destacado pelo professor e oralista Leandro Seawright Alonso. Nesse processo, priorizamos a sequência que vai das entrevistas para as transcrições, passando pelas análises e conversas entre as redes, até os resultados das colaborações orais e as fontes textuais e imagéticas. Como se estivéssemos unindo fios, conectando pontos, comparando e problematizando, nosso objetivo é entregar o produto final completo (Seawright, 2017), uma responsabilidade compartilhada entre colaborador e pesquisador (Portelli, 1997).

Destarte, as entrevistas foram mantidas sob múltiplas negociações com os futuros entrevistados, reunindo quatorze pessoas. Pelo fato de Taquarussu ser uma cidade pequena, onde, de certa forma, "todo mundo conhece todo mundo", as negociações ocorreram sem problemas de comunicação, sendo realizadas na residência de cada colaborador.

Ao final de todos os procedimentos, foi possível enxergar um rico compilado de histórias e documentos, chamados aqui de "corpus documental". Os resultados da história oral de vida diante da costura das redes e dos documentos formam esse conjunto, o qual sempre possibilita novos questionamentos, novos eixos e novas análises. As entrevistas ganham força de utilização após a permissão de cada colaborador, sendo organizado um documento chamado "carta de concessão". Destacando a relevância do estudo proposto e evitando reduzir o trabalho a uma mera "entrevista pela entrevista" (Meihy & Seawright, 2020, p. 45), a pergunta "porquê" forma a base justificativa desta pesquisa, visando compreender e identificar a problemática subjacente.

Há uma ampla gama de pesquisas realizadas pelo PPGH/UFGD que se dedicam a diversos municípios do estado de Mato Grosso do Sul, como Nova Andradina, Batayporã e Ivinhema. Esses estudos visam retratar a história de seus habitantes, explorando as questões de memória e construindo uma narrativa em torno de suas identidades. No entanto, é importante notar que há uma lacuna significativa em pesquisas científicas abordando a história do município de Taquarussu. Seguem por um caminho oficial sem analisar histórias como a dos arrendatários.

Nosso trabalho não apenas preenche uma lacuna historiográfica sobre a história da fundação e desenvolvimento do município de Taquarussu, bem como justifica-se como um estímulo para os estudos em História Oral Aplicada. Nesse sentido, a relevância da pesquisa também se destaca pela sondagem do fenômeno da memória por meio da história de vida, bem como de personagens que foram marginalizados, mas que constam nessas lembranças, como

são os indígenas Ofaié. Vale ainda destacar que a intenção não é caracterizar uma história olhada de “baixo” ou priorizada pelas narrativas de “cima”, mas sim abranger as diferentes perspectivas da memória, imbricando as dessemelhanças e as semelhanças que produzem contradições e interseções, ou seja, construindo-se uma história plural.

CAPÍTULO II – HISTÓRIAS DE VIDA: “ENTRE” & “VISTA”

O que se sabe é que, onde quer que exista um sobrevivente, haverá sempre história oral como possibilidade. Porque pessoas querem ler histórias de pessoas! (Leandro Seawright, 2023, p. 29).⁶

Quatorze entrevistados, chamados nesta pesquisa de “colaboradores”, foram reunidos e fazem parte da comunidade de destino do presente estudo. Formam as colônias que foram subdivididas em quatro redes, como veremos nas próximas seções. As experiências de vida das redes narram a história do povoamento do referido município, bem como detalham a longa jornada de diferentes famílias de retirantes que foram motivadas a migrarem para o interior do Brasil pelo projeto “Marcha para o Oeste”, instituído pelo governo de Getúlio Vargas, e pelas ofertas de terras pela Companhia Colonizadora de Viação São Paulo-Mato Grosso. Podemos afirmar, portanto, que as primeiras migrações para Taquarussu, invariavelmente, foi motivada pelo desejo por melhores condições de vida em uma terra acessível, de fácil aquisição e supostamente fértil.

Os fundadores do município tiveram diversas dificuldades para estabelecer os primeiros loteamentos e, ao longo de seu desenvolvimento, enfrentaram desafios e celebraram conquistas. Se, por um lado, essas famílias “sofreram” para se estabelecer, elas também “provocaram sofrimentos” ao se apropriarem das terras dos indígenas Ofaié, habitantes originários do território de Taquarussu, bem como afetaram o meio-ambiente, pois precisaram desmatar e queimar para urbanizarem a paisagem. Portanto, não se trata de uma história de “heróis”, mas uma história de pessoas comuns que busca exceder o dualismo “bons e maus sujeitos”. O que nos interessa são as histórias de vida que retratam um cotidiano de pessoas que interagem socialmente e desenvolvem uma cultura, uma memória coletiva e, consequentemente, uma identidade social, a partir dos elementos da vida ordinária. Essas atividades, interferências, relações sociais determinam cada colaborador das redes desta pesquisa e não o contrário.

Nessa pesquisa, portanto, reúnem-se entrevistas múltiplas realizadas no ano de 2022, as quais abordam situações, emoções coetâneas e dissemelhantes da memória coletiva, assim como demandam diferentes cuidados éticos ou metodológicos. Os colaboradores, presentes aqui, são valorizados em sua condição expressiva verbal e estão para além de uma mera “reunião” de documentos “esfriados” pela escrita, pois as entrevistas viabilizam ouvir e valorizar a história das pessoas (Meihy & Seawright, 2021, p. 122-123).

⁶ Parte do livro “*Vidas Machucadas: história oral aplicada*” de Leandro Seawright (2023).

2.1 REDE 01

Identificado o ponto zero da pesquisa, buscou-se agrupar aqueles que possuíam uma maior reserva de memória entre os colaboradores. Com a localização desse entrevistado da rede 01, foi possível realizar a primeira entrevista e, conseqüentemente, definir as características da primeira rede da pesquisa.

Nesse sentido, a rede 01 é composta por quatro pessoas: Rosa Ferreira dos Anjos, Agenor Francisco dos Anjos, Terezinha Silva dos Santos e Carmelina Candido dos Santos Silva, os quais chegaram nas terras de Taquarussu com suas famílias entre os anos de 1959 e 1961.

2.1.1 MEMÓRIA DE ROSA

FOTOGRAFIA 01. ROSA FERREIRA DOS ANJOS



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2022.

No dia 09 de março de 2022, em uma quarta-feira, organizei a realização da primeira visita ao sítio Boa Sorte, de propriedade de Rosa e de seu esposo Agenor. Antes de procurá-los, conversei com a neta do casal, Kellen Soares, para obter algumas informações, tais como o endereço do sítio e o estado de saúde do casal, pois mesmo estando em um período estável da COVID-19, ainda era necessário tomar alguns cuidados.

No mesmo dia, às 13:00 horas, desloquei-me até a residência e avistei Rosa sentada

numa cadeira de área, olhando para o tempo. Mesmo se queixando de dores nas pernas, me recebeu com toda simpatia e sorriso no rosto, convidando-me para entrar em sua residência.

De imediato, ela disponibilizou três cadeiras e convidou seu esposo, Agenor, a participar, o qual demonstrou grande simpatia. Sentamo-nos os três em formato de círculo, apresentei-me ao casal, explicando o propósito da visita e o objetivo da minha pesquisa. Ambos demonstraram grande interesse em colaborar com suas memórias; aos risos salientaram que possuem grandes histórias, mas que boa parte é de sofrimento, pois foi dura e trabalhosa a trajetória de suas vidas. Ainda salientaram que, em razão da idade, muitas coisas poderiam “fugir da memória”, mas que o conteúdo a ser dito seria “a verdade”.

Destaquei que seria necessário fazer entrevistas separadas, sendo marcadas quatro entrevistas, duas para cada um deles. O casal concordou e, dessa forma, foram marcadas as datas possíveis. As entrevistas ocorreram no sítio Boa Sorte – sempre no período vespertino – momento em que o casal se encontrava descansando dos serviços rotineiros. No dia 11 de março de 2022, sexta-feira, às 13:30 horas, dia chuvoso, cheguei ao sítio Boa Sorte como havia combinado com Rosa Ferreira dos Anjos, a qual, por seu turno, havia organizado um local para me receber. Vestida com um vestido florido, salientou a quantidade de chuva que estava caindo, demonstrando felicidade pelos agricultores que estavam “precisando da chuva”.

Sentados em cadeiras artesanais, feitas de bambu na área do fundo da casa, realizei minha primeira entrevista. Posicionei meu celular com aplicativo de gravação em cima da mesa de centro e, assim, iniciamos a conversa. Em minutos, Agenor e seu filho, Termício Ferreira dos Anjos, aproximaram-se e observaram o andamento da entrevista.

A colaboradora demonstrou grande sabedoria sobre a vida. Expressando um olhar meigo, contou-me sua trajetória de sofrimentos e conquistas. Essa trajetória é, para ela, motivo de orgulho. Ao observá-la, notei certo nervosismo quando indaguei sobre os nomes de alguns representantes políticos locais. Justificando-se, ela relatou que possui certo desapego porque sua família não recebe o valor de “fundadores da cidade”, posto que no município não existem nomes de nenhum órgão público ou logradouros que homenageiem sua família. Ao finalizar a entrevista, Rosa confidenciou-me que estava um pouco cansada e que poderia voltar em outro momento, porém quando desliguei o gravador, a colaboradora relatou algumas situações registradas no caderno de campo.

Meu segundo encontro com Rosa ocorreu no dia 15 de março de 2022, em uma terça-feira, às 13:00 horas. Chegando ao sítio, encontrei o casal sentado na área frontal da residência. Rosa fazendo crochê numa cadeira de balanço e Agenor observando o tempo, questionando a possibilidade de chuva para aquela tarde. A colaboradora demonstrou certo incômodo

ocasionado por uma dor de cabeça e informou que talvez não conseguisse falar muito, porém disse-me que faria o possível para contribuir com a pesquisa. Desta forma, começamos a entrevista. Senti que os relatos não mudaram, mas apresentaram novos contextos, como uma história ocorrida com um personagem que faz parte das crenças brasileiras: o saci-pererê.

Considero Rosa Ferreira dos Anjos o ponto zero desta pesquisa, pois ela proporcionou significativas incursões na memória coletiva e, assim, trouxe nomes que formaram a rede do projeto. Um desses nomes é o Agenor, que se constituiu como o segundo colaborador e, depois, a Carmelina, que chegou em Taquarussu ainda criança com seus pais.

“Sofremos muito para construir nossa vida aqui, mas hoje estamos bem”.⁷

“Me chamo Rosa Ferreira dos Anjos, nasci em 15 de agosto de 1938 na cidade de Novo Horizonte – SP. Me casei com Agenor Francisco dos Anjos no ano de 1955, quando nos mudamos para a cidade de Planalto do Sul – SP. Sou mãe de dez filhos e tenho muitos netos, que para saber a quantidade é preciso sentar, contar e anotar. Também tenho bisnetos, só não tataranetos porque essas moças de hoje não querem saber de casar [...] Aí fica difícil!”.

“Me desculpe pela falta de memória, tenho 84 anos e já estou um pouco passada com o tempo, mas farei o possível para ajudar com minha história de vida. Às vezes as lembranças vêm, então vou falando conforme me lembrar [...] São muitas histórias, daria para escrever um livro”.

“No estado de São Paulo trabalhamos com lavoura de café, porém eram tempos difíceis, o que se investia não apontava retorno considerável. Então, foi preciso buscar novos meios para o sustento, desta forma, criar nossos dois filhos mais velhos, João Ferreira dos Anjos e Irene Ferreira dos Anjos. Foi a busca da esperança de uma vida nova em um lugar novo”.

“Nesta busca, em torno do fim de 1958 e ao início de 1959, se espalhou a notícia da venda de terras baratas e férteis no Sul de Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul). Eram loteadas pela Companhia Viação São Paulo-Mato Grosso sob a regência de Jan Antonín Bata - que foi a pessoa que idealizou algumas cidades como Batayporã – MS e Bataguassu – MS”.

“Meu cunhado, José Francisco dos Anjos, já falecido, conhecido também como Zé Baiano e sua esposa Isaura dos Anjos, também falecida, ficaram sabendo das terras. Animados com as notícias das vendas de terras, nos instigou e saímos de Planalto do Sul em 29 de junho

⁷ N. A: Utiliza-se, nesta dissertação, o negrito, o itálico e a centralização do discurso direto para realçar a identificação dos tons vitais, o tônus, dos depoimentos dos colaboradores. Pela extensão do conteúdo da entrevista, optou-se por não utilizar o recuo de 4 linhas na transcrição das entrevistas. Observa-se que, em 2023, a ABNT anunciou algumas mudanças referentes à NBR 10520, a qual, dentre outras alterações, retirou a obrigatoriedade de recuo de citações diretas com mais de 3 linhas.

de 1959. Nos deslocamos com destino de Batayporã – MS, mas, a princípio, o objetivo era adquirir terras na região onde hoje se localiza o município de Glória de Dourados, porém via conhecidos, recebemos a notícia das terras, na distância de 30 km de Batayporã, na Gleba Iguassu da Fazenda Samambaia. Ao visitá-las, mesmo sendo região de mata virgem, gostamos e resolvemos comprar cinco alqueires. Meu cunhado também comprou uma quantidade de terras próximo ao nosso, mas com o tempo vendeu e foi com sua família para Rondônia. As terras realmente estavam muito baratas, podíamos ter comprado mais, porém Agenor ficou com medo”.

“Quando realizamos nossa primeira visita na região, já se avistava os funcionários da Companhia Viação São Paulo-Mato Grosso cortando os lotes, porém na parte externa da mata. De início meu cunhado alugou uma casinha velha em Batayporã para mim e minha cunhada, e, no dia seguinte, meu esposo Agenor com seu irmão e outros peões destinaram-se para as terras, porém era necessário abrir caminho para ter acesso. Com isso, montaram uma casinha de sapê na beira do Córrego Baile. Arrancaram o sapê para cobrir o telhado e utilizar nas paredes, cercando as laterais. Esse local foi escolhido pelo acesso fácil à água, por ser constituído por vegetação rasteira e de fácil manipulação, sendo temporário, até conseguirmos limpar o lote que estava no interior do mato. O segundo passo foi abrir estradas, pois era um local que não havia passagem para nenhum tipo de carro. Facilitamos até o trabalho dos engenheiros”.

“O Córrego Baile é muito grande, passa por Taquarussu, Nova Andradina e Batayporã. Foi uma grande ferramenta para quem chegava aqui em Taquarussu, fornecendo água para beber, lavar a louça e roupa, tomar banho, fazer comida, pescar. Um bom local para montar a barraquinha de início”.

“Após a organização da casinha de sapê, com minha cunhada e as crianças, descemos para o Córrego Baile em cima de um caminhão com nossas mudanças. Na verdade, era pouca coisa [...] foi a partir daí que iniciou o nosso sofrimento”.

“Chegando, organizei minhas coisas, porém não cozinhava dentro de casa, tinha receio de atear fogo. Mas esse não era o nosso único problema, por ser uma região de córrego e mata, havia muitos insetos, pernilongos, porvinhas que incomodava muito. Tudo isso, fora os animais selvagens que sempre apareciam [...] era horrível! Sofremos muito!”.

“Após nossa chegada, foram aparecendo mais gente na região e, com isso, nossa casinha de sapê servia de referência e parada para descanso de quem chegava. Me recordo que chegou o Precílio Cândido Santos, que já morreu, e sua esposa, Luiza Ribeiro dos Santos, a família do Otacílio Pinheiro, já falecido, e a família do Josias de Pinheiro que também já se foi. Deixavam o caminhão próximo ao nosso acampamento e se infiltravam na mata para limpar seus lotes”.

“O fluxo de vendas de terras pela Companhia Viação São Paulo Mato Grosso foi numeroso, porém diversas pessoas acabaram vendendo por não terem a coragem de enfrentar a mata virgem. Já havíamos facilitado muito a situação, quem chegava tinha a preocupação apenas de limpar seus lotes e organizar as casas, pois meu esposo com mais cinco famílias já havia feito algumas picadas, facilitando o deslocamento e localização. A primeira estrada foi beirando o Córrego Baile, onde hoje é o sítio de Genivaldo Medeiros”.

“Foi um grande sacrifício para todos, pois trabalhavam até dia de sábado e domingo. Era muito sofrimento. Depois que conseguimos limpar uma parte de nossa terra, em meados do mês de agosto de 1959, mudamos para os cinco alqueires e construímos uma casinha [...] falo casinha, mas era tipo um galpão feito de pau a pique, bem alto para nos proteger de animais selvagens. O dormitório era na parte superior (como se fosse a parte interna do telhado), as crianças dormiam no meio e eu e meu esposo nas beiradas. Era uma casinha boa, chovia e não molhava dentro. Teve uma vez que os porcos-do-mato invadiram nossa casa, foi uma correria danada”.

“Estávamos em nossas terras, porém o sofrimento era grande ainda [...] O sentimento de incômodo por parte dos insetos aumentou, era muito pernilongo. Outro problema era a alimentação [...] Era grande a variedade de animais que possibilitaram o acesso à carne, porém não tínhamos o costume de consumir aqueles animais [...] comíamos porque não tinha outra coisa, mas não era gostoso. Para complementar a dieta, muitas vezes colhia mato e folhas de plantas que nunca havia visto. Escaldava a folha da arnica – língua de vaca, extraía o palmito do coqueiro, inhame do mato e outras plantas. Para as crianças, tínhamos uma cabra que proporcionou o leite. Tentamos plantar alguns alimentos, mas os bichos do mato não deixavam [...] destruíam tudo!

“No dia de fazer compras, sentia ânimo, mas também desânimo. O ânimo pelo fato de encher a mesa de comidas que já estávamos acostumados, o desânimo pelo deslocamento de mais de 30 km a pé para fazer compras no município de Batayporã – MS. Saíamos de manhãzinha e o retorno era de noite, com as crianças e compras nas costas. Às vezes, por cansaço, repousávamos na casa do Zé Lagoano, padrinho do meu terceiro filho, Termicio Ferreira dos Anjos, em Batayporã, o qual nasceu já na região onde mais tarde se fixaria Taquarussu; e retornávamos no outro dia de manhã. Nossa viagem para fazer compras durava cerca de dois dias”.

“Ainda me recordo que com a nossa mudança veio uma televisão movida a bateria, a primeira da região. Mas era um trabalho danado, era preciso levar todo sábado até Batayporã para carregar a bateria, já que aos domingos os vizinhos de sítio se reuniam em casa para que

pudessem assistir. Era muita gente, pessoas por todo quintal... inclusive sentadas no chão”.

“Ficamos cerca de dez anos no sítio de cinco alqueires. Em meados de 1970 vendemos nossas terras, as quais a Dona Maria, mãe do Jaiminho, herdou de seu esposo. Com a venda da terra compramos o sítio de sete alqueires, local que estamos hoje, Sítio Boa Sorte. Porém, as coisas ainda não eram fáceis, porque tínhamos que trabalhar muito ainda. Diversas vezes com as crianças íamos levar marmitta no meio da mata para meu esposo Agenor, e muitas vezes deparamos com manada de porcos-do-mato, em tempo de nos pegar, pois são bravos [...] era um perigo”.

“Mesmo grávida ajudava no serviço pesado, além de cozinhar e cuidar das crianças, às vezes derrubava a mata também. Fazia tanto esforço, cortava tora para fazer tabuinhas para cobrir as casas, carregava nas costas e às vezes apoiava na barriga, que meu terceiro filho nasceu com uma costela defeituosa. Trabalhei demais, era sofrido, minhas pernas são ruins hoje por conta disso”.

“Aos poucos a propriedade foi tomando forma, então começamos a exercer a agricultura, iniciando com plantio de milho, arroz e mandioca. A primeira mandioca que tiramos demorou horas para cozinhar, e mesmo assim ficou dura para consumir. Foram épocas difíceis, muito sofrimento, pois os frutos da agricultura não tinham valor de mercado, e muitas vezes perdíamos plantios, por não conseguir comercializar. Lembro que muitas vezes meu esposo colhia o milho e não conseguia vender. Os sacos ficaram à beira da roça, servindo de alimento para os animais do mato”.

“Os anos se passaram, a família foi aumentando [...] o trabalho com a agricultura foi se estabilizando, tendo valor [...] e, assim, cultivamos outras variedades, tais como o amendoim e o algodão. Logo investimos na pecuária. A plantação era feita manualmente, na força do braço e mais para frente utilizando animais, como o cavalo”.

“Desde a década de 1950 o fluxo de pessoas chegando na região aumentou consideradamente. Lembro que chegaram em 1959 o José Laurindo da Silva, em 1960 o senhor Placido dos Santos, em 1960 o Miguel Araújo, o Percilio Cândido Santos e sua esposa Luiza Ribeiro dos Santos em 1960 e, em 1961 o senhor Marciano Cordeiro e sua esposa Geraldina Ferreira dos Santos. Todos, infelizmente, falecidos”.

“Logo deu para visualizar uma comunidade se formando, a qual ficou conhecida como núcleo de Taquarussu. Taquarussu ficou conhecida com esse nome por conta da abundância de taquara existente na região. Para onde se olhava era visto muito bambu grosso, por esse motivo apelidaram o núcleo de Taquarussu. Muitas pessoas cortavam essas taquaras ao meio para fazer tábua e utilizar como parede para casa. Na época, o senhor Antônio Rodrigues e o Zé do Jipe,

que chegaram após 3 anos a nós, em meados de 1963, inauguraram um boteco para vender utensílios, e com isso o nome Taquarussu começou a se popularizar. Porém, aqui era para se chamar Batarama, seria construída onde hoje se localiza a Fazenda Santa Rosa, do japonês. Na época até morreram umas crianças de sarampo enterradas lá. Mas, como fomos nos fixando aqui, na época Gleba Iguassu Lagoa do Angico, o núcleo se formou e se popularizou em Taquarussu”.

“Em 1976, Taquarussu se tornou Distrito de Batayporã. Me recordo que Batayporã havia eleito seu primeiro prefeito, o município não tinha mais que 200 casas, era bastante mato, mas o povo vinha para a região. Taquarussu conquistou a classificação de cidade em 1980, com o primeiro prefeito, Adelmo Benedito Pontes, conhecido também como Deca, nomeado pelo governador do estado, Pedro Pedrossian. Não me lembro muito bem, mas não teve eleição na época. A gente nem pensava que aqui iria virar cidade”.

“Para chegarmos aonde estamos hoje, passamos por muito sofrimento. Olho para trás e me recordo de diversas histórias [...] quando chegamos nas terras de cinco alqueires, meu esposo Agenor trouxe uma cabra para tirar leite para as crianças, a qual ficava amarrada embaixo da casa de pau a pique. Certa noite, quando todos dormiam, ouviu-se barulhos da cabra berrando desesperadamente, como se estivesse sufocada. Rapidamente Agenor pegou o lampião e um facão e desceu correndo para averiguar o ocorrido e, com agilidade cortou a corda, momento em que viu apenas um vulto correndo, o qual assobiava muito alto, que chegava a ensurdecer”.

“No dia seguinte, meu esposo Agenor, como de costume, tirou o leite de cabra, porém para seu espanto, saía apenas sangue de seus peitos. Já imaginando o que teria ocorrido e quem teria causado, saiu a procura de ajuda, e foi, então, que soube de um benzedor que estava nas redondezas. Ao procurá-lo, o mesmo benzeu a cabra e colocou em seu pescoço um colar feito com alho. Após isso, em três dias a cabra estava curada”.

“Foi assustador, nunca havia passado por essa experiência. Depois desse dia nunca mais foi visto esse vulto, mas na época era comum escutar o assovio ensurdecedor do saci-pererê”.

“Passamos por diversas situações aqui em Taquarussu e sinto que não temos muito reconhecimento por parte das ações políticas, com outros peões lutamos para abrir estradas e assim abrir os lotes. Falam que o senhor Bruno Crivelli é o fundador, mas não é. Ele chegou aqui em 1965 com o José Vicente da Silva e sua esposa Adélia Crivelli e o senhor José Pereira Evangelista e sua esposa Joana Bezerra Evangelista. Eles tinham bastante terras e começaram a dividir para vender, aí começou a formar uma vilinha. Fora o Bruno, o senhor Benedito Machado, Manoel Antônio Marciano Cordeiro, e Miguel Araújo também lotearam seus

terrenos. E também, me recordo que tiveram ajuda de um funcionário da Companhia Viação para fazer a planta da cidade, não me recordo o nome dele”.

“Com o tempo surgiu a primeira Igreja Católica, construída de madeira com a ajuda de toda a população, na época feita com madeiras doadas pelo Bruno Crivelli. Foi levantada bem na avenida, local onde hoje o Zinho Crivelli reside com sua esposa. Mas era ótimo, tinha novenas, festas animadas onde o Aliceu tocava sanfona com seu pai”.

“Foram épocas de muito sofrimento, mesmo para quem tinha dinheiro e muitas terras. Imagine estar grávida, entrar numa floresta densa com os filhos, sem luz nem água encanada, rede de esgoto e começar tudo do zero. Mas era isso que queríamos, então não podemos reclamar, apenas agradecer! Muitas pessoas arrendaram terras e plantaram, e os fazendeiros só vinham para observar o trabalho e cuidar da terra”.

“Sofremos muito, tinha que ter coragem para enfrentar [...] abrimos o mato, enfrentamos os bichos, os insetos e o constante medo e vontade de retorno. Só não voltamos porque o caminhão já havia descarregado nossa mudança e ido embora. Hoje sou uma senhora aposentada e carrego as marcas da luta, tenho orgulho da minha história e de poder contribuir com a história de Taquarussu. Meu cunhado pelejou para que fossemos embora para Rondônia, mas não fomos. Sofremos tanto aqui, para ir sofrer lá? Não! Criamos nossos dez filhos e estamos vendo nossos netos e bisnetos crescerem. Aqui é nossa terra, nosso lar. Sofremos sim! Mas estamos bem hoje”.

2.1.2 MEMÓRIA DE AGENOR

FOTOGRAFIA 02. AGENOR FRANCISCO DOS ANJOS



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2022.

Foi de grande satisfação escutar o Agenor Baiano, como prefere ser chamado. Ele demonstrou ser uma pessoa calma e com grande experiência de vida. Nossas entrevistas foram realizadas com ambos sentados em uma cadeira de área, no período vespertino, de frente para a estrada de chão do sítio, a qual ele sente orgulho em dizer que ajudou a construir.

Meu primeiro encontro com o colaborador ocorreu em 15 de março de 2022, após terminar o momento da entrevista com Rosa, a qual ficou sentada nos observando. Aparentemente, Agenor sentiu uma forte emoção e orgulho de nos contar suas trajetórias de sofrimento e conquista. Durante sua narrativa, com suas mãos ele apontava na direção abstrata de suas lembranças e, nessa ação, era possível depreender que sua memória retrocedia ao passado, tal como um *flashback*, como se estivesse ocorrendo naquele instante.

O segundo encontro ocorreu no dia 18 de março. Chegando na residência, encontrei-o sentado embaixo de um pé de seriguela, lugar onde conversamos depois. Questionei sobre Rosa e ele me informou que ela estava deitada com um pouco de dor de cabeça. Contente, o colaborador iniciou relatando a felicidade de ter visto todos seus filhos e familiares juntos alguns dias antes, os quais se reuniram para celebrar os seus 90 anos. Era possível ver os seus olhos brilhando. Ele observou previamente que nessa segunda entrevista falaria um pouco menos, pois ele se encontrava um pouco cansado, mas que faria o possível para contribuir.

“Taquarussu, naquela época, era só para os corajosos”.

“Me chamo Agenor Francisco dos Anjos, muitos me conhecem por Agenor Baiano, nasci em 10 de março de 1932, na cidade de Macaúbas-BA, e me casei com a Rosa Ferreira dos Anjos, em 1955. Sempre trabalhei na lavoura, ofício que auxiliou a criar meus dez filhos”.

“Minha história de vida é bem sofrida, passamos frio, aguentamos mordidas de insetos, cansaço físico e mental, mas nunca deixei minha família passar fome. Trabalhei muito, sofri muito, mas hoje com 90 anos estou muito contente em poder contar minha história”.

“Com minha família, habitei no estado de São Paulo no município de Planalto do Sul na zona rural, sítio do meu sogro, lugar que investimos na plantação de café. A lavoura não apresentava bons resultados, os lucros eram mínimos e só dava para sobreviver, um dos motivos que nos levou a mudar para outra região”.

“Certo dia, meu irmão, José Francisco dos Anjos, chegou em minha residência contando a notícia de terras boas e baratas que estavam loteadas no Sul de Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul), especificamente na cidade de Glória de Dourados, indagando a possibilidade de investimento com bom retorno. De início fiquei com receio, mas de tanta insistência decidi arriscar com minha família”.

“Saímos de Planalto do Sul, em 1959, com meus dois filhos e minha esposa grávida, com a família de Francisco a destino de Batayporã-MS. Chegamos na região e encontramos diversas pessoas vindas de Martinópolis e outras regiões de São Paulo para adquirir terras, as quais nos informaram sobre um loteamento realizado pela Companhia Viação São Paulo-Mato Grosso na região da Fazenda Samambaia, cerca de 30 km de Batayporã. Meu irmão de imediato se interessou, mudou de ideia e insistiu para irmos visitar as terras. Alugamos uma casa, dormimos e no outro dia fomos com outras pessoas, em cima do caminhão da Companhia Viação São Paulo-Mato Grosso, conhecer as terras. Chegando, avistamos os funcionários dividindo os lotes, observamos que a terra realmente era boa e barata e isso influenciou a nossa compra, a qual adquiri cinco alqueires”.

“A terra realmente estava muito barata, não me recordo o valor, mas sei que a forma de pagamento se iniciava com entrada de um valor considerável e o restante parcelado. O local é tão bom e rico que muitas pessoas compravam os lotes, derrubava a mata e extraía a madeira de peroba, ipê e cedro, vendia e pagava o sítio com o lucro”.

“No começo de julho, com meu irmão Francisco e outros peões, fomos para os lotes de terra, fomos em cima do caminhão da Companhia Viação São Paulo-Mato Grosso, mas

chegando, bateu um desespero que só não retornamos para Batayporã porque o motorista já havia ido embora. O motorista nos deixou no meio do caminho e tivemos que terminar o percurso a pé, pois não havia estrada”.

“Para se locomover, havia apenas picadas dos lotes, de início organizamos um barraco de sapê na beira do Córrego Baile por conta do fácil acesso à água e por possuir uma vegetação rasteira. Encontrar o Córrego Baile foi de grande importância porque facilitou o nosso trabalho. Se não o tivesse encontrado, teríamos de perfurar um poço porque não conseguiríamos sobreviver sem água. Então o córrego nos ajudou muito quando chegamos em Taquarussu. Ele tem água muito boa e muitos peixes. Não apenas nos ajudou, mas também ajudou a maioria das pessoas que vieram para cá”.

“Com a chegada de novas famílias, nosso barraco servia de referência e ponto de descanso. Minha esposa Rosa Ferreira dos Anjos e cunhada Isaura dos Anjos estavam em Batayporã com as crianças, mas após a organização todos desceram para a beira do córrego. Na mudança veio poucas coisas, me recordo de uma TV a bateria e uma cabra que fornecia leite. O caminhão da Companhia Viação São Paulo-Mato Grosso saía de Batayporã às 06:00 horas da manhã e chegava no destino às 12:00 horas da tarde, viagem longa por conta da condição da estrada, era horrível. Minha esposa me ajudou muito mesmo grávida, cuidava das crianças, fazia almoço para os peões e ainda ajudava a derrubar a mata”.

“Foram quase dois meses para derrubar uma parte da mata dos 5 alqueires e construir nossa casa. Foi doloroso, pois a gente cortava árvores com um trançador, e era necessário a força de duas pessoas para cortar os troncos e jogá-los em caminhões ou camioneta. Depois da derrubada, em meados de agosto queimamos, porém, como a demanda de chuva era grande a derrubada não queimou como desejado, a saída foi limpar o terreno e trazer a família”.

“O próximo passo foi produzir tabuinhas, derrubamos o cedro e cortamos para construir a moradia. Há cerca de três meses já estávamos morando em nossa terra, construímos uma casinha de pau a pique bem alta para nos proteger da chuva e dos animais do mato. Começamos a plantar milho, feijão e abóbora, porém não tivemos bons resultados, quando começou a crescer a manada de porcos-do-mato e outros animais invadiram e comeram quase tudo. O bom foi que conseguimos uma boa quantidade de carne, mas como minha esposa e filhos não tinham o costume de consumir esses alimentos, rejeitavam com frequência. A saída foi essa, tivemos que matar alguns porcos e com o tempo eles foram se afastando”.

“Rosa, sempre esforçada para ajudar, colhia algumas plantas, fervia e temperava para fazer o alimento. Muitas vezes trocamos com vizinhos de sítio utensílios que sobravam em

nossa mesa por aqueles que não tínhamos, como milho, feijão e arroz. Os insetos eram muitos, mosquitos, pernilongos, que para minimizar a situação, no período noturno, colocava um lampião de querosene em cima de uma caixa próxima a nós, que ficava aceso a noite inteira. Os insetos batiam no fogo e caíam no chão, no outro dia dava para juntar de vassoura”.

“Destá forma foi minha vida, um tanto sofrida! Naquela época era só para quem tinha coragem de enfrentar os desafios que aqui proporcionava. Quando acabavam os alimentos da despensa, a saída era se deslocar até o município de Batayporã, porém não havia condução, apenas uma picada péssima que passava o caminhão da Viação. A pé com dois ou três companheiros, e às vezes com a família, saímos por volta das 06:00 horas da manhã, chegando em Batayporã umas 12:00 horas. Fazíamos uma compra de no máximo 30 a 40 kg, amarrava um saco no outro e pendurava nas costas para retornar para casa, chegávamos escurecendo. No acampamento, o caminhão da viação vinha toda semana com compradores para olhar as terras, quando tínhamos sorte pedíamos carona”.

“Era muito sofrido, todo final de semana andávamos cerca de 30 km para ir e mais 30 km para voltar, ao todo 60 km. Essa vida foi tocando até o dia em que Deus quis melhorar, até que meu irmão comprou uma égua e facilitou a nossa transação. Ainda não tinha pasto, então amarrava a égua num piquete e alimentava com folha de coqueiro”.

“Um dia, Dona Isaura dos Anjos, esposa de Francisco, veio a Batayporã para “dar à luz” ao seu bebê, e ele montou nesta égua para visitá-la. Ao chegar ao Córrego do Umbaracá, a égua não quis atravessar a água porque era profunda. Havia duas pranchas instaladas pela Companhia Viação São Paulo Mato Grosso, ao passar a égua escorregou, caiu e ficou presa entre as tabuas. Francisco tirou a roupa, pulou no córrego e cortou a corda, fazendo-a cair na água. Ele rapidamente puxou a corda em volta do pescoço dela, puxou-a para fora da água e continuou seu caminho”.

“Tenho boas histórias para contar, até mesmo sobre a aparição do Saci-pererê que quase matou uma cabra. Ele bateu nela e sumiu deixando apenas o barulho alto de seu assobio. No dia seguinte apenas sangue escorreu de seus mamilos. Felizmente, foi um benzedor que me ajudou”.

“Meu irmão, Francisco, me ajudou muito, porém não gostava de ficar muito tempo em um lugar. Ele comprou suas terras bem próximas da nossa, mas com o tempo vendeu e comprou uns 400 alqueires na região do Chapadão de Guimarães - MT. Levou um golpe e perdeu todo o dinheiro investido, o terreno já estava vendido. Desestruturado resolveu investir em terras em

Rondônia, o qual insistiu muito para irmos com ele, mas mesmo com sofrimento escolhemos Taquarussu”.

“Pela notícia das terras baratas e boas para plantação muita gente começou a se deslocar para Taquarussu, me recordo do José Laurindo Silva em 1959, o José Martins de Oliveira em 1960, o Miguel Araújo em 1960, o Percilio Cândido Santos e sua esposa Luíza Ribeiro dos Santos em 1960 e o José Vicente da Silva e sua esposa Adélia Crivelli em 1965. Hoje, infelizmente, quase todos são falecidos, mas trabalharam muito aqui também. Me lembro também do Raimundo Preto, ele trabalhou muito derrubando a floresta para algumas famílias”.

“Fiquei cerca de dez anos no sítio de cinco alqueires, por volta de 1970 vendemos e compramos um sítio de sete alqueires, o qual estamos vivendo hoje, o sítio Boa Sorte. Ainda era sofrido, era preciso ir a pé até Batayporã. Essa estrada que passa aqui hoje em frente ao sítio não existia, era só picada de lote, e como era o único meio de pegar a estrada principal, na beira do córrego, começamos a limpar. Era cortado as árvores e jogadas para as laterais, feito até a entrada de onde hoje se localiza a igreja do Pouso das Araras. Aqui não entrava carro, pois os picos furavam os pneus, então compramos uma mula e uma carroça de roda dura, feita de ferro, em Nova Andradina, foi que facilitou nosso deslocamento”.

“Muitos falam serem fundadores, já escutei diversas vezes colocarem o Senhor Bruno Crivelli como o fundador, mas chegaram a Taquarussu no ano de 1965. Já estava melhor a situação, estradas abertas e boa quantidade de lotes limpos. Seria bom você também conversar com algum dos filhos dele e escutar a versão, pois ele já é falecido. Não podemos deixar de falar que ajudaram bastante aqui, tinham uma boa condição financeira, então adquiriram muitas terras e separavam em lotes para vender. O senhor Manoel Antônio Marciano Cordeiro, Miguel Araújo e Benedito Machado também venderam bastantes terras aqui. Também tiveram ajuda de um funcionário da Viação para elaborar a planta da cidade”.

“Sinto orgulho de Taquarussu, cidade que possui esse nome por conta da quantidade de taquara que existia na região. Usamos o bambu para construir casas e telhados. Dava para fazer cumbuquinhas para pegar água e também fazer facas, pois sua fibra é muito afiada. Hoje não se vê muitas delas, mas se descerem para os sítios é possível encontrar”.

“Outra situação é que não era para chamar Taquarussu e sim Batarama, a qual seria organizado onde hoje se localiza a Fazenda Santa Rosa, mas se formou aqui, antes Gleba Iguassu. Com o tempo o nome popularizou, o núcleo Taquarussu se tornou Distrito de Batayporã no ano de 1976, e nessa época o nosso algodão ficava cada vez mais forte. Em 1980

conquistou a sua emancipação, não me recordo bem como ocorreu, mas sei que o Senhor Deca se tornou o primeiro Prefeito, não por eleição, mas por nomeação”.

“Taquarussu se desenvolveu bem, possuiu grande destaque pela plantação amendoim e principalmente na plantação de algodão, que até por um tempo foi chamada de ouro branco e após Flor do Vale. O algodão mudou a vida de muitas pessoas. Algumas pessoas montavam barracas apenas para trabalhar, ganhar dinheiro e depois ir embora. Algumas famílias compraram fazendas com os rendimentos dessas plantações. Muitas das conquistas da minha família, os resultados alcançados hoje, vieram também do algodão e de outras plantações. Era uma luta, e aquele suor escorrendo pelo rosto refletia o esforço para uma colheita farta. Essa colheita iniciou com as primeiras famílias em meados de 1960 e se estendeu até meados do ano 2000”.

“Com o tempo os sítios foram tomando forma de cidade, tão rápido que a gente nem notou. Os colonos colhiam e vendiam a madeira, que utilizavam para construir casas, e os interessados em empreendedorismo utilizavam a madeira para construção de bares e mercearias. Casas, escolas, igrejas e farmácias eram todas feitas de madeira e cercadas pelas roças e a mata”.

“Teve também grandes investimentos na criação de boi. Me recordo da primeira Igreja, a qual foi levantada em modo comunitário, feita de madeira onde hoje o filho do finado Bruno Crivelli reside, bem na avenida. Todo mundo ajudou na época, um dava um pouco de madeira, o outro doava tijolos, quem sabia construir ficava com a construção. Depois foi construído no local que conhecemos hoje”.

“Gosto de contar essas histórias, mesmo com a memória falha fico contente em poder contribuir. Todo ano os professores das escolas trazem alunos para escutar nossa história, é algo bom. Queria mais visibilidade por parte das ações públicas, pois somos fundadores e não possuímos nenhuma homenagem a nossa família. Meu irmão já morreu, ele também desbravou, deveria ter algo para ele ser lembrado, porque não foi fácil recomeçar aqui”.

“Agradeço por você estar me escutando e espero que tenha ajudado com sua pesquisa, estou velho, mas tudo o que falo aqui é verdade. Fiz 90 anos, pai de dez filhos, mesmo com as marcas do tempo sou grato pela minha luta e sinto orgulho de fazer parte da história de Taquarussu. Sofri muito, só ficou aqui quem teve a coragem, mas estou vivo, a saúde não é boa, mas estamos aqui”.

2.1.3 MEMÓRIA DE TEREZINHA SILVA

FOTOGRAFIA 03. TEREZINHA SILVA DOS SANTOS



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2022.

Terezinha Silva dos Santos, residente da Zona Ruralizada de Taquarussu, no Sítio São José, local adquirido pelos seus pais em 1959, possui relevância na história da colonização e política de Taquarussu, pois chegou ali ainda criança. Quando casada, se tornou a Primeira-Dama no mandato de quatro anos do seu esposo, o ex-prefeito Genivaldo Medeiros, o qual atualmente desenvolve atividades na assistência social em prol do bem-estar da população.

A colaboradora faz parte da primeira rede. O ponto zero desta pesquisa, a Rosa Anjos, relatou a presença do falecido pai de Terezinha, o José Laurindo da Silva, e a mãe, Maria São Pedro Silva, em 1962. Portanto, justifico a inserção da colaboração de Terezinha pelo fato de que seu pai já é falecido e sua mãe possui uma idade elevada, 94 anos, encontra-se doente e não possui condições para participar da pesquisa. Nesse sentido, considerando a memória de infância da colaboradora, a qual se formou em modo coletivo pelo convívio com familiares e com a comunidade, ela é importante para essa pesquisa.

O primeiro contato com Terezinha foi realizado por mensagens de áudio, via aplicativo *WhatsApp*, com intuito de marcar a primeira entrevista. A colaboradora se mostrou animada e, de imediato, concordou com a entrevista, afirmando que possui muitas coisas para contar.

No dia 7 de abril de 2022, organizei os materiais, a saber, o caderno de campo, a caneta e o gravador, e me desloquei até o sítio São José para o primeiro encontro. A entrevista foi

realizada na área de lazer em frente a uma escolinha de madeira que Terezinha se emociona em dizer ser primeira escola familiar do município. A primeira entrevista durou cerca de 60 minutos e a segunda, realizada no dia 21 de abril de 2022, durou cerca de 01h00. Conforme a conversa fluiu, a entrevistada mostrou seu álbum de fotos, o que serviu como estímulo à memória.

“Um povo muito trabalhador e solidário, aqui todo mundo ajudava todo mundo”

“Sou Terezinha Silva dos Santos, hoje produtora rural, mas já fui Primeira-Dama de Taquarussu quando meu esposo Genivaldo Medeiros ganhou as eleições de 2005-2008. Com meus pais e irmãos saímos de Sergipe no ano de 1956 e no mesmo ano chegamos a Rancharia-SP, quando meu Pai José Laurindo da Silva e minha mãe Maria São Pedro Silva decidiram comprar as terras que estamos hoje, terras do Sítio São José. Na época eu tinha três anos, meu pai trinta e três e minha mãe trinta anos”.

“Em dezembro de 1960, meu pai com uma equipe de pessoas, me recordo do meu avô e meus tios, vieram para Taquarussu para conhecer as terras. Na época, a Companhia Viação montou uma equipe de pessoas para espalhar a notícia de vendas de terras boas e baratas, eles passavam por estados e cidades informando e convidando as famílias para conhecer as terras e adquirir, foi quando meus pais e meus avós tiveram interesse. Vieram “às cegas” em cima de um pau-de-arara, eles ficaram bem animados, compraram as terras e retornaram para São Paulo. Recordo do meu pai comentando com minha mãe de como as terras eram baratas, boas e fáceis de adquirir, pois, poderia pagar tudo de uma vez ou dar uma entrada e dividir o restante por mês. Era uma porção de terra enorme, fazia parte da Fazenda Samambaia”.

“De São Paulo para Taquarussu vim com meus pais e mais oito irmãos, e quatro nasceram em solo taquarussuense, são eles: Antônio São Pedro Silva, Aparecida São Pedro Silva, Laurindo São Pedro Silva e Claudete Laurindo São Pedro Silva”.

“Me recordo que a seca era grande em Sergipe, a qual prejudicou muito as plantações e fora isso o constante medo do cangaço, os quais maltratavam muito os fazendeiros. Meu avô era fazendeiro e contava inúmeras histórias, onde muitas vezes tiveram que fugir e dormir no mato por conta das constantes ameaças de Lampião - cangaceiro. Meu pai já adulto herdou a fazenda, e mesmo com a morte de Lampião, ainda sofria ameaças, porque ele deixou o legado de cangaceiro, os quais aterrorizaram por muito tempo aquelas terras do sertão. Esses foram os motivos que levaram a mudança para outro estado”.

“As vendas dos lotes aqui em Taquarussu eram muitas, e as terras realmente boas, baratas e fáceis de adquirir, como prometia a Viação Colonizadora. Esses foram os motivos que

intensificaram o fluxo de pessoas na região, porém nem todos ficavam, pois, aqui tinha apenas mato”.

“Me recordo que meu pai empreitou um senhor para vir para nossas terras para derrubar um pedaço do mato, cavar um poço de água, construir uma casa de pau-a-pique e um fogão de barro e plantar 1 alqueire de roça. Chegamos, estava tudo pronto, já tinha mandioca, milho, abóbora e outras coisas. Assim que o serviço foi concluído nos mudamos. Foram dois anos para o empreiteiro dar conta da tarefa, pois trabalhou sozinho e fez muita coisa, depois disso outras famílias contrataram ele para derrubar a mata e construir casa. Não me recordo o nome dele, mas os serviços prestados por ele ajudaram e facilitaram para minha família”.

“No ano de 1962 minha família se mudou para Taquarussu, mas aqui ainda não tinha nome. Quando chegamos para onde olhávamos só se via mato e algumas famílias trabalhando em seus lotes, passamos por uma estrada ruim que na época meu pai comentou que foi feita pela Matte Laranjeira, que extraia erva na região. Ficamos um tempo na casa de pau-a-pique, depois meu pai cortou algumas árvores para fazer tábuas e construiu uma casa melhor e uma pequena escola familiar”.

“Esta foi a primeira escola de Taquarussu, e mais tarde foi erguida a primeira escola municipal. Embora esta esteja um pouco “degradada”, foi construída no início de tudo. Conforme foi chegando mais famílias na região, meu pai sentiu a necessidade de construir uma escola e junto com meu avô e meus tios Zezé, Delaide que são falecidos e meus tios Regi e Raimundo construíram ela”.

“Era familiar, mas meus pais abriram para todos de Taquarussu participar. Meu pai foi até uma serralheria em Nova Andradina e conversou com o proprietário que cedeu madeiras e telhas para a construção. Também foram feitas as cadeiras, mesas e nas beiradas colocavam candeeiros e cada aluno ficava responsável de trazer as lamparinas e seus materiais. Aprendi a ler e escrever aqui sobre a luz do fogo de querosene. De início minha mãe começou a ensinar, pois, ela era professora lá no Norte e depois o senhor Orlando Mattos e o senhor Agenor Gamba e suas irmãs começaram a dar aula. Eles também trabalhavam na lavoura”.

“O Córrego Baile, esse que passa aqui, no fundo do sítio, foi um grande auxiliador para as famílias e rapazes solteiros virem para cá. Muitos, antes de irem para seus lotes construíram barracas na beira do córrego e após realizar a limpeza se mudaram para as terras adquiridas. Minha mãe sempre comentava ser por conta do fácil acesso à água, mas que também era perigoso por conta dos animais, principalmente a onça-pintada e a sucuri”.

“As pessoas chegaram aqui e deram nome às coisas. Olha que engraçado, matas são derrubadas para construir casas e sítios, as pessoas chegam e começam a modificar o território e a dar nomes, sentidos, significados às coisas. O córrego não ficou de fora. Antigamente aconteciam muitas festas perto do córrego, e para que as pessoas pudessem localizar e encontrar o local da festa, recebeu esse nome. As pessoas chamam de Córrego Baile devido às festas que faziam na sua proximidade”.

“A família Mattos é antiga aqui em Taquarussu, me recordo do meu pai comentar que quando chegou aqui para comprar o lote de terra ele passou na casa deles para beber água. Além da família Mattos me recordo também dos Pais da Carmelina Candido dos Santos Silva, o senhor Placido Candido dos Santos e a Luíza Ribeiro dos Santos, ambas as famílias eram vizinhas nossos de sítio. Me recordo do Agenor Baiano, Rosa Anjos, o Zé Baiano e sua esposa e o meu tio Raimundo Almeida e a família da esposa dele, Josefa Tavares Almeida, o qual veio com minha família, o Miguel Araujo Teixeira e Isabel Ribeiro Teixeira, José Raimundo Borges e Otacilio Pinheiro. Ainda sobre as minhas lembranças mais antigas, relato os terços nos finais de semana em que as crianças aproveitavam para brincar de roda, ciranda cirandinha, pega-pega, era muito legal as brincadeiras”.

“Era um pouco sofrido para as famílias que estavam se constituindo aqui, me recordo de muitas vezes meus pais irem a pé para Batayporã para fazer compras, comprar remédios, roupas, calçados e adquirir outros utensílios como materiais para a escolinha. Muitas vezes se deslocavam de grupo em cima de um carro de boi, mas iam em um dia e retornavam no outro por não ter uma estrada boa e pela distância. Muitas vezes, meu pai com outras famílias ficava aguardando o caminhão de tora para ir, ficavam esperando horas e horas para conseguir carona”.

“Aqui naquela época ninguém vendia nada para ninguém. Quando alguém precisava de alguma coisa, dava e devolvia. Foi um momento extremamente difícil, mas também de muita solidariedade e amizade entre as pessoas. Uma vez por ano, quando meu pai ia para Presidente Venceslau, sempre trazia penicilina e terramicina para compartilhar com quem precisava, caso alguém se machucasse ou fosse picado por cobra. Todo mundo ajudava na doença ou na tristeza, um povo muito solidário. Quando uma pessoa morria, era colocada em redes e levada de carruagem até Nova Andradina para ser sepultada e quando uma mulher estava prestes a dar à luz, toda a comunidade se reunia para ajudá-la, tanto com alimentos quanto com remédios”.

“O córrego que passa aqui perto do sítio ainda hoje tem muita taioba, que a gente desenterra e leva para casa para lavar, moer e cozinhar mingau. E muitas pessoas vieram sem pertences, então dividimos. Tudo o que consumíamos era da nossa terra, e a iluminação era à

querosene, sem eletricidade. A energia aqui demorou para chegar, casei e ainda usava a luz do lampião. Apenas utilizei energia em casa quando casei-me e mudei para Pouso das Araras, nas terras do meu sogro. Lembro-me do Senhor Alvorino trazendo energia para a casa deles e para a nossa”.

“Do Norte, meu pai trouxe muitas sementes de qualidade, plantamos abóbora, melão, milho e mandioca. Às vezes parece que escuto meus pais ensinando a plantar: “por buraco duas sementes para não desperdiçar” e brincando ao falar: “Alguém já viu melancia ou abóbora dar em árvore?”, eu e meus irmãos respondia que sim, porque plantamos em volta das árvores e os ramos subiam. Outro assunto que lembro, meu pai comentava muito sobre a quantidade de madeira, os vários tipos, e por isso muita gente cortava e vendia para pagar a terra”.

“A estrada principal passava pelo nosso sítio e por isso os agricultores vindos de Lins no estado de São Paulo passam frequentemente por Batayporã e no caminho para sua fazenda ficavam em nossas terras para pernoitar e seguir viagem no outro dia. Lembro deles conversando até altas horas da noite com meu pai e meus tios. Relatavam que tinha índio perto da fazenda deles, próximo ao recanto, depois do rio XV. Falaram que tinha muita oca lá, mas nunca vi. Uma vez disseram que um fazendeiro manteve duas crianças indígenas, mas com o tempo fugiram. Não sei qual era a relação deles, mas me lembro dessa história. A família do Luiz Antero morou nesta região muito tempo depois da Rio XV (região do município de Ivinhema), se não me engano eles chegaram em 1964, acho que podem fornecer algumas informações sobre esse assunto e sobre o processo de colonização em Taquarussu também”.

“As coisas começaram a mudar e os nossos representantes políticos exigiram melhorias para cá. Com o tempo, surgiram as primeiras casas comerciais. Lembro-me do Gileno abrindo um bar e do Antônio Rodriguez abrindo uma mercearia. Tudo se desenvolveu à medida que mais gente chegava e mais coisas apareciam. Até foi aberta uma farmácia, da qual Alfred Gorss era dono. Nesse período, não há mais necessidade de se deslocar até Batayporã a pé para reabastecer as prateleiras porque já tinha tudo aqui”.

“Lembro-me também da primeira igreja católica construída em Taquarussu, uma casinha de madeira onde hoje mora Zinho Crivelli. Naquela época, os colonos que ajudaram a construir, Padre José, já falecido, vinha toda semana recolher um pouco do que as famílias ganhavam com a colheita. Ele pesou os grãos e os vendeu para ajudar na construção. Você obterá informações mais detalhadas nos registros da Igreja Católica, como datas, mas naquela época também havia muitos curandeiros, pessoas que trabalhavam para o mal e pessoas que trabalhavam para o bem”.

“Houve um tempo em que houve um surto da doença de Chagas causado pelo inseto barbeiro. Podemos comparar isso com a pandemia que acabamos de passar, porque foi um pouco ruim, muita gente adoeceu. Diz-se que se espalhou por causa do estado das casas de barro, mas também houve muitas pessoas que vieram para cá infectadas. A esposa de Miguel Araújo, mãe de Terezinha Teixeira, morreu jovem em decorrência da doença”.

“Com o passar do tempo as coisas foram evoluindo, meu pai comprou uma cabra e algumas vacas, continuamos a cultivar e a colher o que a terra nos dava, porque tivemos a sorte de estar num local fértil. Lembro-me do meu pai e dos meus tios junto com os demais homens que trabalhavam na obra da estrada que hoje atravessa a BR. Anteriormente a estrada passava pelo nosso sítio e naquela época o prefeito de Batayporã organizou um grupo de lá e outro daqui para seguir por essa estrada até a margem do rio XV, do rio Ivinhema. Lembro-me de meu pai contar que eles dormiam em redes porque tinham medo de onça, mas ganhavam muito dinheiro”.

“Com esse lucro ele comprou mais gado e melhorou nossas vidas. Meus pais trabalharam muito e quando os filhos cresceram decidiram investir no cultivo do algodão. Porém, os primeiros anos de cultivo não foram lucrativos, a terra era muito boa, o algodão desenvolveu-se rapidamente e a fibra não era adequada para consumo. Porém, os resultados da terceira colheita foram bons e conseguimos colher bastante”.

“Essa trajetória com o algodão rendeu muito dinheiro e é fruto de tudo que temos hoje. Compramos mais terras e pudemos investir mais em plantações. Foi o dinheiro que me permitiu obter uma boa educação e uma boa vida para os meus filhos. Muitas pessoas vieram para Taquarussu apenas para plantar e colher algodão. Os rapazes montaram tendas perto do Baile, alguns agricultores acamparam à beira das plantações e as famílias que já estavam aqui trabalharam nas suas plantações. O algodão foi muito importante para as pessoas daqui, fez o povo ganhar muito dinheiro”.

“Havia aqueles que tinham um pequeno pedaço de terra com casa e arrendava outra quantidade para plantar, assim como aqueles que não tinham condições de comprar e arrendavam para morar e plantar. Era complicado, imagine “pular de galho em galho” e ter que começar tudo de novo. Como não havia terras próprias, muitos ficaram aqui, morando e plantando em terrenos arrendados”.

“Taquarussu quase virou Batarama, seria um núcleo próximo de Batayporã. Era um projeto organizado pela Viação quando era de Jan Bata, porém antes havia outro momento de colonização quando a Viação era de uns alemães, eles tentaram colonizar as terras, mas não deu certo. Mas Taquarussu ficou com esse nome por conta da grande quantidade de Bambus que

existia aqui. Ainda existe até hoje, na BR indo para Nova Andradina tem uma moita e aqui no sítio também existem algumas. Na época, havia um ponto de ônibus debaixo de uma moita de Taquara, foi um dos motivos que levou a pensar no nome. Certa vez, o prefeito de Batayporã, Manoel Leite, e Padre José, perguntaram à população o nome do local. Havia alguns nomes, mas quando Taquarussu apareceu todos aplaudiram”.

“Taquarussu era parte de Batayporã, lá já havia energia e outras coisas que a gente não tinha aqui. Taquarussu estava um pouco enrolado, mas tinha vereadores que eram daqui. Os finados Zuza e Adelino Rochas começaram a questionar sobre a emancipação de Taquarussu devido ao fluxo de pessoas, mas o tempo os derrotou e não surtiu efeito”.

“Lembro também do primeiro prefeito, Deca Pontes. Ele foi nomeado para este cargo por dois anos. Naquela época não teve eleições, mas houvesse comemorações sob fogos de artifício e, nas eleições seguintes, o falecido Zuza venceu e se tornou o primeiro prefeito eleito pelo povo. Lembro que a primeira prefeitura é onde hoje mora Dona Leia, viúva de Zuza. Mas para que Taquarussu se tornasse município, o Deca lutou muito, indo diversas vezes à capital”.

“Houve até um caso em que em meados de 1968 alguns políticos queriam que Taquarussu fosse para Nova Andradina. Lembro que foi organizado um abaixo-assinado. Era um momento próximo das eleições políticas, acho que havia interesse político aí [...] Mas não deu certo, o projeto foi rejeitado. Por outro lado, o pessoal aqui queria, pois assinamos o papel e enviamos para o governo”.

“Taquarussu também foi conhecido como ouro branco por causa do cultivo do algodão. Eram muitos moradores, uns dez a doze mil e hoje reduzimos para três mil porque quem estava no poder não teve interesse em investir para o desenvolvimento. Quando a reforma agrária distribuiu terras em 1998, muita gente partiu para Bataguassu, Itamarati, Eldorado e outras localidades. Por isso o número de residentes diminuiu, mas também porque os fazendeiros não tinham interesse em ver as pessoas instalarem-se aqui naquela época”.

“Esse momento da reforma agrária foi um pouco sufocante. Era comum ver muita gente e muitos comércios lotados. Do nada, muitos fecharam deixaram Taquarussu. Eram pessoas que viam futuro aqui, mas tiveram que procurar outro lugar porque os grandes proprietários não queriam uma cidade em suas fazendas. Não houve saída e muitos foram embora, encontrando soluções nas terras doadas”.

“À medida que Taquarussu começou a aparecer, outros sítios também se formaram. Trata-se de um terreno pertencente à Batayporã e originalmente vendido pela Viação São Paulo-Mato Grosso. Eram várias glebas, e no fundo de Taquarussu ainda havia muita terra com mata

e as famílias negociaram lá também. Nesse sentido, as pessoas começaram a vir para Gleba Machado e aproveitaram esta área, tornando-se assim o bairro São João”.

“Os bairros rurais de Taquarussu ganharam seus nomes da mesma forma que Taquarussu. Hoje, onde fica São João, era Macaco Vermelho, mas o padre recusou-se a abençoar e construir uma capela com esse nome, por isso deu à área o nome do Senhor mais velho. Os três ranchos foi por conta que no início havia somente 3 ranchos de três irmãos, o Pousou das Araras por conta da quantidade de aves, o bairro Cafezinho por conta da colheita de café e desta forma os outros bairros”.

“São tantas histórias que às vezes a gente até se perde, mas o surgimento de Taquarussu é sinônimo da luta de um povo. Desde o início, Taquarussu foi um lugar querido e próspero, lar de pessoas que realmente gostavam de festejar, dançar e rir. Foram tempos difíceis, mas também de muitas conquistas. Guardo com carinho essas lembranças e o esforço das famílias para crescer e ver Taquarussu prosperar”.

2.1.4 MEMÓRIA DE CARMELINA

FOTOGRAFIA 04. CARMELINA CANDIDO DOS SANTOS SILVA



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2022.

Carmelina, uma senhora de 76 anos, mesmo com alguns problemas de saúde, mostrou-se interessada e orgulhosa em participar da entrevista, assim como em relatar sua trajetória de

vida no processo colonizador de Taquarussu. A colaboradora faz parte da primeira rede da pesquisa, apontada por Terezinha Silva dos Santos ao destacar que elas foram vizinhas de sítio.

O primeiro contato ocorreu por meio da mediação com Manoela, moça que trabalha para a família de Carmelina nos afazeres domésticos, com intuito de realizar alguns acordos. Marquei a primeira entrevista algumas vezes, mas por conta da chuva, ou por problemas de saúde, foi preciso renegociar a data. A primeira entrevista foi realizada no dia 25 de abril de 2022, na residência da colaboradora, onde, com seu esposo José Carlos da Silva, me receberam com alegria e café posto à mesa. O segundo momento foi marcado e ocorrido no dia 2 de maio de 2022. Naquele dia, demonstrou-se um pouco cansada, mas, com sorriso no rosto, dialogou sobre sua trajetória.

Carmelina chegou em Taquarussu ainda criança, com 14 anos, com quatro irmãos e seus pais, Placídio Candido dos Santos e Luíza Ribeiro dos Santos, considerados desbravadores do território. Nesse sentido, justifico a sua presença na rede desta pesquisa.

“Um povo muito trabalhador”

“Imagine sair de um lugar onde tudo está estabelecido e ir para um lugar onde só existe uma floresta densa. Mas você está com sua família, você pode ouvir os pássaros, respirar ar puro e desfrutar de lindos pores do sol. Imagine a natureza, e tudo o que você come vem da própria terra, do seu próprio suor, sem uso de agrotóxicos. Imagina só, eu vivi isso. Foi muito bom. Muitas famílias plantando e colhendo. Taquarussu era assim, as estradas eram de terra, e a água era tirada de um poço, mas o sabor era diferente, fresco e gelado natural”.

“Sou Carmelina dos Santos Silva, nasci no ano de 1946 e mudei para Taquarussu com meus pais, com 14 anos. Meu pai Placídio Candido dos Santos era baiano da cidade de Itapemirim, na época conhecido como o sertão da Bahia e minha mãe Luíza Ribeiro dos Santos, nascida em Conchal, interior de São Paulo, meus pais se casaram na cidade de Martinópolis – SP”.

“Em Martinópolis as terras não eram nossas, trabalhávamos em terras arrendadas. Mas, quando surgiu a notícia das vendas dos lotes aqui, meu pai se interessou, a fim de viver, construir e plantar em terra própria. Lembro de escutar o anúncio na rádio e do meu pai comentar com minha mãe de um grupo de homens que passava pelos bares, ruas e nas casas convidando para conhecer as terras, indagando sobre a possibilidade de investimento mais barato e bom. A forma de pagamento se iniciava com uma entrada de certo valor, o qual não me recordo [...], mas, o restante dividia para pagar por mês. Tinha opção de ir para diversas

regiões, mas se interessou por Taquarussu, terras da Fazenda Samambaia, que era loteada pela Viação São Paulo Mato Grosso. Na verdade, muitas pessoas vieram para cá, pois as terras estavam muito baratas e também por ser fértil, como vemos hoje. Desta maneira, meus pais compraram o sítio de cinco alqueires e nos mudamos”.

“Chegamos a Taquarussu “sob a luz da lua”, entre os dias 18 e 19 de junho de 1960, em cima de um caminhão de mudança, com alguns animais de criação. Me recorro de porcos, galinhas e alguns móveis [...] não era muita coisa. Somos cinco irmãos, a mais velha faleceu no interior de São Paulo. Os que vieram para cá, juntamente comigo, foram: minha irmã Maria de Lourdes dos Santos Martins, Antônia dos Santos Lima, a caçula e meu irmão Bento Candido dos Santos”.

“Era difícil a passagem, a estrada não era boa e para chegar em nosso lote de terra, pelo caminho onde a condução não passava, meu pai de cima do caminhão ia com a foice cortando os galhos para liberar a passagem. Foi desta forma que chegamos. Meu pai comprou as terras, que chamamos hoje de Sítio São Luiz”.

“Eram poucas as coisas que se avistava, mas muito mato [...] não tínhamos nada. O primeiro passo foi procurar um jeito de ter acesso à água, nossa sorte foi a bondade do Senhor José Quirino que tinha um poço beirando o brejo, onde pegávamos água as primeiras vezes que precisávamos. Logo meu pai cavou um poço e tudo ficou um pouco mais fácil. Em seguida, foi preciso arrumar um local para dormir [...] montamos um barraco de lona para passar as primeiras noites e no dia seguinte lascamos as madeiras das matas para construir nossa casa. Ficamos 4 meses debaixo da lona no terreno do Otacílio Pinheiro [...] não era muito, mas quando construímos a casa em nosso terreno foi um alívio, porém era mato de um lado e mato do outro”.

“Com 14 anos, ajudei muito meu pai a limpar a mata, utilizamos o trançador para derrubar as árvores, foice, machado. Madeira tinha de sobra, cedro, angico e ipê, uma variedade de árvores grandes e grossas que algumas pessoas vendiam para pagar seus lotes. Meu pai, seguindo os passos das pessoas que já estavam aqui, começou a investir na agricultura e na pecuária; plantando feijão, mandioca, arroz, milho, melancia e porcos. Naquela época eu era uma menina ainda, mas ajudei muito meu pai a derrubar a mata, entramos na mata virgem para desmatar e tacar fogo, sempre com uma espingarda nas costas caso aparecesse algum animal selvagem. Tinha muitos insetos. Morria de medo daquele fogo se espalhar, mas era só tomar conta que nada de ruim ocorria. Entramos no mato de manhãzinha e sai só de noite. A espingarda servia para se proteger da onça-pintada, tinha demais”.

“Ao amanhecer do nosso primeiro dia em nosso lote de terra foi possível avistar algumas

famílias transitando pelos picos, desmatando e arrumando suas moradias [...] um povo trabalhador e corajoso! Quando chegamos na década de 1960, recordo-me que já estavam aqui Otacílio Pinheiro e sua esposa Maria, José Laurindo da Silva e Maria São Pedro Silva, o Agenor Baiano e Dona Rosa Anjos, o José Francisco dos Anjos e sua esposa, o Senhor José Lima com sua esposa Bárbara, o Senhor Benedito Machado, o Miguel Araújo e sua esposa Isabel. O senhor Raimundo Almeida e a Dona Josefa Tavares Almeida, pessoas que jamais podem ser esquecidas quando lembrarem dos fundadores de Taquarussu, pois trabalharam muito para derrubar a mata, construir suas moradias, plantar e constituir suas vidas. Lembro muito de ir brincar com a Terezinha, filha do José Laurindo da Silva e Maria São Pedro Silva. A vinda de pessoas foi muito grande e a partir de 1961 aumentou mais ainda”.

“A beira do Córrego Baile era bem movimentada, muitas famílias chegavam e faziam suas barracas em sua margem. Me recordo de muitos rapazes solteiros, construírem casinhas de sapê ou de lona para ficarem ali até conseguirem limpar seus lotes e construir moradia. Outros também vinham só para trabalhar, ajudar a limpar e construir, eram os empreiteiros e arrendatários. Esses que vinham para trabalhar montavam acampamento na beira do córrego porque não precisavam pagar”.

“Preciso dizer que a vida não era fácil, muitos insetos e animais que nunca havia visto, os insetos incomodavam muito, mas meu pai e minha mãe fizeram de tudo para nos proteger. Um determinado período ocorreu um surto da doença de chagas, bastante gente morreu na época. Mas todo mundo ajudava todo mundo na hora do sufoco, estávamos próximos de pessoas solidárias que não negavam ajuda, muitas vezes trocamos alimentos que tínhamos pelo que não tínhamos. A comunidade de Taquarussu sempre foi solidária, mas nos afazeres do dia a dia cada um cuidava do seu”.

“Realmente o início não foi fácil, meus pais trabalharam muito. Nós que estávamos aqui em Taquarussu atravessamos em cima de árvores para chegar até o Bairro da Festa (pertencente ao município de Batayporã), lá o povo já estava mais adiantado que nós, as pessoas de lá já tinham pomares e criação de bichos. Me lembro também que os Medeiros já sobrevoavam a região onde hoje é a Fazenda São Domingos e foram as primeiras pessoas a passar com gado, a estrada passava onde hoje é o Sítio do ex-Prefeito Genivaldo Medeiros, beirando o Córrego Baile”.

“Como era criança não entendia muito as coisas ainda, mas era possível notar o esforço dos meus pais e das outras famílias. Sorrindo digo a você: “que povo trabalhador!” Ajudava meu pai a limpar o terreno e minhas irmãs ajudavam minha mãe nos afazeres de casa e cuidar do meu irmão mais novo, e, mesmo diante do cansaço, era possível brincar e admirar o pôr do

sol. Sentia-me muito bem e como eu gostava de ir a Batayporã mesmo a pé, vendo aquelas matas fechadas, naquelas aberturinhas entre as árvores que só existia no sítio do Otacílio Pinheiro e nas margens do Córrego Baile, pulando as poças de água na estrada. Ah... era lindo de se ver e admirar. Era longe de ir e a cada três meses íamos para assistir à missa, pois naquele tempo eu era católica, seguia minha mãe, e também para fazer compras. Digo compras, mas era o básico, porque grande parte tiramos de nossa própria produção, só não o sal, açúcar e alguns remédios. Mas, quando via meu pai chegando com aquele saco de compras amarrado nas costas me dava um aperto no coração, mas era necessário”.

“Naquela época não é como vemos hoje, era muito mato mesmo. Lembro que muitas pessoas contratavam pessoas de fora para derrubar a mata e, próximo da nossa casa, tinha uns peões acampados. Havia um senhor que ficava no barraco apenas para cozinhar e para ele avisar que a comida estava pronta, dava dois tiros para o alto, aí os homens iam almoçar. Ele sempre contava isso para os meus pais. Porém, as coisas foram mudando e evoluindo com o tempo, surgindo mais casas, comércio, escolas, igrejas”.

“A primeira igreja construída aqui foi em 1964, quando o nome Taquarussu começou a se espalhar pela população, porém não era somente a religião católica que tinha aqui, mas foi a primeira a ser levantada. Também abriu a primeira vendinha do Antônio Rodrigues e do Zé do Jipe, o qual ajudou a propagar o nome do núcleo. Já existia também o barzinho do Gileno, onde hoje é o bar do Neném Bicheira, bem na avenida. Tinha um açougue do finado Zuza, serralheria do José Castelani e a farmácia do Alfredo. Depois construiu uma escolinha aqui em Taquarussu onde as filhas do Antônio Rodrigues eram professoras”.

“Não posso deixar de recordar novamente do Senhor Otacílio Pinheiro e sua família, pessoas muito atenciosas, solidárias com as necessidades dos outros, a esposa dele era quietinha, mas solidária também. O senhor Josias era irmão do Senhor Otacílio Pinheiro. O filho do Senhor Josias, conhecido como Zezinho, morreu de tétano após ter caído do cavalo, se machucou por dentro e não falou nada para ninguém, o caminhão que levou minha irmã Lourdes para se casar em Batayporã, levou também o caixão dele, nunca me esqueço disso”.

“Recordo-me que o pai da Terezinha, o José Laurindo da Silva, construiu uma sala para ter aula, era familiar, mas aberta para o povo. Não cheguei a conhecer, mas escutei o pessoal comentar sobre. Também tinha uma escolinha no Pouso das Araras, onde meu filho quando completou 7 anos foi estudar lá. Teve uma época, pouco tempo do início da formação da comunidade, quase viramos Nova Andradina. Um político da época organizou um projeto de lei para que essas terras pudessem pertencer ao território de Nova Andradina. Teve até um movimento da população, queriam isso. Mas não deu certo, não sei por que, não me recordo

bem, eu era criança ainda”.

“Minha mãe permaneceu até os últimos anos de sua vida no mesmo Sítio de quando aqui chegamos a primeira vez, o saudoso Sítio São Luiz. Ela sempre foi muito religiosa, sempre respeitou e teve devoção a Deus e a Nossa Senhora Aparecida, minha mãe nasceu em 21/01/1921 e faleceu em 01/04/2014 com 93 anos, e meu pai nasceu em 21/10/1916 e faleceu em 07/10/1991, tenho muito orgulho dos meus pais, pessoas que trabalharam muito”.

“Sinto muita falta deles e hoje não ando muito bem de saúde, mas sinto grande prazer em contar essa história. Era isso, um pouco o que tinha para falar, a caminhada de um povo que alimentou a esperança de encontrar melhores condições de vida em um lugar novo, e Taquarussu foi isso – a esperança. Peço para vocês não deixarem a memória dessas pessoas morrerem. Obrigado por ter me procurado e dado a oportunidade de contar essas coisas para você”.

2.2 REDE 02

A rede número 02 conta com dois colaboradores homens, Aliceu Francisco da Silva, Claudenor José Crivelli, e uma colaboradora mulher, Josefa Tavares de Almeida. Todos foram indicados pelas memórias de expressão oral da rede 01. Derivações da Colônia, as redes representam o pluralismo e trazem a subjetividade de cada colaborador para atender a comunidade. Este segundo seguimento, portanto, representa uma consolidação da democracia do multivocal. Isso não ocorre pelo fato de darmos ouvidos a distintas vozes, mas porque essas vozes são diferentes e representam fluxos de entendimentos variados.

2.2.1 MEMÓRIA DE ALICEU

FOTOGRAFIA 05. ALICEU FRANCISCO DA SILVA



Fonte: Arquivo pessoal do colaborador, 2022.

A primeira entrevista agendada com o Aliceu foi negociada em março. Porém, diante de vários obstáculos identificados através da renegociação via *WhatsApp*, a primeira entrevista só ocorreu após as comemorações dos 42 anos de Taquarussu com a tradicional festa do peão, em uma terça-feira, 17 de maio de 2002.

A entrevista ocorreu na residência do colaborador. Quando cheguei, vi o colaborador caminhando em direção a sua casa e, naquele instante, iniciou-se uma conversa com relatos de grande importância que estão anotados no caderno de campo. Essa conversa me fez recordar das orientações do meu orientador: “[...] uma entrevista de história oral começa antes de o gravador ser ligado e não termina depois que o gravador é desligado”.

A segunda entrevista ocorreu no dia 24 de maio de 2022, às 13h30min. Antes de deslocar-me até sua casa, prontifiquei-me a ligar para comunicar e o mesmo me relatou que estava participando de jogo de malha próximo à sua residência, mas que poderia me deslocar para realizar a conversa.

Aliceu pareceu feliz em colaborar na pesquisa, puxando duas cadeiras e oferecendo café para combater o frio. O colaborador faz parte da segunda rede de pesquisa, indicado por Rosa e lembrado com carinho por Agenor.

“Um sertão muito bom, terra muito barata e fácil de adquirir”.

“Meu nome é Aliceu Francisco da Silva, moro em Taquarussu há 60 anos, vim para cá em 1960 com 14 anos. Que bom que você entrou em contato comigo, Taquarussu acaba de completar 42 anos, tivemos uma grande festa de peão para comemorar, uma festa muito divertida”.

“Lembro do meu pai comentando com o Zé Baiano que estavam vendendo terrenos muito baratos no sul do Mato Grosso, na mesma época estava anunciando na rádio e um grupo de homens veio convidar as pessoas para conhecer a localidade. Falavam muito sobre as terras da Fazenda Samambaia. Havia em algumas regiões, mas aqui era muito barato, então acho que a maioria das pessoas vieram por causa do preço, por exemplo, em outra região era 60 cruzeiros, aqui era 15 cruzeiros”.

“Meus pais tinham o sonho de adquirirem terras próprias porque em São Paulo moramos em terreno alugado. Um ano antes de nos mudarmos para cá, meu pai havia comprado um alqueire de terra no Planalto, mas vendeu e comprou aqui, com uma parte do dinheiro pagou o frete da mudança e o resto ele comprou mantimentos”.

“Meu pai comprou 3 alqueires de terra, lembro que a forma de comprar e pagar era muito simples, podia fazer um depósito, dividir a mensalidade ou pagar conforme capacidade de cada família. Muitas pessoas vieram, o terreno era vasto e fértil, pois era um sertão muito bom e com boas oportunidades de investimento”.

“Junto com meus pais, já falecidos, Carlindo da Silva, Maria e minha irmã Maria, chegamos do estado de São Paulo, município de Planalto do Sul, em um caminhão trafegando por uma estrada terrível. Era uma estrada feita pelos funcionários da Matte Laranjeira, empresa de extração de ervas, e no restante do caminho até nossas terras seguimos por uma estrada feita pela empresa Viação São Paulo Mato Grosso. Inicialmente, ficamos no sítio do Zé Baiano cerca de seis a oito meses para podermos derrubar a mata, queimar e limpar a nossa terra”.

“Quando chegamos tudo era mata virgem, havia famílias que tinham dificuldade de construir e cultivar. Lembro do Sr. Agenor Baiano e sua esposa Rosa, do Zé Baiano, da família Otacílio Pinheiro, do Bernadino, do Placídio Candido dos Santos e da sua esposa Luíza Ribeiro dos Santos, o Sr. Benedito”.

“A maioria das pessoas começou a vir para cá por volta de 1961, quando houve um grande movimento por aqui. Mas Agenor e sua família vieram para cá em 1959-1960. Mas quando chegamos, tudo o que vimos era muita mata virgem e várias famílias derrubando as árvores. Alguns tiveram ajuda de outras famílias para ajudar na derrubada. Nessa ajuda, um

lado doou madeira ao outro, comercializava e também utilizava para construir casas, cercas, galpões e outras coisas”.

“A primeira tarefa do meu pai, enquanto minha mãe arrumava tudo na casa para preparar a comida, foi derrubar a mata. Quando tinha 14 anos ajudei meu pai, usávamos machados, trançadores e enxadas para derrubar árvores. Ele também se encarregou de cavar um poço, construir tábuas de cedro para fazer uma casa de pau-a-pique, depois pegamos folhas de coqueiro para por no entorno da casa e cobrimos com barro. Depois de investir na agricultura, plantamos mandioca, abóbora, milho, algodão, arroz e melancia. Plantamos muitas coisas [...] tinha muita fartura. Essas plantações funcionam no grupo familiar, cada família plantava em suas terras e também em terras arrendadas”.

“Foi algo assim: as pessoas precisavam de terra para plantar, mas não tinham dinheiro para comprá-la. A solução foi negociar com os grandes donos de terras por meio de arrendamentos. Plantava-se, colhia, tirava os lucros, cumpria com o contrato e tentava comprar terras próprias [...] muita gente fez isso”.

“Bem próximo daqui, onde hoje é a fazenda do japonês, tinha um núcleo chamado Batarama, que foi habitado por um curto período. O pessoal lá cultivava mamona, mas sofreram perdas porque o preço da mamona caiu e perdeu valor. Talvez se lá tivesse ido para frente, Taquarussu poderia ter se formado lá. Bom, não sei muito bem dizer, mas lá não desenvolveu”.

“Como a Companhia percebeu que o local de venda dos terrenos crescia cada vez mais, reservou terrenos para construção, mas não o fez. Mané Antônio, Zé do Jipe e Miguel Araújo compraram terras aqui, dividiram, venderam e deram início à comunidade. Eles contaram com a ajuda de um funcionário da Viação São Paulo Mato Grosso, o engenheiro Valero Nunes de Souza, que desenhou a planta da comunidade”.

“Taquarussu recebe esse nome pela quantidade de moitas de taquara que aqui existia. O nome se espalhou graças aos comentários das pessoas, por exemplo, muitas pessoas que moravam perto venderam suas terras e vieram para cá dizendo “vamos para Taquarussu”. Também começou a se espalhar quando o Sr. Gileno abriu o primeiro barzinho da cidade vendendo apenas bebidas e em 1963, o Sr. Antônio Rodrigues e Zé do Jipe abriram uma mercearia que vendia de tudo: arroz, feijão, farinha. Ainda lembro do Tito - o José Geraldo Sobrinho tinha supermercado e o Sr. Alfredo tinha farmácia”.

“Aqui fazia parte do Batayporã e com o tempo virou bairro. Lembro de uma eleição em Batayporã, o Alcides Sãovesso iria perder a eleição e naquela época o povo de Taquarussu era chamado de “índio” por causa do mato, mas viemos dar todos os nossos votos no Alcides e ele ganhou. Com a luta de vários vereadores e a vontade do povo, transformamos Taquarussu em

cidade em 1980, com o primeiro prefeito não eleito, Sr. Deca Pontes. Teve uma festa no meio da estrada de chão, acenderam fogos de artifício”.

“Taquarussu sempre foi um lugar maravilhoso, terra boa e gente acolhedora. Por exemplo, não ocorria a venda de mantimentos, trocamos por coisas que não tínhamos. Aqueles que construísssem casas e plantações poderiam armazenar grandes quantidades de suprimentos e aqueles que chegassem receberam ajuda. Doava-se uma quantidade para a pessoa conseguir se constituir e com o tempo se devolvia. Um ia ajudando o outro. Isso tudo também porque não tinha comerceio em Taquarussu ainda”.

“A primeira escola municipal foi construída em 1973, o pai da Terezinha também construiu uma na casa deles, era familiar, mas não frequentei porque com 16 anos não estudava mais. Não estudava para trabalhar, precisava ajudar a colocar comida na mesa”.

“Mas à medida que Taquarussu foi crescendo, outras coisas apareceram. Lembro-me de Benedito Machado realizando reuniões em sua própria casa porque não tinha Igrejas construídas, ele era fiel da Cristã do Brasil. Mas havia muitas religiões e com o tempo construíram a primeira igreja católica. Foi construída onde hoje o Zin mora, foi feita de taboa. Eu tocava sanfona nas quermesses que tinha lá. Era muito bom. Tocamos muitas festas para adquirir dinheiro para construir a igreja. Aqui também tinha e tem até hoje curandeiros, tem até uma história que a família do Agenor Baiano conta sobre a surra que a cabra levou do Saci, no outro dia levaram ela para uma benzedeira curar”.

“Com o tempo também foi surgindo algumas comunidades em volta do núcleo de Taquarussu, bairro Cafezinho, Vera Cruz, Pouso das Araras. O pessoal comenta que um dos primeiros moradores do Bairro São João foram os pais da Matilde, família Gonzaga. Foi muito difícil para quem veio tentar algo em Taquarussu, porém tinham uma estrada ruim, mas tinha. Para os idealizadores da Vila São João não existem estradas. Acho que foi muito difícil para eles, porque assim como aqui, para chegar lá, tiveram que enfrentar a mata, os insetos e os perigos dos animais selvagens. Mas com o tempo eles cresceram, investiram no algodão também, teve bastante gente e comércio. O que eles faziam lá estava relacionado com as atividades desenvolvidas em Taquarussu, os arrendatários obtinham comunicação e relações de negócios, pois estavam apenas cerca de 12 km de distância”.

“No início, Taquarussu tinha uma multidão muito grande, todo dia chegava uma família nova. Muitas pessoas vieram morar, outras apenas para cultivar algodão e depois foram embora. Eram cerca de dez mil pessoas, mas nem todas vieram para ficar, mas para ganhar dinheiro. O algodão proporcionou aos produtores grandes somas de dinheiro que puderam utilizar para investir, comprar imóveis e até poupar dinheiro para investir na educação dos seus filhos”.

“O Córrego Baile ajudou muita gente a ficar aqui, as pessoas montaram acampamentos próximo dele porque a água e a vegetação eram baixas e assim conseguiam trabalhar e limpar a terra. Tinha muitas pessoas rondando por aqui, mas após a emancipação as pessoas começaram a ganhar terras doadas pelo INCRA, da Reforma Agrária, e foram embora para outras regiões”.

“O engraçado é que no mesmo ritmo das décadas de 1950, 1960 e 1970, as pessoas vieram para Taquarussu e construíram casas. Graças às doações do Incra, em meados do final de 1980 e 1990, foi comum ver essas pessoas demolindo casas, coletando madeira e utilizando-a para construir casas em outras áreas. Mas minha família nunca saiu daqui, é um lugar abençoado”.

“Ficamos porque era ótimo aqui, mas também tiveram suas desvantagens. A energia demorou a chegar, não lembro a data. Era comum as pessoas caminharem até Batayporã para comprar algumas coisas que faltavam: sal, açúcar, café, farinha, remédios, porque o resto nós cultivávamos e tínhamos em abundância. Tinha muito frango e porco. Mas a viagem era a pé, cerca de 30 km para ir e mais 30 km de volta com sacolas de compras nas costas, saindo cedo de casa e retornando sob a lua. Quando a sorte estava do lado, conseguia carona nos caminhões de madeira e até em caminhões da Companhia Viação. Mas sempre estávamos acompanhados pelos nossos amigos, Agenor, Zé Baiano. Naquela época, Batayporã era maior que Nova Andradina”.

“Às vezes, íamos a Batayporã a cavalo, o que era uma tarefa árdua porque tínhamos que atravessar a ponte do Córrego, que era sustentada por apenas duas tábuas e geralmente os cavalos não querem atravessar. Teve até um dia que Zé Baiano foi visitar a esposa que acabara de dar à luz e o cavalo caiu na água”.

“A BR que hoje passa em Taquarussu não é a mesma do passado. Antigamente era uma construída pela Matte Laranjeira. Passava pelo sítio que hoje é do Genivaldo, na época era dos pais da Terezinha. Não sei se a Matte explorou aqui, mas havia muita erva e as estradas aparentavam ser muito utilizadas”.

“Onde a BR passa hoje fomos nós que abrimos, o prefeito de Batayporã organizou um grupo de Bata e nos reunimos aqui para ajudar. Ele trouxe uma máquina de esteira para ajudar a cortar as árvores porque elas eram muito grossas e altas. Este serviço foi realizado mais ou menos desde 1962-1963. A gente tirava um dia por semana para construir a estrada e quando a obra estava concluída demoramos mais 3 anos, um dia por mês para tapar os buracos”.

“A vida no sertão é diferente de hoje, não tinha máquinas para trabalhar no campo, esse trabalho era manualmente, à mão, em arados com cavalos. As pessoas daqui trabalharam duro

para limpar a floresta e criar seus filhos. Meu pai era um homem muito trabalhador, foi agricultor a vida toda e ajudou muito em Taquarussu. Minha mãe cuidava das tarefas domésticas, ela também era parteira e cuidava muito bem da gente. Hoje temos uma cidade linda, limpa e arrumada. Tenho orgulho de dizer que fui um dos primeiros grupos a chegar aqui”.

2.2.2 MEMÓRIA DE CLAUDENIR

FOTOGRAFIA 06. CLAUDENIR JOSÉ CRIVELLI



Fonte: Arquivo pessoal da colaboradora, 2022.

Claudenir José Crivelli faz parte da segunda rede deste estudo, indicado por Agenor Francisco dos Anjos. A primeira entrevista ocorreu na manhã do dia 17 de maio de 2022, negociada por telefone com a sua esposa, Ivani Dias. Ocorreu em sua residência, na área dos fundos, localizada na Avenida Getúlio Vargas, local que orgulhosamente anuncia que foi construída a primeira igreja do município de Taquarussu.

Claudenir ficou muito entusiasmado com a ideia de poder contar a história de sua vida. Encontrou algumas dificuldades, principalmente em relatar datas, mas sempre buscou o apoio da esposa para lembrar determinadas situações. A segunda entrevista ocorreu às 08h30 minutos do dia 25 de fevereiro de 2022. O colaborador demonstrou-se um pouco cansado, relatando que havia contado tudo o que lembrava do primeiro encontro.

“O fluxo de pessoas para Taquarussu foi muito grande”.

“Bom dia! Meu nome é Claudenir José Crivelli, mais conhecido como Zinho, sou agricultor casado com Ivani Dias de Oliveira Crivelli, possuo alguns bovinos e também trabalho na agricultura. Taquarussu é uma cidade ótima para morar com pessoas que realmente querem ajudar. O fluxo de famílias que se mudaram para cá foi grande, muitas delas vindas de diversas regiões, inclusive de São Paulo. Hoje a maior parte da minha família mora aqui, quando a colonização começou muitos Crivellis se mudaram”.

“Minha família é natural de Santo Anastácio - SP, trabalhamos na pecuária leiteira e na agricultura, cultivando milho para cuidar do gado. Meu tio Vicente Félix descobriu o terreno em Taquarussu e ele e sua família compraram e mudaram, época em que foi loteado na Fazenda Samambaia. Ele contou ao meu pai que em 1965 veio conhecer, gostou e decidiu comprar 150 alqueires de terreno. As terras pertenciam à Colonizadora Viação São Paulo-Mato Grosso, administrada por um general. Muitos terrenos à venda, preços acessíveis, qualquer um conseguia comprar”.

“O fluxo de pessoas aqui foi muito importante, algumas famílias se instalaram em busca de investimento porque os terrenos eram muito baratos e fáceis de comprar. Na época em que meu pai comprou, ele pagou cerca de 150 cruzeiros por 1 alqueire. Meu pai pagou tudo de uma vez, mas poderia ter parcelado a dívida ou começar a pagar quando pudesse”.

“No primeiro ano viemos apenas para cortar a floresta, meu pai trouxe outras famílias arrendatárias para nos ajudar, usando foices, machados, enxadas, mas no final essas famílias deram prejuízo porque a gente comprava mantimentos para eles, muitos foram embora e não honrou o acordo. Gastamos cerca de oito mil cruzeiros com mantimentos, apenas uma família devolveu o dinheiro. Comprar terras foi mais barato do que investir na derrubada de florestas. Na época veio meu pai Bruno Crivelli, minha mãe Irene Linda Ziolli Crivelli e meu irmão Claudio Donato Crivelli, depois meus outros irmãos vieram também”.

“Aqui era tudo mato, e por ser mato muita gente comprava, não tinha coragem de limpar a terra, vendia e ia embora. Muitas pessoas que não tinham dinheiro para derrubar a mata ou não tinham coragem arrendavam por cerca de dois anos para que uma família pudesse derrubar e viver livremente ali, e desta forma, Taquarussu foi aparecendo”.

“Mas naquela época foi muito difícil, entrava cedo na mata com muitos mosquitos e outros insetos e só ia para casa à tarde. Plantamos grama sobre sol ou chuva, carregava no braço onde o capim cortava e formava até ferida. Foi sofrimento, hoje está tudo fácil”.

“Foi terrível, quando eu tinha 14 anos ajudei muito meu pai, no primeiro ano cortamos cerca de 20 alqueires de terra. Fizemos a mudança em 1966 em uma caminhonete Ford, a mudança foi feita em duas viagens, uma parte para São Paulo porque meu irmão Claudinet cuidava da fazenda, ordenhando e cuidando do gado da família, depois ele também veio”.

“Inicialmente construímos uma casa de pau-a-pique às margens do Córrego Baile e lá permanecemos cerca de dois anos. A maioria dos que chegaram usaram o córrego para ficar até limparem o terreno, devido ao fácil acesso à água e à vegetação rasteira. Depois de limpar uma parte, abrimos um carreador e construímos uma casa de madeira para morar. Para termos uma ideia mais precisa da nossa posição, utilizamos o Córrego Baile como referência, pois a única estrada por onde passamos ficava muito perto dele”.

“Havia apenas uma estrada, o resto era carreador que quando chovia formava enormes poças de água. Quando falta alguma coisa, era preciso ir até Batayporã. Muitas famílias iam a pé, mas minha família tinha locomoção. Ainda era difícil, pois a passagem era muito ruim, muito buraco e tocos de árvores que quando batia as mercadorias se perdiam pelo caminho, caíam do caminhão. Fora às vezes que molhavam e estragavam alguns utensílios. Outras vezes o deslocamento era de trator”.

“Quando chegamos, conhecemos várias famílias que tinham terrenos e plantações próprias, pois a terra era realmente boa e fértil. Lembro-me da família de Agnor Baiano e de seu irmão Zé Baiano que contam que chegaram em meados de 1959 e montaram uma casinha no Baile. Também de Zé Raimundo, Bastião Rito, Mané Antônio, Miguel Araújo e Senhor Nicanor. Veio muita gente, vieram cerca de 10 mil moradores, mas com o tempo as pessoas começaram a ir embora”.

“Muitas dessas dez mil pessoas nem moravam aqui. Eles só estavam por aqui por causa do algodão. Havia muitas lavouras e diversas plantações, por isso era comum que caminhões cheios de sereias, grãos, algodão e madeira seguissem para outros estados. Aproximadamente 300 a 400 sacas foram produzidas aqui, e mais ou menos 100 arrobas de algodão também foram produzidas no São João. Taquarussu e São João juntos produziam muito e esses produtos são o resultado da vida pacífica e próspera de muitas pessoas hoje”.

“Era comum o arrendamento de terras. Meu pai comprou uma boa quantidade e alugou para algumas famílias por cerca de três anos. Eles negociaram que, ao final do contrato, o inquilino devolvia o terreno limpo com roça, grama e espaço para criação de gado. Era interessante, pois a maioria plantava algodão, o que na época deu muito dinheiro para os produtores”.

“Anos depois houve uma grande evasão. Os jovens querendo estudar foram embora e não retornaram mais. Também com a doação de terras para a reforma agrária, muitas pessoas foram para Eldorados, Itaquirai e outras regiões. Nas décadas de 1950 e 1980, as pessoas migraram por causa das notícias de que a terra era barata e pela boa produção de algodão, mas na década de 1990 muitos partiram porque não tinham terras próprias. Passou a ser comum ver famílias derrubarem suas casas e construírem em outras localidades que estava com doações. Taquarussu perdeu muita gente”.

“Onde hoje fica ginásio de esportes, do outro lado da rua havia uma pequena mercearia de Antonio Rodrigues, e muitas vezes o ajudávamos com transporte das mercadorias. Depois abriram outros comércios. Dizem que o primeiro boteco era propriedade de Gileno Tavares, que Raimundo e Dona Josefa compraram e geriram como restaurante há muito tempo. O Antônio Rodrigues comercializava de tudo arroz, farinha, sal, açúcar, cerveja e o Gileno bebidas. O Senhor Benjamim Galino possuía um armazém que chamava de armazém de secos e molhados, também havia serralherias por conta da quantidade de madeiras”.

“Lembro-me da primeira escola. Na verdade, existiam várias escolas familiares espalhadas pela região, mas lembro de uma escola que ficava perto de onde mora o ex-vereador Lourinho e da casa de Dona Nelza. Era feita de madeira e bem precária. Acho que o Emir pode informar melhor, mas depois construíram a escola estadual, se não me engano, por volta de 1973”.

“A primeira igreja foi construída aqui, hoje moro nela com minha esposa, na Avenida Getúlio Vargas, número 217. Meu pai, Bruno Crivelli, doou a madeira numa época em que o Sr. Castelari tinha uma serraria. A comunidade se reuniu para construir. Todos ajudaram, alguns deram tijolos, alguns deram madeira e alguns forneceram mão de obra, o projeto foi construído pela comunidade. Depois que a igreja foi construída na outra localidade, comprei o espaço, demoli a igreja e construí minha casa com a madeira que ela continha. A religião era forte, pessoas de igrejas diferentes. Havia também muitos curandeiros aqui. Quando alguém fica doente ou era mordido por uma cobra ou outro animal venenoso, buscará bênçãos”.

“Mas o povo aqui era unido, na época da colheita era costume um ajudar o outro. As pessoas gostavam muito das festas, todos participavam, dançando na sanfona. Lembro do Aliceu Francisco tocando sanfona e animando todo mundo. Quando uma nova família chegava era comum emprestar sementes e mantimentos para depois devolver. Até na hora da doença o povo se reunia para ajudar, lembro quando teve um surto de chagas, bastante gente ficou doente”.

“Taquarussu ganhou o nome atual por causa dos bambus, grandes moitas de bambu, e com o tempo o nome se espalhou e as pessoas passaram a chamá-lo de Taquarussu. Devido ao grande número de plantações de algodão, também é conhecido como ouro branco. Aqui se cultivava muito algodão, muita gente veio plantar por causa da boa qualidade do solo. Quem plantou, colheu e por isso muita gente está bem de vida hoje. Naquela época, até criança tinha dinheiro no bolso. Com o tempo, passou a ser conhecida também como “Flor do Vale”, nome escolhido em concurso organizado pela prefeitura”.

“Alguns anos depois, Taquarussu virou distrito de Batayporã, mas não lembro direito, depois virou município e o senhor Deca foi o primeiro prefeito, mas não houve eleições. Ele trabalhou por dois anos e depois o finado Zuza foi eleito prefeito. Com o passar do tempo outros povoados foram se formando, hoje temos São João, Pousos das Araras, Tranchã I e II, Vera Cruz e outros. Porém, com o passar do tempo, formou-se outro núcleo, denominado Batarama, que fez parte do desenvolvimento de Batayporã. Lá as coisas não iam bem, havia famílias cultivando mamona, mas o preço caiu e perderam tudo. Essas famílias abandonaram suas terras e se mudaram para outras cidades, algumas para Taquarussu”.

“Acho que todo mundo passa por momentos difíceis e as pessoas ficaram porque gostaram do lugar. A mesma coisa acontece em outros locais, por exemplo: o São João não tinha estradas, a situação era pior que Taquarussu, mas as pessoas ainda ficaram lá”.

“Mas quando chegamos, meus irmãos e eu éramos jovens, trabalhávamos muito, mas sempre tínhamos tempo para jogar futebol, caçar, pescar e rir um pouco. Aqui havia muita mata, muita vida selvagem, muito peixe, descemos até o rio Ivinhema e ficávamos lá a maior parte do dia”.

“Meu pai, Bruno Crivelli, foi um dos pioneiros de Taquarussu, ajudou muito quando Taquarussu se tornou município. Queríamos muito que o bairro virasse uma cidade e o sonho se tornou realidade, com apoio de alguns vereadores. Como não havia quase nada na cidade, nem mesmo carro, ele ajudava a levar os doentes para tratamento, muitas vezes para São Paulo. O prefeito de Batayporã não fez muito por Taquarussu, e depois da eleição de alguns vereadores aqui, Deca Pontes e Luiz Buzinado, a situação melhorou um pouco, porque começaram a pedir coisas, mas antes era difícil. Minha mãe, Irene Linda, era uma grande guerreira, cozinhava para toda a família e vários funcionários. Ela trabalha muito e cuida bem de nós”.

2.2.3 MEMÓRIA DE JOSEFA

FOTOGRAFIA 07. JOSEFA TAVARES DE ALMEIDA



Fonte: Arquivo pessoal da colaboradora, 2022.

Para realizar a primeira entrevista com a Josefa Tavares de Almeida, algumas negociações tiveram que ser feitas. Inicialmente, a Josefa foi indicada junto com o Senhor Raimundo Almeida Filho pela colaboradora Carmelina Candido dos Santos Silva da primeira rede deste estudo. Durante uma conversa com Ana María Tavares de Almeida, nora do casal, questionei a possibilidade de falar com o casal e Ana me respondeu dizendo que seria melhor conversar com o Raimundo porque é mais fácil de comunicação. Porém, ele adoeceu. O objetivo era realizar uma entrevista com os dois.

Em nova oportunidade, procurei Ana Maria para perguntar sobre a possibilidade de participação de Josefa. Ana me convidou a fazer uma visita à chácara Nossa Senhora Aparecida, no dia 20 de março de 2022. Nesse dia, realizei a pré-entrevista, explicando o motivo da visita, apresentando o projeto e sua importância para Taquarussu. Ao fim, deixamos negociado a data da entrevista.

A primeira colaboração oral com Josefa ocorreu na tarde do dia 27 de março de 2022 na residência da colaboradora, com duração aproximada de 00h30min. A segunda reunião ocorreu no dia 19 de maio de 2022.

“Terras baratas e boas para comprar, motivo que muitas famílias vieram para Taquarussu”.

“É maravilhoso ouvir e contar histórias, lembro que quando era pequena meus pais contavam histórias para nós. A gente escutava cada palavra e cada história ensina algo, principalmente o respeito pelas coisas, pelas pessoas e pela natureza. Hoje sou eu quem conto e estou muito feliz que você veio ouvir minha história”.

“Meu nome é Josefa Tavares de Almeida, nasci em 1943, em Pernambuco, e vim para Taquarussu com 17 anos em 1960. Em Pernambuco a seca foi muito forte, em um ano perdemos tudo e meus pais ficaram muito infelizes. No ano seguinte replantamos e não tivemos grande prejuízo, meus pais colheram muito e ganharam muito dinheiro, mas não quiseram mais ficar ali, venderam a colheita e procuraram outro lugar”.

“Com meus pais, Leonel Tavares de Lima e Constância Rita de Lima, e oito irmãos, fomos para São Paulo com meu tio, irmão do meu pai, ficamos dois meses na cidade de Santo André. Para cobrir despesas e ganhar algum dinheiro, meu pai começou a trabalhar como vendedor ambulante, vendendo eletrodomésticos de porta em porta, mas não teve sucesso. Lembro que um dia meu pai conversou com minha mãe e eles combinaram de ir para o interior em busca de novas possibilidades. Ele saiu sozinho e eu, minha mãe e meus irmãos ficamos mais um pouco em São Paulo enquanto esperávamos seu retorno”.

“Meu pai pegou o ônibus e foi sem destino, foi quando ouviu passageiros falando de Mato Grosso, lugar muito bom para morar, muita agricultura, terras boas, terras baratas. As pessoas comentavam muito sobre Mato Grosso, ficavam um pouco assustadas por causa dos animais perigosos e comentavam que só existiam “índios”. Eles hesitam um pouco em vir para cá, mas muitas famílias ainda compram terras e se mudam”.

“Meu pai colocou essa ideia na cabeça e foi para o estado de Mato Grosso, passando por Eпитácio-SP, até Nova Andradina e parando no município de Batayporã. Sua intenção era encontrar uma chácara para manter e administrar, então lhe ofereceram um sítio perto de Batayporã, onde a mata havia sido derrubada, mas não queimada. Papai nos pegou em São Paulo e viajamos de ônibus até a terra, levando apenas algumas roupas na mala e um pouco de dinheiro. O primeiro passo foi terminar a limpeza e plantar milho, mas o solo não estava bom e a lavoura não crescia. Lembro-me dos meus pais dizendo: “Aqui não vai dar para sobreviver, a terra não é boa””.

“Meu pai, mais uma vez em busca de uma nova solução, foi conversar com o gato, um homem que cuidava dos prestadores de serviço, que na época procurava muita gente no

Nordeste para abrir a Fazenda São Domingos. Ele falou sobre um bom lugar para se mudar, com 15 alqueires de café já plantados, um terreno abandonado, mas com boa terra para trabalhar. A intenção era alugá-lo para três famílias cuidarem por quatro anos, e meu pai concordou imediatamente. Esse local ficava bem próximo ao Córrego Baile, na área onde hoje passa a ponte. A gente entrou no terreno arrendado, arrumamos as coisas, plantamos roça, e ao sair deixamos plantações de capim”.

“Saímos do sítio próximo a Batayporã e nos mudamos próximo do Baile. Limpamos o terreno, arrancamos o mato que crescia na casa e voltamos a cultivar, investindo em vacas, porcos, galinhas, patos e cabras. Meus irmãos também ajudaram. Meus pais alugaram 05 alqueires, no primeiro ano o proprietário pagou para meu pai e os anos seguintes ficaram apenas na nossa conta. Foi um acordo bom, funcionou muito bem e quinzenalmente íamos até Batayporã comprar coisas que faltam em casa”.

“Algumas pessoas que moravam em Taquarussu, que não tinham carro, caminhavam e muitas vezes paravam em nossa casa para beber água, descansar um pouco e até dormir um pouco para continuar a viagem no dia seguinte. Da nossa casa até Batayporã eram uns 12 km, mas para quem saía de Taquarussu era mais difícil porque são quase 30 km”.

“Após completar o contrato de quatro anos, meus pais venderam toda a criação de gado e compraram um sítio de três hectares bem perto de Taquarussu, ficamos lá por três anos. No quarto ano eles venderam novamente e compraram sete hectares de terra em Taquarussu e começamos a agricultura. Esse terreno de sete hectares foi comprado de um senhor que havia se mudado para outro estado, então já estava quase tudo pronto, um campo limpo, uma casa de pau-a-pique, um poço”.

“Meu paradeiro foi aqui, com o tempo meus irmãos se casaram e se mudaram e meus pais também se mudaram para Nova Andradina, perto de Igrejinha, mas hoje eles são falecidos. Sempre gostei de Taquarussu, por isso estou aqui até hoje”.

“Essa região tinha muita madeira e as pessoas vendiam. Havia diversos lagos e rios que faziam chover quase todos os dias. Lembro das pessoas falando que compraram um terreno através da empresa Viação São Paulo-Mato Grosso, que era fácil negociar, mas não foi o nosso caso. Meu pai falava que havia pagado mais caro, quando a viação vendia era mais barato. Muita gente comprou terrenos de Benedito Machado, Manoel Antônio, Marciano Cordeiro, Miguel Araújo e Bruno Crivelli, eles tinham uma grande quantidade de terras, dividiram em lotes e venderam. Foi a partir dessas vendas que Taquarussu começou a formar uma comunidade”.

“Em 1964, casei-me com Raimundo Almeida, que veio para Taquarussu em 1962 com sua família. Eles vieram de Carira-SE, passaram por Martinópolis-SP e se mudaram para cá, começando a trabalhar na agricultura. Todo mundo que veio para Taquarussu começou investindo na agricultura e na pecuária porque a terra era muito boa para produção”.

“Quando me casei fizemos uma festa, lembro dos sanfoneiros, Aliceu Francisco e seu pai Carlito da Silva, que festejavam até tarde. Eles sempre tocavam durante as comemorações e nas festas que ajudavam para construir uma pequena igreja de madeira. Como qualquer lugar, qualquer instituição, a Igreja precisava de verbas para se manter. A comunidade contribuiu com doações e também foram realizadas diversas festas de arrecadação, como acontece hoje”.

“Morávamos na terra dos meus pais, uma chácara de três hectares, aí meu pai pediu para comprar um terreno perto da casa deles em Nova Andradina, nos mudamos e moramos por três anos. Meu irmão, Gileno Tavares de Lima, abriu um barzinho de madeira em Taquarussu que só vendia bebidas e também era ponto de ônibus, o primeiro bar da cidade, mas com o tempo ele não quis mais ficar aqui e vendeu. Compramos o bar em 1969, fizemos um depósito, parcelamos o restante e voltamos para Taquarussu. O bar existe até hoje, localizado na Avenida Getúlio Vargas no bar Neném Bicheiro, ainda nosso, o local é alugado. Mas outros negócios começaram a abrir, a farmácia do Alfredo, a serralharia do José Castelani, o açougue do Zuza”.

“Quase não ia à igreja ou a festas, o que era difícil porque trabalhávamos muito no bar e quase não tínhamos tempo. Assumimos o local e vendíamos apenas produtos de boteco e bebidas, mas os motoristas que passavam, muitos deles, vinham buscar madeira, reclamavam de fome e perguntavam se poderia preparar comida para eles. Aceitamos a oferta e o bar virou restaurante aliado a um mini-hotel, e foi aí que o atendimento aumentou. Organizamos uma sala com 06 mesas, entrei na cozinha e meu marido no atendimento. Era um turno de 19 horas, abria às 05:00 da manhã e fechamos às 23:00 da noite. Era muito corrido e cansativo”.

“Foi tão cansativo e desgastante que adoeci e tive que ser internada em Campo Grande, mas os resultados desse esforço foram bem produtivos. Tocávamos domingo a domingo, não tínhamos tempo de ir à igreja e nosso único feriado era a Sexta-Feira Santa. Às 05h00 eu fazia café e salgadinhos fritos no restaurante, às 08h00 era preparado o almoço e às 11h00 as pessoas chegavam para almoçar. Foram 36 anos de serviço, de 1969 a 2005. Depois, por conta do cansaço e do desgaste, paramos de trabalhar e alugamos para outra pessoa”.

“Mas nesse movimento conhecemos pessoas de diversas regiões, e muita gente veio até Taquarussu. Havia homens solteiros e até famílias que vinham só para colher algodão, muitos deles mataram a fome no nosso restaurante”.

“Os serviços eram grandes para as pessoas que chegavam aqui: Derrubar a mata, limpar a terra, formar roça, plantar, criar animais. Era sofrido, não ter nada e mesmo assim dar início a algo. Porém o movimento de pessoas foi enorme, a maioria vinda do estado de São Paulo”.

“Com o passar do tempo, para onde quer que se olhasse só havia roças e famílias trabalhando. Por outro lado, há muitas pessoas que partiram. Foi algo triste porque eram pessoas de coração bom. Taquarussu é um lugar de muita sorte, temos terras muito boas para cultivo e sobrevivência. Antigamente a terra era muito barata para comprar, não me lembro o preço, porém isso fez que diversas famílias e homens solteiros também se mudassem para cá”.

“Foi uma luta ferrenha para todos. Derrubar a floresta, plantar roça, se proteger dos perigos da floresta, cuidar dos filhos. Mas foi essa luta que provocou o que muitas pessoas têm hoje, uma vida boa, dinheiro guardado”.

“Quando minha família chegou foi um pouco mais fácil, já tinha uma carreato no meio da mata, local que passa a BR de hoje. Hoje esse local de mata se chama Taquarussu por causa dos bambus, chamado de taquara. Por isso chamamos aqui por esse nome. No passado era falado: “é Taquarussu porque tem muito bambu”. Da mesma forma, nomeou os bairros ao nosso redor como Bairro São João, Pouso das Araras, Bairro Cafezinho, Bairro Tranchã e outros. Havia algumas escolinhas, me recordo de uma construída próximo ao sítio do Zé Vicente e depois construíram a escola estadual no ano de 1973, a mesma que existe hoje, porém ainda fazia parte do município de Batayporã”.

“Taquarussu era parte do Batayporã e com o tempo virou distrito. Sonhamos em nos separar de Batayporã e com a nomeação como distrito esse desejo ficou mais forte. Depois com o primeiro Prefeito, o Deca Pontes, se tornou município. As coisas foram mudando, tudo muda. Até a ponte de madeira do Córrego Baile também mudou, agora é de concreto e não está mais no mesmo lugar de antes. A ponte antiga ainda existe e está coberta de mato. Embora nunca mais tenha atravessado, ainda me lembro do tempo que andei por ela para chegar a Batayporã. Minha família e eu morávamos bem pertinho dela”.

“Após alguns anos Taquarussu perdeu grande parte da população. Era comum algumas famílias estarem em um lugar hoje e em outro amanhã. O motivo foi o término do contrato de arrendamento. Alguns ficaram aqui, outros partiram até que saiu terras doadas através da reforma agrária e, em meados da década de 1990, muitas dessas pessoas que não tinham terras próprias deixaram Taquarussu para ir para outro lugar para pegar terras grátis”.

“O pessoal era muito unido, todo mundo ajudava todo mundo. Por exemplo, quando começamos o negócio ainda tínhamos falta de mercadoria, e aqui existiam outros negócios como o do Sr. Antônio Rodrigues e o Zé do Jipe, que abriu logo depois do meu irmão Gileno.

Quando a cerveja acabava, pedíamos emprestada aos vizinhos para devolvê-la quando os viajantes chegassem. Não havia disputas, todos eram muito unidos e foi assim que crescemos. Aqui criamos nossa família e tenho muito orgulho de fazer parte da história de Taquarussu”.

2.3 REDE 03

Ao trabalharmos a partir do conceito de redes colaborativas, encontramos histórias e experiências que mudam a cada ato de ouvir e contar. Essas vias são proeminentes na memória verbal para as quatro redes deste estudo, pois são formadas por memórias que se “mexem e remexem”. Emocionam, humanizam, silenciam e gritam, convidando-nos a ouvir as quatro histórias da terceira rede colaborativa. É composta por Matilde, Emir, Terezinha Teixeira e Maria, pessoas que fazem parte de uma comunidade afetiva e são afetadas pelo ato de lembrar.

2.3.1 MEMÓRIA DE MARIA

FOTOGRAFIA 08. MARIA APARECIDA DA SILVA



Fonte: Arquivo pessoal da colaboradora, 2022.

Maria Aparecida da Silva forma a terceira rede deste estudo, indicada por Josefa, da segunda rede. Maria, embora um pouco doente, ficou feliz em contribuir com o estudo. Foram realizadas duas entrevistas, a primeira no dia 19 de maio de 2022 e a segunda no dia 21 de maio de 2022, ambas em sua residência.

A colaboradora foi encontrada graças às histórias de Josefa, que, ao explicar a localização do seu bar, contou que a família de Maria também desbravou o município. Ao concluir as entrevistas com Josefa, no dia 27 de março de 2022, fui até a casa de Maria e a vi sentada em frente à sua residência. Me apresentei como aluno do PPGH/UFGD e expliquei o motivo da minha visita. Maria sorriu e ressaltou que faria o possível para ajudar, pois ninguém havia ido até ela para falar sobre esse assunto.

Marcamos a primeira entrevista para acontecer pela manhã. Chegando na residência da colaboradora, convidou-me para sentar-me na cozinha, onde seu marido e primo, Zinho Crivelli, colaborador da segunda rede, estavam assistindo TV. De certa forma, como Maria se lembra e conta, ela pediu ajuda ao Zinho Crivelli. Nesse sentido, o colaborador da rede 02 foi o estímulo da primeira colaboração de Maria.

Ao final da entrevista, negociamos um segundo encontro e despedi-me, porém, Maria começou a contar a história da idealização do município e a origem de seu nome. Escutando isso, lembrei de quantas vezes o orientador Leandro Seawright orientou que “(...) as entrevistas não terminam quando você desliga o gravador” e, rapidamente, abri meu caderno de campo e registrei a importantíssima passagem.

“Na época os lotes eram vendidos por um preço muito barato e as terras boas para plantar”.

“Meu nome é Maria Aparecida da Silva, sou casada e moro na Avenida Getúlio Vargas, hoje me aposentei. Desde o início sinto muito porque não falo bem e meu nível de escolaridade é baixo, mas farei o possível para ajudá-lo. Taquarussu é um lugar muito tranquilo para se viver, há poucos dias houve uma comemoração dos 42 anos de fundação da cidade, uma grande festa. Estou muito feliz por você ter vindo até mim”.

“Nunca ninguém havia me procurado para conversar sobre a história de Taquarussu, talvez quase ninguém saiba que minha família também desbravou a região, tem cerca de 57 anos que estamos morando aqui. Chegamos antes de Taquarussu virar distrito de Batayporã e cidade, hoje Taquarussu possui 42 anos de emancipação”.

“A história dessa cidade é o suor do labor dos pequenos agricultores e arrendatários que passaram por inúmeras aprovações e lutas do amanhecer ao anoitecer, e que ainda não deixaram o sonho de uma vida melhor descansando no travesseiro... nós plantamos a semente e colhemos os frutos”.

“Vim para Taquarussu em 1965, aos 9 anos, com meus pais José Vicente e Adélia Crivelli e mais quatro irmãos e aqui estou hoje, com os filhos crescidos e todos com muita saúde, graças a Deus. Infelizmente, meus pais já faleceram, mas trabalham duro para derrubar a floresta, construir casas e cuidar dos filhos”.

“Taquarussu sempre foi um lugar bom para morar, com muitas oportunidades de desenvolvimento porque a terra é boa, barata e não tira a hospitalidade e a gentileza do povo. Aqui o preço era tão barato que muita gente veio comprar um terreno, na época era propriedade da Companhia Viação São Paulo-Mato Grosso, dividido em vários lotes”.

“Antes de conhecer Taquarussu, minha família morava em Santo Anastácio, interior de São Paulo, num bairro chamado Feiticeiro. Meus pais possuíam cerca de 2 hectares de terra e trabalhavam na lavoura, cultivando amendoim, arroz, feijão, algodão, milho e jardinagem. A vida em São Paulo era boa, ganhava muito dinheiro com a lavoura, o suficiente para comprar um caminhão, mas quando meus pais descobriram o preço e o potencial das terras da Fazenda Samambaia, venderam e compraram aqui”.

“A notícia da venda de terreno se espalhou, todos ouviram porque foi anunciado na rádio e um grupo de pessoas foi de porta em porta anunciar. Meus avós Vicente Félix e Jesuína Félix, muito curiosos, saíram de São Paulo para ver os terrenos, gostaram e fizeram uma compra. Depois que eles chegaram, meus pais também decidiram se mudar. Depois chegou toda a família, inclusive meu tio Bruno Crivelli e a família dele, que comprou em 1965 e se mudou em 1966”.

“Nossa viagem foi em cima de um caminhão, uma viagem longa e cansativa. Lembro que levamos quatro dias de Nova Andradina para chegar em Taquarussu, muito ruim, os móveis ficavam caindo continuamente ao longo da estrada, quebrando e parando. Para piorar a situação, o caminhão atolou no barro e tivemos que parar por dois dias para resolver o problema e continuar viagem. A estrada é a mesma que hoje passa pela BR, mas cercada de arbustos, buracos profundos, poças e tocos de árvores derrubadas, por onde carros baixos não passavam, e a ponte sobre o Córrego Baile não existia, ficava um pouco abaixo, em uma pequena floresta, com duas grossas barras de madeira atravessadas”.

“Compramos uns 38 alqueires perto do que hoje é o Pouso das Araras, depois da atual entrada da Usina Laguna e mais 28 alqueires no Bairro Tranchã. Pegamos bastante terreno porque era muito barato e fácil de conseguir, lembro do meu pai dizer que era uns 150 cruzeiros um alqueire”.

“Quando chegamos era tudo mato e muito bambu, por isso esta cidade recebeu o nome de Taquarussu, pela quantidade de bambu que as pessoas usavam para construir casas. Hoje em

dia perto da cidade é muito difícil encontrar esses bambuzais, acho que tem alguns no sítio Genivaldo Medeiros e no sítio da Dona Vera, ex-prefeita. As pessoas começaram a perceber a quantidade e passaram a chamar a região de Taquarussu por causa da abundância de bambu. O nome Taquarussu surge da própria mata, da vegetação, da taquara que a gente usava para muitas coisas. As pessoas observaram os bambus, extraíram para o próprio benefício e sobrevivência e, juntos, deram o nome dessa planta para a nossa cidade”.

“Os primeiros passos foram limpar o terreno, construir uma casa de pau-a-pique perto do Córrego Baile e depois de limpar o terreno passamos para a parte superior do terreno. Meu pai trabalhava com dez trabalhadores rurais, eles ganhavam livre com roupas lavadas e marmitta. Mas trabalhavam muito na roça, plantando milho, mandioca, arroz, feijão, algodão e derrubando a floresta. Eles mereciam. Lembro-me de um senhor chamado Raimundo Preto”.

“Minha mãe, com a ajuda das minhas tias, das minhas irmãs e eu, cuidava dos afazeres domésticos, preparando a comida, lavando a louça, lavando a roupa e cuidando da casa. Nunca íamos trabalhar na lavoura porque esse era o trabalho dos homens”.

“As pessoas aqui sempre foram muito solidárias e ajudam umas às outras. Quando chegava uma família, sempre tinha alguém para ajudar, emprestando sementes e alimentos para receber depois. Aqueles que se estabeleceram com casas construídas e lavouras plantadas estocavam grandes quantidades de mantimentos e viajava para Batayporã apenas para comprar coisas que não conseguiam produzir em casa, remédios, sal, pasta de dente, roupas, querosene. Muitas pessoas caminhavam e carregavam suas compras nas costas”.

“Mas para quem não tinha carro era bem difícil, eles sempre recebem ajuda no caminho de pessoas que moram perto da estrada, porque se você fizer as contas, eles andam cerca de 60 km com crianças e mercadorias nas costas. O que ajudava eram os caminhões que davam carona. Esses caminhões eram carregados com diversos tipos de madeira trazida dos sítios, dos arrendamentos e de outras áreas”.

“Quando minha família chegou encontramos algumas famílias, lembro do Lazinho do arrozeiro, do Miguel Araújo, do Agenor Baiano, da Dona Rosa Anjos, do Zé Baiano, do Joãozinho de Souza, do Benedito Machado, do Otacilio Pinheiro, são muitos familiares. Depois o Raimundo Preto que prestou alguns serviços para minha família. A maioria das famílias sempre se organizava perto do córrego e depois se mudava para outro lugar. Eu era jovem, mal me lembro. Mas se não me engano, os primeiros a construir barracas perto do córrego foram Agenor Baiano e seu irmão Zé Baiano entre 1959-1960, o povo comentava”.

“Aqui não tinha quase nada, um barzinho do Senhor Gileno irmão da Josefa Tavares e também uma vendinha do Antônio Rodrigues e do Zé do Jipe em meados de 1963. Esse

botequinho do Gileno com o tempo a Josefa e Raimundo compraram e fizeram um restaurante. Com a chegada de mais pessoas, outros comércios foram surgindo. Mas Taquarussu foi assim: algumas pessoas arrendaram, outras compraram. Então plantaram e colheram feijão, arroz, amendoim e algodão para juntar dinheiro e melhorar as condições de vida”.

“À medida que a situação melhorou, mais casais vieram e trouxeram filhos de várias idades, alguns com cinco ou seis filhos. E preocupavam-se com a educação das crianças e dos jovens, porque já estudavam na cidade natal e tinham que continuar aqui. Alguns pais preocuparam-se em educar os filhos em casa, até que foi construída uma pequeníssima escola de madeira. Qual pai e mãe não quer que seu filho estude e tenha uma boa carreira?”.

“Tenho pouco estudo, e eu e minhas irmãs frequentamos uma escolinha de madeira no bairro Pouso das Araras por uns três meses, mas ouvimos muito esturro de onça perto da escola, e todos ficamos com medo e paramos de frequentar. Havia também outra escola ali perto da Igrejinha, mas não me lembro exatamente”.

“Não frequentei essa escola rural, precisava ajudar minha mãe nas tarefas domésticas para cuidar da alimentação, da roupa e dos meus irmãos. Quase nunca ajudava meu pai na roça, pois falavam que era papel dos homens, mas às vezes era necessário porque tinha muito trabalho: preparar a terra, plantar, cuidar e colher. É por isso que tenho pouca escolaridade”.

“A construção da escola estadual foi apoiada pelo governo do estado, nunca estive lá para aprender algo, mas meus filhos e netos estudaram lá. Naquela época o terreno foi ganhado e depois mudaram o local de construção para o que é hoje. As pessoas comentavam que precisava de uma estrutura melhor e também ter mais séries disponíveis porque tinha bastante crianças que não estudavam pela falta. Aí o governador da época veio inaugurar a escola, tiraram fotos e tudo”.

“Lembro-me da primeira igreja de Taquarussu, construída na casa deste homem sentado ali no sofá da sala de casa, Zinho Crivelli, aqui mesmo na Avenida. Era de madeira, naquela época as pessoas ajudaram na construção e meu tio Bruno Crivelli fornecia a madeira. Na verdade, toda a comunidade deu uma força. Ajudavam com o que podiam”.

“Lembro-me do Sr. Aliceu e de seu pai tocando sanfona nas festas para arrecadar dinheiro para ajudar a pagar as despesas da Igreja. Não lembro o nome do Padre, acho que era de Nova Andradina ou Batayporã, mas as pessoas gostavam de ir à missa aos domingos e rezar o terço durante a semana. Também tinha alguns benzedores”.

“Mas antes da construção dessa Igreja o pessoal realizava as missas nas próprias casas, era do mesmo jeito tanto para a católica quanto para as outras religiões. Com o tempo ficou

desproporcional celebrar as missas ou os cultos em casas diferentes, pois dificultava os encontros e locomoção. Tiveram a ideia de construir as Igrejas”.

“Durante algum tempo falou-se muito de outro lugar que surgiu perto de Taquarussu, perto do bairro Cafezinho e Vera Cruz que as pessoas chamavam de Batarama. Se não me engano era um projeto que fazia parte de Batayporã. Muitas poucas famílias investem no cultivo da mamona, mas as perdas foram enormes, por isso abandonaram os cultivos e se mudaram para outros lugares. Meu pai sempre foi curioso, às vezes passava por Batarama e chegava em casa contando o que havia lá. Certa vez, ele disse que os antigos donos da empresa que vendiam as terras em Taquarussu tentaram colonizar, mas alguma coisa deu errado. Não consigo me lembrar do nome deles, mas eram alemães”.

“Mas com o tempo as coisas foram melhorando, Taquarussu fazia parte de Batayporã, mas tínhamos representantes políticos que nos ajudavam e moravam aqui. Muitas famílias começaram a chegar e quem tinha muita terra começou a cortar terras e vendê-las, estabelecendo assim a vila. Lembro que quem vendeu muita terra foi o Benedito Machado, o Manoel Antônio Marciano Cordeiro, o Miguel Araújo e o meu tio Bruno Crivelli”.

“Taquarussu adquiriu formato de cidade graças a ajuda do engenheiro Valero Nunes de Souza, ele desenhou a planta da cidade. Taquarussu teve seu primeiro prefeito não eleito, o Sr. Deca Pontes que nos representou por um ano. Esse era o nosso desejo, mas não esperávamos que um dia isso se concretizasse. Dormimos e acordamos com Taquarussu desmembrado de Batayporã, o que surpreendeu a todos. Aceitamos, celebramos e seguimos em frente com nossas vidas”.

“Não lembro muito e a maioria das coisas que te contei ouvi meus pais falarem, mas espero ter ajudado. Não tenho estudo, frequentei só a primeira série. Minha família e eu viemos para cá em 1965. Eu não trabalhava muito na roça, mas meu pai lutava para derrubar a floresta para levar comida para casa e minha mãe lutava para fazer as tarefas domésticas e cuidar dos filhos. Hoje estou aqui, criei meus filhos na terra de Taquarussu e tenho muito orgulho desta cidade”.

2.3.2 MEMÓRIA DE MATILDE

FOTOGRAFIA 09. MATILDE GONZAGA GOMES.



Fonte: Arquivo pessoal da colaboradora, 2022.

Tal como esperado no projeto de pesquisa em História Oral Aplicada, as negociações ocorreram de acordo com a disponibilidade de cada colaborador. Nesse sentido, ao longo do projeto foram necessárias diversas negociações para realizar o primeiro encontro. Matilde Gonzaga necessitou de tempo para a entrevista mediante suas necessidades médicas.

Levando em consideração a distância da residência de Matilde, cerca de 10,7 km de distância de Taquarussu, foi necessário entrar em contato com sua filha, Magna Ester, para melhor conversar e marcar o encontro. A primeira entrevista ocorreu no dia 21 de maio de 2022 na residência da colaboradora.

Para realizar as entrevistas, viajei de carro com Rogério Francisco dos Santos. No caminho, observei um pequeno bambuzal na estrada e lembrei-me das diversas narrativas sobre o surgimento da nomeação de Taquarussu. Ao chegarmos na residência de Matilde, fomos recebidos por Magna Ester. Nos deparamos com uma mesa organizada para café e a entrevista começou ali. À mesa, nós discutimos questões políticas locais e abordamos o tema do projeto. Ao final, deixamos marcado o retorno para próxima entrevista.

Matilde, indicada por Aliceu, é uma pessoa muito importante para esse projeto, pois ela não apenas narra sua história de vida em Taquarussu, mas também conta a história no Bairro São João. Ela é considerada, junto com sua família, uma das primeiras a chegar no Bairro São

João, quando tudo ainda “era mato”. O Bairro São João destaca-se neste estudo devido à sua contribuição a longo prazo para os processos económicos da região junto com Taquarussu.

“Eram muitas pessoas comprando lotes de terra, todo dia chegava gente em Taquarussu”.

“Bom dia! Meu nome é Matilde Gonzaga Gomes, tenho 75 anos, nasci em 10 de maio de 1947. É um prazer recebê-lo aqui em nossa casa, não ligue para a bagunça que ainda estamos organizando. Minha filha Ester me contou sobre sua visita e fiquei feliz em conversar e contar minha história”.

“Moro no mesmo lugar, aqui no Bairro São João, há 57 anos, vim para cá em 1965 com meus pais. Já fiz de tudo um pouco, ajudei meu pai derrubar a mata, construir nossa casa, ajudei minha mãe nos afazeres domésticos, mexer na roça, já fui professora e merendeira”.

“Gostava muito de lecionar. Fui a primeira professora do Bairro São João, na época conhecida como Gleba Machado, também como Gleba do Macaco Vermelho. Meu maior sonho era continuar sendo Professora, ele se realizou em minha filha”.

“A minha mãe foi uma mulher muito trabalhadora, enfrentou a roça para criar os filhos. Para onde meu pai ia, ela acompanhava sem medo, cuidava da casa, dos filhos e ainda derrubou mato, carpiu, plantou. O meu pai sempre trabalhou na lavoura, um homem que gostava de aventura, sempre buscava novos lugares para residir, gostava muito de estar em contato com o mato. Infelizmente ambos já são falecidos, mas trabalharam muito aqui no Bairro São João. Com sua família foram um dos primeiros moradores e viram Taquarussu começar a ser levantada”.

“A história de São João se relaciona com a história de Taquarussu. Foi um encontro de pessoas que procuravam o mesmo sonho e seguiram os mesmos passos. Para isso, matas foram derrubadas e destinadas à plantação, os migrantes foram construindo moradias, e em curto prazo de tempo se enxergava uma comunidade estruturada”.

“Com minha família, meu pai Abel Gonzaga de Souza e minha Mãe Izabel Maria da Cruz mais quatro irmãos e a família do meu avô viemos de Ouro Branco no estado de São Paulo para o estado de Mato Grosso no ano de 1960, mudamos para o município de Batayporã onde meu pai herdou um pedaço de terra”.

“Em São Paulo morávamos no sítio do meu avô, no mesmo terreno com meus tios e cuidávamos da lavoura. Meu avô resolveu vender o sítio, comprar terras no estado de Mato Grosso em Batayporã e repartir entre os filhos. Foram comprados terrenos no Bairro da Festa e no Bairro da Alegria, meu pai ficou com as terras do segundo bairro, mas, o terreno não era

bom para lavoura, foi aí que surgiram os lotes da Fazenda Samambaia, prometendo terrenos bons e baratos. Meu pai descobriu graças a um amigo, se não me engano, chamado Salomão, integrante da Companhia São Paulo Mato Grosso”.

“Meus pais decidiram vender as terras herdadas e comprar 10 alqueires dessas terras que temos hoje. Naquela época tudo era mato, as famílias vinham para Taquarussu e desmatavam terrenos. Desta forma surgiu Taquarussu e outros bairros vizinhos que hoje fazem parte de Taquarussu, Pouso das Araras, Vera Cruz, São João, todos, terrenos vendidos pela Companhia Viação São Paulo Mato Grosso”.

“No dia 03 de junho de 1965, nós nos mudamos, passando pelo local onde Taquarussu estava sendo instalada, onde havia algumas casas de pau-a-pique e famílias. Lembro que a família Zé do Jipe e Antônio Rodrigues tinha um barzinho em frente à escola. Lembro também do Agenor Baiano e Rosa Anjos, Miguel Araújo, José Laurindo e Maria São Pedro, não lembro muitos nomes. Era possível ver cabanas de sapê nas proximidades do Córrego Baile. Assim como nós, todas essas pessoas queriam conquistar a terra para começar uma vida em um novo lugar”.

“Continuamos nossa jornada, mas não havia estradas, apenas algumas picadas que a Companhia Viação havia construído para cortar lotes, meu pai teve que abrir mais com facão para passar com a mudança. Foi um lote de 2 alqueires, mas quase sempre havia erros de venda devido ao número de corretores. O primeiro que foi comprado já tinha dono e tivemos que ficar com esse que estamos hoje. No início tivemos que derrubar uma parte da mata para construir uma casa, a família se instalou e cavamos um poço para pegar água”.

“Mas todos fizeram o mesmo. Tudo o que podíamos ver era muito mato e surgiu a necessidade de explorar o campo de pastagem nativa, limpar a terra para plantar e colher. Foi chegando mais gente, aí as pessoas se conheceram e fizeram amigos e se reuniam às vezes para fazer fogueira e bater papo”.

“Dia de missa íamos até Taquarussu, a primeira missa que fomos foi em uma escolinha de madeira, depois construíram uma igreja de madeira bem na avenida, onde hoje o Zinho Crivelli reside com sua esposa Ivani Dias. Na época todo mundo ajudou e o pai do Zinho, o senhor Bruno Crivelli, deu as madeiras para a construção. A gente frequentava quase todo domingo, minha família sempre foi muito religiosa”.

“A primeira escola de Taquarussu, pelo menos a que me recordo, era próximo onde os pais do Senhor Emir compraram e construíram um barzinho. Fazia fundo com a escola, e se não me engano umas das primeiras professoras foram as filhas do Antônio Rodrigues, chamada

pelo apelido Anita. Não me recordo bem porque não frequentei a escola aqui, pois já tinha 19 anos. Mas o Emir pode lhe dar a localização certinha, porque eles moravam colados na escola”.

“O povo que chegava, tanto em Taquarussu como nas outras comunidades rurais, trabalhavam muito para derrubar a mata. Quem tinha dinheiro pagava para um grupo de homens derrubar, mas quem não tinha derrubava com a família. Aqui havia muito mato, árvores e uma espécie de bambu do mato chamado de taquara, motivo que levou o município a ser chamado de Taquarussu”.

“Eram muitas pessoas comprando lotes de terra, todo dia chegava gente em Taquarussu, porém a vila começou a se formar quando alguns proprietários de grande quantidade de terras passaram a dividir e formar lotes para venda, os primeiros foi o Benedito Machado, Manoel Antônio Marciano Cordeiro, Miguel Araújo e Bruno Crivelli”.

“Minha família sempre ficou aqui no Bairro São João. Abrimos nosso sítio e depois foi chegando mais famílias. Ajudei muito meus pais em todos os afazeres, porém com o tempo fui dar aula”.

“Havia muitas crianças no bairro, então meus pais sempre quiseram ajudar os moradores e me deram a ideia de ensinar alguma coisa para as crianças. Meu pai foi a Batayporã falar com o Prefeito para tentar conseguir alguma coisa. Na época tinha concluído a quarta série e com esse conhecimento comecei a lecionar na sala da minha casa, isso em 1967’.

“No mesmo ano, o prefeito Manoel Leite construiu esta pequena escola, hoje abandonada. Com o tempo, não consegui mais lecionar, pois já havia professores de nível médio na área. Precisávamos dar espaço a esses profissionais e eles me mandaram para o Bairro Oitocentos por quatro anos, mas com o tempo acrescentaram também professores de nível médio. Voltei para São João e trabalhei como merendeira escolar por cerca de doze anos. Depois, por conflitos políticos, o executivo trocou de representante e me demitiram, foi quando comecei a trabalhar como boia fria”.

“Com o tempo meu pai decidiu vender o sítio e ir embora para Cáceres - MT, porém como eu já era casada e com seis filhos meu esposo não quis ir embora. O homem que comprou os 10 alqueires do meu pai dividiu em lotes e começou a vender, quando adquirimos essa terra que resido até hoje, um alqueire e meio. Foi muito trabalho, enfrentei muito a roça para conseguir adquirir esse local, ajudar meu esposo e criar meus filhos”.

“A região do Bairro São João era muito dotada de madeira, muitas árvores, lagos e chovia quase todos os dias. No sítio que residimos não havia muitas madeiras para aproveitar ou vender, me lembro que meu pai tirou algumas madeiras de jequitibá, mas em Taquarussu o povo extraía bastante”.

“O pessoal comprou bastante terra aqui, e começou a formar essa vilinha que se vê hoje. Meu pai sempre foi muito agitado, animado. Depois que fez a escolinha o Padre Aldo, que vinha de Batayporã, começou a celebrar missa e com o tempo foi necessário construir uma igreja. Foi feita uma reunião e decidiram construir a igreja no sítio dos meus pais. Foram organizadas algumas festas, a quermesse para conseguir arrecadar dinheiro para comprar madeiras e demais materiais para construir”.

“A primeira quermesse foi realizada em junho atrás desta casa onde moro hoje, para celebrar o São João. Muita gente se reuniu e foi uma festa muito animada e divertida. Depois que esta primeira festa se tornou uma tradição, o Padre Aldo nomeou São João como padroeiro, e a comunidade passou a chamar-se Bairro São João”.

“Sabe Leandro, o povo sofreu bastante para ficar aqui em nossa região. Pensa só, um lugar de mata fechada, sem casa, água encanada ou energia... não é fácil. O interessante foi que pude observar pessoas diferentes que migraram de lugares diferentes. Dava para ver isso não só na maneira como falavam e no sotaque, mas também na maneira como organizavam as coisas e trabalhavam no campo. Aprendemos coisas novas e trocamos ideias. Dessa forma surgiu o bairro”.

“Vivi toda a minha vida aqui no São João e desenvolvemos um profundo carinho por esta pequena vila. Naquela época, comparando nossas terras aqui, tínhamos a possibilidade de ir para outro lugar, como Batayporã, Nova Andradina, mas sentíamos que nosso lugar era aqui e ficamos”.

2.3.3 MEMÓRIA DE EMIR

FOTOGRAFIA 10. ANTÔNIO EMIR MORAES



Fonte: Arquivo pessoal da colaboradora, 2022.

As narrativas que induziram a presença de Emir na rede de número 03, tal como ele gosta de ser chamado, estiveram presentes nas semelhanças que trafegam sobre a história da primeira escola construída em Taquarussu. As colaborações não sabem ao certo a localidade, porém referenciam o colaborar, pois ele residia próximo à escola. Emir, portanto, contribuiu na penúltima rede analítica.

Antes de entrar em contato com o colaborador, busquei analisar as entrevistas anteriores e, percebendo grandes referências ao seu nome, resolvi realizar o convite. De imediato, procurei entrar em contato com sua filha, Elen Moraes, via ligação telefônica e via mensagens de WhatsApp, buscando informações sobre a saúde e a disponibilidade.

No dia 18 de maio de 2022, sob chuva e frio, me desloquei até a rua Tancredo Neves nº 182, onde Emir me recebeu com toda atenção possível. O colaborador demonstrou muita empolgação e iniciou a entrevista abordando sobre a sua aposentadoria que havia acabado de conquistar, porém, alegando que ainda iria continuar trabalhando em sua residência.

Nessa entrevista, pude compreender e enxergar muito dos textos discutidos em sala de aula e apontados sob orientação. Enxerguei muito do que o professor Leandro Seawright diz ao abordar o tempo da memória: “[...] os vai e vens” (Meihy & Seawright, 2020, p. 23). De certa forma, pensando nas outras colaborações, saí dessa entrevista com um olhar diferente de quando entrei.

A segunda colaboração foi marcada e realizada no dia 18/08/2022. Após a finalização da entrevista e passado pelos procedimentos de materialização da escrita, enviei o material para Emir para que o mesmo pudesse realizar uma leitura preliminar.

“As coisas eram muito difíceis para quem chegou depois do desmatamento, imagina para quem chegou e precisou desmatar”.

“Cheguei nas terras de Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul) com 15 anos em 1970, éramos do estado de São Paulo da cidade de Teodoro Sampaio. Quando chegamos a comunidade estava se formando, lembro que naquela época não tinha ginásio e para continuar os estudos, esperei dois anos para entrar na 6^o série. A pequena escola de madeira não tinha a minha série, por isso, quando construíram a escola Estadual voltei a estudar. Tinha muita dificuldade com o inglês porque no estado de São Paulo a escola ensinava francês. Mas era muito bom, havia muitos amigos que levo comigo até hoje”.

“Em São Paulo, meus pais, Alba Emilia Moraes e Antônio Hermes Moraes, trabalhavam na lavoura, num pequeno sítio arrendado. Com o tempo, os proprietários reivindicaram as terras e meu pai teve que procurar outra maneira de sobreviver e criar seus nove filhos. Tivemos algumas dificuldades e ainda parece que escuto meu pai falar: “Não será difícil criar esses meninos num pequeno pedaço de terra””.

“Em busca de melhores condições de vida, meu pai começou a procurar um novo lugar, no caminho escutou sobre terrenos que estavam à venda aqui, sendo “bons e baratos”. Muitos paulistanos vieram para Taquarussu por causa das condições boas das terras”.

“Ele decidiu visitar a terra das Taquaras. Ele gostou muito e achou muito bom. O dinheiro que trouxe de lá não permitiu comprar um sítio aqui, só foi possível comprar uma casinha de madeira e abrir um barzinho. Surgiu as necessidades e acabamos gastando todo o dinheiro. Esse foi outro problema que meus pais tiveram que resolver. Depois começamos a trabalhar com roça em terrenos arrendados na região do Procópio. O dinheiro ganho com a lavoura cobria despesas do bar, e os lucros davam para manter a casa com alimentos. Nossa sorte foi a relação com os fazendeiros, negociando as terras para arrendamento”.

“Chegamos aqui e vimos uma comunidade rural com sitiantes, mas as coisas não foram tão fáceis. Por causa do veneno usado na lavoura, fiquei doente e com o tempo parei de trabalhar na roça e fiquei apenas no bar. Mas por muito tempo minha vida foi assim. Para ganhar dinheiro, trabalhei muito no bar e na agricultura. Agora estou aposentado, trabalhei muito tempo em uma repartição pública e agora estou “na manhã do gato” só esperando os dias”.

“Fico imaginando o pessoal que chegou quando aqui era tudo mato. Quando cheguei com minha família já havia muitas áreas desmatadas, nós não derrubamos a mata, porém mesmo assim as coisas eram difíceis. Agora imagina para quem derrubou, limpou, queimou e abriu estradas. As poucas estradas que existiam eram bem ruins, éramos subordinados a Batayporã e tudo que tinha que resolver ou ia para lá ou em Nova Andradina. Mas aqui em meados de 1970 já tinha uma escolinha, fora as outras espalhadas nos sítios e outros bairros da redondeza. Havia também uma igreja, campinhos de futebol, alguns bares e armazéns. O que tinha muito era plantação, muita gente mexendo com lavoura”.

“O foco na época era o algodão, as roças todas brancas e lindas, era tão bem produzido que por um tempo o povo chamava aqui de Ouro Branco. Hoje somos Taquarussu, cidade muito bonita e animada. Há... você sabe por que aqui chama Taquarussu? Vou te contar!”.

“Antigamente havia muitas moitas de bambu do mato. Então a origem da nomeação é devido à Taquara. Ontem mesmo um rapaz lá do bairro da festa veio perguntar para mim se o bambu que encontramos hoje em alguns sítios é nativo da região. Falei que sim. Aí ele perguntou: por que no bairro da festa não tem bambu? Informei ele que o bambu dá em terras mais frescas e arenosas, as terras do Bairro da Festa são boas, porém quente”.

“Mas devido ao bambu aqui ficou Taquarussu, taquara grande. A cidade hoje também é conhecida como Flor do Vale, graças a um concurso da prefeitura organizado e selecionado por Dona Lourdes, o nome aparece até no hino nacional de Taquarussu "para frente Flor do Vale". É um hino muito lindo, fala de tudo, algodão, crianças, professores, empresas, pioneiros, o que Taquarussu realmente passou, conta a trajetória de um povo que lutou e luta até hoje... é muito lindo”.

“O algodão foi uma força muito grande para Taquarussu. Todos os dias, do amanhecer ao anoitecer, saiam muitos caminhões lotados de sacas de algodão, cerca de 12 a 15 caminhões por dia. Produzia cerca de 350 mil arrobas, era muita coisa. As pessoas até faziam piadinhas que aqui era a serra pelada, porque qualquer criança tinha “paia” no bolso pela colheita do algodão”.

“Com o passar do tempo, surgiram alguns problemas, apareceu o bicudo-do-algodoeiro e o campo começou a estragar. Então as pessoas procuraram outras opções: soja, milho, feijão e mandioca. Esse problema enfraqueceu a lavoura, muitas pessoas desistiram de cultivar algodão e, com o tempo, ninguém mais plantou. Também começaram a utilizar máquinas e a mão de obra humana foi diminuindo”.

“Mas várias famílias vieram para cá em busca de algodão. Pessoas de cidades próximas e de outros estados vieram com suas famílias apenas para plantar, colher e ganharam muito

dinheiro. Era normal que novas pessoas chegassem aqui todos os dias, e a maioria delas não eram residentes, apenas arrendavam para plantar. O algodão costumava ser muito bom. Depois que essa onda passou, comecei a trabalhar na SEMAT, e agora estou aposentado e tenho um pequeno trabalho alinhando cadeiras”.

“Como a grande parte das pessoas eram arrendatárias, ao final dos contratos muitos iam embora. Grande parte dos donos de terras eram fazendeiros, arrendavam para famílias desmatar, plantar por cerca de três anos. Ao final do contrato precisava sair das terras e entregar com a grama plantada para a criação de gado. Havia muitas fazendas e criação de gado movimentou também Taquarussu contando com cerca de 30 mil cabeças”.

“Mas o nosso primeiro passo foi plantar. Como a maioria das famílias, arrendamos terras na região do Procópio. Diferentemente dos preços da Viação, não tínhamos dinheiro para comprá-lo porque era caro. Nessa época, os fazendeiros já haviam comprado grande parte das terras. Funcionava assim, arrendava uma derrubada por 3 anos, plantava e colhia. No final dos 3 anos devolvia ou refazia o contrato. Aqui havia muitos arrendatários, eram famílias com mais de 3 filhos. Saía da cidade de manhãzinha de bicicleta para ir cuidar da lavoura, passando por dentro da mata com muito medo da onça pintada e de outros bichos do mato. Havia muitos animais, não é como hoje. Quando chovia formava longas poças de água, a gente passava quase ficando para trás atolado no barro”.

“Tudo muda, as coisas mudaram, e Taquarussu mudou muito. Hoje é muito diferente de quando cheguei aqui. Estradas de chão, muito mato em volta da cidade, casas de madeira e barro. Havia muitas crianças, muitas pessoas, muitas famílias, muitos jovens, chegou a quase 10 mil habitantes, porém com tempo esses jovens tiveram que sair, ir embora em busca de estudo, emprego, uma vida melhor”.

“Roça deu muito dinheiro aqui em Taquarussu, mas nossa juventude sempre quis se aventurar em busca de algo melhor e novo. Meus filhos são exemplos, foram embora para estudar, um está em Aquidauana e outro em Naviraí. Você também é exemplo, sai daqui para estudar lá em Dourados. Isso é lindo de se ver!”.

“Só para você ter uma noção da quantidade de pessoas, na década de 1970 começou a ter algumas linhas de ônibus, trabalhei na que levava até Batayporã. O ônibus cabia cerca de 30 pessoas, e muitas vezes ia cerca de 100 pessoas ou mais, parecia uma lata de sardinha”.

“O fluxo de pessoas para cá foi muito grande, mas pelos motivos de estudos e também pela doação de terras que ocorreu 1998, muitas famílias saíram daqui e foram para outros locais, como Eldorado, Nioaque, Dois irmãos do Buriti, Bataguassu. Foi ficando só o pessoal mais velho que tinha o sítio e tinha que cuidar da lavoura e dos animais”.

“Taquarussu não foi planejado, não teve nenhum projeto ou interesse de alguma empresa, ou governo como Batayporã e Nova Andradina. Aqui era para ser fazendas, porém como pessoal gostou das terras, começou a aglomerar muitos sítiantes e logo formou uma vila”.

“Antes do povo chegar aqui, Taquarussu, houve algumas tentativas de colonizar. Teve um projeto que foi organizado com o governo dos EUA, teve o projeto de Batarama, e antes de Batarama também, bom, os mais antigos contavam, que os primeiros donos da Viação Colonizadora tentaram colonizar a região, mas faz tempo isso. Não vi esse ocorrido, porém sempre escutava os mais velhos contarem no bar”.

“Quando comecei a estudar vinha de bicicleta. Como a gente tocava roça no bairro Procópio era necessário. Dormia em Taquarussu, de manhã ia para a roça e de tardinha vinha para ir para a escola. A gente plantava muito amendoim, feijão e algodão. O arroz a gente planta no meio do algodão. Ao final da colheita tiramos muita fartura e quando sobrava a gente vendia. Era difícil, muito trabalho, mas muita fartura. Quando finalizamos a nossa colheita meu pai liberava para ajudar e ganhar um dinheirinho com os vizinhos de sítio”.

“Aos sábados era uma alegria, eu e meus irmãos vínhamos todos animados para Taquarussu, para ficarmos no bar, jogar uma sinuca, conversar com os amigos e se divertir. Festa aqui tinha de monte, todo final de semana tinha um forró, uma sanfona. O pessoal era muito animado naquela época. Tinha muitas festas próximo ao Bairro da Festa, no Bairro São João, a gente pegava as bicicletas e ia se divertir, o povo ficava até tarde dançando e conversando. Não via uma briga, diferente de hoje que muitos só sabem sair para arrumar confusão”.

“Aqui já tinha a mercearia do Antônio Rodrigues, do Zé do Jipe, e outros comércios, mas o nosso era bem movimentado também, o pessoal gostava da gente. Taquarussu tinha muita gente com dinheiro no bolso, o povo queria gastar, então saía para os bares para jogar sinuca e se divertir”.

“No nosso bar chegou a ter cerca de 50 a 80 bicicletas encostadas, a pessoa chegava e já pedia uma cerveja, era ótimo. Com essa Usina proporcionando emprego hoje temos boa quantidade de pessoas, mas naquela época tinha o dobro. Tudo influenciado pelo algodão e pelas terras boas. Chega a ser engraçado, porque era tudo tão difícil, tudo muito trabalhoso, porém tudo muito gostoso e bem vivido”.

“Como tudo muda, com o tempo pensamos em inovar. Começamos a organizar bingos e assar frangos para vender. Foi um sucesso. O povo ia cedo e ficava até umas três da tarde. O pessoal gostava muito. Mas com o tempo não começou a compensar, gastava mais do que recebia lucro, aí parei. Porém, o povo sempre ficava cobrando para voltar a fazer. É divertido,

reúne os amigos, mas cansa demais também. Tinha dia que precisava pedir para alguém me trazer em casa porque minhas pernas não aguentavam mais ficar em pé”.

“Havia muitas crianças aqui, o pessoal gostava de fazer filho naquela época. Tantas crianças que a escolinha lotava. Eu estudava de noite porque trabalhava de dia. A escolinha era no fundo de nossa casa e bar, bem de frente onde é a casa do ex-vereador Lorinho da Saúde. Eram duas salas de aula e uma cozinha pequena para fazer a merenda”.

“Lembro que às vezes uns alunos matavam aula para jogar sinuca em nosso bar. Depois com o tempo construíram a Escola Estadual, hoje como diretor o Ailton Gordiano está em reforma o prédio. Mas na época foi uma briga para construir o colégio aqui, era para ser em Batayporã, porém como o Vice-prefeito era daqui, conseguiu construir. Os professores desta escola eram Irene, Lúcio e Lourdes. Tinha outros, mas não me recordo”.

“Mas naquele tempo Taquarussu era subordinado a Batayporã, quando chegava 7 de setembro e o aniversário da cidade a gente ia até Batayporã para desfilar e comemorar. Uma vez deu uma chuva e a gente com frio no meio do tempo, rezando para a falação dos políticos acabar para a gente poder ir embora. Lembro que naquele tempo o prefeito era o Senhor Henrique, ele conversava meio estranho e a gente não entendia quase nada, e ele falava e não parava mais... foi bem cansativo”.

“O pessoal aqui sempre foi muito religioso também. Quando cheguei já tinha uma igreja feita de madeira. Ela era onde hoje reside o Zinho Crivelli, depois com tempo construíram onde conhecemos hoje. Havia poucas ruas, e todas de chão. Mas era muito gostoso, muita gente, um povo muito animado. Aos finais de semana a rua lotava, pessoas indo para igreja, jogar futebol, jogar sinuca e conversar com os amigos”.

“Com o tempo chegou o telefone, o correio. As coisas foram melhorando. Nossa energia era fornecida por um gerador, que funciona até 23:00 horas. É até engraçado e interessante. A escola fica aberta até as 23:00 horas, e quando faltavam cerca de 05 minutos para as 23:00 horas, o sinal apitava e todos saiam correndo, arrumava as coisas na bolsa para ir embora. Quando pisávamos fora da sala o gerador de energia desligava e todos caminhavam no escuro até suas casas, sob as luzes da lamparina. Quando chegava em casa já tinha um lugar com fósforo, vela ou lampião, jantava e ia dormir para pegar cedo na lavoura. Naquela época era assim, difícil, mas muito bom”.

“As coisas foram evoluindo, tínhamos moradores daqui que ganharam eleição para vereador e começaram a lutar pelo bairro, e o vice-prefeito era representante nosso também, o senhor Deca. Quando Taquarussu se desmembrou, o Deca foi nomeado a prefeito pelo governador do estado, foi um bom representante. Mas quando o Deca assumiu outro

representante nosso morreu, o senhor Adelino que era Presidente da Câmara de Batayporã. Ele ficou muito alegre e foi comemorar com os amigos tomando whisky, ele não era muito de beber por conta da religião, a pressão dele desregulou e morreu. Foi uma grande perda para nossa política. Mas tivemos outros representantes, o finado Zuza e também o Zé Vicente que não era político, mas lutava por Taquarussu. Antes de ocorrer a divisão do estado ele cansou de pegar o Jipe e ir até Cuiabá resolver problemas e conquistar coisas”.

“Mas com o desmembramento e a nomeação do Deca, Taquarussu começou a ter conquistas. O Deca já na sua posse pediu algumas benfeitorias ao governador da época, e logo foi organizado a Prefeitura. Não é onde conhecemos hoje, começou a funcionar onde hoje é a casa da família do finado Zuza, próximo à praça. É uma casa bem grande, com um monte de sala. Depois construíram a que temos hoje”.

“Muitas pessoas vieram para cá, o pessoal do Zé Baiano foi um dos primeiros. Esses povos antigos têm muitas histórias para contar. Minha família ajudou a fundar a região de Teodoro Sampaio SP, onde presenciaram muitas coisas sobrenaturais. Aqui em Taquarussu também tem histórias, era comum escutar a história do Saci contada pelo Agenor Baiano. Você sabe, quando algo acontece, todo mundo fala sobre isso. Nunca vi nada assim por aqui, mas escutava as histórias. Vi muitos animais silvestres: onças, sucuris, pássaros, tamanduás”.

“Mas trabalhei bastante aqui. Já fiz de tudo, trabalhei na lavoura, toquei bar, trabalhei como cobrador, no correio e por muito tempo trabalhei no viveiro de mudas aqui de Taquarussu. Aprendi muito ali, fiz muitas mudas de plantas que quase ninguém sabe fazer”.

“Muitas pessoas de fora já veio aprender comigo como fazer mudas, até o pessoal do IFMS de Nova Andradina. Depois por conta da rixa política tive que sair do viveiro e fui ser porteiro da escola municipal, onde me aposentei. Mas vivi muito aqui em Taquarussu, dei muita risada, chorei, tive conquistas e perdas, porém hoje estou curtindo o tempo com minha esposa Marilene Honório de Barros, tenho meus filhos todos criados e soltos pelo mundo, somente minha filha Ellen Barros que vive hoje aqui comigo e meus netos, como você pode ver correndo e bagunçando pela casa. É só alegria”.

2.3.4 MEMÓRIA DE TEREZINHA TEIXEIRA ROSA

FOTOGRAFIA 11. TEREZINHA TEIXEIRA ROSA



Fonte: Arquivo pessoal da colaboradora, 2022.

Terezinha Teixeira é filha de Miguel Araújo Teixeira e o seu nome aparece na maioria das entrevistas ao se tratar da história da formação do bairro ruralizado. Para marcar um primeiro encontro, entrei em contato com o filho mais novo de Terezinha, Ebersson Teixeira Rosa, para obter informações.

No dia 28 de julho, obtive minha primeira conversa com a colaboradora. Quando cheguei em sua casa, ela estava fazendo suas tarefas diárias, então, imediatamente, parou para me cumprimentar, arrumou a mesa e me ofereceu algo para beber. Recebi um copo de água.

Terezinha se mostrou muito animada com a entrevista. Expliquei-lhe os motivos da pesquisa e, nesse instante, percebi que a entrevista já havia começado, mesmo com o gravador desligado. Rapidamente liguei o aparelho e demos continuidade. A colaboradora indagou muito e se mostrou decepcionada ao comentar sobre a natureza, acerca das mudanças no meio ambiente pela derrubada da mata e sobre a caça dos animais silvestres. Se emocionou ao lembrar a sua participação da primeira novena em Taquarussu. A entrevista gravada durou cerca de 00:42 minutos, além dos momentos que o gravador não estava ligado.

Ao finalizarmos o primeiro encontro, já deixamos negociado e marcando o último, o qual foi realizado no dia 11 de agosto de 2022 às 15:30. Ao iniciarmos, ela relatou que já havia contado tudo, mas que iríamos conversar novamente. A entrevista durou cerca de 30 minutos.

“Cresci com Taquarussu, cheguei aqui ainda criança e vi Taquarussu progredir e dar seus frutos”.

“Meu nome é Terezinha Teixeira Rosa. Costumo dizer que não vim para Taquarussu, nasci com Taquarussu. Porque é uma cidade muito amada e linda onde cresci como pessoa e mulher, onde tive família e construí minha vida. Acompanhei o seu desenvolvimento e a chegada de novas famílias e vi como foi lançado os primeiros tijolos para a construção da primeira igreja. Ainda estou aqui, viúva de Pedro Rosa, com dois filhos e três netos”.

“Taquarussu é uma cidade muito bonita e organizada, com belas casas e coqueiros adornando as ruas. Mas não era assim, antes tinha muita mata, vieram famílias e homens solteiros que armaram barracas na beira do Córrego Baile. Começou o desmatamento, começou a construção de casas, estradas, comércios, e tudo mudou. As florestas foram transformadas em roças, pastos para criação de gado e casas, tudo feito à mão e com a força do braço. Assim foi surgindo o Bairro Rural de Taquarussu parte de Batayporã”.

“A minha história em Taquarussu começa quando era criança, entrando em um barraco de lona com os meus pais Miguel Araújo Teixeira e Isabel Ribeiro Teixeira e os meus irmãos. Uma época em que não tinha ninguém, apenas florestas e muitos animais silvestres, onças, capivaras, macacos, sucuris e muitos tipos de pássaros. Todo tipo de madeira, e onde estamos hoje, fomos as primeiras famílias a derrubar a floresta. Havia tanta madeira aqui que as pessoas cortavam, construíam casas e vendiam o que sobrava. Com tempo se via muitos caminhões, cerca de 10 a 12 cheio de ipê, peroba, cebolão, pau de alho”.

“Viemos do estado de São Paulo antes de chegar em Taquarussu. Minha família trabalhava na terra de uma fazenda perto de Presidente Venceslau. Quando meu pai era solteiro, trabalhou em uma fazenda e conseguiu juntar algum dinheiro para investir em terras, e até comprou terras em Minas Gerais. Casou-se com minha mãe em Minas Gerais, assinou contrato de arrendamento e mudou-se para São Paulo para mexer na cultura de algodão. Ele queria expandir e procurar outro lugar e comprar terras e encontrou terras no Mato Grosso”.

“Naquela época, a Viação São Paulo-Mato Grosso anunciou nas rádios e nos jornais uma proposta de venda de terrenos bons e baratos em Mato Grosso. Meu tio Antônio Pinto já estava aqui e morava no Bairro Pouso das Araras e sempre comentava das farturas que a terra

aqui proporciona. Lembro-me deles comentando sobre o tamanho das abóboras, das melancias grandes e suculentas e das lindas espigas de milho. Meu pai ficou muito curioso e veio conhecer o lugar. Ele realmente gostou, achou a mata linda, ficou fascinado pelas árvores, pelos animais, por tudo. Conversou com minha mãe e ela também gostou e resolveram comprar as terras”.

“Meu pai queria comprar um sítio no Bairro Pouso das Araras por influência do tio, mas decidi olhar outros locais. Quase não tinha ninguém aqui, mas meu pai adorou essas terras. Ele ficou fascinado por tudo. Era tudo mato, com muitos animais silvestres, beija-flores, sabiás e onças. Os anúncios que a Companhia fazia eram verdadeiros, as terras eram ótimas e baratas, qualquer um conseguia comprar e formar um sítio”.

“Chegamos a Taquarussu no ano de 1965 e para entrar nas terras abrimos uma picada feita de facão, foice e enxadão. Viemos com um pouco de mudança e uma lona para erguer um barraco. Os primeiros passos foram derrubar a mata, abrir um poço e começar a plantar e criar alguns animais. Nos lotes a casa era construída com troncos de coqueiro ou outra madeira grossa, depois retirava a argila, molhava e passava entre os espaços vagos para tapar os buracos e formar uma parede lisa, como fosse um reboco. Utilizava também a palha de coqueiro em volta da casa, no telhado. Também era produzido pequenas ripas de madeira para ser utilizado como telhas”.

“As plantações muitas vezes os porcos-do-mato invadiam e alguns animais de criação a onça pegava, era um pouco complicado. Mas a vida foi seguindo assim, depois construímos uma casa de madeira. Conforme eu ia crescendo, Taquarussu ia também”.

“Havia muitas árvores e muitos animais aqui. As pessoas derrubaram florestas e venderam a madeira. Essa madeira financiou investimentos, compras de grãos e até ajudou na construção de casas, até que uma família percebeu a utilidade desse serviço e montou uma serralheria. Se bem me lembro, veio do senhor Castellari”.

“As coisas não foram fáceis. Lembro-me de quantas vezes meu pai teve que ir a cavalo até Nova Andradina. Demorou cerca de 3 dias. Ele dormiu lá, resolveu o problema e voltou. O verdadeiro choque para nós foi quando minha mãe ficou alérgica a uma picada de vespa. Ela ficou muito doente, muito inchada, cheia de bolotas e com uma febre terrível. Meu pai teve que correr para Nova Andradina para pegar remédio, viajou por dois dias. Fiquei aliviado quando chegou. Minha mãe tomou a injeção e se sentiu melhor cerca de uma hora depois. Meu pai foi com o único cavalo que a onça não comeu, mas quem não tinha cavalo ia a pé”.

“O maior perigo naquela época era a onça, e eram muitas. Agora também existe no nosso Parque Ecológico, mas é mais seguro. Lembro quando meu pai chegou em casa no escuro e uma onça quase pegou ele. A bateria do farol estava descarregada e meu pai gritava por minha

mãe. Quando ela saiu e acendeu o farolete, só viu a onça correndo para a roça de arroz. Ela iria pular nele”.

“Mas a nova vida foi melhorando e meu pai continuou a cultivar a terra, derrubar a mata, abriu algumas roças e começou a criar várias vacas para fornecer leite. Lembro-me da primeira vaquinha que tive. Ela era linda e toda malhada. Nunca a esqueci. Depois comprei outra chamada estrela e outra chamada Azeitona. Elas ajudavam muito, e com o leite minha mãe fazia queijo”.

“Mas não foi fácil, meu pai trabalhava muito e minha mãe também. Lembro que meu pai sempre estava com algum ferimento, feridas por adentrar a mata, às vezes se cortavam com as ferramentas de serviço. Várias vezes eu e meus irmãos ficamos doentes e meu pai pensou em desistir e ir embora de Taquarussu por não ter hospital perto, mas minha mãe não deixou. Lembro-me de meu pai ir até minha mãe uma tarde e dizer: "Isabel, as coisas não estão indo bem. As crianças estão sofrendo, estão maltratados. Vamos deixar isso aqui e voltar para São Paulo." Minha mãe respondeu: "Não, você não queria vir para Mato Grosso. Então vamos ficar aqui e continuar nossa vida". Minha mãe era uma mulher de palavras e coragem”.

“Mas as coisas progrediram e tudo ficou mais fácil, mas era bem diferente de hoje. Muitas pessoas se mudaram para cá em meados da década de 1960. Armaram barracas às margens do Córrego Baile. Por causa da distância não tínhamos muito contato com o pessoal de lá, mas quando íamos para Nova Andradina ou Batayporã podíamos ver as barracas no leito do rio porque a estrada passava próximo dele”.

“Naquela época as pessoas não eram tão orgulhosas e maldosas como hoje, todo mundo ajudava todo mundo. Quando chegava alguém novo cada um dava um pouco para ajudar, não vendia não, emprestava ou trocava. Era simples... naquela época ainda não havia comércio. A gente trocava alimentos e sementes sem o valor da moeda. Só usávamos o dinheiro quando íamos para Nova Andradina ou Batayporã. Mas aqui foi em forma de troca. Cansei de ver meu pai ajudar as novas pessoas que se aventuraram a chegar aqui”.

“Havia bastantes lugares isolados também. O movimento era mais no centro. Onde estamos hoje não tinha ninguém, só a nossa família e quando chegava alguma visita era motivo de festa e felicidade, minha mãe fazia um banquete para receber”.

“O Córrego Baile ajudou muitas famílias que iam chegando, como a família do Senhor Agenor. Além do Córrego Baile, existe também o Córrego Baraca. Aqui na região sempre teve muita festa, as pessoas gostavam e até hoje adoram dançar, sair e bater um papo com os amigos. Porém, para saberem para onde ir, as pessoas nomearam o córrego de Baile, devido às festas

que o povo organizava. Então perguntava-se: “onde será o baile hoje?” O outro respondia: “hoje não é no Córrego Bacara, é no Córrego Baile””.

“Com o tempo, a situação melhorou ainda mais, o meu pai plantou roças, mais família foram chegando e formou-se a comunidade rural. Entre as famílias mais antigas daqui, tem a do senhor Agenor e de Dona Rosa, o senhor Zé e sua esposa Baiana, o senhor Plásidio Candido dos Santos, o senhor Zé do Gipe, o senhor Benedito Machado, lembro do senhor Zé Quirino, Sr. Marciano Cordeiro, Sr. Bruno Crivelli e sua esposa e filhos”.

“A família de Mathilde Gonzaga estava no Bairro São João, todos os dias chegava uma mudança diferente e se espalhando pelas áreas rurais, proprietários e arrendatários. Havia também alguns empreiteiros. O Benedito Machado contratou alguns homens para derrubar a mata e construir uma casa, para onde se mudou. Aqueles que não tinham condições de pagar aos empreiteiros tinham que fazer o serviço”.

“Quando meu pai entrava na mata, geralmente voltava para casa falando que havia encontrado pertences dos índios perdidos na mata. Naquela época as pessoas tinham medo, muita gente não vinha para cá porque no estado de São Paulo todo mundo falava que aqui era muito perigoso por causa dos animais e dos índios. Mas aqui em Taquarussu, em meados da década de 1960, havia índios perambulando pela mata. Nunca vi isso, mas as pessoas comentavam. Minha mãe tinha medo de deixar a gente sozinho, e quando eles morriam faziam túmulo no chão. Meu pai cansou de encontrar, porém, eles se afastaram e sumiram. Além dos túmulos, também existem casas construídas com coqueiros”.

“Tinha uma família que residia próximo ao porto 15, próximo ao rio Ivinhema, que criava duas crianças indígenas. Eles moravam próximo onde o finado senhor Albino Machado residia. Meu pai comentava muito que encontrava carcaças de bichos, porém ficava claro que não era pela interferência de outro bicho, eram vestígios humanos. Até então, quando meu pai ficou sabendo das terras, contaram para ele que uma vez viram uma índia, mas como o povo é maldoso e não tem respeito, assustem ela, e com tempo eles foram para a região de Dourados. Acho que se você procurar a Dona Dita, esposa do Albino Machado, ela pode lhe dar mais informações”.

“No passado, não havia muita segurança, mas todos traziam cães para manter as suas casas seguras. Não eram como os cães decorativos de hoje, eram cães de verdade, cães enormes que todos tinham medo quando olhavam para eles. À noite, quando a família descansava após um dia de árduo trabalho, era comum escutar o som de um cachorro correndo e latindo como se estivesse com dores. Acontece que era um local de mata onde vivem muitos insetos e às vezes os cães são picados por esses insetos e até por animais peçonhentos. Quando o incidente

aconteceu, por medo, algumas pessoas disseram que foi o caipora e outras que foi o Saci-Pererê quem pegou e espancou os cachorros. São histórias que faziam parte do nosso imaginário daquela época. As pessoas contam muitas histórias. Mas em meio a essas histórias, as pessoas trabalharam duro para conseguir algo aqui. Claro que as condições da terra ajudaram muito”.

“Com o tempo se formou uma comunidade de sitiantes, o povo vendo a necessidade começaram a montar alguns comércios, o senhor Gileno, o Zé do Jipe e o Antônio Rodrigues. Surgiu farmácias, escolas e uma igreja, mas aqui ainda era parte de Batayporã, então tinha que ser resolvido lá”.

“Lembro-me da primeira escola. Era localizada próximo à atual casa do ex-vereador Lourinho, construída de madeira e seus primeiros professores eram de outras cidades. Era uma escola pequena, sem nada de estrutura, mas tinha muitos alunos. Nos primeiros dias a gente se sentava no chão, não tinha banheiro e a situação era complicada. Mas aprendemos e estudamos sentindo o cheiro das colheitas. A filha de Antônio Rodrigues, Anita, foi a primeira professora, seguida por Ione, Lúcio e Dona Lourdes”.

“Ela era ali de frente onde hoje é a capela mortuária, e naquela época tinha muita criança. Lembro muito da minha querida e adorada professora Anita, até hoje sinto o cheiro dela por que ela era muito maravilhosa. Ela é filha do finado Antônio Rodrigues. Depois a irmã dela, a Jovina também veio e deu aula. Depois de Jovina veio a Neuzinha Gamba, Agenor, Neuzona, Maria Bachiega, o Pedro, Luiz. Naquela época era muito gostoso, tinha festas juninas ótimas. Hoje temos grandes professores também no município. Meu filho Eberson é Professor, você também Leandro, o Ailton Gordiano, o Rogério. É de encher o coração de alegria poder ver essa juventude se preocupando com a educação, vejo a correria de vocês. Outro professor é o Carlinhos Braz, o finado pai dele também é das antigas aqui”.

“Para ter merenda nossos pais levavam e deixavam na escola. Se bem me lembro, um pouco depois o prefeito Manoel Leite também começou a ajudar enviando leite em pó. Não ligavam muito para Taquarussu”.

“Trabalhamos muito, cultivamos, colhemos e ganhamos muito dinheiro, talvez por isso não nos deram atenção. Veja, a escolinha era uma casinha de madeira, sem nada, sem banheiro e sem chão, era em cima de uma terra solta. Não tinha café da manhã, café da tarde e nem almoço. A gente trazia de casa e partilhava. Portanto, éramos independentes desde o início. Territorialmente éramos parte de Batayporã mas no sentimento não”.

“Depois foi construída a escola estadual que conhecemos hoje. Mas era um tempo ótimo, o senhor Lúcio e Odomiro escreveram o hino, mas demorou muito para ser reconhecido. Nosso hino é um dos mais lindos da nossa região e me lembro que quando era estudante

cantávamos o hino de Taquarussu como os alunos e os professores cantam hoje, mas naquela época a letra não era reconhecida e não tinha o mesmo ritmo”.

“As pessoas vieram de lugares diferentes, cada uma com seus costumes, ideias, características. Todos nós precisávamos acreditar em algo para seguir em frente e com isso as pessoas começaram a realizar reuniões de oração e depois construíram igrejas, cada uma com sua religião”.

“Lembro muito bem da primeira missa que aconteceu aqui, foi na casa do senhor Antônio Rodrigues, ele tinha um bar e convidou um padre para rezar, não lembro o nome dele. Lembro-me porque foi muito emocionante para mim e para minha mãe. Minha mãe Isabel foi uma mulher muito religiosa e havia muito tempo não ia à igreja. Foi lindo ver ela rezar o terço”.

“Depois construíram uma Igreja feita de madeira, era onde o Zinho Crivelli vive hoje, bem na avenida. Hoje o povo tem o costume de querer se aparecer mais que o outro, dizer que foi fundador e construiu tal coisa. Mas afirmo para você que foi construído com a participação de toda a comunidade, cada um ajudava na forma que podia. Um dava madeira, outros tijolos, outros ajudava a erguer. Até a escola ajudou, fizeram uma quermesse e venderam frango para ajudar. Todo mundo tinha boa vontade e ficou muito tempo ali. Depois com o tempo foi construída a paróquia que temos hoje”.

“Além da Igreja Católica, havia outras religiões, Benedito Machado era da Igreja Cristão do Brasil e Zé do Jipe era da Assembleia de Deus, eles faziam reuniões em suas casas. Havia também muitos curandeiros que benziam com raminhos. Se não me engano, Dona Marina benzia. Houve uma época em que houve uma epidemia da doença de Chagas, doença transmitida pelo inseto do barbeiro. Muita gente adoeceu e procurou benzedeiros e outros remédios. Diziam que era por causa da floresta e das casas de barro e palha, mas tenho certeza que muita gente já migrou doente. Infelizmente, minha mãe faleceu aos 30 anos devido a esta doença”.

“As coisas aqui foram melhorando, chegando mais pessoas e começou a surgir a comunidade. Meu pai com o tempo comprou bastantes terras, então para ajudar começaram a lotear para vender e até doar. Quem fez muito isso foi meu pai Miguel Araújo, Benedito Machado, Manoel Antônio Marciano Cordeiro e Bruno Crivelli”.

“Quando chegamos todo mundo estava investindo em algodão, para onde quer que você olhasse dava para ver esses botões brancos, que aqui começamos a chamar de ouro branco. Era muita fartura e dava muito dinheiro, até para construir o hospital de Batayporã, pediram para a gente doar, lembro como se fosse ontem. Éramos subordinados do Bata, mas não tinha

necessidade de pedir ajuda a eles, eles que precisavam da gente... Que bom que Taquarussu se separou de Batayporã, não precisamos deles para comer nem beber”.

“Também foi plantado feijão, arroz, milho, amendoim e hoje temos muita cana-de-açúcar. Começaram a fazer estradas, a própria população trabalhava nelas, mais para frente o Prefeito Manoel Leite mandou máquinas para ajudar, e também pelos interesses dos fazendeiros para fazer passagem para suas fazendas”.

“O algodão aqui era de muito boa qualidade e até as crianças tinham muito dinheiro no bolso naquela época. De 1960 a 1962, muito se comentava sobre como ninguém colheu as primeiras plantações porque a terra era tão fértil e o algodão tão viscoso que já não prestava. Depois de dois anos, o negócio começou a decolar, foi necessário a manipulação da terra para conseguir uma boa colheita. A produção era tão boa e tão lucrativa que o pessoal chamava aqui de “ouro branco””.

“Com o tempo, as pessoas perceberam a quantidade de bambu que havia na floresta e por isso ela aqui ficou conhecida como Taquarussu. Bom... sei disso desde que era uma criança, foi por esse motivo. Naquela época, nem sabia dizer Taquarussu, eu falava: “Taqualussu”. Hoje também chamados de “Flor do Vale”, foi um concurso que a prefeitura organizou uma vez, aí colocaram esse apelido”.

“Além de Taquarussu, começou a formar outros povoados aqui em volta, muitos hoje são bairros rurais nossos. Tinha um que era próximo ao bairro cafezinho, foi planejado por Batayporã, se chamava Batarama. Tinha algumas famílias, inclusive minha prima residia, mas não deu certo, eles plantavam mamona e não tinha nenhum comércio”.

“Com o tempo, modernidades como máquinas e tratores foram introduzidas aqui também. Naquela época foi muito difícil, teve muito trabalho e muita dificuldade. Durante este período, muitas pessoas deixaram Taquarussu e os fazendeiros introduziram maquinaria e deixaram a mão de obra manual de lado. Ficou melhor para eles, mas ficou mais difícil para as pessoas que precisam trabalhar”.

“Mas uma coisa posso dizer com certeza é que foi o momento mais feliz da minha vida. De tarde quando estava acabando o dia os louros estavam indo em direção ao ninho, desta forma sabíamos que era hora de partir para casa para descansar.”

“Antigamente as pessoas eram mais unidas e humildes. Havia muitas festas, as pessoas se reuniam em torno de fogueiras, ouviram violões e acordeões e conversavam à noite toda. As crianças dormiram perto do fogo até tarde da noite. Nessas reuniões cada um levava um prato de biscoitos, bolo, milho, porco e frango assado... era muita fartura”.

“Depois com o tempo, vendo como aqui estava bom, com muitas pessoas e com força econômica, em meados da década de 1970 tornou-se distrito de Batayporã. Tínhamos representantes políticos na câmara de Batayporã. O finado Zuza, o senhor Deca, o José Adelino”.

“O Deca Pontes lutou muito pela gente, foi atrás de melhorias e lutou muito para aqui desmembrar de Batayporã. As pessoas que mais lutaram por Taquarussu foram Adelmo Benedito Pontes e Jesus Ferreira Neves. Me lembro que uma vez meu país comentou que o senhor Henrique falou que se a gente se desmembrasse de Batayporã, lá iria passar por alguns problemas, porque a gente dava muito lucro para ele. Porém, em 1980 a gente se desmembrou e o senhor Deca foi nomeado como primeiro prefeito, nomeado pelo governador do estado”.

“Muita coisa mudou, Taquarussu mudou, a mata virou rua. As pessoas mudaram, os costumes mudaram. No passado havia muitas feiras dos agricultores, ao contrário de hoje. As pessoas sentavam-se à volta de fogueiras e falavam sobre a vida, festejando com sanfonas. As casas eram rodeadas de roças e até as taquaras que deram nome à nossa cidade desapareceram, restando muito pouco. Hoje temos costumes diferentes, as pessoas ficaram mais contidas, cada um está no seu lugar. Criaram a festa do Peão, deram outros significados... Taquarussu mudou muito e o povo também”.

“Hoje não é como antigamente, tinha muitos animais lindos aqui. Nunca me esqueço uma vez que meu pai matou uns porcos-do-mato porque destruíram a lavoura e minha mãe disse “esse que você está matando hoje vai fazer falta amanhã. Vai chegar um tempo que ninguém mais vai ver esses bichinhos”. Dito e feito hoje não vemos mais, e confirmo para você isso porque eu via muito todos os dias. Aqueles bichos bonitos tudo sumindo, aqui tinha vários pássaros de todas as cores. O homem só destrói a terra por que ele não sabe a quantidade de beleza que existe nela, sem ser prédios, carros, sem ser o egoísmo dele próprio. O homem leva tempo para construir prédio, mas a natureza não, a chuva vem e a natureza cresce de novo. Lembro das flores, muito colorido, pena que o homem está destruindo”.

“Quero que você deixe registrado, já que você vai levar isso para um lugar de grande visibilidade, para que as pessoas se conscientizem, respeitem a natureza, respeitem o meio ambiente. Que estudem e encontrem modos para não utilizarem veneno na terra, porque isso mata a terra, mata os animais, mata a planta e mata o ser humano”.

“Fico muito agradecida por ter me procurado para realizar essa conversa, me emocionando muito em lembrar das coisas do passado, da minha mãe, do meu pai e hoje enxergar o quanto Taquarussu cresceu. Costumo dizer que cresci com Taquarussu, cheguei aqui ainda criança e vi Taquarussu progredir e dar seus frutos”.

2.4 REDE 04

Antônio, Anita e Lourdes são as pessoas que encerram a organização e a composição das redes colaborativas deste estudo. Os três fazem parte da quarta rede. Ao final da arte da escuta, encontra-se a “matéria humana” que identifica a comunidade e partilha caminhos para compreender a história de povoamento do município de Taquarussu. Essa cooperativa, que traz sentimento de pertencimento, é um vestígio de lembranças calorosas, repletas de encontros e desentendimentos, entre os que compartilham conceitos comuns.

2.4.1 MEMÓRIA DO PROFESSOR CARLINHOS

FOTOGRAFIA 12. ANTÔNIO CARLOS BRAZ



Fonte: Arquivo pessoal do colaborador, 2022.

Antônio Carlos Braz abre as colaborações da rede 04, a qual possui a presença de três professores. Entrei em contato com o colaborador por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp. Marcamos o primeiro encontro cujo assunto girou em torno do projeto de pesquisa e de sua relevância para a comunidade, bem como sobre estudos futuros.

“Todos procuravam a esperança de uma vida nova em um lugar novo, e Taquarussu proporcionou isto”.

“Sou o Professor Carlinhos - Antônio Carlos Braz, moro em Taquarussu desde 1971. Trabalho como professor desde 1988, sou concursado na rede estadual de ensino na escola Estadual Dr. Martinho Marques desde o ano de 1994. Também já fui concursado na rede de ensino municipal de Taquarussu na Escola Irene Linda Ziolle Crivelli pelo concurso do ano de 1987, porém exonerei em 2019 no mês de abril”.

“Na posição de professor de História e Geografia, especialmente de História, penso que carecemos muito de fontes, documentos escritos que tratem sobre a história de Taquarussu. Um centro de memórias seria fundamental, poderia ser organizado junto à população para pensar a valorização e armazenamento de fontes que conte a história do município. Temos ainda alguns moradores antigos que desbravaram, derrubaram a mata e que podem contribuir muito, porém, infelizmente pela idade avançada logo não podem estar mais entre nós”.

“Documentar a nossa história é fundamental, digo isso pela dificuldade que nos professores temos de trabalhar certos conceitos da nossa história por conta de não existir nada concreto, escrito, documentado. A história que temos é muito breve e com muitas lacunas. É importante termos um olhar diferente, olhar para aqueles menos desfavorecidos, pois até agora somente foi contando a história daqueles que se tornaram grandes proprietários de terra e que buscaram por meio dessas terras construir uma vida na região. Porém, temos outras pessoas com poucas condições financeiras, mas que também contribuíram muito para a formação de Taquarussu e de nosso estado”.

“Mato Grosso do Sul tem muitas culturas, interações de diferentes grupos. Estamos em um estado muito rico e contamos com a cultura indígena. Trabalhos como o seu devem lançar luz sobre esta questão, pois os povos indígenas são de grande importância. Basta olhar os nomes de cidades como a nossa, Taquarussu, que possui origem na língua nativa. Mais que isso, aqui em Taquarussu tivemos a presença da comunidade Ofaié”.

“É correto falar, compreender e ressignificar a história dessas comunidades que também estiveram em Taquarussu, porque com a intervenção dos brancos essas comunidades desapareceram de forma muito injusta. Pensar nisso é entender que eles estiveram aqui e usaram muitos dos recursos que os colonos da década de 1950 usaram. O córrego e outros rios, bem como o uso do bambu taquara, que originou o nome Taquarussu”.

“O Taquarussu surge de uma série de fatores diretos e indiretos. Temos o projeto Marcha para o Oeste, voltado à colonização de espaços, à formação de Batayporã e também ao

loteamento e venda de terrenos na Fazenda Samambaia pela empresa Viação São Paulo-Mato Grosso”.

“Taquarussu sempre foi um lugar ótimo de se viver, possui uma estrutura linda e um povo muito acolhedor. É umas das cidades mais belas do vale do Ivinhema. A nomeação Vale do Ivinhema se dá por conta do Rio Ivinhema que corta a região. Todos os municípios banhados pelo rio possuem esta denominação. Hoje conhecemos Taquarussu também pelo nome Flor do Vale, que surgiu a partir de um concurso realizado pela prefeitura. Também já chamada de “Ouro Branco” lá no início da colonização, denominação escolhida por conta das grandes produções de algodão. O algodão impulsiona muito a economia de Taquarussu quando ainda era parte de Batayporã. Essas plantações ajudaram a alimentar as famílias, forneceram os fundos para trazer mais alimentos para as suas casas e ajudaram-nos a obter bens materiais”.

“Os primeiros fluxos migratórios se deram no início da década de 1950, muitas pessoas saíram de São Paulo e outras regiões para comprar terras próximo ao município de Batayporã, terras da fazenda Samambaia divididas em glebas”.

“Minha família chegou em Taquarussu no mês de abril do ano de 1971, porém meu pai veio antes, no final do ano de 1969, com o Tio Gabriel o qual comprou propriedades no município de Batayporã e depois em Taquarussu. Meu pai Teodolino Braz se descolou com ele e adquiriu terras aqui”.

“Me recordo dele comentar com minha mãe Rosa Zanelato Braz da possibilidade de melhorar e começar uma vida nova, e Taquarussu proporcionou isto. Porém, de início minha mãe não queria, pois eu e meus irmãos éramos todos pequenos, eu com 04 anos, minha irmã Rose com 02, Izabel com 06, Maria 08 e o Zé do Braz com 12 anos. Minha mãe tinha medo e fora aquele pensamento que aqui só tinha bicho, mato e “índio”. Me lembro da minha vó reclamando da nossa mudança, que não era necessário, porém naquela época quando o marido, o “homem da casa” decidia algo não tinha muito o que fazer a não ser aceitar”.

“O tio Gabriel tinha um sonho de ajudar a construir uma cidade em Mato Grosso e essa estadia deles em Batayporã e Taquarussu fez com que nossa família se mudasse. A família de Gabriel, esposa e filhos, nunca residiram em Taquarussu, somente netos e outros parentes. Gabriel ficou sabendo das notícias das terras por meio de proprietários de terras amigos dele e comunicou meu pai, me recordo que se falava de uma gleba extensa sob responsabilidade do Capitão Nelson, ao qual comandava essa divisão de terra daqui”.

“Dizem, mas não tenho certeza, que da divisa do Rio Paraná para cá até próximo Dourados a responsabilidade era dele, então diversas glebas foram formadas e comercializadas antes da nossa chegada. Chegamos nos anos de 1970, porém já havia pessoas aqui nos anos de

1950. Nossa primeira referência aqui foi o Tio Gabriel, mas já estavam aqui também o Antônio Rodrigues que tinha um armazém em frente onde hoje é a Escola Estadual, onde hoje é a casa do Finado Albino, me lembro da família do Bruno Crivelli, senhor Agenor Baiano e Dona Rosa Anjos e seus irmãos, o Raimundo do Bar e Dona Josefa”.

“Antes de chegarmos em Taquarussu residimos no estado de São Paulo na cidade de Borborema. Meus pais tinham sítios, mas a terra havia perdido valor de mercado, foi quando foi vendido e comprado aqui. Eu era pequeno, uma criança ainda mais me recordo do meu pai reclamar das dificuldades de tocar o sítio, não dava renda suficiente, esses foram os motivos de nos mudarmos de região. De Borborema - SP viemos em cinco irmãos, somente minha irmã Marcinha que nasceu aqui, no hospital de Batayporã”.

“Quando chegamos, para você ter uma noção, essa pavimentação asfáltica que vai até Casa Verde não existia, só tinha a principal que vai para Campo Grande e Estado de São Paulo, então de Casa Verde para cá era tudo terra e por esse motivo demoramos muito para chegar, cerca de dois dias. O caminhão de mudança atolou, pois era época de chuva, minha mãe com as crianças chorando e fora que meu pai não estava conosco, ele já estava aqui, foi uma situação um pouco complicada, mas tivemos ajuda para chegar até Taquarussu e até hoje estamos por aqui”.

“Minha família em Taquarussu trabalhou com máquina de arroz e com o tempo meu pai se tornou homem público do município, como não havia polícia e nem delegacia ele foi nomeado como delegado de carreira. Ficou muito anos nesse cargo, não sei dizer a quantidade de tempo, porém ele que resolvia questões de briga ou qualquer outra desordem, apaziguava a confusão, apaziguava os envolvidos e levava até Batayporã para resolver o ocorrido”.

“Ele ficou no cargo até quando o estado foi criado, me recordo que quando houve a separação de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul vieram alguns políticos, lembro do Horácio Cerzósimo de Souza com o Londres Machado e Rachid Saldanha Derzi propor ao meu pai ser nomeado de fato, pois não recebia um salário e desta forma responder como delegado de carreira aqui em Taquarussu, porém ele recusou. Com tempo os representantes políticos retornaram para fazer outra conversa, mas meu pai não quis novamente, então deram cargo para outra pessoa”.

“Com o passar do tempo, cada vez mais pessoas vieram para Taquarussu, as notícias de terras baratas e férteis se espalharam por todo o país, e a Viação São Paulo Mato Grosso tornou-se a principal impulsionadora da venda de terras, e com o passar do tempo, pessoas com boas condições econômicas começaram a comprar grandes terrenos. Eles converteram em lotes e comercializavam por outros preços”.

“Os primeiros a fazerem isso foram Benedito Machado, Manoel Antônio, Marciano Cordeiro, Miguel Araújo e Bruno Crivelli. Desta forma, Taquarussu assumiu a forma de uma vila rural cujo plano urbanístico foi desenhado por Valerio Nunez de Sousa. Porém, ainda éramos dependentes do Batayporã, quase todas as necessidades precisavam ser resolvidas lá, inclusive compras e atendimento médico. Quando alguém chegava a óbito não havia um local fixo para fazer o velório, ocorria muitas vezes na máquina de arroz do meu pai e grande parte nas próprias residências”.

“Em 1976, Taquarussu foi elevado a distrito de Batayporã pela Lei nº 3.708 de 24 de maio de 1976 e município pela Lei nº 76 de 12 de maio de 1980. A partir deste momento surge todos os elementos para o funcionamento de um município, como a polícia militar, a polícia civil e todas as outras instituições”.

“Taquarussu obteve seu primeiro prefeito, Adelmo Benedito Pontes (1981-1982), por meio de nomeação feita pelo Governador Pedro Pedrossian. O Senhor Deca, nome popular, teve uma trajetória política bonita, o mesmo foi vereador quando Taquarussu ainda era parte de Batayporã. A cerimônia de sua nomeação de prefeito biônico foi realizada em cima de um caminhão na atual Avenida Getúlio Vargas, esquina da atual Farmácia Super Popular, pelo Governador Pedro Pedrossian. Na ocasião tiveram outros políticos de Nova Andradina e Batayporã. Porém, acabou em uma situação triste, o Presidente da Câmara de Batayporã, Adelino da Rocha, morreu depois das comemorações. Ele residia e representava Taquarussu”.

“Taquarussu, naquela época, teve um grande número populacional, bem maior do que temos hoje. O fluxo de famílias era grande, todo dia chegava gente nova na região obtendo cerca de uns 08 a 10 mil habitantes, contando com as comunidades rurais. Me recordo que nos finais de semana as pessoas saíam para rua. Tinha diversas feiras rurais para o comércio de aves e outros animais, leite e outros produtos, especialmente da região do recanto. A Igreja lotava, havia muitas quermesses, bailes com sanfona”.

“Lembro-me da primeira escola, que era localizada próximo à atual casa do ex-vereador Lourinho, construída de madeira e seus primeiros professores vieram de fora. A primeira professora foi a filha de Antônio Rodrigues, Anita, seguida por Ione, Lúcio e Dona Lourdes”.

“Muitos professores tomavam café, almoçavam e jantavam em casa, pois não havia hotel e nem restaurante. A história dessa escola vai até a construção do Colegial Estadual em 1976 e quatro anos depois, em 1980, quando Taquarussu é emancipado, vem o ensino médio para a escola, segundo grau e o curso de magistério. Próximo à Igreja, onde hoje é a casa Marcilio havia um salão que funcionou também como uma sala de aula, pois as salas da escola

estadual não supriam a quantidade de alunos. Nesse salão a minha irmã, Rose estudou e a Creuza Pontes deu aula”.

“A primeira igreja católica foi construída onde hoje é a casa do Zinho Crivelli. Lembrome da sua existência quando era muito jovem, das celebrações de Nossa Senhora Aparecida, da Sexta-Feira Santa e de outras festas religiosas. Com o tempo a igreja não tinha mais espaço para tanta gente e decidiram construir a igreja como está hoje. Claro que não tem mais a mesma estrutura que tinha na década de 1980, outras reformas foram feitas. Mas hoje a chamamos de Paróquia Nossa Senhora Aparecida. No final da década de 1970, a igreja católica que hoje conhecemos foi parcialmente construída e teve missa de inauguração com a presença do Arcebispo Dourados. Por volta de 1979, a igreja passou por uma transformação completa, embora não tenha sido concluída”.

“Taquarussu é realmente um lugar para recomeçar e melhorar a vida, e é conhecida por esse nome por causa da quantidade de taquaras. Quando chegamos, havia bambuzais por todos os lados que olhávamos. Desde aquela época, soubemos que a origem do nome vem da presença de tantas taquaras, razão pela qual o nome Taquarussu permaneceu como distrito de Batayporã e posteriormente como município”.

“Taquarussu nasceu da vontade e da força de pessoas que migraram de diversas regiões do Brasil. Dos pobres, dos pequenos produtores que eram na sua maioria arrendatários, dos comerciantes, dos vendedores ambulantes”.

“Penso que você está em uma pesquisa importante. No meu ponto de vista como professor de história, é de grande relevância não só para os taquarussuenses mas também de maneira ampla e para futuras pesquisas sobre a região. Não sou cidadão de nascimento, mas de coração, pois cresci e vivo aqui e desta forma precisamos deste registro, desta construção historiográfica. O seu trabalho é louvável, lhe desejo sucesso e parabéns! Que você consiga construir e registra a história de Taquarussu. Que seja divulgada e disponibilizada para as escolas, pois carecemos disso, do material que você produzir para vincular-se ao processo de ensino-aprendizado e desta forma fazer com que nossas crianças e jovens conheça a história do município”.

“A terra, a batida da enxada no chão, os animais, as primeiras casas, os primeiros comércios é a junção do povo que estiveram e estão aqui em Taquarussu. Mostra quem éramos, o que queríamos alcançar e o que temos hoje. Foram muitos processos, venda e arrendamento de terras, derrubada e venda de madeira das florestas, produção de grãos e, sobretudo, cultivo de algodão”.

2.4.2 MEMÓRIA DA PROFESSORA ANITA

FOTOGRAFIA 13. ANA SILVA RODRIGUES



Fonte: Arquivo pessoal da colaboradora, 2022.

A colaboradora Ana Silva Rodrigues, a Anita, faz parte da quarta e última rede desta pesquisa, referência por grande parte das redes, os quais a relata com muito carinho e apreço ao identificarem a primeira escola. Mesmo com as divergências da localidade, se assemelham ao relatar Anita como a primeira professora de Taquarussu.

Tive certa dificuldade em entrar em contato com ela, pois os colaboradores que a citaram não possuíam mais seu contato. Consegui o contato de Anita ao escutar uma conversa entre Célia Oliveira e Célia Antunes nos aposentos da Câmara Municipal, cujo relato está detalhado no tópico da dissertação que conta a história do Projeto de Pesquisa em História Oral. Sinto orgulho em relatar que por meio desse contato surgiu uma amiga.

Ao conseguir o contato com a Anita, no dia 23 de agosto, contatei-a via aplicativo WhatsApp, onde encaminhei um áudio explicando a pesquisa e relatando a relevância da participação tanto para a pesquisa, quanto para o município de Taquarussu. No dia 24 de agosto, no período noturno, Anita me ligou, onde fui surpreendido pela animação e pelo tom de autoestima transmitida por sua voz. Naquele instante, notei que a entrevista já havia começado, pois, por chamada de vídeo via WhatsApp, conversamos por cerca de uma hora. Dessa forma, coloquei a tela do celular para gravar e continuamos a conversa.

A colaboradora demonstrou ser uma pessoa de grande conhecimento, e se sente muito orgulhosa ao retratar que foi a primeira professora de Taquarussu que, na época, ensinou e

aprendeu com muitas crianças. A segunda entrevista foi marcada no dia 30 de agosto de 2022, a qual também foi realizada de modo remoto. Mesmo com momentos realizados pela tela de um celular, foi possível sentir a emoção e o orgulho de Anita em ter participado da história e da formação do município de Taquarussu, sobretudo da história da educação escolar.

“Quando me quedo nas minhas recordações, dentro delas está a escolinha de chão de terra, as treze carteiras rústicas e todas aquelas crianças e seus sonhos”.

“Ana Silva Rodrigues é o meu nome, meu apelido, Anita. Filha de Antônio Rodrigues Sena e Eva Rodrigues, nasci no dia 30 de novembro de 1947, na Fazenda São Paulo, zona rural do município de Presidente Venceslau – SP. Meu pai era lavrador, denominação dada por muito tempo a quem trabalhava na terra. Sempre trabalhou na terra e, foi assim, que ele e minha mãe cuidaram de sua prole, seis filhos, um homem e cinco mulheres. Ele era muito trabalhador e nunca desanimava se o tempo estava difícil. Acordava muito cedo e às seis horas da manhã já estava na lida”.

“Enfrentava qualquer dificuldade com muito otimismo e tinha muita experiência com à terra. Olhando a lavoura em curso, seja de arroz, algodão ou amendoim, calculava mentalmente quantas sacas colheria e sempre acertava. Além das plantações que fazia para vender, meu pai plantava, para nosso consumo, a mandioca, feijão, milho, abóbora, melancia, cana, batata-doce, mamão, banana, etc., criava porcos e sabia castrar os machos e as fêmeas, sem erros. Outra habilidade do meu pai era aplicar injeções, no músculo e na veia, não sei onde e como aprendeu, mas fazia muito bem”.

“Meu pai era muito hospitaleiro e acolhedor, aos viajantes sempre oferecia pouso e alimento. Gostava das festas juninas e organizava fogueiras para Santo Antônio, São João e São Pedro, cujos dias eram santificados na roça. Nesses dias fazia festas e convidava a vizinhança. Comprava rojões, busca-pés, bombinhas, traques e “chuvinhas” para as crianças. Minha mãe fazia muitos biscoitos de polvilho, brevidades, doces de amendoim e outras guloseimas. E tinha rezas. Meu Deus! Aquilo tudo era bom demais”.

“Minha mãe era uma mulher muito laboriosa. Ela amamentou todos os seis filhos por mais de um ano cada um. Cuidava com zelo da família, cozinhava três refeições por dia, lavava roupas (para nós e para os camaradas que trabalhavam na lavoura com meu pai e eram nossos agregados). Socava arroz no pilão, limpava e torrava café, costurava e remendava todas as nossas roupas. Plantava verduras e legumes, criava galinhas, fazia polvilho, fubá, sabão e tudo

mais que a casa precisava. Era mulher firme e rigorosa na nossa educação e também carinhosa. Companheira extremada de meu pai”.

“No ano de 1953, fomos morar no agora Mato Grosso do Sul, zona rural do município de Bataguassu, na Fazenda Santa Terezinha, lugar que gostei muito, meu pai sempre lavrando à terra, coisa que ele muito amava. Foi com ele que aprendi o amor pela terra. Por não haver escolas onde morávamos, meu pai e minha mãe decidiram nos mandar estudar em Presidente Epitácio – SP, onde comecei a estudar aos dez anos. No ano de 1965, aos dezoito anos, conclui o Curso Ginásial. Nessa época não havia em Presidente Epitácio cursos superiores ao ginásial, como o Normal (Magistério) ou os cursos Clássico e Científico. Eram esses os cursos de segundo grau na época. Razão pela qual voltei a viver integralmente com meus pais”.

“Nessa ocasião, um tio meu, que morava no Pouso da Arara, perto do Taquarussu, indicou ao meu pai, terras na zona rural do município de Batayporã e que lá eu poderia ser professora. E nos mudamos para esse local, chamado Taquarussu. Primeiro fomos meu pai e eu, pois ele tinha que construir nossa casa. O Sr. Benedito Machado e sua esposa dona Jó, pessoas ótimas, moradores do local, hospedaram-me em sua casa por alguns dias, enquanto meu pai concluía nossa morada. Em seguida meu pai levou a família toda”.

“Nossos vizinhos mais próximos, bem perto mesmo, eram o Sr. José e Dona Laurice e suas três pequenas filhas, em idade escolar; perto também ficavam as famílias Benedito Machado, Manoel Antônio Oliveira e Miguel Araújo”.

“Entendi-me com o prefeito de Batayporã, na época o Sr. Diego Sanches Marchi para lecionar em Taquarussu. Eu não tinha o Curso Normal (Magistério). Aceitei o cargo porque na zona rural, naquela época, quem sabia um pouquinho ensinava a quem nada sabia. Para matricular as crianças da região, uma das filhas do Sr. Manoel Antônio Oliveira, a Izaura (se não me falha a memória), acompanhou-me a todas as casas, as próximas e as mais distantes. Fizemos muitas caminhadas e, enfim, conseguimos cadastrar todas as crianças em idade escolar. Assim fui conhecendo os habitantes da região, gente boa. Foi um bom exercício de aproximação e contato com os habitantes do local”.

“A escola era uma pequena casa de madeira construída ali na vizinhança, no meio das roças. O piso não tinha revestimento, era uma terra solta; não tinha carteiras escolares e no início as crianças sentavam-se no chão. Também não tinha “a casinha” para as necessidades fisiológicas, as crianças se aliviavam no meio da roça vizinha. Não tinha água, enfim, não tinha nenhuma estrutura. Comprei uma lousa, giz e apagador para iniciar o trabalho. Um tempo depois o prefeito mandou para a escolha treze carteiras rústicas e pesadas. A comodava três

crianças em cada uma delas. No primeiro dia de aula uma criança mostrou seu caderno, onde a mãe dela escreveu: escola Rural de Taquarussu. Esse nome ficou na escola”.

“Havia algumas crianças que já tinham algum conhecimento, mas a maioria nada sabia. Então para dar a aula, separava as crianças pelo grau de aprendizado, mas todos juntos. Elegi meu “ajudante” o aluno Cícero Antônio de Oliveira, um dos maiores da turma, que já sabia ler, escrever e detinha outros conhecimentos, e aprendia o que era do seu nível com muita facilidade. No segundo ano letivo já tinha classes mais homogêneas e pude estruturar melhor o meu trabalho”.

“Lecionei nessa escolinha por dois anos. Foi um trabalho um tanto difícil, dada a falta de estrutura. Mas foi para mim uma experiência muito valiosa, muito importante, lembranças que guardo para sempre, tempo que recordo com muito carinho”.

“Sentia que naquela época a prefeitura não ligava muito para a gente, éramos que meio abandonados. Era uma vida bem modesta na escola, faltava de tudo, menos a vontade de estudar. Era uma coisa muito bonita, tinha um aluno mais velho que precisava ajudar sua família na roça, então ele precisava faltar... eu disse para ele: “quando você precisar faltar, falte! Não lhe dou falta na lista de presença”, e ele ia quando podia. Estudou bastante e passou de ano. As pessoas na roça são muito esforçadas, naquele tempo era a única coisa que eles tinham, “uma escolinha pequenininha, modesta, modestinha, mas com um coração grandão””.

“Era muito lindo observar aquelas crianças de longe indo para a escola, a pé, muitas descalças..., mas iam estudar. E comida eles levavam, água também, coisa pouca e simples. Depois tinha o almoço, eles iam para casa comer e às vezes levavam também. Teve um tempo que dividi em três turmas as crianças, então elas tinham mais tempo para irem se alimentar em casa, porque não passavam quatro horas, somente três horas com um pequeno intervalo. Os que iam de tarde já tinham almoçado, e assim foi levando, uma vida difícil, mas boa e feliz!... Tenho muita saudade daquele tempo. Mesmo sem muito preparo, me esforçava muito. Poderia ter insistido com o prefeito, mas quase não tinha verba também. Mas todo mundo sobreviveu e aprendeu alguma coisa, aprendi muito com aquela gente”.

“Para você ter uma ideia, quase não recebia pagamentos, só recebia no final do ano. Quando precisei ir embora, tive que procurar o prefeito e dizer: “olha, preciso muito receber os dias trabalhados, porque vou estudar”. O pagamento também era baixo e sempre atrasava”.

“Logo após chegar minha família, meu pai montou, anexo à nossa casa, um pequeno negócio, de cereais, açúcar, bolachas, balas, farinha, feijão, macarrão, fumo, fósforo, cigarro, sabão, pinga, alguns enlatados, etc., que funcionava mais nos sábados e domingos. Minha irmã

mais nova é quem mais trabalhava nessa “venda”, mas toda família ajudava conforme o tempo que tinha. Foi meu pai o primeiro comerciante no Taquarussu, embora modestamente”.

“Tinha próximo da minha casa um campo de futebol, onde a rapaziada batia uma bolinha nos domingos, depois se reuniam em nossa “venda”. Assim, aos domingos minha casa era frequentada pelas moças da região, para um possível flerte entre olhares e sorrisos disfarçados. Namoros não aconteciam, mas a moçada acabava se conhecendo numa conversa um tanto acanhada. Quem sabe, um começo para um futuro casamento”.

“Não havia um serviço de transporte na região. Quando íamos a Batayporã ou Nova Andradina, era a cavalo, carroça ou alguma rara carona. Depois o Sr. Pedro Liberato, dentista morador em Batayporã, colocou uma “jardineira” para fazer a linha Batayporã e Taquarussu. Era cobrador na jardineira um dos filhos ainda adolescente do Sr. Pedro, o Sebastião Liberato, até hoje meu amigo, residente em Nova Andradina”.

“Não havia igrejas, católica ou evangélica. O padre vinha de Nova Andradina e fazia batizados coletivos. Fui madrinha de algumas crianças. Os evangélicos frequentavam a Igreja Cristã do Brasil, no Pouso da Arara ou os cultos eram realizados na casa do Sr. Benedito Machado. Presenciei alguns desses cultos e ainda me lembro dos bonitos hinos que cantavam”.

“No final de 1967 vi que, com apenas o curso ginasial, logo seria superada. Então resolvi fazer o Curso Normal para ser uma professora de fato, preparada para esse trabalho tão importante. E assim, parti para São Paulo, onde já morava uma irmã mais velha que eu, com o propósito de estudar e depois voltar para ensinar quantas crianças encontrasse. Na escolinha, minha irmã Avelina Rodrigues Sena ficou em meu lugar, lecionando somente no ano de 1968, depois disto não tive mais informações”.

“No entanto, morando em São Paulo, não logrei fazer logo o Curso Normal, tive que optar por um Curso de Contabilidade que me favorecia encontrar rapidamente um emprego. Em tempos da ditadura militar, a vida não estava fácil numa cidade grande, muito diferente do que eu vivera até então. Mais tarde fiz o curso para ser professora, naquele tempo já chamado Magistério, com diretrizes de base mais definidas. Mas mesmo com o diploma na mão e registrado pelo MEC, pronta para exercer a profissão, assim não fiz. Continuei trabalhando em empresas privadas, que proporcionavam mais estabilidade, mais segurança. Mas nos refulhos da minha alma está guardada a experiência de lecionar para aquelas crianças. Caras lembranças”.

“Quanto à política, interessei-me um pouco, até participar de uma reunião de um partido político, no fim da qual estava convencida de que aquilo não era para mim. Já faz um bom tempo que estou aposentada. Preencho meu tempo com trabalhos voluntários, o que me faz

muito bem. Faço parte de um teatro amador e levamos entretenimento para crianças e idosos. Gosto muito de viajar, conhecer outros lugares, outras pessoas”.

“Vivo em São Paulo desde 1968 e confesso que ainda não me acostumei com essa cidade imensa. Mas sou grata a São Paulo. Ela me proporcionou muitas coisas boas, conheci muitas pessoas, aprendi coisas interessantes. E, o mais importante para mim, trinta anos atrás tive aqui a oportunidade de conhecer as obras de Alan Kardec que me mostraram um mundo novo, a doutrina Espírita, que ampliou os meus horizontes, deu-me respostas para todas as perguntas que inquietavam meu espírito. A doutrina Espírita mostrou-me Deus como jamais havia conhecido, sua misericórdia infinita, sua justiça branda, seu amor incondicional. Pude conhecer a extensão da missão de Jesus, sua vida, seu intenso e imenso amor dedicado à humanidade, sua entrega absoluta para nos guiar na direção de Deus, para nos salvar. E quanto mais aprendo sobre Deus e Jesus mais minha vida tem sentido”.

“Parti de Taquarussu com o propósito de logo voltar, mas a vida me levou por outros caminhos. Isso aqui é grande demais, muito asfalto para pés que anseiam pisar na terra, para uma alma que não esquece o cheiro do arroz maduro na roça, o cheiro do campo, da terra molhada, as noites enluaradas, o céu estrelado. E quando me quedo nas minhas recordações, dentro delas está a escolinha de chão de terra, as treze carteiras rústicas e todas aquelas crianças e seus sonhos”.

2.4.3 MEMÓRIA DA PROFESSORA LOURDES

FOTOGRAFIA 14. LOURDES GARCIA JUSTINO



Fonte: Arquivo pessoal da colaboradora, 2022.

A quarta e última colaboradora da rede, Lourdes Garcia Justino, aparece em diversas narrativas ao discutirmos a questão da história da educação escolar em Taquarussu. Lourdes, bem como seu marido Lúcio, tiveram papéis importantes nas questões religiosas e educacionais, sendo considerados os primeiros professores da Escola Estadual Dr. Martinho Marques. Lucio Paulo Justino e Odomiro Lopes são, inclusive, os compositores do hino municipal de Taquarussu.

No dia 19 de julho de 2022, entrei em contato com alguns amigos e pedi que contatassem Lourdes. Enviei então um áudio por WhatsApp me apresentando, dando lugar ao projeto de pesquisa em história oral aplicada, e destacando sua importância como colaboradora. Cinco dias depois, Lourdes me respondeu, dizendo que ficaria feliz em participar e que há muitas coisas para contar, mas que seu marido, Lúcio, estaria junto ao decorrer das entrevistas. Assim, a proposta foi aceita.

A primeira reunião demorou a ser realizada por motivos pessoais do casal. Todas as negociações de datas e dias da semana tiveram que ser remarçadas. Apesar de todos os contratempos, mantive-me paciente e compreensivo e pensei sempre na disponibilidade e no bem-estar dos meus colaboradores.

A primeira reunião ocorreu no dia 27 de setembro de 2022, às 16h44 de um dia chuvoso e frio. Nessa hora, encontrei o Sr. Lúcio na frente de sua casa, observando o tempo de chuva e comemorando a vitória do Brasil por 5 a 1 na partida de futebol que acabava de terminar. Ele me convidou para entrar em sua casa, nos cumprimentamos, sentamos em roda na sala de visitas e iniciamos a entrevista.

“Era muito movimento, muita gente chegando... gente esperançosa, gente com vontade de estudar, trabalhar, com vontade do novo”.

“Taquarussu, uma cidade muito querida e abençoada por Deus. Talvez hoje era para ser mais desenvolvida, mas temos um lugar muito belo, com riquezas naturais, uma cidade muito cuidada. As primeiras famílias instalaram-se aqui no final de 1950 em terras negociadas pela Viação Colonizadora, após surgiram mais famílias e se organizou aglomerados de sítios. Esses locais foram ocupados por famílias de arrendatários e famílias com terras próprias praticantes da agricultura familiar. Com isso surgiu um povoado que ficou conhecido como Taquarussu, devido à quantidade de bambus nativos na região”.

“Quando chegamos já tinha esse nome, que em particular acho muito lindo, era Bairro Taquarussu do município de Batayporã. Cheguei e fiquei muito curiosa e fiz a pergunta “Porque Taquarussu?” Me responderam que quando as primeiras famílias chegaram atrás de terras avistaram grande quantidade de bambu nativo”.

“Eram lavradores, e possuem um conhecimento popular. Notaram a presença de muitos bambus que só dá em terra produtiva, terra de boa qualidade para agricultura. Essas pessoas se encantaram pela localidade e me responderam: “aqui tem muito trabalho a ser feito, porém, em terras boas, terra dos bambus”. Por isso ficou Taquarussu”.

“No local onde hoje é a Escola Estadual havia próximo uma venda do Antônio Rodrigues, e em frente havia uma grande moita de bambu, o que fomentou a fixação da nomeação. Taquarussu na língua indígena significa Taquara Grossa, Bambú grande, muito alto”.

“Nossa história em Taquarussu começa desta forma, sobre uma pergunta para sabermos onde havíamos chegado. Desde aquela época sei que para esse povo foi uma luta constante, e a agricultura e o algodão ajudaram muito na formação de Taquarussu. Falar do algodão em Taquarussu é muito fácil. É um momento que todos conhecem. Quem esteve aqui entre as décadas de 1950 e 2000 possui histórias para contar sobre as plantações de algodão”.

“Me chamo Lourdes Garcia Justino, professora aposentada. Tenho 70 anos, trabalhei 32 anos como professora na Escola Estadual Dr. Martinho Marques. Sou casada com o Lúcio Paulo Justino, professor aposentado. Lúcio trabalhou 36 anos na educação, sendo 16 como diretor escolar, 04 anos como chefe de ensino e terminou a carreira como assessor técnico escolar. Hoje tem 71 anos”.

“Sou nascida em Álvares Machado-SP, lá cursei o ginásio (primário) e fiz a escola normal em Presidente Prudente-SP, no Instituto de Educação Dr. Fernando Costa. Meu esposo fez o curso de Educação em Normal no município de Regente Feijó-SP no Colégio Estadual Ivo Liboni. Depois ele fez algumas graduações na área da educação”.

“Eu e Lucio éramos vizinhos de cidade, eu de Álvares Machado e ele em Regente Feijó. Além de sermos vizinhos de cidade, também éramos vizinhos de sítio na cidade de Álvares Machado, ele sempre ia passear por lá e acabamos nos conhecendo. Nossos familiares sempre foram amigos”.

“Tempos depois recebemos uma proposta do Prefeito da época Alcides Sãovesso para dar aula na escola Jan Antonin Bata, no bairro de Taquarussu do município de Batayporã, na época ainda era estado de Mato Grosso. Alcides Sãovesso era muito amigo da minha família e de Lúcio. Lúcio veio primeiro no ano de 1971 e eu no ano de 1972, começamos a namorar,

casamos e estamos aqui até hoje. É engraçado nossa história, já nos conhecíamos em São Paulo, porém fomos namorar e casar aqui em Taquarussu. É o destino trabalhando e permitindo coisas boas”.

“Quando chegamos, vimos formada uma vila, composta em sua maioria pequenos produtores. Muitas plantações, campos, florestas, muitas crianças e pessoas gentis. O que é muito interessante é que 70% da população era composta por famílias arrendatárias e apenas alguns possuíam terras próprias. Esse contato criou um relacionamento entre fazendeiros e arrendatários. Muitos adquiriram pequenos terrenos para construir suas casas e arrendavam alguns hectares para aplicar a agricultura familiar. Havia interesses de ambas partes, os fazendeiros queriam terras limpas para criar gado e os pequenos produtores queriam cultivar para poupar dinheiro e comprar a sua própria propriedade. Foi uma espécie de troca de serviços”.

“Gosto de falar dos arrendatários porque foram eles que fizeram acontecer. Na história dos Taquarussu, há moradores de diversas faces: pobres, ricos, negros, brancos, mulheres, homens. Sabemos muito sobre Benedito Machado, Manoel Antônio, Marciano Cordeiro, Miguel Araújo e Bruno Crivelli no site oficial, mas e o restante do povo, aqueles que trabalharam duro? Aqueles que suaram e derrubaram florestas, as pessoas que carregaram madeira nas costas e jogaram em caminhões, as pessoas que machucaram as mãos colhendo algodão e aqueles e aquelas que passaram frio à beira do Córrego Baile? Onde está a história de quem trabalhou para os grandes donos de terra derrubando a mata?”.

“Naquela época o prefeito tinha a intenção de fundar um ensino ginásial porque só tinha o primeiro e a procura era muito grande, pois havia cerca de 10 mil habitantes a serem incentivados. Então as pessoas pediam muito a fase do ginásio, por isso fomos convidados para lecionar nessa escola pública. Porém antes de nós teve uma professora muito querida, os alunos comentavam muito sobre ela, seu nome era Anita, filha de Antônio Rodrigues. Ela saiu e veio outro grupo de professores, lembro do Barroso, ele saiu e a gente assumiu o cargo”.

“Fomos os pioneiros da Escola Estadual, começamos na Escola Municipal Jan Antonin Bata que era localizada em frente onde hoje é a casa do ex-vereador Lourinho da Saúde, e logo pela demanda de alunos foi necessário construir um novo prédio, pois estávamos em uma sala pequena e feita de madeira”.

“A história desta escola vai até o início da construção da escola estadual em 1972, inaugurado em 28 de agosto de 1973 com oito salas, incluindo a parte administrativa, cozinha e banheiros. A Escola Municipal Jan Antonin Bata agregou a 5ª série no período noturno que era dever do estado naquela época e a prefeitura bancava o primário no período diurno. Já a

escola Estadual tem o nome do agrimensor que realizou a divisão dos lotes que pertencia à Companhia Viação São Paulo Mato Grosso do Jan Antonin Bata. Assim que a escola foi inaugurada em 1973, ele veio nos visitar e nos presenteou com a primeira máquina de datilografia para fazer os registros, onde eu era secretária e professora ao mesmo tempo”.

“Quando chegamos a Taquarussu a sede já estava aberta, e é interessante porque a rua era toda de chão, os postes de madeira tirada da mata e iluminação feita a motor a diesel, era ligado somente de noite e desligado umas 23:30, era o tempo dos alunos pegarem os materiais e ir para casa correndo. Muitos alunos residiam na parte rural. Desta forma foi a luta, no início com bastante dificuldades, mas com tempo foi melhorando. Quando mudamos para a Escola Estadual Dr. Martinho Marques, não sei o porquê, mas, não utilizamos o motor gerador de energia, era na luz do lampião a gás”.

“Naquela época eram muitos alunos, grande parte já adultos. Eram pessoas que queriam estudar e ter um futuro bom, bem interessados. Pegamos um grupo muito animado. Fazíamos parte de um grupo de cerca de seis professores sob a direção do Ademir Berti que ficou de 1970 a 1974 e depois meu esposo Lúcio assumiu até 1990. Depois entrou o Divanio Teodoro Vieira. Fiquei 32 anos na educação e o Lúcio 04 como professor e 32 na parte administrativa, somando a nossa vida na educação de Taquarussu, equivale a quase 70 anos”.

“A história da construção da Escola Estadual Dr. Martinho Marques começou com a intervenção do senhor Adelmo Pontes, na época vereador de Batayporã, mas morava no bairro Taquarussu. A escola deveria ser construída no local da Escola Municipal Jan Antonin Bata, mas o prefeito de Batayporã, Alcides Sãovesso, entrou em contato com Adelmo e informou que havia conversado com o governador em Cuiabá, José Manuel Fontanillas Fragelli, que conseguiu uma doação para construir uma escola”.

“Adelmo percebeu que o terreno da então escola municipal não era uma boa localização e também que o terreno cedido por Manoel Antônio, onde hoje fica a Igreja Cristã do Brasil, também não era uma boa localização, então chamou Lúcio para conversar e pensaram sobre a localidade. Lúcio analisou e reportou um terreno no centro, onde a escola está localizada hoje. Naquela época o terreno era do Zé do Jipe, ele disse: “Olha, não posso doar, mas se você quiser trocar esse terreno pelo que você já tem, eu aceito!”. Este foi o método de escolha da localização da escola estadual que temos até hoje”.

“Mas era ótimo trabalhar aqui, havia muita gente, muita criança, muito movimento. Quando chegamos aqui era Bairro Taquarussu do Município de Batayporã, em 1976 foi elevado a Distrito e em 1980 foi passado a categoria de município”.

“A região era dotada de madeira de lei, havia serralherias e o povo derrubava para construir e vender também. O pessoal construía tudo em madeira. Há... Esses dias eu e Lúcio estávamos até lembrando, porque a gente acordava cedo para ir à escola sob a batida do martelo, na construção de casas por todo lado da vila. Era muito movimento, muita gente chegando, muita gente esperançosa com vontade de trabalhar e estudar, com vontade do novo, e eles aqui imediatamente compravam ou arrendava um lote e construiu sua casinha”.

“O interessante é que não se via casas de aluguel, quando chegava uma família construía mesmo sendo simples. Era grande a procura de carpinteiros, e a batida do martelo é bem presente em minha memória... as batidas do martelo nos remetia uma nova família plantando uma nova semente para germinar nas terras de Taquarussu, para produzir frutos sob a esperança de uma vida melhor. Desta forma foi se formando uma pequena cidade, muito robusta, porém com muito movimento, movimento na escola, na igreja, nas festas, nos comércios. Comércios tinha de monte, de roupas, de secos e molhados, açougue, farmácia. Por ser um lugar novo, tinha bastante opção para compras”.

“O povo daquela época buscava muito a escola, até me emociono porque diversas vezes os pais vieram nos procurar para agradecer, eles falavam “muito obrigado por cuidar e ensinar meus filhos, pelo carinho. Aqui na escola você é mãe deles, e quando ele tiver aqui sei que estará bem cuidado. Quero muito que eles aprendam ler, escrever e fazer conta, pois não tive essa oportunidade””.

“Era muito lindo, os pais tinham preocupação com a educação escolar. Hoje a escola estadual possui poucos alunos comparado com aquela época, os professores de hoje talvez não tenham noção de como era o movimento, era quase um formigueiro, tão lotado que foi necessário alugar o salão paroquial da Igreja para suprir a demanda de alunos. Em meados do ano de 1974/1975 chegamos a matricular cerca de 1.140 alunos na escola estadual, grande movimento de pessoas por conta do algodão”.

“Tenho certeza que a minha vocação foi essa, ser professora. Me sinto muito feliz por tudo que fiz, tudo que prestei, tudo que conquistei e pela escada que ajudei a construir para cada aluno chegar onde está hoje. Iniciei com 19 anos lá em São Paulo e finalizei aqui”.

“Aqui em Taquarussu realizamos diversas comemorações, em destaque os desfiles de 07 de setembro com carros alegóricos e fanfarras. Íamos em cima do caminhão para participar dos momentos cívicos em Batayporã, e mesmo algumas vezes sob chuva ou sol, eram momentos bons e maravilhosos. Foi um tempo de alegrias e lutas, me remete diversas lembranças que me deixam com coração apertado pela saudade e pelo orgulho de ter feito parte deste processo”.

“Hoje, é gratificante sermos reconhecidos pelos nossos alunos, quando nos encontramos pela caminhada da vida, conversamos sobre o passado, daquela época. Eles nos agradecem por não desistirmos deles naquele momento de dificuldade, de ter segurado nas mãos de cada um e caminhado. Hoje, temos alunos que são padres, médicos, policiais, políticos e é gratificante ver o resultado. Temos muitos alunos que hoje são professores, e é muito gostoso quando ocorre as festas das escolas em que fazemos presentes e vemos esses alunos no posto que estive lá no passado. Eles vêm e nos cumprimentam, contam histórias, lembram do tempo passado”.

“A gente fala que tinha cerca de 10 mil pessoas aqui e não é exagerando, o movimento foi muito grande. A boa produção de algodão ajudou nesse processo, os alunos trabalhavam na lavoura e de noite estudavam. Todo mundo tinha dinheiro no bolso, só não tinha onde gastar com exuberância”.

“Esse movimento acabou chamando atenção de mascates na venda de bijuterias, onde a molecada gastava um pouco dos grandes lucros retirados das lavouras. O pessoal começou a organizar feiras de produtos rurais, cobria o chão com lonas para expor as mercadorias e a avenida fechava de pessoas, indo para os bares, missas”.

“O pessoal era muito religioso. A primeira igreja foi construída na casa do Zinho Crivelli do Senhor Bruno, era uma capelinha feita de madeira. Lotava, não cabia quase ninguém, grande parte dos fiéis ficavam do lado de fora para participar e escutar a missa que Padre Antônio ministrava, ele vinha de Batayporã”.

“Eu e Lúcio participamos muito das relações religiosas, eu em particular dei aula de catequese em salas lotadas, era bom. Como era muito pequeno a capela, o pessoal começou a reclamar, pois não cabia, e de forma comunitária a população começou a pensar em construir uma maior. Todo mundo ajudou a levantar a Igreja que conhecemos hoje, de forma rústica, mas ótima. Depois com a chegada do Padre Ângelo, que veio da Itália, a construção acelerou. Ele não ficava aqui porque não tinha a casa paroquial, depois que foi construída ele passou a residir”.

“Essa Igreja foi feita de modo rústico, do zero. O salão paroquial que temos hoje era feito de madeira. Uma vez passou um vento muito forte e derrubou casas, barracões em várias cidades vizinhas de Taquarussu, até matou algumas pessoas, em Ivinhema matou umas 17 pessoas. Na época Lúcio fazia parte do conselho da Igreja Católica, o Padre Armando analisando o ocorrido do vento e sob ordem do Bispo pediu para desmanchar, pensando na segurança da população. Ao desmanchar, Lúcio entrou como presidente do concelho, porém não tinha nenhum dinheiro. Foi organizado um ofício com o Padre e Bispo para mandar para um grupo da Alemanha que ajudava as Igrejas do mundo inteiro com projetos”.

“Organizamos uma planta com engenheiro de Nova Andradina, colocamos cozinha, bar, salão, porém o Bispo não aprovou. Ele mandou tirar um monte de coisas, foi organizado novamente e entregue a segunda ideia, ele aprovou e enviou para Alemanha. A primeira resposta foi recusada, justificaram que não conseguiriam, pois havia uma demanda muito grande, de quase 4 mil pedidos. Na outra semana chegou outra carta da Alemanha informando que Taquarussu foi contemplado... nossa, todo mundo pulou de alegria. A construção foi feita em três partes com orçamento de 36 mil dólares, quando o dólar tinha preço de 1 real, na época do Fernando Henrique”.

“Também tinha outras igrejas aqui, a gente destaca a Católica porque era a que a gente estava dentro, ajudava, mas se não me falhe a memória tinha a Igreja do Sétimo Dia do Senhor Dí, uma família que já foi embora, e a Assembleia de Deus do Zé do Jipe”.

“Uma coisa que acho muito interessante é que Taquarussu não era para ser aqui, e nem ter esse nome. Taquarussu nasceu do acaso. Dentro do Projeto de Jan Antonin Bata, que era o proprietário das terras, além da idealização de Batayporã. Tinha o projeto de construir uma nova cidade onde hoje é Pouso das Araras e Vera Cruz, um lugar chamado Batarama, nome em homenagem a Jan Antonin Bata. Mas acho que pelo pessoal ter se aglomerado aqui, e por outras questões não quiseram interferir. Taquarussu surgiu pelo acaso, pela vontade do povo, pela aglomeração de arrendatários ao comprar lotes de terras, derrubar a mata, plantar e colher”.

“As pessoas estavam ansiosas para crescer, organizar suas propriedades e proporcionar boas condições de vida para suas famílias. Existiam muitas vendas de madeira e algodão impulsionou muito a economia, e as vendas foram tão grandes que o bairro quase sustentou a cidade de Batayporã”.

“O algodão deu-lhe o nome de Ouro Branco, os vegetais eram brancos e para onde quer que olhasse só se via estas plantações. Era comum ver muitos caminhões, cerca de 12 a 14 lotados de algodão para vender no estado de São Paulo. A produção era muito alta, as terras chegavam a produzir cerca de 400 a 500 arrobas por alqueire. Vinha muita gente por conta do algodão, pessoas de outras cidades e estados fizeram caravanas para colher... no final de semana a avenida lotava gente. Também plantava feijão, milho e arroz. Depois também apareceu o amendoim, período muito forte que deixou cerca de 4 a 5 caminhões lotados por dia”.

“As mudanças nas áreas rurais e o aparecimento do bicudo tornaram tudo cada vez mais difícil. O custo do controle de pragas era alto e não valia a pena, por isso os produtores procuraram outros investimentos. Algumas pessoas focaram na soja e milho que até hoje predomina”.

“Foi um momento triste ver as plantações acabarem por causa de um pequeno inseto. O algodão dava muito dinheiro, mas os adversários contra os quais tivemos que lutar eram fortes e os produtos para combater caros, então não valeu a pena. Além disso, o trabalho era manual, mas nada de tecnologia. A tarefa foi ainda mais complicada pelo fato dos serviços serem braçais e o investimento em novas tecnologia serem tão caros... muitas pessoas não conseguiam investir e desistiram”.

“O gado ganhou destaque nas fazendas que existem até hoje. É interessante porque a economia e o social caminham juntos, o fazendeiro tinha terras, porém não vinha aqui para desmatar e correr os perigos que a mata tinha. Então, vinham as famílias, a maioria do Nordeste e do estado de São Paulo, mas de origem nordestina. Estas famílias pegavam quantidades de alqueires destes fazendeiros para derrubar, limpar e plantar durante uns cinco anos. Produzia, colheita e ao final precisava deixar o terreno com capim plantado e ir embora”.

“Um ou outro acabava comprando um pedaço de terra com o dinheiro do arrendamento, porém muitos iam embora. Essa questão foi o início da evasão, terminavam o contrato, não tinha onde ficar, muitos não tinham como comprar terras e iam embora. Na mesma época, o governo militar abriu as regiões do norte de Mato Grosso, Rondônia, e lá fizeram doações de lotes e muitas famílias foram para lá. Na década de 1980 tínhamos cerca de 9.500 pessoas, muitos dos quais saíram de Taquarussu desde então”.

“Nesse período, cerca de 200 famílias deixaram o Bairro da Festa. Imagina quantos saíram de Taquarussu... muitos. Foi terrível para nós, perdemos mais da metade da nossa população. Se esse pessoal tivesse adquirido terras e ficado aqui, Taquarussu hoje seria outro, com mais estrutura, mais famílias. Embora o êxodo rural tenha ocorrido no Brasil todo. Assim como Taquarussu, o bairro São João também foi perdendo habitantes e diminuindo sua força econômica, desestabilizando os comércios e ocasionando uma grande evasão”.

“De certa forma, foi difícil para os pequenos produtores. Devido ao problema do bicudo, famílias finalizando os contratos de arrendamento, a economia saiu da mão dos pequenos e foi para os fazendeiros na criação de gado. Também em meados da década de 1980, muitas pessoas perderam o emprego devido à mecanização do trabalho. Deixamos de ser manuais, deixamos de usar animais e força humana, passamos a usar máquinas”.

“Taquarussu foi se desenvolvendo muito rápido. Com a chegada de famílias, movimento constante foi preciso abrir estradas. A primeira estrada foi aberta pelo comando do Prefeito Manoel Leite, antes disso eram picadas onde a maioria do povo se deslocava a pé. Nosso vizinho de sítio sempre contava que a cada 15 dias precisava ir a pé até Batayporã para fazer

compras, com saco amarrado nas costas, beirando o córrego. A referência para localização era o Córrego Baile, pois as picadas e as primeiras estradas seguiam seu leito”.

“O Córrego Baile ajudou o povo no passado e ajuda até hoje. Hoje em dia, passa por diversas fazendas e sítios, ajudando a matar a sede do gado e a regar a terra quando não chove, as pessoas às vezes vão nadar ali, e alguns o utilizam como recanto de lazer. O Baile é uma das belezas da nossa comunidade e abriga diversas espécies de animais aquáticos”.

“Mas antigamente não tinha condução, e o povo relata que o Zé Nunes foi o primeiro a chegar com um Jipe. Ele ganhou o apelido de Zé do Jipe porque quando alguém precisava de transporte para outra região por questões de saúde, ajudava transportando em seu jipe. Depois foi chegando mais gente com locomoção. Aí chegou o Zé Antônio, seu Bruno, e muita gente. Mas antes da gente chegou muitas pessoas aqui, pessoas que derrubaram a mata, desbravaram e que hoje pode contar para você a história do sofrimento. Pessoas que sentiram na pele”.

“Tenho uma coisa muito legal para dizer, talvez muitos não saibam, mas eu e Lucio temos lembranças lindas que fazem parte da história e cultura do município. Em meados de 1980, após a criação do município com a nomeação do Adelmo como prefeito pelo governador Pedro Pedrossian, foi preciso elaborar os brasões, bandeira, hino, nome e um codinome... São os símbolos. Foi organizado um concurso para encontrar um codinome, assim como temos nas cidades vizinhas: Batayporã cidade Amizade, Nova Andradina cidade Sorriso. O Adelmo abriu um concurso que envolveu toda a sociedade, era escrito a ideia no papel, colocado na urna e votado por uma comissão. O prêmio do ganhador era uma bicicleta”.

“Chegou o dia da comissão se reunir para analisar, votar e escolher o nome. Comecei a pensar na agricultura, na lavoura, em toda a história da economia estar nas mãos de pequenos produtores. Naquela época Taquarussu era como um jardim, no final da tarde com o pôr do sol, ao sair para o terreiro de casa, sentia o cheiro da colheita, o cheiro das flores do algodão, o cheiro do amendoim... Fiquei tão fascinada pelas roças brancas de tanto algodão, pela fartura”.

“Sou filha de agricultor e meu pai sempre foi muito amoroso e meticoloso na lavoura, quando chegava em casa dizia alegremente "ah, mas esse ano as flores desabrocham tão bem, vai produzir muito amendoim", "eu vou produzir muito algodão". Como este foi o início do município, também se estabeleceram regiões e Taquarussu tornou-se parte do Vale do Ivinhema graças ao Rio Ivinhema”.

“A respeito disso, disse a mim mesmo: “Se você quer fruta, tem que plantar e ter flores. A flor que perfuma esta terra e deixa esperança de uma nova vida, e depois o fruto que nutre e acalenta a esperança deste povo. Nesta seção associei o nome da região aos resultados da luta

dos produtores e foi assim que nasceu a “Flor do Vale”. “Flor” para a transição da semente à flor, o fruto simboliza coragem e luta, e “Vale” para o nosso Vale do Ivinhema”.

“Escrevi a nomeação no papel e coloquei na urna, porém não identifiquei. Foi apurado pela comissão e escolhido um, até anunciarem dizendo “quem escreveu Flor do Vale, está sem nome”, foi quando falei que fui eu. Todo mundo gostou, e está até hoje. O prêmio doei para assistência social para utilizar da forma necessária. Desta forma foi pensado o nome que muitos utilizam hoje até fora do município, é ótimo ver isso”.

“Falando no nome do senhor Adelmo, ele foi o nosso maior representante político na questão de Taquarussu se tornar um município. Foi uma luta, ele foi diversas vezes a Cuiabá para lutar pela causa. Na sua posse o governador Pedro Pedrossian veio até Taquarussu com outros políticos que prestigiaram o ato. Foi elevado a Distrito em 1976 e a município em 1980, tem até leis sobre esses dois momentos. Foi uma grande perda para Batayporã, porque Taquarussu tinha muita gente e rendia muito lucro devido ao algodão. Mas antes de criar o município era necessário ter o prefeito, era distrito, mas tínhamos três vereadores, o Adelmo, o Adelino da Rocha e o Zuza. O Deca era o líder, e quando saiu para o município escolheram ele. Foi nomeado não ocorreu eleição. O ato ocorreu em cima de um caminhão em frente onde hoje se localiza a farmácia Carla, foi assinado o ato e naquele momento ele já disse “nomeio como prefeito de Taquarussu o senhor Adelmo”. Depois teve eleição e o senhor Zuza entrou como prefeito eleito”.

“Outra questão muito linda que preciso contar é sobre a criação do Hino de Taquarussu. Surgiu em meados do ano de 1989, quando o Francisco Modesto era Prefeito de Taquarussu. Em 1990 o senhor Odomiro Lopes, que era vizinho nosso, chamou meu esposo Lúcio pela cerca de balauça e com pedaço de papel na mão disse “olha aqui vizinho escrevi uma letra”, mas como ele era semianalfabeto não sabia muito como ligar as palavras. Ele também já havia começado a melodia. Começou a cantar a música e Lúcio gostou. Entregou a letra e meu esposo levou para a escola e começou a melhorar alguns pontos, colocar personagens, quando começou a surgir: “Linda cidade evoluindo, crescendo para o bem da nação”, até que saiu a letra toda. Com um violão a letra foi terminada em forma de marcha, o que acho mais bonito”.

“Com a letra e melodia pronta, Lúcio mostrou aos professores e quando tinha alguma festa da escola, com os alunos fazíamos apresentações. Em um aniversário de Taquarussu o André Puccinelli veio a convite do prefeito e escutou a música. Ele gostou muito e deu a ideia de transformar a música em hino do município, porém o prefeito não deu muita atenção, depois entraram outros representantes e não se interessaram. Mas todo ano era cantado no aniversário da cidade. Em 1996, com João do Bruno no Executivo, mandou o Zé do Braz procurar Lúcio e

informar que uma orquestra de Campo Grande iria gravar a música e transformar no hino de Taquarussu. Se reuniram na Câmara, foi cantado em forma de marcha, gravado e o rapaz levou para Campo Grande para ser produzido em estúdio”.

“Foi um momento bom para Lúcio e Odomiro, porém depois meu esposo ficou um pouco triste. Éramos contrários ao grupo político de João do Bruno e achamos que por conta disto, por conta da rixa política não colocaram as colaborações de Lúcio na composição. Toda vez que ele o escutava chorava, se sentia injustiçado e desvalorizado. Hoje já reconheceram a colaboração, se entrar no site da prefeitura você verá o nome de ambos nos direitos do hino. O vereador Gilso também organizou uma homenagem para reconhecer Lúcio como compositor do hino, e na gestão do Roberto Nem corrigiram o erro”.

“Ficou uma letra muito linda, um dos mais bonitos do Vale do Ivinhema. Nas comemorações de 7 de setembro que ocorreram esses dias atrás, inclusive vi você lá com suas alunas, foi uma bela apresentação, parabéns! Nós assistimos às crianças cantarem a letra... chega quase choro agora, porque foi muito lindo, fiquei muito emocionada e Lúcio com coração nas mãos”.

“Mas aqui havia muita gente, de vários lugares, de São Paulo, do Paraná, do Nordeste... Pessoas com ideias e costumes diferentes se conheceram nessas terras. Surgiu também o Bairro São João, ajudou muito Taquarussu, lá tinha força para ser outro município. Muitas famílias se formaram no São João, produziam muito algodão e gado. Havia muitos comércios. Tinha muitas fotos, um jornal. Precisamos de Trabalhos como seu, criar um museu para valorizar e manter nossa história de vida. Estamos muito contentes de ter você aqui hoje, quase ninguém nos procurou para falar sobre Taquarussu, e você veio”.

CAPÍTULO III - RELAÇÕES DIALÓGICAS POR REDES

Essas são falas sobre o tempo. Não o tempo vulgar, mas um tempo sagrado, porque interno, meu. Falas de mudança, de aprendizado, de escuta. Falas do tempo que nos escapa a cada momento e nos deixa, às vezes, vazios, mas também nos deixa prenhe do novo, da conquista, da história (Munduruku, 2006, p. 11).⁸

Escutar histórias de vida de pessoas da comunidade de destino do município de Taquarussu (MS) para compreender o seu histórico colonizador foi um momento de grande aprendizado. Esta abordagem transcende a mera coleta de dados, transformando-se em um exercício de escuta atenta e análise empática das experiências compartilhadas pelos colaboradores. Compreender esse processo implica também conhecer seus contextos históricos, os quais, de forma direta ou indireta, se manifestam nas entrevistas das redes colaborativas. Como é o caso do Projeto Marcha para o Oeste de Getúlio Vargas, as interferências da empresa colonizadora Companhia Viação São Paulo Mato Grosso e outros projetos de povoamento que surgiram na região onde se localiza Taquarussu.

Isso nos faz compreender que a trajetória de povoamento de uma cidade perpassa diversos procedimentos e contextos, muitas vezes desconhecidos pela própria comunidade de destino. No entanto, através de estímulos adequados, análises de discurso detalhadas, da minuciosa análise das narrativas e da prática do "conversar memórias" (Seawright, 2023), é possível revelar esses aspectos ocultos e compreender sua influência no presente.

Da mesma forma que, outras temáticas, como a história da Fazenda Samambaia ou a questão indígena que, por vezes, surgem nas narrativas dos entrevistados, não são memórias próprias do colaborador, pois eles não viveram essas construções históricas, mas elas pertencem ao grupo como um todo e surgem em suas lembranças de modo indireto. Eles lembram por meio das relações afetivas mantidas com o grupo que pertencem, por meio do contexto familiar, social e nacional. Isso se torna evidente quando nos deparamos nas entrevistas com frases como "me recordo do meu pai e minha mãe me contar isso", ou "o pessoal aqui sempre contava que", e ainda "sempre escutava eles falarem sobre isso".

Como ato humano e democrático, abordamos todos os atores e movimentos da vida coletiva. Trabalhamos com pessoas comuns que lembram, esquecem, silenciam e retratam passagens do passado e ressignificam no presente. A presença de nomes de políticos, por

⁸ Parte do livro *Antologia e Contos Indígenas de Ensino: Tempo de Histórias do Professor Daniel Munduruku*, 2006, p. 11.

exemplo, se justifica na memória de expressão oral, pois a história oral está inscrita na cadência do tempo presente.

As análises caminham no sentido de levantar eixos da memória em comum, problematizar e valorizar narrativas dessemelhantes apresentados pelas redes (Portelli, 2016). Um processo que, mesmo ao fim dos tratamentos que passam do oral para a escrita, ainda demanda de diversas leituras para se compreender e enxergar os pontos centrais, o que chamamos de “tons vitais” da entrevista.

No que se refere a trajetória das redes, muito se falou sobre as nuances que os levaram a procurar um novo local de vida, de onde vieram, por onde passaram, das dificuldades, das perdas e das conquistas – ou seja, o cotidiano da vida ordinária. Pontos que se ligaram e levantaram os alicerces da comunidade ruralizada de Taquarussu, o distrito e o município emancipado, e, ainda, formaram a identidade local. São relações ligadas aos jogos de poder de “estratégias⁹” e “táticas¹⁰” aplicadas no cotidiano (Certeau, 1996).

Essas ações são construídas nos estreitamentos dos pilares da comunidade ruralizada Taquarussu, em decorrência da vida cotidiana. Esse exercício de poder, segundo a episteme foucaultiana, se apresenta como um conjunto de assimetrias que age de maneira permanente e se difunde no campo das experiências vivida.

Cada rede apresenta características que se desdobram diante das vivências do grupo, das histórias comuns, das divergências e relações de poder. Elas caminham junto às diferentes experiências de vida, sugerindo a não-essencialização de determinado grupo e o risco de apenas uma única versão histórica. Nesse sentido, importa analisar e problematizar as histórias, as narrativas dos “vencidos” e dos “vencedores”, os desencontros e os encontros.

Nas análises obtidas por esse estudo, foi possível identificar alguns eixos que dão norte para a pesquisa e para a construção dos textos. Entre encontros e desencontros se constituem em quarenta e duas temáticas que atravessam as quatorze histórias de vida das quatro redes colaborativas. Dentre elas, destaco alguns questionamentos a serem respondidos no decorrer dos desdobramentos dos capítulos desta pesquisa: a) Como essas pessoas descobriram as terras de Taquarussu? b) Como e quais os motivos da imigração? c) Como eram negociadas as terras? d) De onde essas pessoas vieram? e) Como se deu a nomeação Taquarussu? f) Como surgiram

⁹ O cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. (Certeau, 1996, p. 99).

¹⁰ A arte do fraco. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso, deve jogar com o terreno que lhe é imposto, tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada de previsão e convocação própria (Certeau, 1996, p. 100).

os primeiros movimentos econômicos e as primeiras instituições sociais? G) Eles sabem dos antigos ocupantes destas terras, os Ofaié?

Percorrendo por essas questões, trabalhamos aqui com cinco eixos em destaque que se desdobram na caminhada das quatro redes da comunidade de destino, analisadas em torno do tom vital. As tabelas abaixo indicam as intervenções que os temas aparecem nas entrevistas de cada rede. Lembrando que a rede 1 possui quatro colaboradores; a rede 2, três colaboradores; a rede 3, quatro colaboradores e; a rede 4, três colaboradores. Todos indicados e formados pelas interferências/indicações das próprias redes.

TABELA 02. ANÁLISE DA REDE 01

REDE	TEMAS	QUANTIDADE QUE APARECEM
Rede 01	Córrego Baile	4 narrativas
	Primeira família	4 narrativas
	Motivos da migração	4 narrativas
	“Escambo”	3 narrativas
	Primeira interferência econômica	4 narrativas

Fonte: Organizado pelo autor, 2022.

TABELA 03. ANÁLISE DA REDE 02

REDE	TEMAS	QUANTIDADE QUE APARECEM
Rede 2	Nomeação Taquarussu	3 narrativas
	Primeiros comércios	3 narrativas
	Primeira igreja	3 narrativas
	Batarama	2 narrativas
	Evasão	2 narrativas

Fonte: Organizado pelo autor, 2022.

TABELA 04. ANÁLISE DA REDE 03

REDE	TEMAS	QUANTIDADE QUE APARECEM
Rede 3	Condições da terra	4 narrativas
	Primeiros passos no lote	4 narrativas
	Bairro São João	4 narrativas

	Taquarussu X Batayporã.	4 narrativas
	Primeiro Prefeito	4 narrativas

Fonte: Organizado pelo autor, 2022.

TABELA 05: ANÁLISE DA REDE 04

REDE	TEMAS	QUANTIDADE QUE APARECEM
Rede 4	Primeira escola	3 narrativas
	Primeira professora	3 narrativas
	Arrendatários	3 narrativas
	Flor do Vale	2 narrativas
	Ouro Branco	2 narrativas

Fonte: organizado pelo autor, 2022.

São análises que caminham em torno do tom vital, caracterizam temas comuns que aparecem disciplinarmente nas narrativas e que vão conversando com outros eixos semelhantes e problematizados com os dessemelhantes. Compreendemos aqui cinco pontos em torno da memória coletiva de cada rede hibridizada com as outras teias colaborativas.

3.1 DESDOBRAMENTOS DA REDE 01: O SOFRIMENTO

As experiências de vida do “ponto zero”, os caminhos percorridos pelos quatro colaboradores, sobretudo homens e mulheres, constituem narrativas que levam a conhecer e problematizar eixos sobre o cotidiano e a trajetória dessas pessoas. Como se constituíram nas terras que hoje se localiza o município de Taquarussu?

São experiências que retratam o devir da vida de pessoas comuns. Caminhadas que as diversas práticas sociais materializam e constituem a sua essência singular, mas que a partir da colaboração é possível enxergar a coletividade, e desta forma conhecê-las, compreendê-las e analisá-las.

A escuta das histórias de vida, lugar que o tempo da memória “zigzagueia” entre percepções da infância, adolescência, vida adulta e dias atuais, reflete a coletividade do termo “sofrimento”. Não significa que sejam os mesmos motivos, as mesmas dores, mas que trabalhadas em redes afetivas partilham o tônus: “uma trajetória sofrida, mas hoje colhemos os resultados”. A dor vivida faz com que cada colaborador “saia da sua história singular, ligando-se à outra, aos outros, e permite-lhe estar ancorada na comunidade” (Maffesoli, 2023, p. 12).

Da primeira entrevista até a última, expressões que evidenciam o sofrimento e a dor são constantes. Esse contraste entre sofrimento e a procura de uma vida melhor nos coloca na escuta das histórias das cicatrizes que não estão somente marcadas na pele, mas nas lembranças – na alma. Mas como analisar, compreender e procurar caminhos para tecer a ação humana no povoamento de Taquarussu por meio da lembrança de um sentimento de dor? Essa ação acolhedora é apresentada na episteme do oralista Leandro Seawright Alonso (2023) que escuta a dor do outro “além da vibração do tímpano e dos ossos auditivos”. Valoriza as pausas de choros, as sensibilidades, os momentos de reflexões, as cicatrizes da alma que pelo tom da voz representam um momento de sofrimento.

Pensando nesses caminhos, no ato de emprestar os ouvidos para uma escuta respeitosa, Rosa Ferreira dos Anjos e Agenor Francisco dos Anjos abrem a primeira rede colaborativa na percepção do tónus “sofrimento” ao narrarem suas trajetórias na história do município de Taquarussu.

As cicatrizes ecoam sentimentos que se aprofundaram na alma colaborativa desde as trajetórias de sua cidade natal. Abordam a migração para um novo local, justificada pela fuga do sofrimento. Procuram “a vida boa em um lugar novo”, “a busca de melhores condições de vida e novos meios para sustentar a família em tempos difíceis”. São narrativas ligadas à falta de recursos financeiros, a seca, a perda das plantações, os poucos lucros tirados da terra, a não posse de terras e a vida precária.

O sentimento doloroso reflete a outra questão em torno da memória, o esquecimento. Ao tratarmos do esquecimento, o não dito ou o silêncio, pensamos a partir das ideias de Paul Ricoeur (2007) e Harald Weinrich (2001) que nos ajuda a compreender a partir da condição humana. Implica razões íntimas de cada colaborador – vergonha, culpa, dúvida, medo e outros sentimentos ligados aos traumas. Trata-se de uma condição humana, pois não é possível resgatar tudo o que foi vivido, e mesmo que haja uma luta ou dever de não esquecer, também há a não capacidade de tudo narrar.

É possível identificar essa questão na rachadura que o *lete* deixa entre o estímulo para lembrar e o ato de contar. Essas características são evidentes nas expressões que levam a memória colaborativa a reconhecer o ato de esquecer, quando retratam de forma oral: “me desculpe pela falta de memória”, “não me lembro muito bem”. São atos que fogem da lembrança, mas que também podem representar o bloqueio de reminiscências desagradáveis ou não contar trajetórias indesejáveis.

Em seu todo, são narrativas que caracterizam os motivos que levaram homens, mulheres e famílias a procurarem o “não sofrimento” nas terras de Taquarussu, sobretudo, quando ainda

eram terras da Fazenda Samambaia e negociadas pela Companhia Viação São Paulo-Mato Grosso. Migraram com o espírito de vida nova em um lugar novo, esperançosos pelas notícias de terras baratas, férteis e fáceis de adquirir.

Nesse caminho trilhado pelo desejo de uma nova vida, surgem as terras da Fazenda Samambaia que traçou trajetórias de três personagens. A Companhia Colonizadora Viação São Paulo-Mato Grosso, loteando terras baratas. Os fazendeiros e outros latifundiários que compraram grandes extensões de terra e subiram seus valores. E os pequenos produtores, alguns compraram terras da Colonizadora e outros fizeram negócios a partir de arrendamento com os fazendeiros. Nesse contexto, os arrendatários agricultores viviam em terras devolutas.

Ao tratar dessas trajetórias, não estamos a lidar com histórias “romantizadas” ou histórias que explicita noções de progresso. Também não soa como um adjetivo que denota o significado da felicidade ou do sofrimento baseado nas relações sociais de só um determinado grupo. Mas que vê e entende que outros grupos que ali realizavam suas atividades cotidianas também sofreram para essas pessoas construir uma vida em terras taquarussuenses. O povo Ofaié foi forçado a deixar a sua terra natal em busca de uma nova vida e segurança. Além disso, as histórias compartilhadas também descrevem o desmatamento e queimadas de vastas áreas de mata virgem. Soterram lagos, córregos e rios, matando animais silvestres, prejudicando a fauna e flora.

Para esse processo ocorrer, a Companhia Viação São Paulo-Mato Grosso mantinha um cronograma variado de divulgação das terras loteadas. Esse ato é um dos elementos que nos permite hoje a escutar a memória de colonização no local em que essas pessoas deixaram as marcas do tempo, do trabalho e que refletem nas expressões corporais. Revela o que foi feito, o que foi deixado de fazer, o que vem sendo desenvolvido e o desejo para o amanhã. Traços que ganham certa genuinidade nos relatos, com sorriso no rosto, que não retrocederiam e que hoje estão bem. Essas expressões de sofrimento acalmadas pelo sorriso mudam totalmente a transcrição das narrativas, a forma de enxergar essas pessoas e escutar suas histórias.

As expressões faciais ecoam o sofrimento, e de súbito, as entrevistas refletem um quase choro, um sorriso de lado. Ao folhearem os álbuns de fotos que registra a derrubada da mata, a primeira casa, a primeira escola, a família, o Córrego Baile, a expressão de alívio e de serviço concluído silencia o sofrimento, como se ele nunca estivesse ali.

Desta forma, o termo sofrimento vai dando lugar para as diversas situações do cotidiano. Revela o medo do mato, dos animais do mato, sem uma casa para acomodar os filhos, sem alguma rede elétrica ou fonte de água encanada. É possível sentir o desespero de algumas pessoas. Esta imaginação se reforça com a entrevista que abre as teias colaborativas, que conta:

“chegando bateu um desespero que só não retornei para Batayporã porque o motorista já havia ido embora”.

Por outro lado, a dor também nos mostra os lugares de memória, o que, de certa maneira, alivia o sentimento dolorido. Em geral, os entrevistados tratam do Córrego Baile como um lugar importante nas trajetórias de vida. Nessa perspectiva, o Córrego surge nas narrativas como um lugar da memória que pode ser compreendido a partir das ideias de Pierre Nora (1993), isto é, como um suporte que consolida, refugia, protege e cicatriza a memória. Porém, a partir da episteme de Jacques Le Goff (2003), devemos destacar que os lugares da memória não são as bases desta pesquisa, mas sim os produtores e criadores da memória, ou seja, o ser humano. Dessa forma, o Córrego Baile é adjetivado como um ponto de partida para construir a vida em Taquarussu, pois fornece água, alimentos e possui uma vegetação de fácil manejo. Em seu leito foram mediadas as primeiras relações sociais de Taquarussu, pois ele era um local de acampamento utilizado por diversas famílias de regiões diferentes.

Os estudiosos Michael Certeau (1996) e Stuart Hall (2006) nos dão suporte para a compreensão desta análise mediando a troca de experiências e ideias múltiplas ocorridas no leito do córrego. Sai do individual familiar, hibridiza e ergue os alicerces do coletivo. Emerge uma cultura e seus significados passam a fazer parte da vida ordinária determinando cada pessoa.

Entre o final da década de 1950 e o início de 1960, os habitantes de Taquarussu passaram a se relacionar e a expressar relações econômicas informais sem a presença de uma moeda de compra e venda, relação mantida pelo “escambo”¹¹. Esse modelo fraternal foi construído entre famílias pelo ato de “aqui a gente não vendia, se ajudava. Trocava o que tinha de mais guardado por outro produto que não tinha”, nos dá noção do estreitamento do cotidiano, formulando as relações sociais.

Relações que com tempo, seguindo as ideias de Pierre Bourdieu (2010), nos permitem entender a diferença de poderes entre os grupos sociais de Taquarussu, as quais passam a ser afetadas por forças coercitivas que não agridem necessariamente o corpo, mas a ordem moral, emocional e psicológica. Nesse sentido, o modelo de escambo saiu de cena em Taquarussu nas décadas seguintes e foram iniciadas as relações monetárias, ou seja, a partir da moeda de compra e venda.

¹¹ Forma de relacionarem-se comercialmente sem a intermediação do dinheiro, dada pela troca direta entre os produtos do trabalho. SILVA, Francisco de Assis. *Do escambo ao dinheiro: Marx e a divindade visível*. 2019. Disponível em: <[www.http:file:///C:/Users/Windows/Downloads/29824-Texto%20do%20Artigo-105320-1-10-20190228.pdf](http://file:///C:/Users/Windows/Downloads/29824-Texto%20do%20Artigo-105320-1-10-20190228.pdf)>. Acesso em: 27 de novembro de.2022.

Nesse momento passou a se estabelecer no município as ações em relação à vida e sociedade, formulando as primeiras relações de poder e de poder simbólico (Bourdieu, 2010). Nas anunciações de sofrimentos e conquistas, fruto das colaborações entre os moradores, foram aparecendo as discussões de recomeços e origens, debates em torno da primeira família a chegar em Taquarussu.

Dessa forma, nas entrevistas, surgiu uma disputa de poder e lugar. Essa questão fomenta um debate entre a história da família Crivelli e da família Anjos, o qual se prolonga nas discussões da comunidade sobre os primeiros moradores de Taquarussu. A disputa da primazia é elementar para a análise: “Afinal, quem teriam sido os primeiros?” Novamente, fala-se de origens e começos.

Antes de tudo, vale destacar que essa análise não tem em vista a defender, romantizar ou priorizar a história das famílias, mas propor uma análise profunda e crítica a partir do que os colaboradores relataram por meio da memória coletiva. Priorizam-se as narrativas semelhantes e as dessemelhantes e, para isso, houve a preocupação e o respeito de escutar a história de vida de ambas as famílias.

Essa discussão de “família X família” ganhou destaque no decorrer do tempo em Taquarussu. As entrevistas de Agenor e Rosa ficaram mais interessantes quando indicaram um entrevistado da segunda rede, no caso, o filho de Bruno Crivelli, conhecido como Zinho Crivelli. Os Crivellis chegaram em Taquarussu no ano de 1965 para conhecer, comprar e derrubar a mata. Em seguida, no ano de 1966, se mudaram para viver e investir na agricultura. Essas são as problemáticas que as próprias redes dialogam, e ao analisarmos a data de chegada, entendemos que a memória coletiva da comunidade registra a família Anjos como os primeiros moradores, sendo sua data de instalação no final do ano de 1959.

O que possivelmente ocorreu é que a família Crivelli tomou destaque na esfera política da comunidade ruralizada e, posteriormente, municipal. Podemos entender isso pelo poder de compra que obtiveram, tendo abundância de terra. Com seu poder aquisitivo, ajudaram a comunidade na construção de variadas instituições sociais, como a igreja e a primeira escola. Percebe-se, nesses eventos, a construção do poder simbólico da família Crivelli, idealizado por meio da hierarquia medida pelo poder econômico. Houve um acúmulo de capital simbólico que se transformou no poder simbólico (Bourdieu, 2010).

Por outro lado, a família Anjos, mesmo ajudando a comunidade, não manteve uma presença forte no imaginário local, pois supostamente viviam seus membros um pouco “restritos”, residindo distante da comunidade que se formou. Esse poderia ser um dos motivos que causou a referida discussão.

A família Crivelli teve grande influência em Taquarussu, conquistando legibilidade no poder executivo por oito anos. Elegeu representantes para a Casa do Poder Legislativo e recebeu homenagens sob nome de escola e campo de futebol, como a escola Municipal Irene Linda Ziolli Crivelli e o Estádio Crivelão. Essas ações deram mais força para os alicerces do poder simbólico. Já a família Anjos não teve tal reconhecimento nas políticas municipais.

Além das vertentes do poder simbólico, também podemos pensar as homenagens para a família Crivelli na nomeação de ruas pelas relações de poder que Michel de Certeau (1996) define como estratégia e tática. Aqueles que detêm o poder, os grandes atores, pensam em estratégias para o espaço “que não é seu, mas do outro” e nomeia as ruas de uma cidade, ou, por exemplo, um estádio. Por outro lado, resta ao homem ordinário se apropriar da localidade por meio de táticas, da “arte de dar golpes”, moldando o espaço para seu uso (construção de casas, transitar, referenciar) e jogando com que lhe é imposto – um jogo contínuo de “conter e resistir” (Hall, 2003).

Nas narrativas, outra questão surge ao analisar de perto cada parágrafo das entrevistas. Nota-se a presença do nome de outra família, a família Medeiros. Alguns relatos aparecem sobre a questão da formação de fazendas, pois a família Medeiros, antes da década de 1950, já sobrevoava de avião a região de Taquarussu. Sobretudo, na região em que localiza-se hoje a fazenda São Domingo, sendo as primeiras pessoas a passarem com gado na região, assim como outros fazendeiros que hoje possuem a fazenda Campo Verde.

Ainda, não podemos deixar de dar atenção para a questão indígena. Essa temática não aparece de modo sistemático nas redes, alguns relatos sobretudo na rede 1, porém de maneira indireta. Mas tendo contato com documentos e relatórios dos funcionários do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), os estudos de Carlos Alberto Dutra, os estudos de Darcy Ribeiros e as atuais pesquisas do professor Eduardo Martins, temos o conhecimento da presença da Comunidade Ofaié. Esta comunidade percorreu toda a região do Vale do Ivinhema, utilizando leitos de rios ou córregos como meio de locomoção, em destaque nas terras de Taquarussu, Batayporã e Nova Andradina.

Essas pessoas estiveram na região no século XIX e no século XX e se organizavam em um pequeno grupo. Resistiram sobre a opressão de fazendeiros e colonizadores, porém hoje temos apenas pessoas com fios parentescos, como apontam as redes. Relatos como as notícias dada por Marechal Cândido Rondon de indígenas explorados por fazendeiros se entremeiam com relatos das redes, quando surge a seguinte frase: “(...) tinha uma família que residia próximo ao Porto XV do rio Ivinhema, que criava duas crianças indígenas”, ou, “o povo tinha medo de vim para cá porque só tinha índio”.

Por meio de algumas narrativas, quando retratam a questão indígena, podemos notar novamente a questão do poder simbólico, mas agora na sua configuração de violência simbólica. Denominações consentidas de que “só tinha índio”, “o pessoal chamava a gente de índio”, “era perigoso por conta dos animais e dos índios” ou “tinha, sim, índios [...] minha mãe tinha medo de deixar a gente sozinho”, giram em torno de parte das entrevistas. Por outro lado, mesmo de uma forma inferior, às narrativas apresentam a presença dessas comunidades.

Ainda, para melhor aprofundarmos essa questão, podemos compreender as pesquisas de Darcy Ribeiro que, no ano de 1948, encontrou e viveu com uma comunidade Ofaié nas fronteiras que hoje perfazem os municípios de Taquarussu e Batayporã, percorrendo os leitos do rio Ivinhema e o Ribeirão Samambaia (Ribeiro, 1951).

Pensando nessas problemáticas, tanto levantadas pelas entrevistas obtidas nas redes e nas pesquisas bibliográficas, podemos compreender que as primeiras famílias que residiram onde hoje se localiza Taquarussu foram os Ofaié. Eles desenvolveram atividades por toda a região do Vale do Ivinhema até o início do século XX. Com isso, o tom vital “sofrimento” expressa não somente a trajetória do povoamento não-indígena, mas também dos Ofaié.

Essas comunidades indígenas sofreram com a expansão não-indígena, sendo obrigados a deixarem suas moradias para fugirem da opressão do homem branco. Isso não significa que essas pessoas não resistiram ou não lutaram por sua sobrevivência. Talvez tenham encontrado a esperança de poder viver e manter sua cultura viva deixando seu local de origem, o que também expressa um ato de coragem.

Quanto aos primeiros desbravadores a residirem, os não-indígenas, temos a datação da família Anjos em 1959. Porém, as redes também demonstram que, antes disso, fazendeiros já sobrevoavam de avião sobre a região para abrir fazendas. Até os funcionários da Viação São Paulo Mato Grosso já realizaram estudos nas terras da Fazenda Samambaia, com o propósito de construir uma base econômica. Essa última possibilidade dá ênfase ao surgimento de Batayporã em 1953, e os primeiros fluxos migratórios não-indígenas em 1959 na região que atualmente é Taquarussu.

Ao recordar a vida, os entrevistados dialogam sobre a mata fechada e a quantidade de animais e madeira que havia, mas que não se encontram hoje com abundância. Esta questão se conecta com a primeira relação econômica na pequena comunidade. Com a limpeza dos lotes sobravam as madeiras que eram utilizadas para construção de casas, galpões e cercas. O restante era comercializado. Isso remete ao fim da relação de “escambo”.

Outros modos foram se incorporando no ciclo econômico e, ao se referirem ao início do ciclo do algodão, novamente remetem ao termo “sofrimento”. De início, as plantações não

deram certo, não pela falta de investimento, mas porque as terras atendiam aquilo que a Viação São Paulo-Mato Grosso prometeu. As terras eram tão férteis que o algodão produzia muito, mas não dava para consumir. Com as interferências da ação humana, porém, em cerca de dois anos, o algodão tornou-se o grande ápice econômico de Taquarussu, de 1965 até os anos 2000. Esse processo fez com que a comunidade de Taquarussu começasse a se distanciar da comunidade de Batayporã, podendo-se imaginar a construção não somente uma fronteira territorial, mas também uma fronteira de interesses.

Desdobrar a partir do tórus “sofrimento” deu base para compreender as narrativas coletivas. Além da palavra sofrimentos, outras como “hoje estamos bem”, “as coisas foram melhorando” aparecem nas colaborações, demonstrando como ocorreu as relações humanas no processo de povoamento de Taquarussu a partir de uma comunidade afetiva.

3.2 ANÁLISES DA REDE 02: A MIGRAÇÃO

O desdobramento da rede 2 expressa o tom vital que gira em torno do termo migração. A quantidade de pessoas que migraram entre a década de 1950 e 1980 materializa a comunidade na relação entre sitiantes, arrendatários e fazendeiros. Comunidade que ficou conhecida como Taquarussu. Ao tratarmos do povoamento não-indígena de Taquarussu, trabalhada nos caminhos propostos pela história oral aplicada, tecemos histórias de pessoas que se estabelecem em uma outra localidade e que recriam e criam seus estilos de vida e modo de trabalho do local de origem. Nessa perspectiva, Alistair Thomson (2002) nos alerta da importância das experiências sociais para compreender os grupos e o processo de migração.

As lembranças possuem grande importância para a construção do migrante individual que em seu interior hibridiza com “o outro” e forma as identidades das comunidades. As lembranças colaborativas que retratam “quem são” e de “onde vieram” moldam cada pessoa no presente, e desta forma, afeta a maneira de construção da vida (Thomson, 2022).

Como ressalta o oralista Leandro Seawright Alonso, “(...) o cotidiano, a memória, a identidade de grupo, a sobrevivência familiar, a vida religiosa e, inobstante, o trabalho, são epicentros mnemônicos capazes de lançar luzes sobre a experiência da migração (Seawright, 2003, p. 77). Para isso, as experiências que retratam, para a maioria, saída do estado paulista para o sul-de-mato grosso é sentida, valorizada e respeitada.

Nesse sentido, ao tratarmos da migração e das experiências também somos convidados a compreender questões de identidade como um fenômeno em constante movimento e transformação, longe de serem fixos e imutáveis. São construções e desconstruções a partir das

diversas experiências, costumes e crenças trazidas do local de origem para um local dominado por mata virgem.

Esse fenômeno de mobilidade humana formula o que chamamos de comunidade de destino ou comunidade afetiva, e que a partir das suas lembranças migratórias nos apresentam contextos que estão longe da história usual como o caso de Kenedyba e Batarama. São projetos não-conclusos e que em seu interior carregam trajetórias de fracassos de pequenos agricultores.

Essas histórias migratórias acabam se misturando com as relações de poder e configuram um sentimento de pertencimento e exclusão a partir das fronteiras entre a comunidade ruralizada e sua sede urbanizada. Esse eixo analítico de separação leva ao fato de que a comunidade ruralizada de Taquarussu não se sentia parte de seu município e, mesmo que não fale diretamente, a insatisfação de serem denominados como parte de Batayporã fica claro nas entrevistas.

Nesta perspectiva, formula-se o que Pierre Bourdieu (2010) chama de Poder Simbólico, originando uma hierarquia. De um lado Batayporã com sentimento de superioridade ao mencionar o bairro Taquarussu, por outro lado, os próprios moradores do bairro se nomeando autônomos em decorrência do seu poder econômico. Essas contraposições se desenvolvem no interior de ambas as comunidades e se intensificam com a violência simbólica, ao referenciar o outro de maneira inferior.

Ao tratarmos da violência simbólica coincidimos com uma espécie de coação apoiada no reconhecimento de imposições da classe social e seu modo de organização. As próprias narrativas de vida no processo de migração para Taquarussu denuncia essa questão, narram: “[...] o pessoal de Batayporã chamava o povo aqui de Taquarussu de índio por conta do mato”, motivos que provavelmente a comunidade passou a ter receio de sua sede. Podemos também perceber o preconceito enraizado na memória desta comunidade de destino, já que contam essa história como que ser indígena fosse algo menos digno.

Esses conflitos geraram fronteiras imaginárias, justificadas pela não dependência econômica e materializa o poder simbólico a partir de interferências políticas e documentais. Para isso tem-se a organização do Projeto de Lei não aprovado n.º 80/1968 do deputado Carlos de Souza Medeiros, que solicitava a aquisição que configura Taquarussu para o Município de Nova Andradina, e, particularmente, a população ruralizada apoiou este processo.

O sentimento de pertencimento evidencia o sentimento de não-pertencimento a Batayporã. Nessa ordem, a densidade populacional do bairro ruralizado ultrapassava a de sua sede. Em 1970, Batayporã estimava cerca de 14.930 habitantes, dos quais 1.921 na área urbanizada e 13.009 na área ruralizada. Por meio das entrevistas realizadas no ano de 2022,

compreende-se que nessa mesma data, Taquarussu estimava cerca de 10.000 habitantes com o sonho de melhores condições de vida.

Em decorrência dessa superação, a comunidade de Taquarussu se distanciou de Batayporã por sua autonomia econômica e construíram caminhos para isso. O primeiro ato foi se identificar com outra denominação a partir dos recursos naturais. Surge a “taquara”, planta nativa que passou a identificar a comunidade, bem como a sua utilização para produção de utensílios domésticos e construção de casas. Este ato nomeou a comunidade ruralizada de Batayporã como “Taquarussu”. A nomeação é compreendida a partir da planta nativa, porém grande parte da comunidade de destino não conhece a origem da palavra da língua indígena Tupi, que significa bambu grande. Da mesma forma, não conhecem a história da comunidade Ofaié, que viveu por muito tempo nas terras que hoje é Taquarussu, e que também utilizavam a taquara em suas atividades.

Trabalhar com memórias de migração a partir o termo “aplicada”, no campo da história oral aplicada, nos leva nas entrelinhas da arte de contar e escutar mediante a análise que a disciplina propõe. Isso não apresenta apenas as trajetórias da comunidade de destino, mas também nos leva aos reflexos de outros acontecimentos, outros projetos e outros povos, como os Ofaié.

Nesse contraste de migração e formação de uma comunidade, as problemáticas que giram em torno da vida social vão se afunilando e novamente a arte de contar e escutar aborda o sofrimento. Relatos sobre dores nas costas, ferimentos nos pés e cansaço não somente se assimilam aos serviços manuais, mas também direcionam a necessidade de compra de mantimentos. A maioria dos colonos, na tática de sobreviver, necessitava deslocar-se a pé em cerca de 30 km até Batayporã para aquisição de alguns alimentos e remédios.

Essas dores falam sobre o cotidiano e as formas de se relacionar para viver e sobreviver em um local de mata fechada. Tais interações, estreitadas pelas relações sociais configuram a ação da comunidade de Taquarussu, estabelecem hierarquias, regras e determinam cada pessoa (Certeau, 1996; Bourdieu, 2010).

Casas foram erguidas, comércios construídos, igrejas estabelecidas, e hoje, a partir da memória coletiva, essas ações humanas, mediante o tempo e o espaço, são lembradas, ressignificadas, silenciadas e contadas com a linguagem do presente. Nesse interim, problemáticas sobre começos e origens retornam as redes colaborativas, tomadas pelas relações de poder. Como um elemento de desencontro mnemônico, situação que a história oral valoriza e analisa, as colaborações batalham para decidirem a origem da primeira casa comercial.

Para essa análise, além das memórias obtidas pelas entrevistas, houve a análise de documentos digitais. As colaborações apresentam Antônio Rodrigues com um comércio de mantimentos em geral. Logo após, surge Gileno Tavares de Lima com um estabelecimento de bebidas. Essa questão fica instigante quando apresenta o seguinte relato: “já escutei falarem que o primeiro comerciante foi o Antônio Rodrigues, mas me lembro que quem abriu o primeiro boteco aqui foi o Gileno. Temos que falar a verdade!”.

Essa questão pode ser discutida em decorrência do esquecimento ou daquilo que “não deve ser dito”, isto é, o silêncio. Esquecimento no sentido de uma memória tentar encobrir a outra pela força de uma memória que se fez oficial - a memória nacional, como aborda Michael Pollak (1989). Uma disputa entre “memória dominante e memória subterrânea” (Pollak, 1989, p. 05), já que, nos sites oficiais da Prefeitura de Taquarussu, e em algumas pesquisas já realizadas, como a solicitada pela Prefeitura, não mencionam a trajetória de Gileno, assim como também não contam a trajetória dos Ofaié. Porém, a memória coletiva nos apresenta essas questões.

Analisando essa disputa de lugar, é possível identificar que a rede aponta o ano de 1963 como o ano que marcou a instalação de ambos os estabelecimentos, de modo que talvez fosse necessário compreender a data de cada um, porém essa questão as colaborações não apresentam. Intercalando as análises, o site da Prefeitura de Taquarussu apresenta apenas o nome de Antônio Rodrigues como o primeiro comerciante do município, diferente do que dizem as entrevistas.

Esmiuçando o que a memória apresenta, podemos problematizar dois caminhos. A rede fala de Antônio Rodrigo como dono de um pequeno mercado, por outro lado, Gileno aparece como dono de um pequeno bar. Imagina-se dois comerciantes, porém com destinações diferentes – um mercado e um boteco construído em 1963.

Essa disputa mnemônica está relacionada ao vínculo afetivo e de amizade. Alguns dos colaboradores são parentes, amigos ou conhecidos e tentam dar um sentido de origem, primazia ou exaltação do eixo em análise. A memória disputada evidencia os lugares da memória, local onde as experiências humanas, o cotidiano taquarussuense se desenvolve.

No cotidiano surge a necessidade de acreditar em algo que medeia as relações humanas, e dessa forma a comunidade influenciada pelas forças simbólicas passam a se dividir em grupos religiosos: católicos, evangélicos e curandeiros ou benzedeiros. De modo seletivo, as memórias encontram-se ao discutirem a organização da Igreja Católica. Apresentam a abundância de fiéis que a pequena casa construída de madeira e sob a participação comunitária, não suportava a demanda.

Aqui, novamente, discute-se uma disputa mnemônica. “Meu pai que ajudou a construir, doou tijolos” e “não foi somente uma pessoa que ajudou a construir, foi a comunidade inteira” traça essa disputa entre “memória nacional” com as “memórias subterrâneas” (Pollak, 1989). De um lado, têm-se os sites oficiais como o da Prefeitura de Taquarussu e outras pesquisas realizadas destacando nomes como Benedito Machado, Manoel Antônio, Marciano Cordeiro, Miguel Araújo e Bruno Crivelli na construção do povoado. São nomes ligados a aquisição de grande quantidade de terras, alto poder econômico e forte presença na política partidária. Por outro lado, tem-se a memória afetiva, narra um movimento comunitário, com auxílio de homens, mulheres e até crianças. Uma nova perspectiva que olhamos de maneira microscopia.

Isso não significa que esses homens não tiveram seu papel e importância no processo de construção do povoado, nem tentamos apagar ou silenciar as trajetórias. Mas destacar que outras histórias fizeram parte desse processo, história de pessoas ordinárias, de famílias e grupos que a partir de suas experiências de vida, lembram e contam hoje.

A construção da primeira Igreja Católica de Taquarussu gira em torno destas problemáticas, mas pode-se, inobstante, identificar a presença de outras comunidades religiosas. Indiretamente, a rede apresenta com medo a presença de benzedeiros e benzedeiras. Ligam essa prática ao lado maligno, macabro, coisa do diabo, fomentando mais uma vez o poder e violência simbólica (Bourdieu, 2010). Esse tema causa estranhamento ao diferente: “eu nunca mexi com isso, não, Deus me livre! Mas tinha gente que mexia aqui”, assim também relatos de colaboradores que em situações problemáticas solicitaram ajuda dessas pessoas.

Percorrendo esses estranhamentos também encontramos relatos da presença de fiéis das Igrejas Congregação Cristã do Brasil e de alguns representantes da Assembleia de Deus Ministério de Belém, além de outras espalhadas pelos bairros vizinhos. Algumas com poucos seguidores e realizando encontros nas próprias residências. São cargas culturais que trouxeram consigo de sua localidade de origem e que possivelmente com o tempo deixaram e migraram para outra.

Certo que esses movimentos foram se intensificando ao longo dos anos, envolvida com a força da cultura do algodão e o alto movimento migratório. Por outro lado, a memória de expressão oral traz a evidência de uma evasão populacional na década de 1980. Evasão ligada a necessidade de estudo dos jovens, os arrendatários finalizando os contratos com fazendeiros, as dificuldades na lavoura e as doações de terras realizadas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). A não obtenção de terras próprias parece ser o problema central para esse processo.

Por fim, a rede que caminha sob seu tom vital “muitas famílias vieram para Taquarussu” fala sobre a migração iniciada na década de 1950. Dialoga sobre o processo de mudanças, recomeços e origens. Sair da cidade natal e migrar para uma região de mata virgem pareceu ser uma boa ideia, no sonho de vida nova.

3.3 EIXOS ANALÍTICOS DA REDE 03: HOMEM E TERRA

Seguindo os princípios da História Oral Aplicada, que se baseiam não em dar voz, mas em ouvir, estabelecendo um vínculo de confiança, o cruzamento das narrativas dos entrevistados revelou-nos uma relação fundamental na memória coletiva dos habitantes de Taquarussu: a relação entre o homem e a terra. Nessa perspectiva, nas dinâmicas sociais que permeiam a comunidade, a terra adquire um valor simbólico e significativo, pois é valorizada como lar, como base para a organização e tratamento do espaço, criando uma espécie de cumplicidade entre os habitantes e o ambiente que os cerca. Entretanto, é importante não romantizar essa análise. É necessário reconhecer que, para o povoamento ocorrer, houve a exploração dos recursos naturais, deixando um rastro de destruição e degradação ambiental.

A maleabilidade das memórias colaborativas em rede no tratamento das intervenções fundiárias traz, invariavelmente, o valor de aquisição da terra, as condições férteis e as formas de manipulação. Tudo isso está relacionado ao sentimento de pertencimento e ao debate sobre a identidade e cultura taquarussuense. Tais lembranças trazem à luz as sonoridades e as versões que se reelaboram no tempo presente. Apresentam as primeiras interferências da comunidade na terra: limpar os lotes, construir uma casa, furar um poço de água e formar roça para plantação. São elementos que surgem em todas as redes colaborativas.

De fio a fio, a memória tece a trajetória familiar nas glebas da fazenda Samambaia, algumas próximas ao Córrego Baile, outros lagos, ou na necessidade imediata de perfurar um poço pela não proximidade. De maneira geral, mesmo os que adquiriram o lote próximo aos córregos também se preocuparam em furar um poço, mas não imediatamente.

Esses caminhos apresentados pelo acordo entre a memória coletiva e a oralidade apresentam o ato de limpeza da terra sob auxílio de machados, enxadas, trançadores e foices para o trabalho manual de derrubada e capinagem da mata, serviço mantido de maneira familiar. Aqueles que obtinham uma situação financeira maior, contratavam alguns funcionários para realizar o processo, como o caso dos arrendatários. Nessa organização, a comunidade passou a se relacionar, dando espaço, no final da década de 1950, para o desenvolvimento da economia informal mantida pelo “escambo”, assim como para o início da construção de casas e a da

formação das roças. Esses eixos são voltados na preocupação com a família, um lugar para acomodar os filhos e o alimento para pôr na mesa.

Essa ação de exploração dos recursos naturais envolveu a construção de casas do capim sapê, casas de pau-a-pique ou galpões. Os recursos naturais ganham espaço na memória colaborativa, pois os entrevistados lembram da utilização da madeira do desmatamento, das folhas de coqueiro da taquara para a construção de telhados e do barro argiloso. Neste contexto, surgiram as casinhas feitas de sapê beirando o leito do Córrego Baile.

Nota-se, ainda, que o Córrego Baile surgiu nas narrativas de maneira constante, caracterizando-se como um lugar de memória (Nora, 1993). Mesmo os que não vivenciaram e aproveitaram seus recursos, lembram-se e contam a importância desse local, pois a memória é seletiva e carregada pelas trajetórias de vida, sofrendo influência do tempo e do espaço. É um fenômeno social na seletiva reconstrução do passado que enriquece e manipula o presente (Le Goff, 2003), na presença de pessoas inseridas num contexto familiar, social, nacional. É coletiva (Rousso, 2006).

O que poderia dar mais esperança a essas famílias do que “o próximo passo”? A frase “próximo passo” está destacada na memória coletiva, marcando o primeiro passo para a formação de roças. Em geral, as primeiras plantações incluíam milho, arroz, feijão, mandioca, abóbora, melancia e, posteriormente, algodão. Esse eixo temático, portanto, propõe algumas problemáticas relacionadas a domesticação da paisagem e fauna. O ato de abate de porcos-do-mato, por exemplo, surgiu na voz dos entrevistados como forma de proteger as roças, e, mais tarde, passando a fazer parte da dieta dos habitantes. São vários os relatos entre os entrevistados que mencionam o medo de ataques dos porcos-do-mato, de cobras peçonhentas e da onça-pintada.

São encontros e desencontros narrativos ligados à domesticação da “terra inóspita”, que, por outro lado, não deixam de mencionar sua condição fértil: “[...] ótima para a agricultura e pecuária”. Essa característica do solo, fértil, auxiliou os fluxos migratórios, pois encorajou as famílias que buscavam um novo lugar para viver, fugindo das dificuldades de seu lugar de origem. Ao desbravarem as terras de Taquarussu, porém, as famílias invadiram o lugar de morada dos animais, que de certa forma procuravam se defender, assim como também desencadearam grandes problemas para a fauna e flora local. Essa questão é evidente quando os próprios entrevistados relatam:

Hoje não é como antigamente, tinha muitos animais lindos aqui. Nunca me esqueço uma vez que meu pai matou uns porcos-do-mato porque destruíram

a lavoura e minha mãe disse “esse que você está matando hoje vai fazer falta amanhã. Chegará um tempo que ninguém mais vai ver esses bichinhos”. Dito e feito, hoje não vemos mais, e confirmo para você isso porque ocorria diariamente. Aqueles bichos bonitos tudo sumindo, aqui tinha vários pássaros de todas as cores (Terezinha Teixeira Rosa, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Os entrevistados indiretamente corroboraram as propagandas veiculadas pela empresa colonizadora, destacando a fertilidade do solo, mas também apontam para os desafios enfrentados no início da plantação das lavouras devido a essa fertilidade excessiva. Mencionam a manipulação da terra para diminuir sua qualidade e alcançar resultados satisfatórios. No entanto, destacam que, uma vez superadas essas dificuldades, a economia local prosperou, especialmente em torno da cultura do algodão.

Além disso, as narrativas enfatizam a relação entre o Bairro Taquarussu e o Bairro São João. Descrevem o Bairro Taquarussu como um importante polo econômico, investindo não apenas na cultura do algodão, mas também em outros cereais e na pecuária. Essas atividades econômicas impulsionaram o desenvolvimento do Bairro São João, fortalecendo as atividades comerciais e industriais em Taquarussu como um todo.

Essa ascensão econômica conferiu à população do Bairro Taquarussu uma sensação de autonomia em relação às poucas interferências de sua sede. Surgiu um questionamento sobre a identidade que os definia como batayporenses. Relatos como “éramos subordinados do Bata, mas não precisávamos pedir ajuda a eles, eles é que precisavam de nós” provocam reflexões sobre essa dinâmica. Gradualmente, uma rivalidade entre “Taquarussu X Batayporã” emergiu, gerando distanciamento cultural e identitário.

Esse processo se intensificou com as propostas de desmembramento. Os alicerces para a emancipação foram erguidos com o desejo de autonomia, contando com o apoio de representantes políticos. Adelmo Pontes desempenhou um papel crucial nesse contexto, deslocando-se repetidamente a Cuiabá e Campo Grande para buscar apoio dos deputados. Graças a essa luta, em 1980, Taquarussu conquistou sua emancipação política e estabeleceu sua fronteira com Batayporã. Os relatos dos colaboradores enfatizam a importância das viagens de Adelmo Pontes, que culminaram em sua nomeação como o primeiro prefeito de Taquarussu pelo Deputado Pedro Pedrossian. A comunidade aceitou essa nomeação, possivelmente de forma idealizada diante das batalhas e melhorias ocorridas quando ainda era um bairro ruralizado. No entanto, também podemos interpretar essa nomeação à luz de acordos políticos, algo comum nesse contexto.

É crucial ressaltar que ao mencionarmos nomes de políticos, não estamos essencializando suas trajetórias, mas sim analisando o cotidiano dessas pessoas por meio da memória coletiva. Valorizamos todos os atores e trajetórias da vida coletiva. Nesse sentido, partimos de conversas entre memórias para abordar as interferências do homem na terra e o que construíram a partir dela. Não contamos histórias pela metade, pois essas pessoas colaboraram e compartilharam suas experiências integralmente (Seawright, 2023).

3.4. DIÁLOGOS DA REDE 04: A EDUCAÇÃO

Embora o tônus da Rede 04 não seja tão evidente nas entrevistas, a maioria das contribuições está intrinsecamente ligada ao processo educacional de Taquarussu, uma vez que a rede é composta por três professores. Assim, o tema central é a "educação", que remonta à origem da primeira escola, à primeira professora e à relação dos arrendatários com a escolha dos pseudônimos Ouro Branco e Flor do Vale.

Como mencionado ao longo do estudo, mediar com a memória implica um compromisso com a sobrevivência, atravessando caminhos repletos de sonhos, desejos, medos, conquistas, derrotas, gritos e silêncios. Esta abordagem difere da temporalidade histórica, como ensina o oralista Leandro Seawright Alonso (2003). Assim, a memória seleciona, inventa, ressignifica, abre novos caminhos e perspectivas, nem sempre "assumindo compromissos com o documento-prova" (Seawright, 2003, p.106).

Nesse sentido, no compromisso entre memória e sobrevivência, a Rede 04 recorda o ápice do cultivo de algodão como elemento essencial para manter a esperança de uma nova vida em Taquarussu. Relatos como "até as crianças tinham muito dinheiro naquela época" ilustram como essa cultura foi benéfica. Essa memória está intrinsecamente ligada à origem do pseudônimo "Ouro Branco", que era característico da região do Bairro Taquarussu devido às grandes plantações de algodão. Esse processo atraiu a atenção de muitas pessoas que arrendaram terras de fazendeiros. Foram estabelecidos acordos de cerca de quatro anos em terras devolutas, resultando na produção de "cerca de 12 a 14 caminhões lotados de algodão", conforme informam os relatos. Ao final do contrato, as famílias deveriam deixar as terras, deixando pastos formados em seu lugar.

Os dados encontrados coincidem com registros dos jornais da década de 1970, período em que Taquarussu fazia parte de Batayporã. Além disso, é importante considerar que os colaboradores podem ter narrado suas histórias sob a influência desses documentos, já que os jornais utilizados na pesquisa foram disponibilizados por eles mesmos.

Em geral, os arrendatários desempenharam um papel crucial no povoamento não-indígena de Taquarussu e na sua força econômica até a década de 1980. Relatos como "de 100% da população, 80 eram arrendatários" e "diversas pessoas de outros estados e cidades montavam acampamento aqui para colher o algodão em terras arrendadas" nos levam a refletir sobre esse aspecto. Se a maioria da população vivia em terras arrendadas, então, o movimento econômico era liderado por eles.

Neste contexto, em concordância com a Rede 1 que aborda a questão da evasão em 1980, podemos considerar os fatores que fixaram essas pessoas em Taquarussu. Projetos anteriores à ocupação não-indígena das terras taquarussuenses, como Batarama, não tiveram sucesso. Se essas famílias, homens e mulheres que migraram, não fossem arrendatárias, talvez a evasão não tivesse ocorrido, pois estariam investindo em terras próprias e obtendo lucros independentes.

Outra questão a ser considerada é a relação com os fazendeiros. Como o contrato de arrendamento tinha cerca de 4 anos de duração, ao final do qual as famílias deveriam deixar as terras, os fazendeiros visavam "limpar a terra" para a criação de gado, seguindo seus próprios interesses. Não tinham intenção de lotear ou vender as terras, muito menos de formar uma vila. Os interesses estavam voltados para a criação de fazendas de gado. Nesse contexto, as famílias arrendatárias, enfrentando dificuldades em Taquarussu, buscavam novas oportunidades e viram essas possibilidades no projeto de doações de terras do INCRA.

A Companhia Colonizadora Viação São Paulo-Mato Grosso calculou o espaço que hoje é Taquarussu com o objetivo de negociar através da compra e venda; os fazendeiros concordaram com essa estratégia e pretendiam formar grandes fazendas. Nesse cenário, algumas famílias se apropriaram do espaço devido ao baixo custo oferecido pela colonizadora, manipulando essa situação a seu favor, construindo roças, casas e formando pequenos sítios. Com o surgimento da cultura do algodão, a presença de arrendatários em terras devolutas intensificou-se, contribuindo para o estabelecimento da comunidade ruralizada.

Nessas análises, fica evidente que Taquarussu emergiu de maneira inesperada, com a intervenção dos "detentores do poder" (empresa colonizadora e fazendeiros) na comercialização de grandes áreas de terra para a criação de gado, seguidos pelas famílias de arrendatários com suas estratégias, resultando na formação de uma comunidade ruralizada por acaso. Com a abundância populacional, demandando a solução de problemáticas sociais no próprio bairro, surge a necessidade da construção de instituições sociais. Na memória da rede quatro surge a construção de uma pequena escola rústica construída junto à população em meio as lavouras

com as madeiras retiradas dos lotes – uma escolinha ruralizada como extensão do Ginásio Estadual de Batayporã — Mato Grosso (MT).

Através da escuta atenta, foi possível perceber a ausência da administração pública de Batayporã na construção de Taquarussu. No entanto, ao investigar mais a fundo, encontramos uma personagem fundamental nesse processo: a primeira professora a lecionar em Taquarussu, Anita, que faz parte da mesma rede em análise. Os relatos da rede revelam uma relação fronteiriça entre o bairro ruralizado e a sede administrativa, marcada por momentos de insatisfação, como "éramos abandonados" e "vinham aqui quase nunca".

Anita é descrita como a primeira professora de Taquarussu, chegando à região em 1965 com sua família. Ela encontrou a escola já construída, mas carente de utensílios básicos de uma sala de aula, como carteiras, mesas e lousa. Esse relato sugere que a escola foi erguida no mesmo ano da chegada de Anita, mas ainda não havia alunos matriculados. Por se tratar de uma região ruralizada distante da sede municipal, eram as famílias de colonos que forneciam os recursos para suprir as necessidades escolares, incluindo merenda e água. Os alunos muitas vezes precisavam se sentar no chão. Posteriormente, a administração pública forneceria alguns bancos e cadeiras coletivas de madeira rústica. No entanto, o distanciamento da administração pública fica evidente quando Anita relata que quase não recebia seu salário, devido à escassez de recursos da prefeitura. Isso pode explicar em parte a falta de presença no espaço educacional de Taquarussu, bem como a dificuldade de transporte e comunicação devido à distância.

Com alguns meses de regência, surgiu um nome para a escola: “Escola Rural de Taquarussu”. Compreende-se que, por não ter uma organização das políticas públicas, a escola foi se formando pelos movimentos do povoamento e, dessa forma, a nomeação surgiu. Isso fica claro quando a professora Anita relatou que a forma de levantamento do público e as matrículas de alunos ocorreu de maneira manual, com uma folha de papel e uma caneta, passando de casa em casa com ajuda de uma amiga.

Mesmo após a população nomear a escola como “Escola Rural de Taquarussu”, o prédio já tinha um nome prévio: Ginásio Estadual de Batayporã — MT, pois a escola era considerada uma extensão do ginásio. Isso evidencia mais uma vez o distanciamento das políticas municipais em relação ao bairro Taquarussu. A administração de Batayporã concebeu a escola como uma extensão do Ginásio Estadual, porém a comunidade local aproveitou essa lacuna para renomear o espaço como “Escola Rural de Taquarussu”.

A professora Anita permaneceu na escola por cerca de dois anos, antes de outros professores assumirem. Entre 1971 e 1972, surgiram o professor Lucio e a professora Lurdes. A escola de madeira continuava funcionando, porém, é perceptível uma mudança significativa

naquela década e, a partir de 1972, a escola recebeu melhorias estruturais, como acesso à água e mictórios, sendo renomeada como Escola Municipal Jan Antonin Bata. A escolha desse nome demonstra que a administração pública tinha relação direta com a iniciativa privada. Ao homenagear Jan Antonín Bata, idealizador de Batayporã e dono da Colonizadora Viação São Paulo Mato Grosso, a administração buscou ampliar os investimentos no bairro ruralizado, dando-lhe mais atenção. Essa atenção administrativa pode ser compreendida em razão da crescente importância econômica devido à produção de algodão e a crescente da população.

As narrativas também destacam outra questão: a localização da escola. Ao visitar a rua mencionada, fica claro que os relatos se referem à mesma quadra, porém em locais diferentes. Alguns colaboradores afirmam que a escola foi construída em frente à capela mortuária Dina Luz, enquanto outros dizem que ficava em frente à casa do ex-vereador Lourinho da Saúde, com o fundo onde antigamente morava o Senhor Emir, colaborador da rede 03. Essas discrepâncias evidenciam a influência do tempo e do espaço na memória coletiva.

Respeitando as indicações das redes, Emir foi escutado, pois foi mencionado em diversas entrevistas ao lembrarem da escola. Após a colaboração e análises das entrevistas, concluiu-se que a escola foi construída na Rua Isabel Araújo, em frente de onde hoje se localiza a residência do ex-vereador Lourinho da Saúde. A história dessa escola é contada até o ano de 1973, quando foi inaugurada a Escola Estadual Dr. Martinho Marques, ampliando o espaço de ensino com uma estrutura física melhor. A nomeação da escola homenageia, por meio das relações de poder simbólico (Bourdieu, 2010), o Dr. Martinho Marques, ex-funcionário da Colonizadora Viação São Paulo-Mato Grosso.

Nas narrativas, ainda podemos notar a presença de algumas escolas familiares construídas em torno do bairro, como também escolas nos bairros vizinhos. O que temos de comum era a forma de se organizar, pois como não havia rede elétrica nem rede de esgoto, os prédios eram mantidos sob a luz do lampião e por baldes ou garrafas de água. De modo geral, as escolas eram construídas entre as roças onde alunos e professores realizavam suas necessidades fisiológicas.

Outro ponto de destaque, amplamente compartilhado entre os colaboradores, é o surgimento do pseudônimo "Flor do Vale". Esse tema é mencionado por Lourdes Justino, entrevistada na rede 04, e está ligado ao processo de emancipação de Taquarussu, envolvendo a organização da Prefeitura Municipal.

As narrativas descrevem um contexto comunitário, onde as escolas e a população em geral participaram de um concurso para escolher o pseudônimo. Lourdes relata que sugeriu o nome e participou anonimamente do concurso, ficando surpresa ao saber que sua proposta foi

selecionada. O nome escolhido reflete os recursos naturais da região na época, especialmente as extensas plantações de algodão e as características geográficas do município: a flor, representando a abundância de flora, e o vale, referenciando a localização de Taquarussu no Vale do Rio Ivinhema.

3.5 RESULTADOS DOS EIXOS ANALÍTICOS ENTRE REDES

Em conversa com os eixos analíticos de cada rede, mesmo percorrendo caminhos distintos, todas as entrevistas convergem para um mesmo fio condutor: contar a história do povoamento de Taquarussu por meio das histórias de vida. É importante lembrar que estamos lidando com um ato democrático e humanizador, pois colaboramos a partir das experiências de pessoas feitas de carne, sangue, sentimento e alma. A memória é feita de matéria humana, e é o ser humano que constitui a base desta pesquisa.

Mesmo com os encontros e desencontros, todas as redes destacaram direta ou indiretamente, três eixos analíticos: a terra, o algodão e os arrendatários. São esses eixos que apresentam o cotidiano, as relações de poder e a disputa por memória, interligando-se com todas as outras questões. Eles atravessam todos os tons vitais e auxiliam na construção do texto final, sobretudo do texto que apresentamos adiante, que dialoga com o gênero narrativo de história oral de vida e a história oral híbrida.

A terra surge como o centro da propaganda da empresa colonizadora Viação São Paulo-Mato Grosso, tornando-se o principal motivo para a abundância de vendas de terras nas glebas da Fazenda Samambaia no final da década de 1950. O algodão emerge como a força econômica mais preponderante da época, uma tática dos arrendatários que chamou ainda mais atenção para as terras férteis, impulsionando ainda mais os fluxos migratórios. Por fim, as famílias arrendadas, mesmo em lotes devolutos, deram força à terra, ao algodão e fomentaram a formação da pequena vila, do distrito e do município.

Dentre os eixos já destacados, esses três são os que aqui caminham para explicar o processo de povoamento não-indígena de Taquarussu. Eles auxiliam nos caminhos para responder à problemática central do projeto de pesquisa em história oral aplicada: "quais foram os motivos dessas pessoas, famílias, homens e mulheres se deslocarem para um local de mata virgem?".

CAPÍTULO IV - POR UMA NOVA PERSPECTIVA: HISTÓRIAS DE VIDA, HISTÓRIA DE POVOAMENTO

Se todas as pessoas não cessam de contar histórias, é que esse ato recebeu uma suprema consagração: contar é igual viver (Todorov, 2006, p. 125).¹²

4.1 AS PRIMEIRAS INTERFERÊNCIAS NA FAZENDA SAMAMBAIA

A campanha de colonização do presidente Getúlio Vargas no período do Estado Novo, denominada “Marcha para o Oeste”, foi um dos principais projetos que resultou no surgimento de diversas cidades, como Batayporã e Nova Andradina. Após essa interferência governamental, tem-se outros projetos que lidaram de maneira direta nas terras do antigo sul de Mato Grosso, como o caso da Companhia Viação São Paulo Mato Grosso. Sobre a Companhia existem diversas pesquisas que contam a sua história e trajetória na formação de diversas cidades, como por exemplo, a de José Carlos Ziliani e Juliana Sanches Silva Bonfim.

A Fazenda Samambaia era parte das porções de terras que a Companhia Colonizadora Viação São Paulo adquiriu. Ao analisar a Certidão da República Federativa do Brasil, compreende-se que as glebas Cayuás — 22.719 hectares, Iguassu — 15.155 hectares, Machado — 17.845 hectares e Recanto — 21.002 hectares da Fazenda Samambaia são parte do loteamento rural da Companhia Colonizadora, adquiridas no ano de 1922 e 1931. Adquiridas entre a primeira e a segunda fase da Companhia Colonizadora. A primeira fase da Companhia ocorreu entre os anos de 1908 e 1927, a segunda fase entre o ano de 1927 e 1941, e a terceira fase em 1941 e 1963 (Bonfim, 2009; Ziliani, 2010).

As relações da Companhia mantidas com as terras de Taquarussu aparecem em todas as narrativas organizadas no ano de 2022. Nota-se, outrossim, que umas das primeiras interferências na região do município foram os estudos das terras e negociações de venda de lotes, na sua terceira fase entre os anos de 1941 - 1963 (Bonfim, 2009). Os técnicos da Companhia São Paulo Mato Grosso tomaram suas análises a partir do Porto Epitácio, e ao subir o curso do rio Ivinhema chegaram ao Porto XV, nas terras da Fazenda Samambaia, pertencentes ao município de Entre Rio (antiga denominação do município de Rio Brilhante), hoje Batayporã. Em 1940, fizeram estudos na região, indagando a possibilidade de levantar uma base econômica, “os técnicos informaram que na fazenda existia grande quantidade de madeira, e que a maioria dos terrenos estava coberto de mata virgem” (Ziliane, 2010, p.143). Estes

¹² Parte do Livro *As aventuras narrativas do filósofo Tzvetan Todorov*, 2006, p. 125.

estudos foram de grande importância para a aquisição destas terras, embora o não conhecimento da presença e extração da Erva Mate. Mais tarde auxiliaram na organização do núcleo de Batayporã e, conseqüentemente as vendas das terras que formam o núcleo de Taquarussu.

As análises de Ziliani (2010) apontam o desconhecimento da presença e extração da Erva Mate na região. Porém, em contato com as entrevistas mantidas no projeto em história oral aplicada, alguns colaboradores, mesmo indiretamente, relataram a presença da empresa na região ao lembrarem da construção de picadas que utilizavam para se deslocarem. Não se sabe se ocorreu de fato a extração, porém era notável o deslocamento da empresa a partir de picadas ou carregadores abertos sob a mata virgem.

Os estudos realizados pela Companhia de Viação São Paulo Mato Grosso (CVSPMT) apontaram também a abundância de pastagem nativa e a presença de gados selvagens aproveitando a vegetação. Isto viabilizou os interesses em criação de gado, porém seria necessário derrubar a mata para formar pastagem, construir retiros e outras estruturas de uma fazenda de pecuária, como a construção de cerca, fornecimento de madeiras para serralherias e outros investimentos na pasta industrial e comercial.

Enxergando a proporção florestal, o grupo de Bata se preocupou em realizar estudos apontando os lugares para instalações de serralherias nas terras da fazenda Samambaia e também questões relacionadas ao transporte da matéria-prima. Viabilizaram instalar em pontos estratégicos, "uma na esquina SE da fazenda, sobre a barranca do Rio Samambaia; outra na barranca do Rio Baile, na metade da largura da fazenda; outra na barranca do Rio Esperança ou Perdido; e outra a 15 quilômetros do Porto Itapetinga" (Ziliani, 2010, p.144). A solução para o transporte de madeira seria por sistema fluvial, sendo transportadas pelo Rio Paraná, Rio Ivinhema, chegando ao Porto Tibiriçá, passando pela Estrada de Ferro Sorocabana e em seguida distribuídas aos polos de grande consumo, como o estado de São Paulo.

Ainda aproveitando a grande variedade de árvores e possibilidade de madeiras, o grupo Bata realizava a extração de resina, colofônia, terebentina e gases, a qual utilizava a mão de obra, na maior parte, de mulheres e crianças. Outro fator econômico que a Colonizadora analisou foi a possibilidade de criar jacarés, sapos-boi, cobras não venenosas para a extração e comercialização de couro. Por ser uma região de mata virgem, era grande a variedade de animais silvestres para a extração do couro, o que ressalta a ligação com as fábricas de calçados, principalmente com a filial que estava sendo instalada no município de Batatuba - SP, (Ziliani, 2010, p. 145).

Os primeiros quinze anos de interferências da Colonizadora na fazenda Samambaia se deram por estudos e exploração dos recursos naturais. Somente em meados do ano de 1953 se iniciou o processo de colonização das terras nas glebas Cayuás, Iguassu, Machado e Recanto. Esses movimentos idealizaram o município de Batayporã, estudos para construção de Kenedybá e Batarama, bem como a formação inesperada de um bairro ruralizado, cercado por taquaras e que em curto prazo de tempo se desenvolveu economicamente.

Portanto, Batayporã possui sua origem pelos movimentos mantidos no ano de 1953 sob os empreendimentos da empresa de Jan Antonin Bata (CVSPMT), e no mesmo ano pelo Projeto de Lei n.º 150, da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, Cuiabá, MT, de 27 de setembro de 1953, que foi elevado a distrito. O então deputado da época, Manoel Oliveira Lima, justificou o projeto pela quantidade de pessoas residentes no núcleo. Em 1958, passou a ser parte de Nova Andradina e, em 1963, passou pelo processo de desmembramento. Este movimento que idealizou o município de Batayporã foi de grande importância para as vendas de terras na região de Taquarussu, pois suas terras faziam parte do território do município idealizado pela companhia colonizadora.

Nesse contexto, cerca de dezenove anos após, os técnicos da Companhia Viação São Paulo Mato Grosso realizarem estudos nas terras da Fazenda Samambaia (conjunto de Glebas Iguassu, Cayuás, Machado e Recanto) e, seis anos após o surgimento do município de Batayporã, chegam em meados do ano de 1959 os primeiros desbravadores na região, que logo formaria a Vila Taquarussu do Município de Batayporã.

Com as derrubadas das matas, as notícias das vendas de lotes e as condições de terras férteis, novos lugares ao redor do município de Batayporã foram ocupados por colonos vindos de diversos estados do Brasil, formando pequenos sítios. Rapidamente esses locais foram se tornando bairros e vilas, exemplo disso é o Bairro da Festa, que pertence ao município de Batayporã e a Vila Taquarussu que em 24 de maio de 1976 tornou-se Distrito de Batayporã e em 1980 adquiriu sua emancipação política-administrativa. Neste contexto, alguns sítios, após 1980, foram se tornando comunidades rurais de Taquarussu, como é o caso do Pouso das Araras, Bairro Vera Cruz, Bairro Tranchã, Bairro Três Ranchos, Bairro Procópio, Bairro Cafezinho e Bairro São João.

Ou seja, Taquarussu não surgiu de um projeto organizado, mas sim como resultado das inúmeras terras rurais comercializadas e arrendadas, o que deu início a um povoado. Seria uma região de sítios e fazendas com intuito de criar gado, pelo desejo de investimento de fazendeiros. Porém, a grande presença de arrendatários mudou esse percurso. Ainda, no início do processo de povoamento da região de Taquarussu, outros projetos eram previstos.

Pelo Plano “Presidente Kennedy”, de 1962, no ápice da evidência do tema Reforma Agrária, tendo como base estudos geográficos, surgiu a ideia de instalar Kennedybá. Jan Bata, sob o auxílio de Verlangieri de Oliveira e Jindřich Trachta, organizaram o projeto, cujo objetivo era investir e transformar a colônia em um potencial para desenvolver a agricultura, dividindo em pequenos lotes. O local para a instalação de Kennedybá era nas glebas Machado e Recanto, próximo a Taquarussu. O projeto não se realizou, não se sabe bem os motivos, mas Dolores Ljiljana Bata Arambasic e Evandro Amaral Trachta e Silva (2010) discorrem que, por motivos políticos, o governo não autorizou a entrada do financiamento dos Estados Unidos, e também pela morte de Jan Antonin Bata e do Presidente Kennedy. Desta maneira, Batayporã e Kennedybá faziam parte de um plano de transformar aquela região em um grande centro agroindustrial (Ziliani, 2010).

Outro núcleo instalado que aparece em diversas entrevistas é a formação de Batarama. Não se tem muitas fontes escritas, o referido foi citado nas pesquisas de Dolores Ljiljana Bata Arambasic e Evandro Amaral Trachta e Silva (2010) ao abordar a história do município de Batayporã. Porém, o Agenor e Rosa, assim como outros colaboradores, relatam o conhecimento desta unidade instalada próximo à região que hoje se localiza o município de Taquarussu, nas glebas da CVSPMT. Essas análises compreendem que o projeto remetido a Batarama seria previsto com o desenvolvimento que Taquarussu obteve, porém, os colonos não adquiriram terras na localidade e com o movimento considerável ao que o projeto previa.

Diversos colaboradores relatam que Taquarussu não teria este nome, "aqui era para se chamar Batarama", "foi construída onde hoje se localiza a Fazenda Santa Rosa". A colaboradora Maria Aparecida da Silva relata que também tinha outro local se formando próximo a Taquarussu, próximo do Cafézinho e Vera Cruz, que o pessoal chamava de Batarama. Havia poucas famílias que investiam na plantação de mamona, porém não deu muito certo, houve uma grande perda.

[...] formou-se outro núcleo, denominado Batarama, que fez parte do desenvolvimento de Batayporã. Lá as coisas não iam bem, havia famílias cultivando mamona mas o preço caiu e perderam tudo. Essas famílias abandonaram suas terras e se mudaram para outras cidades, algumas para Taquarussu. (Claudenir José Crivelli, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Porém, antecedendo o projeto de Batarama outro núcleo era previsto para o local, quando os irmãos Sloman, antigos donos da Companhia Viação São Paulo Mato Grosso, entre 1927 e fins dos anos 1930 (segunda fase da Companhia) (Bonfim, 2009), planejou promover estratégias de colonização próximo ao Rio Prado (afluente do Rio Paraná – MS), o mesmo local que o empreendedor Jan Antonín Bata instalou o projeto de Batarama. Ambos sem sucesso.

Antes do povo chegar aqui, Taquarussu, houve algumas tentativas de colonizar. Teve um projeto que foi organizado com o governo dos EUA, teve o projeto de Batarama, e antes de Batarama também, bom, os mais antigos contavam, que os primeiros donos da Viação Colonizadora tentaram colonizar a região, mas faz tempo isso. Não vi esse ocorrido, porém sempre escutava os mais velhos contarem no bar (Antônio Emir Moraes, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Outros projetos de colonização já haviam sido planejados desde a análise inicial da equipe de Bata na fazenda Samambaia. Contudo, como mencionado anteriormente, a memória de expressão oral dos entrevistados desse estudo aponta que não houve um projeto sistemático para moldar as estruturas iniciais de Taquarussu. Diferentemente de Batayporã, as terras da Fazenda Samambaia foram pensadas com a estratégia de vender grandes extensões de terra para construção de fazendas. Foi com a tática de aglomeração de pequenos sitiantes e arrendatários, e não com um projeto específico de povoamento, que formou-se uma pequena comunidade cercada por bambus, caracterizada pelo sonho de “vida nova em um lugar novo”, que daria origem a Taquarussu.

Com a intensificação das vendas dos lotes da grande extensão de terras da Fazenda Samambaia, outras fazendas, sítios e vilas foram se formando e auxiliando a abertura de estradas e gerando emprego. É o caso da Fazenda São Domingo, Fazenda Campo Verde, Fazenda Bandeirantes, outras localidades como os recantos e assentamentos que encontramos hoje na zona ruralizada do município de Taquarussu e que praticam a agricultura familiar.

4.1.1 “ABRIGAVA EM SEU SEIO A SEMENTE DO NOVO, NOVA VIDA E LUGAR NOVO”: OS PRIMEIROS PASSOS NO NÚCLEO DE TAQUARUSSU

Como analisado, a área onde Taquarussu está localizado possui uma história de povoamento centrada nos esforços dos pequenos produtores da agricultura familiar. Porém, há reflexos de projetos estratégicos desenvolvidos a interesses próprios do governo, de colonizadores e de empresas. Devido à difusão do projeto “Marcha para o Oeste”, a intervenção da colonizadora Companhia Viação São Paulo Mato Grosso e a criação do município de Batayporã, tivemos os primeiros movimentos migratórios para a respectiva região.

Taquarussu surge de uma série de fatores diretos e indiretos. Temos o projeto Marcha para o Oeste, voltado à colonização de espaços, à formação de Batayporã e também ao loteamento e venda de terrenos na Fazenda Samambaia pela empresa Viação São Paulo Mato Grosso (Antônio Carlos Braz, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Nessas interações, a Companhia Viação São Paulo Mato Grosso assumiu o papel de dividir e de vender as terras, mantendo um cronograma assíduo de divulgação. As informações sobre as terras férteis e baratas se espalharam rapidamente, pois eram anunciadas na rádio. Além da rádio, um grupo de pessoas ia de porta em porta para divulgar, como foi mencionado na entrevista com Maria Aparecida da Silva, em 2022. Pelos diversos relatos, compreende-se que essa divulgação era feita por meio de programas de rádio, panfletos e visitas realizadas por funcionários da empresa colonizadora Viação São Paulo Mato Grosso, que percorriam estados e cidades, informando e convidando homens, mulheres e famílias para conhecer e adquirir terras.

As entrevistas com Rosa Ferreira dos Anjos e outras narrativas dos entrevistados apontam que a companhia disponibilizava um caminhão que passava em diversas cidades do Brasil, convidando pessoas para visitar os lotes. Embora houvesse terras à venda em várias regiões no estado de Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul), as famílias preferiam as terras da Fazenda Samambaia, em posse da Viação São Paulo Mato Grosso, pois os corretores da Companhia prometiam terras férteis, boas e baratas. O entrevistado Aliceu Francisco da Silva destaca esse fato, ao lembrar da fala de seus pais sobre a venda das terras:

Lembro do meu pai comentar do Zé Baiano falar que estavam vendendo terras muito baratas no sul de Mato Grosso, também na época anunciava nas rádios e um grupo de homens passavam convidando para conhecer as terras. Tinha em várias regiões, mas aqui era muito barato, então penso que a maioria do pessoal veio para cá por conta do valor, por exemplo, enquanto em outra região era 60 contos aqui era 15 contos (Aliceu Francisco da Silva, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Analisando a relação dos Títulos de Domínio presentes no Memorial transcrito da Certidão da República Federativa do Brasil, registrada no Cartório do 1º Ofício, Registro de Imóveis e Anexos no município de Rio Brillhante, as glebas Cayuás e Machado foram adquiridas pela Companhia de Viação São Paulo Mato Grosso, do Governo do Estado de Mato Grosso, no dia 30 de setembro de 1922. Já as glebas Iguassu e Recanto foram adquiridas no dia 16 de setembro de 1931. As terras comercializadas pela Companhia obtinham um plano de loteamento no qual eram divididas em lotes a partir de cinco hectares, conforme o desejo dos compradores.

As terras da Fazenda Samambaia eram de responsabilidade do tenente Nelson V. de Oliveira, e seu nome aparece em algumas entrevistas e também referenciado nas pesquisas de

Arambasic e Trachta e Silva (2010). Seu trabalho era auxiliar diversos corretores na procura de compradores e realizar negociações. Seguindo os desdobramentos das entrevistas nota-se que as compras eram fáceis de serem realizadas: “não me recordo o valor, mas sei que a forma de pagamento se iniciava com entrada de um valor considerável e o restante parcelado” (Agenor Francisco dos Anjos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022). Muitas famílias pagavam os lotes com a derrubada e a venda de madeiras.

Apropriando-nos da perspectiva de Stuart Hall (2006), podemos afirmar que essas interações sociais criaram a cultura taquarussuense e hibridizaram as identidades. Estas interações foram inscritas em relações de poder e, neste sentido, o tema “origem de Taquarussu” atravessa as entrevistas realizadas em 2022 como sinônimo de disputa de lugar e poder.

Por muito tempo, houve uma discussão significativa sobre qual família teria sido a primeira a chegar no núcleo de Taquarussu. Essa questão é uma das problemáticas que perpassa as entrevistas, pois invoca questões de interesses pessoais e coletivos e, conseqüentemente, produz narrativas divergentes.

Acerca do exposto acima, as entrevistas narram e problematizam a hipótese de que a família Crivelli teria sido a primeira a chegar nas terras que hoje é Taquarussu. Analisando as narrativas, podemos compreender que, possivelmente, pela força política que a família obteve no município, e por Bruno Crivelli ter sido um dos latifundiários que se destacou no período de povoamento, essa hipótese se fortaleceu e se espalhou pela comunidade. Essas discussões, ao nosso ver, podem ser relacionadas com a ideia de “poder simbólico” em decorrência ao “capital simbólico” (Bourdieu, 2010) que tal família construiu ao longo do tempo e que de certa forma a comunidade aceitou. As ideias de Pierre Bourdieu são, em nossa perspectiva, fundamentais para a compreensão do poder na esfera social que floresceu na década de 1960 nas áreas ruralizadas. Ajuda-nos a compreender a construção de significado imediato da comunidade através de valores, hierarquias e status social.

Desdobrando as colaborações, considerando os pontos semelhantes e dessemelhantes, compreende-se que a primeira família não-indígena a se fixar em Taquarussu foi a família Anjos, chegando em meados do ano de 1959. Para isto, destacam-se relatos mantidos com o Senhor Zinho Crivelli, filho de Bruno Crivelli:

Quando chegamos encontramos algumas famílias já com lotes limpos e plantando. Era bastante fartura, pois a terra sempre foi boa e fértil. Me recordo da família do Agenor Baiano e seu irmão Zé Baiano, chegaram em meados de 1959 e montaram uma casinha na beira do Baile. (Claudenir José Crivelli, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

A família Anjos datam sua chegada no núcleo de Taquarussu em julho de 1959, no mesmo ano que outras famílias também chegaram. Moravam em Planalto do Sul, no estado de São Paulo, e lá trabalhavam com a lavoura, que, contudo, não era lucrativa à época. Para fugir das necessidades resolveram procurar novos meios para sobreviver, quando souberam das vendas feitas pela Companhia Viação São Paulo Mato Grosso na Fazenda Samambaia. Após a chegada, outras famílias se instalaram na região. As colaborações destacam também José Laurindo Silva em 1959, o José Martins de Oliveira em 1960, o Miguel Araújo em 1960, o Percilio Cândido Santos e sua esposa Luiza Ribeiro dos Santos em 1960, José Vicente da Silva e sua esposa Adélia Crivelli em 1965 e o Bruno Crivelli com sua família em 1965. Assim como outros homens e mulheres, a maioria atualmente falecida.

Grande parte delas chegaram motivadas pelo desejo de uma vida melhor e compartilhando sentimentos de dores ou de felicidade semelhantes. Na cidade de origem não obtinham grandes lucros, seja pelas constantes secas, por outros desastres naturais ou por não possuírem terras próprias, como apontam os relatos de Josefa Tavares de Almeida:

Lá em Pernambuco a seca era muito grande, um ano perdemos tudo e meus pais ficaram muito desanimados. No próximo ano plantamos de novo e não houve grandes perdas, meus pais conseguiram colher bastante e fazer um bom dinheiro, porém não quiseram ficar mais por lá, venderam as criações e procuraram outro canto (Josefa Tavares de Almeida, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

No final do ano de 1959 e início do ano de 1960, muitas famílias de distintas regiões do Brasil foram atraídas pelas ofertas de bom investimento. Muitos saíram de seu estado de origem como Pernambuco, Bahia e Sergipe, e paravam por cerca de dois a três anos no estado de São Paulo, em cidades como Planalto do Sul, Rancharia, Martinópolis, Santo Anastácio e Ouro Branco. Em meados do fim do ano de 1959, essas famílias se deslocaram para Batayporã e Nova Andradina, até chegarem nos lotes de Taquarussu. Grande parte dessas pessoas vinham em cima de caminhões, conhecidos como “pau-de-arara”, enfrentando diversas dificuldades por conta da má-qualidade da estrada de chão.

De mudança viemos de camioneta e nossos móveis em cima de um caminhão, uma viagem longa e muita cansativa. Recordo que levamos quatro dias de Nova Andradina até Taquarussu. A estrada muito ruim, as mudanças iam caindo pelo caminho e quebrando. Para piorar o caminhão atolou e ficamos dois dias parados para resolver o problema e seguir viagem. A estrada é a mesma que passa a BR hoje, porém cercada de mato, buraco, poça de água e toco de árvores cortadas. Carro baixo não passava e a ponte que passa o Córrego Baile que liga Nova Andradina e Taquarussu não existia, era um

pouco para baixo atravessada por dois paus grossos (Maria Aparecida da Silva, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Histórias como a de Maria Aparecida da Silva evidenciam a comunidade de destino de Taquarussu. Ao relatar as circunstâncias emocionais e económicas que vivenciaram, identificam e centralizam o conjunto de subjetividades que a história oral procura valorizar e analisar. Emprestar os ouvidos para a escuta é respeitar as diferenças, as dificuldades e a dores.

Quando chegamos, essa pavimentação asfáltica que vai até Casa Verde não existia, só tinha a principal que vai para Campo Grande e Estado de São Paulo, então de Casa Verde para cá era tudo terra e por esse motivo demoramos muito para chegar, cerca de dois dias. O caminhão de mudança atolou, pois era época de chuva, minha mãe com as crianças chorando e fora que meu pai não estava conosco, ele já estava aqui, foi uma situação um pouco complicada, mas tivemos ajuda para chegar até Taquarussu e até hoje estamos por aqui (Antônio Carlos Braz, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

De Batayporã até o núcleo que se formava, a viagem de caminhão durava cerca de 6 a 7 horas por conta dos buracos e de tocos de árvores espalhados na estrada. Esse percurso perpassava uma estrada de terra e a ponte do Córrego Baile, esta última que hoje liga Nova Andradina a Taquarussu, e que era mantida por duas ripas de madeira grossa, colocadas pelos funcionários da Companhia Viação São Paulo Mato Grosso. A estrada localizava-se próxima ao Córrego Baile e passava no sítio do José Laurindo da Silva, hoje sítio São José da Terezinha Silva dos Santos e Genivaldo Medeiros.

As primeiras pesquisas realizadas sobre a região da Fazenda Samambaia não registram o reconhecimento das atividades de extração ervateira. As colaborações obtidas nesta dissertação, no entanto, relatam a presença da erva-mate ao narrarem a primeira estrada. Aliceu Francisco da Silva destacou que “[...] essa BR que passa aqui hoje estava lá embaixo, construída pela Matte Laranjeira, passava pelo sítio que hoje é do Genivaldo, na época era dos pais da Terezinha”. Ainda o *Jornal Vale do Ivinhema* (2008)¹³ destaca uma parte da entrevista realizada com José Laurindo¹⁴. Relata que chegou com sua família a Taquarussu em 1962 e como não existia estrada, utilizaram uma picada aberta pela empresa Matte Laranjeira que extraía a matéria-prima para ser comercializada em Dourados.

¹³ Vale do Ivinhema. José Laurindo viveu intensamente a história de Taquarussu. Ano I - n.º 03 - maio de 2008.

¹⁴ José Laurindo chegou com sua família em Taquarussu no ano de 1962. É pai da colaboradora Terezinha Silva dos Santos, da rede de número 01 desta pesquisa.

Como não havia estradas para dentro dos lotes, somente caminhos abertos pela colonizadora, os primeiros passos de quem chegava no final do ano de 1959 e início de 1960, era construir uma casinha próximo ao Córrego Baile.

Para se locomover havia apenas picadas dos lotes, de início organizamos um barraco de sapê na beira do Córrego Baile por conta do fácil acesso à água e por possuir uma vegetação rasteira. [...] com a chegada de novas famílias, nosso barraco servia de referência e ponto de descanso (Agenor Francisco dos Anjos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Como eixo complementar, Rosa Ferreira Anjos, esposa do colaborador Agenor Francisco dos Anjos, acrescenta um sentimento de sofrimento diante da forma como a mudança ocorreu. Essas histórias também representam a relação entre o homem e a natureza por meio do uso dos recursos naturais para a sobrevivência.

O segundo passo foi abrir estradas, pois era um local que não havia passagem para nenhum tipo de carro. Facilitamos até o trabalho dos engenheiros. Após a organização da casinha de sapê, com minha cunhada e as crianças, descemos para o Córrego Baile em cima de um caminhão com nossas mudanças. Na verdade, era pouca coisa. Foi a partir daí que iniciou o nosso sofrimento (Rosa Ferreira dos Anjos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Essa análise destaca a importância do Córrego Baile na composição dos habitantes originários do núcleo de Taquarussu. Um local adequado, que servia como referência e que forneceu diversos recursos para sobrevivência. Essa questão será discutida detalhadamente no próximo tópico deste estudo. Após a construção das casas de sapê, iniciava-se o desmatamento, mas esse percurso foi extremamente difícil porque a área era coberta por mata virgem. Isso fica claro tanto na pesquisa realizada pela equipe de Jan Bata quanto nos relatos dos colaboradores deste estudo.

Segundo o tenente Nelson de Oliveira, genro de Jan Bata e ex-chefe da administração imobiliária da região, as condições da paisagem natural foram uma das principais dificuldades encontradas pelos colonizadores na região Sudeste de Mato Grosso do Sul (Arambasic & Silva, 2003, p. 59). Ainda contavam com a violência imaginária e simbólica (Bourdieu, 2010) que as outras regiões propagavam sobre o Sul de Mato Grosso: “minha mãe tinha medo e fora aquele pensamento que aqui só tinha bicho, mato e índio” (Antônio Carlos Braz, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Ao mencionarmos a violência simbólica, conceito de Pierre Bourdieu, procuramos compreender a relação entre o estrutural e o estruturado que funciona como meio de dominação. A violência simbólica é o uso de símbolos de outras regiões que abrigam sentimentos de

superioridade, estereótipos e equívocos em relação às comunidades indígenas da antiga região de Mato Grosso e da atual região de Mato Grosso do Sul.

Eram poucas as coisas que se avistava, mas muito mato, não tínhamos nada. O primeiro passo foi procurar um jeito de ter acesso à água, nossa sorte foi a bondade do Senhor José Quirino, já falecido, que tinha um poço beirando o brejo, onde pegávamos água as primeiras vezes que precisávamos. Logo meu pai cavou um poço e tudo ficou um pouco mais fácil (Carmelina Candido da Silva, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

O desmatamento geralmente envolvia o corte de árvores de grande e pequeno porte com machados, enxadas, enxadões, foices e trançadores. De modo manual, principalmente por arrendatários e diaristas, e não por proprietários de terras. Após a exploração da madeireira, os resíduos eram recolhidos e queimados, serviço comum realizado nas famílias por homens, mulheres e até crianças.

Foram quase dois meses para derrubar uma parte da mata dos 5 alqueires e construir nossa casa [...] depois da derrubada, em meados de agosto queimamos, porém, como a demanda de chuva era grande a derrubada não queimou como desejado, a saída foi limpar o terreno e trazer a família. O próximo passo foi produzir tabuinhas, derrubamos o cedro e cortamos para construir a moradia. Há cerca de 3 meses já estávamos morando em nossa terra, construímos uma casinha de pau a pique bem alta para nos proteger da chuva e dos animais do mato. (Agenor Francisco dos Anjos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Após a limpeza dos lotes, o próximo passo era construir uma casa, maior parte de pau-a-pique com intuito de se proteger dos animais selvagens. Se utilizava a madeira do cedro, angico e ipê para fazer tabuinhas, folhas de coqueiro e barro para tapar os buracos das paredes e, geralmente a taquara para dar suporte ao telhado. Em seguida dava-se vida a agricultura para plantar milho, feijão, arroz, mandioca, abóbora e mantimentos para a família.

FOTOGRAFIA 15. MODELO DAS PRIMEIRAS CASAS CONSTRUÍDAS ENTRE AS DÉCADAS DE 1960 e 1970



Fonte: Lucio Paulo Justino, 1970 (Casa de José Laurindo Silva).

Nos lotes a casa era construída com troncos de coqueiro ou outra madeira grossa, depois retirava a argila, molhava e passava entre os espaços vagos para tapar os buracos e formar uma parede lisa, como fosse um reboco. Utilizava também a palha de coqueiro em volta da casa, no telhado. Também era produzido pequenas ripas de madeira para ser utilizado como telhas. (Terezinha Teixeira Rosa, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Ao observar a Fotografia 15, nota-se moradias construídas em volta das lavouras, em situações precárias, sem redes de saneamento básico, sem água, sem energia, sob condições favoráveis às infecções de diversas doenças que prejudicaram muito as vidas das pessoas. Nos desdobramentos as entrevistas destacam a presença, entre a década de 1960 a 1970 da doença de Chagas:

Teve uma época que ocorreu um surto da doença de chagas, uma doença transmitida pelo inseto barbeiro. Muita gente pegou e procurou esses benzedeiros e outros remédios, falavam que dava por conta da mata e pelas casas de barro e palha, mas tenho certeza que muita gente veio de fora contaminado. Infelizmente minha mãe faleceu com 30 anos por causa dessa doença (Terezinha Teixeira Rosa, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

FOTOGRAFIA 16. CARACTERÍSTICAS DAS RESIDÊNCIAS CONSTRUÍDAS NA DÉCADA DE 1960



Fonte: Lúcio Paulo Justino, 1960.

Com as derrubadas da mata e com a queimada do terreno, o que sobrava após a construção da casa era comercializado. Isso significa que a primeira relação econômica na região de Taquarussu, entre os anos de 1960 e 1975, foi a venda de madeira. Essa questão fica evidente tanto no estudo realizado pela Companhia Viação São Paulo Mato Grosso quanto nos relatos presentes nesta pesquisa. Agenor Francisco dos Anjos lembra que “o local é tão bom e rico que muitas pessoas compravam os lotes, derrubava a mata e extraía a madeira de peroba, ipê e cedro, vendia e pagava o sítio com o lucro”. Após, tem-se os investimentos na agricultura e pecuária.

Com a chegada das primeiras famílias no final da década de 1950, mais moradores foram chegando na região, porém as transições até os lotes ainda eram difíceis. Nesse contexto, surgiram grandes preocupações sobre a abertura de estradas e o apoio à chegada das pessoas. Os serviços externos foram mantidos numa base comunitária, envolvendo famílias de arrendatários, desbravadores, peões contratados para ajudar na exploração da madeireira, e mulheres e crianças. As mulheres, mesmo as grávidas, desempenharam um papel importante no processo de povoamento, pois não cuidavam apenas de suas casas e dos filhos, mas também adentravam a mata para desbravar, plantar e colher. Isto fica evidente nas colaborações orais de Rosa Ferreira dos Anjos e Carmelina Candido dos Santos Silva:

Mesmo grávida ajudava no serviço pesado, além de cozinhar e cuidar das crianças, às vezes derrubava a mata também. Fazia tanto esforço, cortava tora para fazer tabuinhas para cobrir as casas, carregava nas costas e às vezes apoiava na barriga, que meu terceiro filho nasceu com uma costela defeituosa. Trabalhei demais, era sofrido, minhas pernas são ruins hoje por conta disso (Rosa Ferreira dos Anjos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

FOTOGRAFIA 17. MULHERES NA DERRUBADA DA MATA NO ANO DE 1972



Fonte: Luciemes Abreu Soares, 1972.

Naquela época eu era uma menina ainda, mas ajudei muito meu pai a derrubar a mata, entramos na mata virgem para desmatar e tacar fogo, sempre com uma espingarda nas costas caso aparecesse algum animal selvagem. Tinha muitos insetos. Morria de medo daquele fogo se espalhar, mas era só tomar conta que nada de ruim ocorria. Entramos no mato de manhãzinha e sai só de noite. A espingarda servia para se proteger da onça-pintada, tinha demais (Carmelina Candido da Silva, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

A Fotografia 17 retrata a história de vida de Luciemes Abreu Soares¹⁵, com sua mãe Perciliana Pereira Sodré e seu filho Adionisio Abreu Soares, na derrubada da mata das terras adquiridas em 1971. A fotografia retrata a participa o feminina que   além dos cuidados domésticos. Essa intera o ocorreu em diversas regiões em processo de povoamento. A partir da imagem pode-se notar a grande variedade de madeira no chão, aroeira, cedro, peroba, e ao fundo a presença de uma mata densa e fechada. A intensifica o das derrubadas da mata, como aponta a fotografia, e com a chegada de novas famílias acabou fomentando a forma o de uma pequena vila.

Uma característica dessa popula o era a rela o de fraternidade, pois a partir das análises das entrevistas compreende-se que , entre o final da década de 1950 e meados de 1960,

¹⁵ Luciemes Abreu Soares, imigrante paulista da cidade de Martinópolis-SP, veio para Taquarussu no ano de 1971.

as relações internas se mantinham sob a transação de produtos por meio de “escambo”. Ou seja, não se vendia, mas se realizava a troca de mantimentos. Essa característica é apontada em diversas entrevistas obtidas no ano de 2022.

Mas aqui sempre foi um lugar muito bom, terra boa e um povo acolhedor. Por exemplo, a gente não vendia mantimentos, era trocado por aquilo que não se tinha. O pessoal que já tinha sua casa construída e suas plantações conseguia armazenar grande quantidade de mantimentos, e aqueles que chegavam recebia ajuda. Se doava uma quantidade para a pessoa conseguir se constituir e com o tempo se devolvia... um ia ajudando o outro. (Aliceu Francisco da Silva, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Devido à falta de comércio, a aquisição de bens como sementes e outros suprimentos ocorria sem interação de compra e venda. “[...] naquela época ainda não havia comércio. A gente trocava alimentos e sementes sem o valor da moeda. Só usávamos o dinheiro quando íamos para Nova Andradina ou Bataypora. Mas aqui foi em forma de troca” (Terezinha Teixeira Rosa, entrevista realizada em 2022 em Taquarussu). A relação de “escambo” foi mantida por pouco tempo, em meados do final da década 1950 e início da década de 1960. No entanto, as relações externas e as negociações de lotes com a Companhia Colonizadora Viação São Paulo Mato Grosso eram mantidas pela circulação do cruzeiro.

Desde o seu início, a população do núcleo de Taquarussu mantinha relação com o município de Batayporã, pois as terras mencionadas faziam parte da cidade idealizada por Jan Antonin Bata. Como muitos não tinham carros e nem animais para se locomover, realizavam longas caminhadas para aquisição de produtos. Essa caminhada tinha como objetivo fazer compras de mantimentos básicos, como pasta de dente, alguns remédios, sabonete, sal, pois como trabalhavam na agricultura familiar grande parte era produzido nas residências. Sempre se organizavam em grupos para se deslocarem, amarrava-se um saco de mercadoria com cerca de 40 kg nas costas e retornava para o núcleo. “Era muito sofrido, todo final de semana andávamos cerca de 30 km para ir e mais 30 km para voltar, ao todo 60 km. Essa vida foi tocando até o dia em que Deus quis melhorar [...]” (Agenor Francisco dos Anjos, entrevista realizada em 2022 em Taquarussu).

Os entrevistados salientam que quando tinham sorte conseguiam pegar carona com os caminhões de madeira ou com o caminhão da Viação São Paulo Mato Grosso. Aqueles que tinham posse de animais como cavalo, utilizavam carroças para a locomoção, assim como o transporte de mercadorias, sementes, produtos agrícolas e de madeira, como aponta a Fotografia 18 a seguir:

FOTOGRAFIA 18. MEIO DE TRANSPORTE MAIS UTILIZADO ENTRE A DÉCADA DE 1960 e 1970



Fonte: Lúcio Paulo Justino, 1960.

A partir do ano de 1961, o fluxo de pessoas aumentou e logo se formou uma pequena vila ruralizada. Desde seus primeiros fluxos até o ano de 1987, Taquarussu estimou quase 10.000 habitantes e hoje, no ano de 2023, estima-se cerca de 3.500 habitantes. Essa queda de habitantes se deu pela necessidade de estudo dos mais jovens na procura de melhores condições de vida fora das roças. Outro motivo foi a evasão dos arrendatários pela finalização de seus contratos e a formação de assentamentos, por meio de doação de terras a partir da Reforma Agrária em outras localidades.

Porém, antecedendo ao exposto acima, aos poucos a Vila de Taquarussu foi ganhando formato e aqueles que tinham em posse grande quantidade de terras começaram a lotear e vender. Neste contexto, começaram a surgir algumas estruturas como escolas, bares, vendas e por meio das manifestações religiosas a construção de igrejas.

Muitas pessoas compravam terras de Benedito Machado, de Manoel Antônio Marciano Cordeiro, de Miguel Araújo e de Bruno Crivelli, os quais tinham grandes porções adquiridas por meio da Companhia Colonizadora, separavam os lotes e vendiam. “Foi aí que Taquarussu começou a formar uma comunidade”, narra Josefa Tavares de Almeida. A população contou com o auxílio do ex-funcionário da Companhia Viação São Paulo Mato Grosso, o agrimensor Valério Nunes de Souza, que respondia pelo engenheiro agrimensor Martinho Marques, que se responsabilizou em organizar a planta da vila Taquarussu.

Esse movimento social com a interferência do ser humano na natureza transformou a localidade de mata virgem em uma pequena vila, que logo se tornou distrito e adiante município autônomo. Interações incorporadas pelos participantes desse processo (Arruda, 2000).

4.1.2 O CÓRREGO BAILE E SEU PAPEL NO POVOAMENTO DE TAQUARUSSU

Os rios, córregos e lagos do Brasil sempre estiveram intimamente ligados na formação histórica do país e de suas cidades, facilitando a penetração local, apoiando a exploração natural e o povoamento territorial. Esses elementos da paisagem muitas vezes articulam e integram regiões distintas, tanto para povoadores quanto para as comunidades nativas.

A maioria dos projetos de povoamento teve início em corpos hídricos, próximos a rios e córregos, como foi o caso de Batayporã (MS). Diante da experiência de dificuldades em Bataguassu em encontrar um local com fonte fácil de água, a CVSPMT se interessou em encontrar um local com bom abastecimento de água. Encontraram uma lagoa seca, hoje conhecida como “Lagoa do Sapo, localizada no município de Batayporã” (Arambasic; Silva, 2003, p. 65). Sobre esse tema, voltado para a história de Taquarussu, o entrevistado Agenor Francisco dos Anjos narra que:

Encontrar o Córrego Baile foi de grande importância porque facilitou o nosso trabalho. Se não o tivesse encontrado, teríamos de perfurar um poço porque não conseguiríamos sobreviver sem água. Então o córrego nos ajudou muito quando chegamos a Taquarussu. Ele tem água muito boa e muitos peixes. Não apenas nos ajudou, mas também ajudou a maioria das pessoas que vieram para cá (Agenor Francisco dos Anjos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Durante o povoamento de Taquarussu, os primeiros habitantes preocuparam-se inicialmente em encontrar e se estabelecer nas proximidades do Córrego Baile, tanto pela escassez de água, alimentos e baixa vegetação. Nesse sentido, por meio de relatos orais e de determinados estudos, buscamos evidenciar a importância do Córrego no povoamento de Taquarussu.

Essas discussões estão entrelaçadas com o que está guardado e reelaborado na memória de cada colaborador, visando sondar e valorizar a subjetividade de toda a história ouvida e analisada. Com base nas experiências e relações sociais mantidas na comunidade de destino, o Córrego Baile é um lugar de memória.

FOTOGRAFIA 19. CÓRREGO BAILE



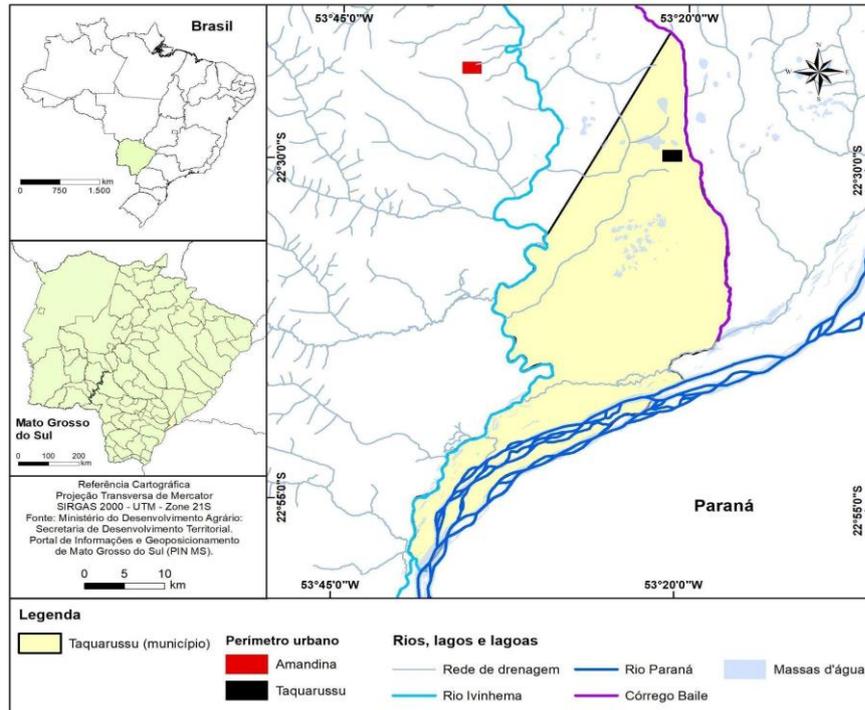
Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2022.

A MBH (Microbacia Hidrográfica) do Córrego do Baile se localiza na região sudeste do Estado de Mato Grosso do Sul e interage com os municípios de Taquarussu, Batayporã e Nova Andradina, somando uma extensão de drenagem de 507, 21 km². Dentro do território de Taquarussu atinge grande parte da zona ruralizada, banhando sítios e áreas de comercialização, como pesqueiro, áreas de lazer, percorrendo 129, 41 km².

O Córrego Baile faz parte da Unidade de Planejamento e Gerenciamento (UPG) de Ivinhema e pertence à Região Hidrográfica do Rio Paraná. Seu principal acesso pode ser pela rodovia BR-376 que liga a cidade de Nova Andradina a Ivinhema e Deodápolis – MS, também pela rodovia MS-473 que liga a cidade de Taquarussu ao município de Nova Andradina – MS. Possui grande importância para o escoamento de produção industrial, agrícola e pecuária da região¹⁶. Para melhor compreender a localização e extensão do Córrego, observe-se o mapa 1 abaixo:

¹⁶ Informações obtidas nas pesquisas de POTT, Arnildo. SILVA, João dos Santos Vila da. GOMES, Edmur Lavezo. *Características da Bacia Hidrográfica do Rio Ivinhema*. Revista GeoPantanal. UFMS\AGB. Corumbá/MS, n. 16. 106-124, jan.\jun. 2004. Disponível em: <<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/1001229/1/RioIvinhema.pdf>>. Acesso em: 07.08.2022.

MAPA 02. HIDROGRAFIA DE TAQUARUSSU – CÓRREGO BAILE



Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Antes da colonização, tanto nos municípios de Taquarussu, como em Nova Andradina e Batayporã, havia a presença de comunidades indígenas desenvolvendo suas atividades. Nesse sentido, o Córrego Baile servia como local de transição para outras áreas e outras atividades dessas comunidades. Embora existam poucos relatos indiretos sobre a presença de indígenas na região de Taquarussu, a questão está incluída nos estudos de Darcy Ribeiro (1951), Carlos Alberto dos Santos Dutra (2004) e no estudo mais recente de Eduardo Martins (2023) sobre o povo Ofaié da região de Mato Grosso do Sul. Tais estudos mostram que, além da presença da comunidade indígena Guarani, o povo Ofaié sempre esteve localizado às margens dos rios e córregos que correm pela área onde hoje está o município de Taquarussu.

Em 1948, o etnólogo Darcy Ribeiro e sua esposa Berta Gleizer encontraram um grupo viajando pelos rios que ligam Batayporã e Taquarussu, no rio Samambaia, na sua confluência com o rio Ivinhema. Os pesquisadores coletaram fotografias da expedição, durante as quais diagnosticaram a presença indígenas em toda a região do Vale do Ivinhema, principalmente nas terras do atual município de Batayporã, a 29 Km do município de Taquarussu. Com o tempo, esses grupos desapareceram devido à colonização não indígena e alvo do poder de diversos atores, como o Projeto Marcha para o Oeste. Essas comunidades utilizavam o Córrego Baile para realizar suas atividades.

Com a expansão das frentes colonizadoras e o desaparecimento destas comunidades, o córrego continuou a ser utilizado. No caso da região de Taquarussu, as primeiras famílias, mulheres e homens que compraram terras e se estabeleceram no território tomaram o Córrego Baile como base de assentamento e referência de localização. “Para termos uma ideia mais precisa da nossa posição, utilizamos o Córrego Baile como referência, pois a única estrada por onde passamos ficava muito perto dele”, lembra Claudenir José Crivelli.

Além da localização, o rio também auxiliou no fornecimento de água e alimentos, além de servir como local de acampamento devido à sua vegetação baixa e de fácil manejo. A partir das situações que mediaram a necessidade de localização, orientação e demarcação das posses territoriais, o nome Córrego Baile vem da própria população e representa os mais diversos registros dos “momentos da vida” desta comunidade (DICK, 1990, p. 22).

Nesse sentido, utilizando-o como ponto de referência e de sobrevivência, a comunidade nomeou o córrego. As pesquisas de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick são de grande importância para a compreensão da nomeação do córrego como um “ato de batismo” (DICK 1990, p. 38). A pesquisa da autora se soma a um trecho da história de vida de Terezinha Silva dos Santos: “As pessoas chamam de Córrego Baile devido às festas que faziam na sua proximidade”.

Podemos problematizar ainda o nome Córrego Baile olhando para as comunidades indígenas que estiveram ao longo do seu leito. Durante a colonização de Nova Andradina, diversas famílias adquiriram terras de um homem chamado “Gato Preto”, da família Barbosa Martins. Durante as negociações, eles passaram a noite nesta área e escutavam batuques de tambores e barulhos próximos a um córrego. Tais famílias ao adquirirem as terras referenciavam mediante a este conhecimento, “as terras onde tem baile”, “próximo do córrego que tem baile”. Porém, esses bailes eram os rituais realizados por comunidades indígenas que viviam próximas aos riachos.

Como eixo distinto, mas complementar, que a história oral procura analisar, a entrevista de Terezinha Teixeira Rosa conta que:

O Córrego Baile ajudou muitas famílias que iam chegando, como a do Senhor Agenor. Além do Córrego Baile, existe também o Córrego Baraca. Aqui na região sempre teve muita festa, as pessoas gostavam e até hoje adoram dançar, sair e bater um papo com os amigos. Porém, para saberem para onde ir, as pessoas nomearam o córrego de Baile, devido às festas que o povo organizava. Então perguntava-se: “onde será o baile hoje?” O outro respondia: “hoje não é no Córrego Bacara, é no Córrego Baile” (Terezinha Teixeira Rosa, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Nesse sentido, valorizando os encontros e desencontros que o tempo da memória proporciona, tanto pelo ato de lembrar, esquecer ou silenciar, a nomeação do córrego surge nas características sociais. Embora existam diferenças do ponto de vista, seja a perspectiva indígena e a não-indígena, o nome Córrego Baile tem origem na percepção dos habitantes que chegaram na década de 1950 e identificaram os batuques e sons musicais próximos ao rio. O que esses moradores chamavam de baile, dança, festa, era o que os indígenas chamavam de ritual. Isso não significa que ambos possuem as mesmas características, formas e objetivos, pois cada um mantém as particularidades de seus mundos simbólicos.

Partindo disso, a memória coletiva das redes analíticas do projeto de pesquisa em história oral aplicada nos leva à história de diversos acampamentos no leito do córrego a partir de 1960: de “famílias e rapazes solteiros que vieram e após realizar a limpeza se mudaram para as terras adquiridas” (Terezinha Silva dos Santos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022). As entrevistas destacam o Córrego Baile como local de memória e demonstram sua importância. Rosa Ferreira dos Anjos, considerada com sua família os primeiros a chegarem em Taquarussu, sublinha o quão fundamental foi a presença do córrego:

[...] montaram uma casinha de sapê na beira do Córrego Baile. Arrancaram o sapê para cobrir o telhado e utilizar nas paredes, cercando as laterais. Esse local foi escolhido pelo acesso fácil à água, por ser constituído por vegetação rasteira e de fácil manipulação, sendo temporário, até conseguirmos limpar o lote que estava no interior do mato (Rosa Ferreira dos Anjos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

No mesmo sentido, afirma ainda Terezinha Silva dos Santos que: “minha mãe sempre comentava ser por conta do fácil acesso à água, mas que também era perigoso por conta dos animais, principalmente a onça-pintada e a sucuri” (Terezinha Silva dos Santos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022). Além de local de moradia e pesca, também se utilizava o Córrego Baile para lavar roupas e louças, tomar banho, regar a produção quando não chovia e servir aos animais. Poucos metros abaixo da sua localização atual, em uma pequena mata, o córrego era utilizado como meio de transporte para as localidades vizinhas através de um caminho e ponte de madeira ainda existente. A ponte é sustentada por duas chapas grossas de madeira instalados por funcionários da Viação Colonizadora São Paulo Mato Grosso.

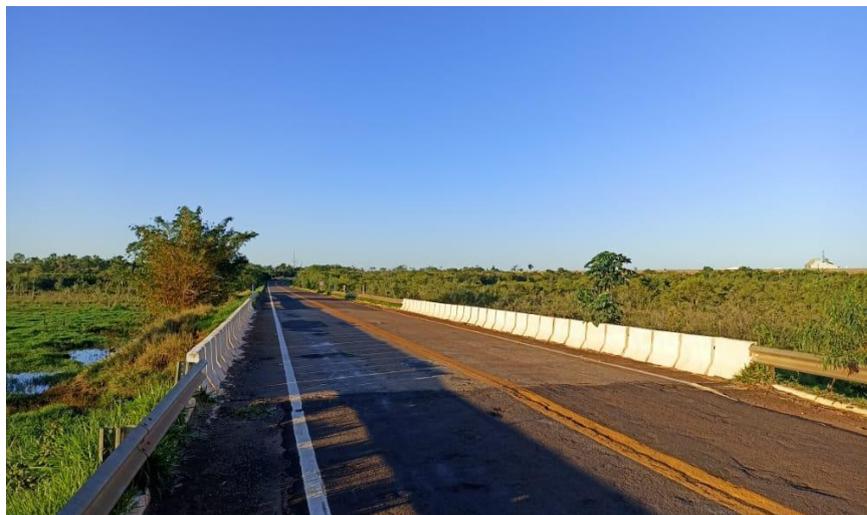
FOTOGRAFIA 20. ANTIGA PONTE DE MADEIRA SOB CÓRREGO BAILE EM TAQUARUSSU



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2022.

Observando a fotografia acima, pode-se perceber que hoje as chapas de madeira estão cobertas pela vegetação que flui no leito do córrego, e embora este seja um caminho que não pode ser utilizado para veículos, as pessoas de Taquarussu e cidades vizinhas costumam frequentar este local para a prática da pesca. Verifica-se que a vegetação ao longo do córrego é baixa e de fácil manejo e a presença de pessoas pescando e utilizando recursos naturais são semelhanças que aparecem nas histórias ouvidas em 2022, nos permitem imaginar e compreender o passado. Com a construção da rodovia MS-473, a ponte de madeira e a BR adquiriram nova localização e estrutura.

FOTOGRAFIA 21. PONTE SOB O CÓRREGO BAILE NA BR MS-473, TAQUARUSSU



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2022.

Hoje a ponte está localizada alguns metros acima da antiga ponte instalada pela Viação São Paulo Mato Grosso, possui estrutura de concreto e malha asfáltica. Chama-se Ponte Córrego Baile - Dr. Ademir Pimenta Aparecido dos Reis¹⁷ na Rodovia MS-473 Jesus Ferreira Neves¹⁸, ligando Taquarussu, Nova Andradina e Batayporã.

[...] A ponte de madeira do Córrego Baile também mudou, agora é de concreto e não está mais no mesmo lugar de antes. A ponte antiga ainda existe e está coberta de mato. Embora nunca mais tenha atravessado, ainda me lembro do tempo que andei por ela para chegar a Batayporã. Minha família e eu morávamos bem pertinho dela (Josefa Tavares de Almeida, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Ao redor é possível observar arbustos e a presença de moitas de taquara, o bambu nativo que deu nome ao município. Além disso, também é possível observar a presença de pastagens pecuárias e campos de cultivo de milho, soja e mandioca, produtos cultivados desde o início do processo de colonização. Estudos realizados pela Empresa de Saneamento de Mato Grosso do Sul S.A (SANESUL) classificam a água deste córrego como boa para abastecimento e consumo humano após tratamento convencional. Ainda é preciso envidar esforços para proteger as comunidades aquáticas, à recreação de contato primário para poder desenvolver atividades como natação, esqui aquático e mergulho, à irrigação de hortaliças, plantas frutíferas e de parques, jardins, campos de esporte e lazer, e à atividade de pesca.¹⁹

Ainda hoje, o córrego desempenha um papel importante na vida das pessoas nas cidades por onde passa. Por exemplo, em Taquarussu, além de servir como ponto de transporte para outras regiões, também é muito utilizado no meio ruralizado como ponto de bebedouro para animais, para pesca e como reservatório de água para tanques de peixe nos pesqueiros de lazer.

O Córrego Baile ajudou o povo no passado e ajuda até hoje. Hoje em dia, passa por diversas fazendas e sítios, ajudando a matar a sede do gado e a regar a terra quando não chove, as pessoas às vezes vão nadar ali, e alguns o utilizam como recanto de lazer. O Baile é uma das belezas da nossa comunidade e abriga diversas espécies de animais aquáticos (Lourdes Garcia Justino, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

¹⁷ Nome em homenagem ao Dr. Ademir Pimenta Aparecido dos Reis que foi brutalmente assassinado no ano de 2007, por um colega de ofício na ponte supracitada. Projeto de Lei n.º 135/08 da deputada Dione Hashioka (PSDB).

¹⁸ Nome em homenagem ao primeiro Prefeito eleito de Taquarussu Jesus Ferreira Neves. Lei n.º 2.907, de 19 de novembro de 2004.

¹⁹ Informações obtidas por meio da Modelagem Técnica — Estudos de Engenharia, Ambiental e Social. Plano de Mitigação e Gestão dos Impactos Ambientais. Volume 66 — Taquarussu. Disponível em: <<http://www.epe.segov.ms.gov.br/wp-content/uploads/2020/01/66.-PMGIA-Taquarussu.pdf>>. Acesso em: 26.08.2022.

4.1.3 A FORMAÇÃO DAS PRIMEIRAS INSTITUIÇÕES SOCIAIS

Na relação entre a história oral e a memória de expressão oral, as pessoas entrevistadas no estudo teceram fios da memória coletiva que nos levaram ao cenário da intervenção da Companhia Viação São Paulo Mato Grosso na Fazenda Samambaia. Essa interação resultou no surgimento de uma comunidade ruralizada a aproximadamente 28 quilômetros da cidade planejada por Jan Antonín Bata.

As primeiras famílias instalaram-se aqui no final de 1950 em terras negociadas pela Viação Colonizadora, após surgiram mais famílias e se organizou aglomerados de sitiantes. Esses locais foram ocupados por famílias de arrendatários e famílias com terras próprias praticantes da agricultura familiar. Com isso surgiu um povoado que ficou conhecido como Taquarussu, devido à quantidade de bambus nativos na região (Lourdes Garcia Justino, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Essa tessitura não apenas relembra as interações entre a empresa e os moradores, mas também mostra como esses pequenos produtores se organizaram para atender às suas necessidades. Os pioneiros tiveram que explorar e desmatar áreas de selva “[...] limpar a terra para plantar e colher. Foi chegando mais gente, aí as pessoas se conheceram e fizeram amigos e se reuniam às vezes para fazer fogueira e bater papo” (Matilde Gonzaga Gomes, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Estas intervenções mudaram a paisagem e criaram um foco nas economias locais, uma vez que o desenvolvimento agrícola e pecuário exigia a desflorestação. Esta última foi uma das economias mais importantes da região e continua a ser dominante até hoje. A preparação da terra e o plantio eram geralmente feitos à mão, usando arados e animais como cavalos.

[...] tinha muita mata, vieram famílias e homens solteiros que armaram barracas na beira do córrego Baile. Começou o desmatamento, começou a construção de casas, estradas, comércios, e tudo mudou. As florestas foram transformadas em roças, pastos para criação de gado e casas, tudo feito à mão e com a força do braço. Assim foi surgindo o Bairro Rural de Taquarussu parte de Batayporã (Terezinha Teixeira Rosa, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Além dos arrendatários, a presença de agricultores e proprietários de grandes áreas de terra esteve envolvida na formação do núcleo. Em entrevistas realizadas em 2022, nomes como Benedito Machado, Manoel Antônio, Marciano Cordeiro, Miguel Araújo e Bruno Crivelli aparecem em momentos distintos. Em meados de 1968 dividiram as terras que haviam

adquirido da Companhia Colonizadora e ajudaram a fundar um povoado em colaboração com Valério Nunes de Sousa, que elaborou a planta da cidade.

Refletindo nas perspectivas que Meihy, Seawright, Ginzburg e Maffesoli trazem sob uma visão microscopia nas entrelinhas da memória que enfatizam a subjetividade da vida ordinária, a narrativa de Loures Garcia Justino nos dá nova perspectiva. Uma roupagem que enxerga a história olhada de cima, mas que apresenta a importância dos escombros de uma história olhada de baixo.

Na história dos Taquarussu, há moradores de diversas faces: pobres, ricos, negros, brancos, mulheres, homens. Sabemos muito sobre Benedito Machado, Manoel Antônio, Marciano Cordeiro, Miguel Araújo e Bruno Crivelli no site oficial, mas e o restante do povo, aqueles que trabalharam duro? Aqueles que suaram e derrubam florestas, as pessoas que carregaram madeira nas costas e jogaram em caminhões, as pessoas que machucaram as mãos colhendo algodão e aqueles e aquelas que passaram frio à beira do córrego Baile? Onde está a história de quem trabalhou para os grandes donos de terra derrubando a mata? (Lourdes Garcia Justino, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Deve-se notar que as histórias geralmente listam nomes de homens com altos valores de compra quando relatam vendas de terras para estabelecimento da comunidade de Taquarussu. Enquanto isso, na perspectiva de “sondagem profunda” estabelecida por Maurice Halbwachs, outros nomes e trajetórias surgiram nas entrelinhas da memória coletiva.

Halbwachs nos ajuda a caminhar nos escombros da memória, encontrar e compreender o mais íntimo que se esconde em seu interior. “Enxergar” a partir da “escuta” temas muitas vezes deixado de lado, mas à medida que se desenvolve, novos e importantes eixos surgem. Esse tema me lembrou a história de Raimundo Preto, que trabalhou na derrubada da floresta para alguns proprietários de terras.

Raimundo Leandro da Silva chegou em Taquarussu em 1971, com a esposa e os filhos, trazendo consigo a esperança de trabalhar na produção de algodão e adquirir terras. Souberam da notícia pelo vizinho Inácio Pinheiro, que também era dirigente do sindicato em Batayporã do estado de Mato Grosso do Sul, enquanto ainda moravam em Lavra da Mangabeira, no Ceará. Não conseguindo comprar terras, montaram acampamento em terrenos de conhecidos, e Raimundo começou a desmatar a floresta para alguns fazendeiros e ajudar em algumas colheitas. Com o tempo, conseguiram juntar dinheiro, compraram uma casa, alguns terrenos e um açougue.

Histórias como a de Raimundo Preto e sua família refletem as trajetórias de outras famílias e nos ajudam a ver a história de Taquarussu sob uma nova roupagem. Essa nova

perspectiva compreende também a importância das mulheres, que como os homens deixaram suas terras natais para enfrentarem uma região de mata virgem e estabeleceram relações de poder. Assim como outras histórias de pessoas comuns. Não estamos falando apenas de grandes atores e proprietários de terras ou de um sentimento que endossa o progresso, mas o que importa é a vida dos pequenos produtores e suas relações, o que fizeram, o que deixaram, o que ganharam, o que sonharam, o que quiseram.

Nas entre linhas das “vozes da vida”, percebe-se uma “conversa entre memórias” que apresentam trajetórias como a de Rosa Ferreira dos Anjos e Agenor Francisco dos Anjos, Carmelina Candido, do Aliceu Francisco, do Claudeir José Crivelli, da Matilde Gonzaga, da Terezinha Teixeira Rosa, de Lourde Garcia Justino, Luiza Ribeiro dos Santos, Raimundo Preto e tantas outras “Marias” e outros “Joões”, entre parteiras, benzedeiros, arrendatários que constituem essa comunidade de destino e que vão além de uma perspectiva geográfica.

A partir dessas histórias, das interações sociais na comunidade que possui um sentimento de pertencimento, as pessoas foram transformando e modificando a paisagem ao seu favor, e desta forma também prejudicaram o cenário natural. Em meados de 1960 o desmatamento foi intensificado e casas, igrejas, escolas e comércios construídos para atender às necessidades da população.

Os colonos colhiam e vendiam a madeira, que utilizavam para construir casas, e os interessados em empreendedorismo utilizavam a madeira para construção de bares e mercearias. Casas, escolas, igrejas e farmácias eram todas feitas de madeira e cercadas pelas roças e a mata (Agenor Francisco dos Anjos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Os primeiros comércios foram construídos com madeira proveniente da derrubada da mata. Seguindo os desdobramentos das narrativas realizadas no ano de 2022, o primeiro local de vendas foi um pequeno bar que servia apenas bebidas e foi construído em 1963 e de propriedade de Gileno Tavares de Lima. Em 1969 foi vendido a Josefa Tavares de Almeida e transformado em restaurante com ponto de ônibus.

Meu irmão, Gileno Tavares de Lima havia aberto um barzinho de madeira em Taquarussu que só vendia bebidas e que servia também como ponto de ônibus, o primeiro boteco da cidade, porém com o tempo não queria mais ficar por aqui e colocou à venda (Josefa Tavares de Almeida, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

O citado acima está localizado onde atualmente passa a Avenida Getúlio Vargas, e após reformas ainda é conhecido como Bar do Neném Bicheira. No mesmo ano, Antônio Rodríguez

também fundou sua primeira mercearia de suprimentos em geral, fundando posteriormente a Zé de Gipe.

Também começou a viralizar quando o Senhor Gileno colocou o primeiro botequinho aqui na cidade que só vendia bebidas e em 1963 o senhor Antônio Rodrigues e o Zé do Jipe colocaram uma vendinha, a qual fornecia bastante tipo de alimentos, arroz, feijão... Me recordo também que o Tito — José Geraldo Sobrinho tinha um supermercado e o senhor Alfredo uma farmácia (Aliceu Francisco da Silva, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

À medida que aumentava o fluxo de pessoas oriundas do estado de São Paulo, outros negócios no bairro Taquarussu foram estabelecidos, tanto por meio de compras de terras quanto de arrendamentos. Em meados de 1973, o bairro contava com aproximadamente 56 casas comerciais, entre farmácia, açougue, serralheria e olaria.

Com a formação do corpus documental, foi analisado o Jornal D'Oeste (1973) e as narrativas da história oral de vida. Foi possível identificar em 1973 o Açougue e Bar São José de José dos Santos, o Bar São José do José Martins de Oliveira, Farma-Reis de Nazario Martins dos Anjos, Bar do Povo de Raimundo Martins da Silva. A Máquina de Arroz Brasilândia de Teodolindo Braz, Bar Almeida de Raimundo Almeida e Josefa Tavares Almeida, Venda do Antônio Rodrigues, Venda do Zé do Jipe, Mercadinho São Carlos e outros.

Com o tempo, surgiram as primeiras casas comerciais. Lembro-me do Gileno abrindo um bar e do Antônio Rodriguez abrindo uma mercearia. Tudo se desenvolveu à medida que mais gente chegava e mais coisas apareciam. Até foi aberta uma farmácia, da qual Alfred Gorss era dono. Nesse período, não há mais necessidade de se deslocar até Batayporã a pé para reabastecer as prateleiras porque já tinha tudo aqui (Terezinha Silva dos Santos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Do final de 1959 ao início de 1960, quando foi registrado o primeiro fluxo migratório, até a emancipação em 1980, o município de Taquarussu caracterizou-se pela produção de arroz, especialmente algodão, como base econômica central. De certa forma, o algodão foi a maior força econômica, o produto que mais atraiu a atenção e que mudou a vida de muitos pequenos produtores. “[...] a maioria plantava algodão, o que na época deu muito dinheiro para os produtores” (Claudenir José Crivelli, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Além do cultivo agrícola, os colonos negociavam terras através de aluguéis, comercializavam madeira e cultivavam outras culturas, como arroz, amendoim, feijão, milho, soja e criação de suínos, caprinos e equinos. A maior parte dessas produções foi realizada sob

contratos de arrendamento, tendo os pequenos produtores repassar certa porcentagem ao locador. Esses produtos eram vendidos externamente e também em comércios do bairro.

Essa produção chamou cada vez mais atenção de pessoas de diversas regiões do Brasil, sendo que no ano de 1973 o bairro ruralizado estimou um elevado número de pessoas, como lembra Antônio Emir Moraes: “havia muitas crianças, muitas pessoas, muitas famílias, muitos jovens, chegou a quase 10 mil habitantes”.

Consideramos essas interações e desfragmentamos a ilusão de “progresso”, proposta por Walter Benjamin em seu livro *“Teses sobre o Conceito de História”*. Benjamin (1985) nos alerta para reconsiderarmos o pensamento progressista. O pensamento progressista baseia-se nas visões de poder dos grandes e que fundamenta uma catástrofe, uma vez que há perdas no progredir.

Tal “progresso” silencia as narrativas das pessoas comuns no processo de povoamento de Taquarussu e constroem novos edifícios sob a sua sombra. Neste sentido, valorizamos os escombros e trabalhamos com as experiências dos pequenos agricultores, a fim de compreender todas as esferas de relação de poder, tanto a construção da comunidade, o levantamento dos comércios, escolas, casa e a organização da agricultura e pecuária.

Isto não significa que esta comunidade não tenha progredido através da intervenção tanto de empresas colonizadoras como de fazendeiros e pequenos proprietários, mas que estas pessoas manipularam áreas densamente florestadas e desenvolveram técnicas de controle, levando a mudanças lineares. Transformaram a natureza em instrumento do homem, sendo reduzida a mercadoria sob o ponto de vista de seu valor de troca. Também suprimem as histórias de outros, como o caso do povo Ofaié que estava na região de Taquarussu e desapareceram mediante os reflexos das frentes colonizadoras.

Essas interações sociais e o crescimento populacional eram indicativos de outras necessidades para o funcionamento físico da comunidade, como a educação dos filhos dos colonos, já que a escola mais próxima ficava na cidade de Batayporã. Com isto, a comunidade começou a se organizar estabelecendo várias escolas locais.

À medida que a situação melhorou, mais casais vieram e trouxeram filhos de várias idades, alguns com cinco ou seis filhos. E preocupavam-se com a educação das crianças e dos jovens, porque já estudavam na cidade natal e tinham que continuar aqui. Alguns pais preocuparam-se em educar os filhos em casa, até que foi construída uma pequeníssima escola de madeira. Qual pai e mãe não quer que seu filho estude e tenha uma boa carreira? (Maria Aparecida da Silva, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Valorizando as subjetividades da memória e analisando o contraditório, como ressalta Meihy (2006), relatos que falam da construção da primeira escola possuem ângulos diferentes que se completam e que se contradizem. Compreende-se que no bairro ruralizado existiam diversas escolas espalhadas, maior parte escolas familiares. Outra questão é que antes da construção da escola organizada pela administração executiva, algumas crianças frequentavam escolas de bairros vizinhos.

A entrevistada Terezinha Silva dos Santos narra sobre a existência da escola, que seu pai construiu em sua propriedade ruralizada no início da década de 1960. O mesmo relato foi publicado em uma entrevista do Jornal Vale do Ivinhema, em 2008, com o senhor José Laurindo, pai da colaboradora: “uma escola familiar, porém que acolhia todos que queriam estudar”.

Ficamos um tempo na casa de pau-a-pique, depois meu pai cortou algumas árvores para fazer tábuas e construiu uma casa melhor e uma pequena escola familiar. Esta foi a primeira escola de Taquarussu, e mais tarde foi erguida a primeira escola municipal. Embora esta esteja um pouco “degradada”, foi construída no início de tudo (Terezinha Silva dos Santos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Maria Aparecida da Silva e Josefa Tavares de Almeida relataram sobre escolas nas áreas vizinhas de Taquarussu, incluindo uma no bairro Pouso das Araras. Todas com as mesmas características: “construídas da madeira tirada da mata e com pouca estrutura”. No entanto, a escola foi fechada devido às onças que vagavam pela área.

Considerando o tempo da memória, cheio de “vais e vens”, e dado que os colaboradores relembram o passado e o contam com a linguagem do presente, a história nos leva à uma escola precária construída onde hoje é a rua Isabel Araújo, revestida por diversas dificuldades. Claudenir José Crivelli narrou que:

Também me lembro da primeira escola. Na verdade, existiam várias escolas familiares espalhadas pela região, mas lembro de uma escola que ficava perto de onde mora o ex-vereador Lourinho e da casa de Dona Nelza. Era feita de madeira e bem precária (Claudenir José Crivelli, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

A escola tinha apenas uma sala e foi construída pela comunidade com madeiras extraídas da mata. Ao narrarem, denunciam a situação precária em que se encontrava a escola e a indiferença dos dirigentes superiores e das políticas educacionais públicas relativamente à sua implantação.

Lembro-me da primeira escola. Era localizada próximo à atual casa do ex-vereador Lourinho, construída de madeira e seus primeiros professores eram de outras cidades. Era uma escola pequena, sem nada de estrutura, mas tinha muitos alunos. Nos primeiros dias a gente se sentava no chão, não tinha banheiro e a situação era complicada. Mas aprendemos e estudamos sentindo o cheiro das colheitas. A filha de Antônio Rodrigues, Anita, foi a primeira professora, seguida por Ione, Lúcio e Dona Lourdes (Terezinha Teixeira Rosa, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Ana Silva Rodrigues, conhecida como Anita, foi a primeira professora da escola rural de Taquarussu. Veio com a família para Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul) em 1953, mais precisamente para a cidade de Bataguassu. No final de 1965, foi convidada pelo prefeito de Batayporã, Diego Sanches Marchi, para visitar o bairro Taquarussu, assumindo assim a função de professora na escola.

Relembrando sua trajetória como professora, Anita explica: “não tinha o Curso de Normal (Magistério). Aceitei o cargo porque na zona rural, naquela época, quem sabia um pouquinho ensinava a quem não sabia”. Quando Anita chegou, o prédio da escola era recém-construído.

Lecionei nessa escolinha por dois anos. Foi um trabalho um tanto difícil, dada a falta de estrutura. Mas foi para mim uma experiência muito valiosa, muito importante, lembranças que guardo para sempre, tempo que recordo com muito carinho (Ana Silva Rodrigues, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Além de lecionar, a professora foi responsável por registrar e matricular as crianças. As inscrições e matrículas eram feitas “porta a porta” e registradas manualmente em cadernos, pois não havia computadores nem funcionários para prestar os serviços necessários nesse período. Na primeira turma da professora Anita, cerca de 70 alunos, de 7 a 14 anos, sentaram-se no chão e estudaram em duas turmas, uma pela manhã e outra à tarde.

Para matricular as crianças da região, uma das filhas do Sr. Manoel Antônio Oliveira, a Izaura (se não me falha a memória), acompanhou-me a todas as casas, as próximas e as mais distantes. Fizemos muitas caminhadas e, enfim, conseguimos cadastrar todas as crianças em idade escolar. Assim, fui conhecendo os habitantes da região, gente boa. Foi um bom exercício de aproximação e contato com os habitantes do local (Ana Silva Rodrigues, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

FOTOGRAFIA 22. PRIMEIRA ESCOLA DO BAIRRO RURAL TAQUARUSSU, 1966
(TURMA VESPERTINO)



Fonte: Ana Silva Rodrigues, 1966.

A fotografia acima mostra a professora Ana Silva Rodrigues e seus alunos em frente a pequena escola de madeira. Através da observação da imagem, é possível compreender e conectar alguns pontos que ficaram na mente dos colaboradores deste estudo. A escola de madeira mal acomodava o número de alunos, tinha estrutura precária e não possuía refeitório para alimentação, nem banheiros, canos ou poços de água potável, também não tinha rede elétrica, ou repertório escolar como cadeiras ou mesas.

A Prefeitura, de início, não disponibilizou verbas para a escola, sendo responsabilidade da professora adquirir utensílios básicos, como lousa e giz. Poucos meses depois, a escola foi equipada com cerca de treze carteiras e cadeiras rústicas de madeira, proporcionando espaço para três alunos por carteira. As necessidades fisiológicas eram realizadas dentre das lavouras e a água para consumo era trazida da casa dos alunos:

A escola era uma pequena casa de madeira construída ali na vizinhança, no meio das roças. O piso não tinha revestimento, era uma terra solta; não tinha carteiras escolares e no início as crianças sentavam no chão. Também não tinha “a casinha” para as necessidades fisiológicas, as crianças se aliviavam no meio da roça vizinha. Não tinha água, enfim, não tinha qualquer estrutura. Comprei uma lousa, giz e apagador para iniciar o trabalho. Um tempo depois o prefeito mandou para a escola treze carteiras rústicas e pesadas. Acomodava três crianças em cada uma delas (Ana Silva Rodrigues, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

FOTOGRAFIA 23. ESCOLA DO BAIRRO RURAL TAQUARUSSU, 1966 (TURMA MATUTINO)



Fonte: Ana Silva Rodrigues, 1966.

A escola se localizava no meio de roças e, ao fundo da fotografia 23, é possível ver a mata virgem ainda não manipulada e comercializada pelo homem. Isso destaca o caráter e o modo de vida de uma comunidade cercada por florestas e pelo desflorestamento para formação de roças e sítios. Para chegar à sala de aula física, alunos e professores percorreram por um pequeno carreador, caminho aberto entre as lavouras.

A Prefeitura também não fornecia verbas para aquisição de alimentos para os alunos, sendo que essa responsabilidade ficou para as famílias. Terezinha Teixeira Rosa relata que: “para ter merenda nossos pais levavam e deixavam na escola. Se bem me lembro, um pouco depois o prefeito Manoel Leite também começou a ajudar enviando leite em pó”. Ana Silva Rodrigues complementa que: “Era muito lindo observar aquelas crianças de longe indo para a escola, a pé, muitas descalças..., mas iam estudar. E comida eles levavam, água também, coisa pouca e simples. Depois tinha o almoço, eles iam para casa comer e às vezes levavam também”.

A história oral aplicada como um fenômeno humano e democrático permite-nos “zigzaguear” entre os contadores da vida e compreender os desenvolvimentos do cotidiano. Enxergar nas entrelinhas da memória as acusações de negligência por parte da prefeitura devido à situação precária da escola, à indisponibilidade de materiais básicos para o processo de ensino-aprendizagem e à falta de fornecimento de alimentos, remete à crítica ao progresso feita por Walter Benjamin (1985). Afinal, pensar essa trajetória a partir das memórias dos pequenos agricultores ou de suas famílias vai na contramão de uma visão de progresso que destaca “as

conquistas da burguesia” e silencia histórias de sofrimento, de luta e conquista dos “vencidos”.

A entrevistada Terezinha Teixeira Rosa tem muito a contar sobre isso:

Trabalhamos muito, cultivamos, colhemos e ganhamos muito dinheiro, talvez por isso não nos deram atenção. Veja, a escolinha era uma casinha de madeira, sem nada, sem banheiro e sem chão, era em cima de uma terra solta. Não tinha café da manhã, café da tarde e nem almoço. A gente trazia de casa e partilhava. Portanto, éramos independentes desde o início. Territorialmente éramos parte de Batayporã mas no sentimento não (Terezinha Teixeira Rosa, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Dar ouvidos para as memórias faladas da comunidade de destino de Taquarussu também remete a trajetória das crianças que frequentaram a escola rural. Evidenciam problemas associados a defasagem de frequência na rede de ensino devido à necessidade de ajudar as famílias na agricultura familiar.

[...] tinha um aluno mais velho que precisava ajudar sua família na roça, então ele precisava faltar...eu disse para ele: “quando você precisar faltar, falte! Não lhe dou falta na lista de presença”, e ele ia quando podia. Estudou bastante e passou de ano. As pessoas na roça são muito esforçadas, naquele tempo era a única coisa que eles tinham, “uma escolinha pequenininha, modesta, modestinha, mas com um coração grandão” (Ana Silva Rodrigues, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

As memórias de Ana Silva Rodrigues são complementadas pelas histórias de Maria Aparecida da Silva. Mesmo sendo pessoas diferentes, com trajetórias distintas, tratam do mesmo assunto e estão unidos pelo vínculo entre a memória expressiva e o conceito de experiência.

Não frequentei essa escola, precisava ajudar minha mãe nas tarefas domésticas para cuidar da alimentação, da roupa e dos meus irmãos. Quase nunca ajudava meu pai na roça, pois falavam que era papel dos homens, mas às vezes era necessário porque tinha muito trabalho: preparar a terra, plantar, cuidar e colher. É por isso que tenho pouca escolaridade. (Maria Aparecida da Silva, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

A princípio a escola não tinha nome, a própria professora não se recorda se forneceu informações sobre o nome do espaço de ensino. Ressaltou que, muitas vezes, ao corrigir os cadernos dos alunos, notava na capa algo escrito pela mãe: “Escola Rural de Taquarussu, e esse nome ficou” (Ana Silva Rodrigues, entrevista realizada em Taquarussu em 2022). Com a saída de Anita em 1967, outros professores passaram a frequentar a escola, sendo sua sucessora sua irmã Avelina Rodrigues Sena, que lecionou em 1968. Nesse período, a gestão executiva passou a interferir na estrutura da escola rural e disponibilizou verbas para aquisição de alimentos.

No final de 1967 vi que, com apenas o curso ginásial, logo seria superada. Então resolvi fazer o Curso Normal para ser uma professora de fato, preparada para esse trabalho tão importante. E assim, parti para São Paulo, onde já morava uma irmã mais velha que eu, com o propósito de estudar e depois voltar para ensinar quantas crianças encontrasse. Na escolinha, minha irmã Avelina Rodrigues Sena ficou em meu lugar, lecionando somente no ano de 1968, depois disto não tive mais informações (Ana Silva Rodrigues, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Em 1971 e 1972, outros professores assumiram a escola a convite do prefeito de Batayporã, Alcides Sãovesso, sendo eles a Lourdes Garcia Justino e Lucio Paulo Justino, os quais trabalharam na escola até a construção da escola Estadual Dr. Martinho Marques. A escola de madeira da época era conhecida como “Escola Municipal do Bairro Rural de Taquarussu”, no município de Batayporã – Jan Antonin Bata.

Naquela época o prefeito tinha a intenção de fundar um ensino ginásial porque só tinha o primeiro e a procura era muito grande, pois naquela época havia cerca de 10 mil habitantes a serem incentivados. Então as pessoas pediam muito a fase do ginásio, por isso fomos convidados para lecionar nessa escola. Porém antes de nós teve uma professora muito querida, os alunos comentavam muito sobre ela, seu nome era Anita, filha de Antônio Rodrigues. Ela saiu e veio outro grupo de professores, lembro do Barroso, ele saiu e a gente assumiu o cargo (Lourdes Garcia Justino, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

É importante notar que os professores da rede de ensino ruralizado cancelavam os seus contratos por períodos curtos, cerca de um ano ou menos. Nesse sentido, a rotatividade de professores era contínua devido à situação precária da instalação escolar, à falta de materiais didáticos, à distância de outras cidades, às dificuldades de transporte e aos baixos salários. Este último sofreu vários atrasos nos pagamentos. Sobre isso, Ana Silva Rodrigues conta que: “para você ter uma ideia, quase não recebia pagamentos, só recebia no final do ano. Quando precisei ir embora, tive que procurar o prefeito e dizer: “olha, preciso muito receber os dias trabalhados, porque vou estudar. O pagamento era baixo e sempre atrasava”.

Em meados da década de 1970, a escola de madeira assumiu uma nova roupagem; o nome da instituição de ensino deixa de ser popular e é nomeado por organizações políticas. Neste movimento destaca-se o nome do proprietário colonial, que projetou a construção de Batayporã e que pretendia construir outros projetos urbanos. Nesse período, a escola foi reconhecida como uma extensão do Ginásio Estadual de Batayporã – MT e houve grandes melhorias no espaço físico, como ampliação das salas de aula. Podemos compreender essa

passagem através de interesses políticos, uma vez que o distrito de Taquarussu estava em processo de desenvolvimento integral.

Intercalando a análise do Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Dr. Martinho Marques, com semelhanças e diferenças das entrevistas, verificamos que, em 1972, a escola atendia do 1º a 4ª séries e dependia de um gerador de energia. A escola funcionava das 05:00 horas às 23:00 horas.

Nossa energia era fornecida por um gerador, que funciona até 23:00 horas. É até engraçado e interessante. A escola fica aberta até as 23:00 horas, e quando faltavam cerca de 05 minutos para as 23:00 horas, o sinal apitava e todos saiam correndo, arrumava as coisas na bolsa para ir embora. Quando pisávamos fora da sala o gerador de energia desligava e todos caminhavam no escuro até suas casas, sob as luzes da lamparina (Antônio Emir Moraes, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Além dos problemas físicos, a escola também possui poucas etapas escolar. Muitas crianças e adolescentes que concluíram a 4ª série não conseguiam ir à escola por falta de mais anos de escolaridade. Somente ampliando e construindo novas instalações conseguiram continuar os estudos.

Quando chegamos a comunidade estava se formando, lembro que naquela época não tinha ginásio e para continuar os estudos esperei dois anos para entrar na 6ª série. A pequena escola de madeira não tinha a minha série, por isso, quando construíram a escola Estadual voltei a estudar. Tinha muita dificuldade com o inglês porque no estado de São Paulo a escola ensinava francês. Mas era muito bom, havia muitos amigos que levo comigo até hoje (Antônio Emir Moraes, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

A história da escola Antonin Jan Bata se encerra em 1973, quando foi inaugurado um novo centro educacional. Ao analisar as cooperações orais, podemos identificar quatro eixos para a construção da nova instituição: 1) estruturas precárias; 2) espaço pequeno, não atende às necessidades dos alunos; 3) má localização; 4) proposta estadual de construção de um novo centro.

A construção do novo centro educativo parece silenciar a existência da pequena escola construída pela comunidade com a madeira extraída pelos pequenos produtores. Parece soterrar as diversas dificuldades que alunos e professores vivenciaram na escola. Silenciar as histórias de Ana Silva Rodrigues, Avelina Rodrigues Sena e outros professores que tiveram que pagar do próprio bolso para comprar materiais didáticos para ensinar seus alunos.

Trato do silêncio a partir das ideias de Michael Pollak (1989) ao tratar da “memória dominante e memória subterrânea” que em consonância com a história oral aplicada nos

permite ouvir o multivocal e enxergar os escombros escondidos nas costas da história que exalta o progresso. Porque até então ninguém havia discutido as dificuldades e a existência desta escola de madeira e nunca ninguém havia ouvido as histórias dos seus primeiros professores.

Até então, a história da educação escolar em Taquarussu girou em torno da construção da Escola Estadual Dr. Martinho Marques, unidade idealizada pelas forças políticas partidária, afirmando-se como protagonistas a partir da ilusão de progresso na imagem de Martinho Marques. Isso não significa que a escola estadual não seja importante para a história do município, mas que além da história habitual, há uma outra história com importantes trajetórias.

Das histórias que a pequena escola rural carrega e está presente nas memórias de seus colaboradores, do silêncio, das incertezas e das dificuldades surge a possibilidade de construção de um novo centro educacional. Naquela época, as pessoas buscaram ajuda de representantes políticos local que solicitaram apoio do governo estadual. Com o apoio do governador do Estado, construíram um novo centro educacional através do Decreto 1. 604, de 21 de agosto de 1973, instituído pelo então governador de Mato Grosso, José Manoel Fontanillas Fragelli. Surge a Escola Estadual de 1º Grau Dr. Martinho Marques, no Bairro Taquarussu no município de Batayporã – MT.

A história da construção da Escola Estadual Dr. Martinho Marques começou com a intervenção do senhor Adelmo Pontes, na época vereador de Batayporã, mas morava no bairro Taquarussu. A escola deveria ser construída no local da Escola Municipal Jan Antonin Bata, mas o prefeito de Batayporã, Alcides Sãovesso, entrou em contato com Adelmo e informou que havia conversado com o governador em Cuiabá, José Manuel Fontanillas Fragelli, que conseguiu uma doação para construir uma escola (Lourdes Garcia Justino, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Além da interferência político-partidária, também houve opiniões a partir da comunidade de Taquarussu, à medida que as pessoas exigiam melhorias na escola e a oferta de mais níveis escolares.

A construção da escola estadual foi apoiada pelo governo do estado, nunca estive lá para aprender algo, mas meus filhos e netos estudaram lá. Naquela época o terreno foi ganhado e depois mudaram o local de construção para o que é hoje. As pessoas comentavam que precisava de uma estrutura melhor e também ter mais séries disponíveis porque tinha bastante crianças que não estudavam pela falta. (Maria Aparecida da Silva, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

A comunidade fez com que suas vozes fossem escutadas nos ideais da construção da nova instalação educacional. Como mostra as colaborações, os moradores não concordam em

construir uma rede pública no mesmo local da escola de madeira, eles exigem uma localização melhor. Nesse sentido, alguns professores e representantes comunitários começaram a procurar novos locais e conseguiram negociar e realizar troca entre terrenos.

Adelmo percebeu que o terreno da então escola municipal não era uma boa localização e também que o terreno cedido por Manoel Antônio, onde hoje fica a Igreja Cristã do Brasil, também não era uma boa localização, então chamou Lúcio para conversar e pensaram sobre a localidade. Lúcio analisou e reportou um terreno no centro, onde a escola está localizada hoje. Naquela época o terreno era do Zé do Jipe, ele disse: “Olha, não posso doar, mas se você quiser trocar esse terreno pelo que você já tem, eu aceito!”. Este foi o método de escolha da localização da escola estadual que temos até hoje (Lourdes Garcia Justino, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Em 1972 foi iniciada a construção e, no dia 28 de agosto de 1973, foi inaugurada: “aí o governador da época veio inaugurar a escola, tiraram fotos e tudo (Maria Aparecida da Silva, entrevista realizada em Taquarussu em 2022). A fotografia 24 mostra o governador José Manoel Fontanillas Fragelli no pátio da escola com a presença de funcionários, alunos e moradores do bairro.

FOTOGRAFIA 24. O GOVERNADOR JOSÉ MANOEL FONTANILLAS FRAGELLI, NA INAUGURAÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL DR. MARTINHO MARQUES (28 DE AGOSTO DE 1973)



Fonte: Acervo de Lúcio Paulo Justino, 1973.

A escola levou o nome do ex-funcionário da Companhia Colonizadora Viação São Paulo Mato Grosso, que foi responsável pela cessão de terras na área e posteriormente assumiu o cargo de confiança de Delegado Fazendário, sob regência na Delegacia Regional de

Bataguassu. Martinho Marques visitou diversas vezes a escola e para agradecer, doou a primeira máquina de datilografia para a secretaria escolar.

A escola Estadual tem o nome do agrimensor que realizou a divisão dos lotes que pertencia à Companhia Viação São Paulo Mato Grosso do Jan Antonin Bata. Assim que a escola foi inaugurada em 1973, ele veio nos visitar e nos presenteou com a primeira máquina de datilografia para fazer os registros, onde eu era secretária e professora ao mesmo tempo (Lourdes Garcia Justino, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Nesta época, a pequena escola de madeira foi demolida e algumas casas construídas no seu terreno. Na rede estadual, de 1973 a 1978, foram instaladas salas de aula de 5ª a 8ª série, alimentadas por lampiões a gás, e somente a partir de 1980 passaram a funcionar o ensino médio e o Curso de Magistério. Em 1973, embora Taquarussu fosse o núcleo subordinado do município de Batayporã, sua organização se equiparava à sede com escola, ginásio, comércios e outras 11 escolas rurais que compunham a rede educacional.

Por meio dessas interações, construindo o sentimento de pertencimento e abrindo caminho para a identidade e formação cultural de Taquarussu, as intervenções religiosas começaram a se manifestar. Sobre esse assunto, lembra Terezinha Teixeira Rosa:

As pessoas vieram de lugares diferentes, cada uma com seus costumes, ideias, características. Todos nós precisávamos acreditar em algo para seguir em frente e com isso as pessoas começaram a realizar reuniões de oração e depois construíram igrejas, cada uma com sua religião (Terezinha Teixeira Rosa, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Cada família trouxe suas crenças de sua terra natal, mas entende-se que a primeira intervenção religiosa se deu no início da década de 1960, onde havia uma Igreja no bairro Pouso das Araras pertencente à Congregação Cristã do Brasil. No distrito de Taquarussu, muitas dessas cerimônias ocorriam nas casas dos fiéis. O “Benedito Machado era da Igreja Cristão do Brasil e Zé do Jipe era da Assembleia de Deus, eles faziam reuniões em suas casas” (Terezinha Teixeira Rosa, entrevista realizada em Taquarussu em 2022). “Não tinha Igrejas construídas [...], mas havia muitas religiões e com o tempo construíram a primeira igreja católica” (Aliceu Francisco da Silva, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Em meados de 1965, devido à inexistência de uma Igreja Católica no bairro Taquarussu, foram realizadas novenas em domicílio com a visita do Padre de Batayporã, que celebrou missas e batismos. “Fui madrinha de algumas crianças..., presenciei alguns desses cultos e ainda me lembro dos bonitos hinos que cantavam”, recorda Ana Silva Rodrigues. Os relatos

dizem que a primeira missa da Igreja Católica ocorreu em uma pequena casa de madeira, mas acrescentaram “não me lembro exatamente” ou “não me lembro onde”. Diante do grande número de fiéis, tornando-se “desproporcional celebrar as missas ou os cultos em casas diferentes, pois dificultava os encontros e locomoção. Tiveram a ideia de construir as Igrejas” (Maria Aparecida da Silva, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Em meados da década de 1970, de forma comunitária, foram construídos os alicerces da Igreja Católica onde hoje passa a Avenida Getúlio Vargas, mais precisamente onde hoje mora o Claudenir José Crivelli. “Foi construída a primeira igreja católica onde hoje mora Zinho Crivelli. Lembro-me da sua existência quando era muito jovem, das celebrações de Nossa Senhora Aparecida, da Sexta-Feira Santa e de outras festas religiosas”, relata Antônio Carlos Braz.

FOTOGRAFIA 25. MISSA NA IGREJA DE MADEIRA ONDE HOJE É A CASA DE CLAUDENIR JOSÉ CRIVELLI



Fonte: Claudenir José Crivelli.

A primeira igreja foi construída aqui, hoje moro nela com minha esposa, na Avenida Getúlio Vargas, número 217. Meu pai, Bruno Crivelli, doou a madeira numa época em que o Sr. Castelari tinha uma serraria. A comunidade se reuniu para construir. Todos ajudaram, alguns deram tijolos, alguns deram madeira e alguns forneceram mão de obra, o projeto foi construído pela comunidade. Depois que a igreja foi construída na outra localidade, comprei o espaço, demoli a igreja e construí minha casa com a madeira que ela continha. A religião era forte, pessoas de igrejas diferentes. Havia também muitos curandeiros aqui. Quando alguém fica doente ou era mordido por uma cobra ou outro animal venenoso, buscará bênçãos. (Claudenir José Crivelli, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

As histórias contadas acima por Claudenir José Crivelli e Antônio Carlos Braz são semelhantes em todas as narrativas presentes no corpus documental desta pesquisa. Uma casinha de madeira pequena, mas que atrai muita gente, como pode ser visto na fotografia 25. “Como qualquer lugar, qualquer instituição, a Igreja precisava de verbas para se manter. A comunidade contribuiu com doações e também foram realizadas diversas festas de arrecadação, como acontece hoje”, conta Josefa Tavares de Almeida. Eram diversas novenas e bailes em Taquarussu organizadas pelos fiéis, onde o Aliceu Francisco da Silva junto com seu pai Carlinho tocavam sanfona com o objetivo de chamar a atenção das pessoas e ajudar a igreja.

Com o tempo a igreja já não suportava a quantidade de pessoas e resolveram construir a Igreja que temos hoje. Logico, ela já não tem a mesma estrutura lá da década de 1980, foram feitas outras reformas. Mas hoje conhecemos ela como Paróquia Nossa Senhora Aparecida (Antônio Carlos Braz, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

A paróquia Nossa Senhora Aparecida começou a ser construída no final da década de 1970, momento que ocorreu a missa de inauguração na presença do arcebispo do município de Dourados. Por volta de 1979, a igreja passou por uma transformação completa, embora ainda não concluída, mas nesse período ainda não tinha o nome atual.

No dia 02 de setembro de 1979, o então Bispo Dom Teodardo Leitz realizou uma visita informal ao distrito de Taquarussu – município de Batayporã – MS, relatando as expectativas para a criação da paróquia. Nesse período surgiu o Padre Ângelo Maschi, que junto a população lutava e desenvolvia projetos para a criação da paróquia. Três dias depois deu-se início a instalação da moradia paroquial, destinado ao Padre Ângelo Maschi e irmão Rino, momento organizado pela comunidade. Em 1980 o Bispo Diocesano Dom Teodardo Leitz retorna a Taquarussu, já desmembrado, e realiza às 15:00 horas a missa de criação da paróquia, deixando-a sob responsabilidade de Ângelo. Todos esses movimentos destacam a comunidade de destino de Taquarussu e criam significado dentro dela, os quais contribuíram para a consolidação de um lugar de mata fechada em bairro, distrito e, finalmente, município.

Essas interações entre familiares de arrendatários, empresa colonizadora e fazendeiros caminhou para que Taquarussu fosse elevado a distrito pela Lei n.º 3.708, de 24 de maio de 1976. Mesmo na condição de distrito, Taquarussu ainda apresentou grande crescimento em suas questões educacionais e econômicas. Nesse contexto, a população de pequenos produtores passa a enxergar um núcleo que não dependia da sua sede para se manter. Com a vontade da população e luta de alguns representantes políticos, a partir da Lei n.º 77 de 12 de maio de 1980, Taquarussu torna-se município.

4.1.4 “O SUOR ESCORRENDO PELO ROSTO REFLETIA O ESFORÇO PARA UMA COLHEITA FARTA”: A CULTURA DO ALGODÃO EM TAQUARUSSU

Trabalhar com histórias de vida possibilitou refletir sobre o cotidiano dos pequenos agricultores, que a partir de suas lembranças e esquecimentos narram a história de povoamento de Taquarussu. Esta ação coletiva permitiu-me conhecer pessoas que, apesar da idade avançada, ainda se lembram e narram no tempo presente sobre a vida, as dificuldades e os sucessos ao chegarem em um local de mata fechada. História que retratam as origens, os recomeços e os cotidianos.

Nessas trilhas, histórias como a de Agenor Francisco dos Anjos, que relembra o trabalho árduo do desmatamento, das plantações e como cada gota de suor em seu rosto representava um bom dia de serviço, nos dá ideia de como essa comunidade se organizava e o que faziam: “era uma luta, e aquele suor escorrendo pelo rosto refletia o esforço para uma colheita farta” (Agenor Francisco dos Anjos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022). Esse processo íntimo, baseado nas relações entre terra, trabalho e família, distingue a cultura da época de outras formas de agricultura. Estamos falando aqui de agricultura familiar. Isto identifica produções agrícolas que apoiaram a economia local e ajudaram a construir a comunidade a partir das mãos dos pequenos produtores.

Isto parece ser uma fonte potencial de esperança e motivação para os pequenos produtores. Acreditavam no sonho de trabalhar para alcançar seus objetivos, mesmo quem não possuía terras próprias: “foi assim: algumas pessoas arrendaram, outras compraram. Então plantaram e colheram feijão, arroz, amendoim e algodão para juntar dinheiro e melhorar as condições de vida” (Maria Aparecida Silva, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

A terra é, portanto, um dispositivo central para os pequenos agricultores e é necessária para a sobrevivência da unidade de produção familiar. Para essas famílias arrendadas, a terra começa a adquirir um significado simbólico e afetivo que vai além de compreendê-la como propriedade. Simboliza a vida familiar, a base a partir da qual a pessoa lê e vê o mundo, o lugar de onde obtém o alimento, a água e a renda familiar. Simboliza a história da família, o passado que os trouxe ao presente e o lugar que lhes permite construir o seu futuro.

A terra, a batida da enxada no chão, os animais, as primeiras casas, os primeiros comércios é a junção do povo que estiveram e estão aqui em Taquarussu. Mostra quem éramos, o que queríamos alcançar e o que temos hoje. Foram muitos processos, venda e arrendamento de terras, derrubada e

venda de madeira das florestas, produção de grãos e, sobretudo, cultivo de algodão (Antônio Carlos Braz, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Com a conquista das terras foram necessárias novas diligências, quer através da compra, quer através de contratos de arrendamento. Era preciso encontrar um lugar para acampar, encontrar água, limpar a mata, construir uma casa e iniciar a lavoura e os trabalhos agrícolas. A respeito disso, lembra Carmelina Candido dos Santos:

Eram poucas as coisas que se avistava, mas muito mato... não tínhamos nada. O primeiro passo foi procurar um jeito de ter acesso à água, nossa sorte foi a bondade do Senhor José Quirino que tinha um poço beirando o brejo, onde pegávamos água as primeiras vezes que precisávamos. Logo meu pai cavou um poço e tudo ficou um pouco mais fácil. Em seguida, foi preciso arrumar um local para dormir... montamos um barraco de lona para passar as primeiras noites e no dia seguinte lascamos as madeiras das matas para construir nossa casa. Ficamos 4 meses debaixo da lona no terreno do Otacílio Pinheiro... não era muito, mas quando construímos a casa em nosso terreno foi um alívio, porém era mato de um lado e mato do outro (Carmelina Candido dos Santos entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

O acesso à terra foi o primeiro passo, e provavelmente o mais importante, para as famílias migrantes que procuravam uma nova vida num novo lugar. Desde os primeiros fluxos migratórios ocorridos no final da década de 1950, as pessoas começaram a interagir, trocar experiências e socializar, formando uma comunidade afetiva conhecida como Taquarussu.

Na relação entre terra e pessoas, a empresa Viação São Paulo Mato Grosso surgiu em meados de 1953 com propostas de vendas de terras nas glebas da antiga Fazenda Samambaia. “As terras pertenciam à Colonizadora Viação São Paulo Mato Grosso, administrada por um general. Muitos terrenos à venda, preços acessíveis, qualquer um conseguia comprar” (Claudenir José Crivelli, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Esta divisão originalmente implementada pela Colonizadora Via São Paulo Mato Grosso foi um importante ponto para a interação entre terra e os povos não-indígenas. Isso porque já existiam comunidades indígenas na área antes do início da frente de povoamento. Com as interações não-indígena iniciou o desmatamento de grandes áreas de mata virgem.

A partir de 1959, a região teve grande atividade de venda e compra de terras por pessoas de diversas partes do Brasil. A Companhia colonizadora permaneceu em atividade até meados da década de 1960, pois a maior parte já havia sido vendida e algumas famílias e fazendeiros compraram grandes hectares, subdividiram, arrendaram e venderam as terras,

dando origem a formação do povoado de Taquarussu, formadas principalmente por famílias arrendadas.

Mediante as entrevistas colaborativas, lembram da presença de grande quantidade de árvores de diferentes espécies, “e por isso muita gente cortava e vendia para pagar a terra” narra Terezinha Silva dos Santos. Essa ação resultou em uma perda significativa da flora e da fauna, por outro lado forneceu madeira para comercialização e uso pessoal de cada família.

Quando chegamos, tudo o que vimos era muita mata virgem e várias famílias derrubando as árvores. Alguns tiveram ajuda de outras famílias para ajudar na derrubada. Nessa ajuda, um lado doou madeira ao outro, comercializava e também utilizava para construir casas, cercas, galpões e outras coisas (Aliceu Francisco dos Santos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

O trabalho de derrubada e queimada da mata geralmente era por meio de ferramentas manuais, como lembra o Aliceu Francisco dos Santos: “quando tinha 14 anos ajudei meu pai, usávamos machados, trançadores e enxadas para derrubar árvores”. Após a derrubada, a madeira era transportada para fora e também comercializado dentro do núcleo de sítiantes. Neste ato de desmatamento e comercialização de madeira surgem as primeiras serrarias.

A fotografia abaixo mostra o desmatamento na década de 1960 em Taquarussu. Ressalta-se a não presença de maquinários de serragem, sendo feita manualmente, explica Agenor Francisco dos Anjos que: “foi doloroso pois a gente cortava árvores com um trançador, e era necessário a força de duas pessoas para cortar os troncos e jogá-los em caminhões ou camioneta”. As narrativas de Agenor coincidem com a fotografia 26, há a presença de um automóvel de grande porte, camioneta, pois é um dos carros que possui suporte para se locomover na área de desmatamento e que também servia como meio de transportar de madeira.

FOTOGRAFIA 26. DERRUBADA DA MATA E EXTRAÇÃO DA MADEIRA PARA COMERCIALIZAÇÃO EM 1960



Fonte: Acervo de Luiz Carlos Batista, 1960.

Havia muitas árvores e muitos animais aqui. As pessoas derrubaram florestas e venderam a madeira. Essa madeira financiou investimentos, compras de grãos e até ajudou na construção de casas, até que uma família percebeu a utilidade desse serviço e montou uma serralheria. Se bem me lembro, veio do senhor Castellari (Terezinha Teixeira Rosa, entrevista realizada em Taquarrussu em 2022).

Segundo a fotografia 27 e os relatos orais, a primeira serralheria parece pertencer a José Castellani. As madeiras serradas eram úteis na construção de casas, na fabricação de móveis, pontes, cercas, currais, barracões de armazenamento de alimentos e comércios, assim como a geração de empregos. Esse serviço proporcionou auxílio financeiro para investimentos na compra de grãos e outros bens.

FOTOGRAFIA 27. SERRARIA DO SR. JOSÉ CASTELLARI



Fonte: Acervo de Lúcio Paulo Justino, 1972.

Estas ações são evidentes nas colaborações, uma vez que são inúmeras as histórias de enormes caminhões cheios de madeiras, muitas vezes utilizados como veículos para as pessoas que precisavam viajar para cidades próximas. “Muitas pessoas [...] pegavam carona nos caminhões de madeira [...] Esses caminhões eram carregados com diversos tipos de madeira trazida dos sítios, dos arrendamentos e de outras áreas (Maria Aparecida da Silva, entrevista realizada em Taquarussu em 2022). Essa prática durou até meados da década de 1975, linear com a produção do algodão.

Ao tratarmos da memória, nos deparamos com as histórias que são contadas no presente sobre o passado no contexto das atividades que realizavam na terra, principalmente o cultivo do algodão. Este ato de lembrar está relacionado com a ênfase de Alessandro Portelli na “arte da escuta” (Portelli, 2016, p. 12), que diz respeito ao lugar (evento) e ao significado do evento na vida das pessoas.

Neste sentido, ao narrarem suas atividades voltadas para o cultivo do algodão, discutem como essa cultura ajudou no processo de colonização e quão importante foi para estabelecer uma “vida nova em um lugar novo”. Sobre esse tema, a Lourdes Garcia Justino conta que: “falar do algodão em Taquarussu é muito fácil. É um momento que todos conhecem. Quem esteve aqui entre as décadas de 1950 e 2000 possui histórias para contar sobre as plantações de algodão” (Terezinha Teixeira Rosa, entrevista realizada em Taquarussu em 2022). A escuta das histórias de vidas leva à compreensão da importância do algodão na vida dessas pessoas, ato associado às publicidades idealizada pela Companhia colonizadora. “[...] as terras realmente boas, baratas e fáceis de adquirir, como prometia a Viação Colonizadora” (Terezinha Silva dos Santos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Por outro lado, a condição fértil das terras causou inicialmente problemas às plantações, “foi necessário a manipulação da terra para conseguir uma boa colheita” (Terezinha Teixeira Rosa, entrevista realizada em Taquarussu em 2022). Quando o cultivo do algodão começou, muito pouco poderia ser colhido porque a planta estava muito desenvolvida para utilizar a fibra. Foi apenas cerca de dois anos após a desflorestação e a intervenção humana no cultivo do solo que o algodão começou a produzir bons rendimentos e a gerar lucros significativos.

Meus pais trabalharam muito e quando os filhos cresceram decidiram investir no cultivo do algodão. Porém, os primeiros anos de cultivo não foram lucrativos, a terra era muito boa, o algodão desenvolveu-se rapidamente e a fibra não era adequada para consumo. Porém, os resultados da terceira colheita foram bons e conseguimos colher bastante. (Terezinha Silva dos Santos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Devido ao bom crescimento da safra, a notícia se espalhou e pessoas vieram de diversas

partes do Brasil para investir no algodão e obter altos lucros. A narrativa de Terezinha Silva e Terezinha Teixeira representa a relação do homem e terra para o bom desenvolvimento desta cultura.

O algodão aqui era de muito boa qualidade e até as crianças tinham muito dinheiro no bolso naquela época. De 1960 a 1962, muito se comentava sobre como ninguém colheu as primeiras plantações porque a terra era tão fértil e o algodão tão viscoso que já não prestava. Depois de dois anos, o negócio começou a decolar, foi necessário a manipulação da terra para conseguir uma boa colheita. A produção era tão boa e tão lucrativa que o pessoal chamava aqui de “ouro branco”. (Terezinha Teixeira Rosa, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

A terra que cultivavam era geralmente arrendada e realocada para fins de cultivo e também usada como habitação, com proprietários exigindo em troca plantações de capim para pastagem de gado. “A gente entrava no terreno arrendado, arrumava as coisas, criava roça, plantava e ao sair deixávamos plantações de capim” (Josefa Tavares de Almeida, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Em geral, o cultivo do algodão em Taquarussu começou com os primeiros fluxos migratórios e continuou até meados da emancipação política, que durou cerca de 40 anos. “Essa colheita iniciou com as primeiras famílias em meados da década de 1960 e se estendeu até meados do ano 2000” (Agenor Francisco dos Anjos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Esse processo econômico ocorria na agricultura familiar, grande parte em terras arrendadas. “Funcionava no grupo familiar, cada família plantava em suas terras e também em terras arrendadas”, explica o Aliceu Francisco da Silva. A mão de obra se consolidou com homens, mulheres e alguns funcionários contratados, até crianças, como mostra a fotografia 28.

FOTOGRAFIA 28. COROINHAS COLHENDO ALGODÃO COM O PADRE JOSÉ
DULCE



Fonte: Acervo de Lúcio Paulo Justino, 1980.

Intercalando as entrevistas realizadas no ano de 2022 com as análises do Jornal D'Oeste (1973), compreende-se que em meados do ano de 1973 foram produzidas elevados números, “a produção era muito alta, as terras chegavam a produzir cerca de 400 a 500 arrobas por alqueire” (Lourdes Garcia Justino, entrevista realizada em Taquarussu em 2022). “Todos os dias, do amanhecer ao anoitecer, saiam muitos caminhões lotados de sacas de algodão, cerca de 12 a 15 caminhões por dia” (Antônio Emir Moraes, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Esses números apresentados parecem indicar bons resultados para cultivo do algodão. “As pessoas até faziam piadinhas que aqui era a serra pelada, porque qualquer criança tinha “paia” no bolso pela colheita do algodão (Antônio Emir Moraes, entrevista realizada em Taquarussu em 2022). A imagem a seguir mostra o caminhão de algodão em Taquarussu em 1973, meio de transporte do produto para os centros industriais como São Paulo.

FOTOGRAFIA 29. CARGA DE ALGODÃO PARA SER ENTREGUE AOS
CEREALISTAS EM TAQUARUSSU NO ANO DE 1973



Fonte: Acervo de Lúcio Paulo Justino, 1973.

Durante muito tempo, o cultivo do algodão foi a principal atividade e, portanto, foi o que mais contribuiu para o desenvolvimento da região. Isto significa que as mãos dos pequenos produtores na cotonicultura²⁰ “ajudaram a alimentar as famílias, forneceram os fundos para trazer mais alimentos para as suas casas e ajudaram-nos a obter bens materiais” (Antônio Carlos Braz, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Sem em 1959 as notícias de terras férteis e baratas atraíram muitas famílias, em meados de 1963 o algodão atraiu o dobro de pessoas com sonhos de enriquecer e construir uma vida num novo lugar. “A produção era tão boa e tão lucrativa que o pessoal chamava aqui de ouro branco” (Rosa Ferreira dos Anjos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Em resposta a esse grande movimento, caravanas de famílias de diversas regiões do Brasil foram organizadas para plantar e colher o algodão. Alguns ganharam um bom dinheiro e abandonaram as terras, outros continuaram a arrendar e outros ainda adquiriram pequenas quantidades de terras.

Mas várias famílias vieram para cá em busca de algodão. Pessoas de cidades próximas e de outros estados vieram com suas famílias apenas para plantar, colher e ganharam muito dinheiro. Era normal que novas pessoas chegassem aqui todos os dias, e a maioria delas não eram residentes, apenas arrendavam para plantar. (Antônio Emir Moraes, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

²⁰ Cultivo do algodão.

Com os lucros, as famílias procuravam investir em novas plantações ou adquirir pequenos lotes de terra para poderem cultivar nas suas próprias propriedades. Esse movimento auxiliou para o sonho da conquista de vida nova amparado aos lucros do desenvolvimento do algodão. Sobre isso, a colaboradora Terezinha Silva dos Santos narra que:

Essa trajetória com o algodão rendeu muito dinheiro e é fruto de tudo que temos hoje. Compramos mais terras e pudemos investir mais em plantações. Foi o dinheiro que me permitiu obter uma boa educação e uma boa vida para os meus filhos (Terezinha Silva dos Santos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Essas questões baseiam-se no fato de que o cultivo do algodão fazia parte do cotidiano dos pequenos produtores e, portanto, conseguiam obter grandes lucros, o que alterou a situação econômica de algumas famílias. “O algodão proporcionou aos produtores grandes somas de dinheiro que puderam utilizar para investir, comprar imóveis e até poupar dinheiro para investir na educação dos seus filhos (Aliceu Francisco da Silva, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Os lucros da produção foram grandes e este processo, de certa forma, separou os habitantes de Taquarussu da sua dependência administrativa e econômica de Batayporã. Ou seja, a sede necessitava da ajuda financeira de seu distrito e desde a sua condição de bairro ruralizado já havia a separação entre cidadãos Taquarussuenses e Bataiporãense, como expressam as cooperações orais.

Era muita fartura e dava muito dinheiro, até para construir o hospital de Batayporã, pediram para a gente doar, lembro como se fosse ontem. Éramos subordinados do Bata, mas não tinha necessidade de pedir ajuda a eles, eles que precisavam da gente (Terezinha Teixeira Rosa, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Essas questões mostram o quão produtivo era o algodão, cultura desenvolvida por pequenos produtores sem a intervenção administrativa de Batayporã. As falas dos colaboradores ao lembrarem dessa cultura evidenciam que esse processo foi uns dos alicerces para a construção da vida em Taquarussu.

FOTOGRAFIA 30. PRODUTORES RURAIS EFETUANDO EXPORTAÇÃO DE ALGODÃO NO ANO DE 1982



Fonte: Lúcio Paulo Justino, 1982.

Por outro lado, com o passar do tempo começaram a ocorrer problemas nas plantações e a cultura enfraqueceu devido ao alto custo para manter um bom desenvolvimento. Surgiu um besouro com alta capacidade de reprodução, causando altas dificuldades de controle aos pequenos produtores.

[...] surgiram alguns problemas, apareceu o bicudo-do-algodoeiro e o campo começou a estragar. Então as pessoas procuraram outras opções: soja, milho, feijão e mandioca. Esse problema enfraqueceu a lavoura, muitas pessoas desistiram de cultivar algodão e, com o tempo, ninguém mais plantou. (Antônio Emir Moraes, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Em meados da década de 1980, o aparecimento da praga do Bicudo afetou negativamente a produção de algodão. Os pequenos produtores, inexperientes em lidar com pragas e incapazes de sustentar os elevados investimentos necessários para o controle de pragas, abandonaram o cultivo e recorreram a outros tipos de investimentos.

As mudanças nas áreas rurais e o aparecimento do bicudo tornaram tudo cada vez mais difícil. O custo do controle de pragas era alto e não valia a pena, por isso os produtores procuraram outros investimentos (Lourdes Garcia Justino, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Outro fator que pode ser compreendido pela perda da lavoura de algodão devido ao bicudo é que o investimento em novas formas de tecnologia foi baixo, o que dificultou o enfrentamento dos problemas causados pelos insetos, levando ao declínio da produção de algodão em Taquarussu.

Foi um momento triste ver as plantações acabarem por causa de um pequeno inseto. O algodão dava muito dinheiro, mas os adversários contra os quais tivemos que lutar eram fortes e os produtos para combater caros, então não valeu a pena. Além disso, o trabalho era manual, mas nada de tecnologia. A tarefa foi ainda mais complicada pelo fato dos serviços serem braçais e o investimento em novas tecnologia serem tão caros... muitas pessoas não conseguiam investir e desistiram (Lourdes Garcia Justino, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Diante desses desafios, e com o surgimento das doações de terras do INCRA, que contribuíram para o êxodo populacional de 1990, diversas famílias rescindiram seus arrendamentos e se mudaram para outras áreas. Além disso, algumas pessoas que ainda investiam no algodão introduziram novas tecnologias, como máquinas, diminuindo a utilização da mão-de-obra humana. Com o passar do tempo, outras atividades econômicas foram desenvolvidas pelos pequenos produtores. O ciclo do amendoim, iniciado em 1970 e encerrado em meados de 1985, e o cultivo do arroz no início da década de 1960 foram algumas delas. O arroz foi plantado em conjunto com o algodão e atraiu a atenção dos imigrantes do Rio Grande do Sul, levando à introdução de máquinas para a produção.

O ciclo da soja em meados da década de 1980, o cultivo do milho e da mandioca e, mais recentemente, a colheita da cana-de-açúcar tornaram-se atividades muito importantes. A produção de cana-de-açúcar não foi introduzida por pequenos produtores, mas por empresas. Ela começou em Taquarussu em 2009 e, graças à Usina Laguna, localizada no bairro Festa do município de Batayporã, a cerca de 5 km de Taquarussu, tornou-se um grande impulsionador econômico para o município. Isso inclui a criação de empregos, o estímulo ao comércio local e a promoção do arrendamento de terras. Atualmente, também há criação de gado e outros animais nesta área. Assim como no período de colonização, Taquarussu abriga famílias de arrendatários e agricultores familiares. Existem dois assentamentos, o assentamento Bela Manhã, criado em 2005, e o AGROFAPI, criado em 2008, que investem na criação de gado, produção de leite, peixe e hortaliças.

4.1.5 A “LUTA” E O “SOFRIMENTO”: OS PEQUENOS PRODUTORES NO BAIRRO TAQUARUSSU

As palavras “lutar”, “sofrer” e “conquistar” ecoam em muitas das colaborações orais registradas nas redes da comunidade de Taquarussu. Essas expressões nos proporcionam vislumbres das histórias de homens e mulheres que, por meio da agricultura familiar, lançaram as bases para a construção de um pequeno povoado chamado Taquarussu. “[...] foi uma luta constante, e a agricultura e o algodão ajudaram muito na formação de Taquarussu” (Lourdes Garcia Justino, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

A “luta” e o “sofrimento” desempenham papéis centrais na discussão desta parte da dissertação, pois representam a jornada da comunidade em direção à conquista da terra e ao “sonho de uma nova vida em um novo lugar”, vivenciada sob barracas feitas de sapê ou de pau a pique, sem água encanada e luz elétrica. Esta questão nos coloca em sintonia com as “dores” que permeiam as “vivências” (Seawright, 2023), como expressa a narrativa de Maria Aparecida da Silva:

[...] é o suor do labor dos pequenos agricultores e arrendatários que passaram por inúmeras aprovações e lutas do amanhecer ao anoitecer, e que ainda não deixaram o sonho de uma vida melhor descansando no travesseiro... nós plantamos a semente e colhemos os frutos (Maria Aparecida da Silva, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Através das expressões de Maria Aparecida da Silva, podemos perceber a existência de trabalhos que focam nas atividades familiares relacionadas à transformação e manipulação mútua entre o homem e a natureza. Baseia-se nos laços entre terra, trabalho e família, evidenciando a presença da agricultura familiar.

A pesquisadora Maria José Carneiro em suas análises sobre os agricultores familiares e pluriatividade, destacou que “por agricultura familiar entende-se, em termos gerais, uma unidade de produção onde trabalho, terra e família estão intimamente relacionados” (Carneiro, 1999, p. 329). Essas ideias apresentadas pela pesquisadora se relacionam com as experiências da comunidade de Taquarussu.

Imagine sair de um lugar onde tudo está estabelecido e ir para um lugar onde só existe uma floresta densa. Mas você está com sua família, você pode ouvir os pássaros, respirar ar puro e desfrutar de lindos pores do sol. Imagine a natureza, e tudo o que você come vem da própria terra, do seu próprio suor, sem uso de agrotóxicos. Imagine só, eu vivi isso. Foi muito bom. Muitas

famílias plantando e colhendo. Taquarussu era assim, as estradas eram de terra, e a água era tirada de um poço, mas o sabor era diferente, fresco e gelado natural (Carmelina Candido dos Santos Silva, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Na relação entre o homem e a natureza, no período de meados da década de 1950 a 1960 vislumbrou-se à formação da comunidade de Taquarussu e o desenvolvimento de relações que apoiaram a crescente população, constituída principalmente por arrendatários que praticavam a agricultura familiar.

Quando chegamos, vimos formada uma vila, composta em sua maioria pequenos produtores. Muitas plantações, campos, florestas, muitas crianças e pessoas gentis. O que é muito interessante é que 70% da população era composta por famílias arrendatárias e apenas alguns possuíam terras próprias. (Lourdes Garcia Justino, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Nesta análise, entende-se que de 100% da população estimada de Taquarussu, aproximadamente 70% não obteve terras próprias e trabalhavam no arrendamento. Embora a compra de terrenos seja conhecida como a via mais comum, a maior parte dos terrenos foram negociados através de arrendamento. O entrevistado Antônio Emir Moraes explica que: “como a maioria das famílias, arrendamos terras na região do Procópio. Diferentemente dos preços da Viação, não tínhamos dinheiro para comprar porque era caro. Nessa época, os fazendeiros já haviam comprado grande parte das terras”.

Isso ocorreu porque muitas famílias não tiveram sucesso em sua área de origem e tiveram pouco dinheiro guardado, que foi gasto em despesas para a mudança como lembra Aliceu Francisco da Silva: “com uma parte do dinheiro pagou o frete da mudança e o resto ele comprou mantimentos”. Depois que as terras saíram das mãos da Viação São Paulo Mato Grosso, os fazendeiros não tiveram interesse em estabelecer uma comunidade, então compraram grandes quantidades de terras e aumentaram os preços de venda.

O dinheiro que trouxe de lá não permitiu comprar um sítio aqui, só foi possível comprar uma casinha de madeira e abrir um barzinho. Surgiu as necessidades e acabamos gastando todo o dinheiro. Esse foi outro problema que meus pais tiveram que resolver. Depois começamos a trabalhar com roça em terrenos arrendados na região do Procópio. O dinheiro ganho com a lavoura cobria despesas do bar, e os lucros davam para manter a casa com alimentos. Nossa sorte foi a relação com os fazendeiros, negociando as terras para arrendamento (Antônio Emir Moraes, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Segundo a entrevistada Lourdes Garcia Justino, essa dinâmica "criou um relacionamento entre fazendeiros e arrendatários. Muitos adquiriram pequenos terrenos para construir suas casas e arrendavam alguns hectares para aplicar a agricultura familiar". Esse

contato ocorreu por meio de notícias sobre a boa produção do algodão, o que está relacionado à publicidade mantida pela Companhia Viação São Paulo Mato Grosso desde o final da década de 1950, prometendo terras boas e baratas.

Era uma espécie de "troca de serviços". "Havia interesses de ambas as partes, os fazendeiros queriam terras limpas para criar gado e os pequenos produtores queriam cultivar para economizar dinheiro e comprar sua própria propriedade" (Lourdes Garcia Justino, entrevista realizada em Taquarussu em 2022). Os arrendamentos eram feitos por meio de contratos, estabelecendo parcerias em que os pequenos produtores pagavam parte dos custos e devolviam ao proprietário um percentual da produção acordada ou prestavam determinados serviços.

As observações de Lourdes refletem o que ela tem testemunhado em seu ambiente familiar e nas suas experiências comunitárias. Nesse sentido, pode-se supor que os grandes proprietários de terras não tiveram coragem de enfrentar a mata virgem e seus possíveis perigos. Negociar por três anos com os pequenos produtores foi a solução para obter terras limpas. Este parece ter sido um acordo vantajoso para ambas as partes, pois as famílias ouviram falar do cultivo de algodão e estavam à procura de terras para plantar, vendo essa oportunidade no arrendamento.

Foi algo assim: as pessoas precisavam de terra para plantar, mas não tinham dinheiro para comprá-la. A solução foi negociar com os grandes donos de terras por meio de arrendamentos. Plantava-se, colhia, tirava os lucros, cumpria com o contrato e tentava comprar terras próprias... muita gente fez isso (Aliceu Francisco da Silva, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Ao fim do contrato, como explicou Claudenir foi necessário entregar as terras com plantação de capim e formação de roças: “meu pai comprou uma boa quantidade e alugou para algumas famílias por cerca de três anos. Eles negociaram que, ao final do contrato, o inquilino devolvia o terreno limpo com roça, grama e espaço para criação de gado” (Claudenir José Crivelli, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Este processo sedia aos grandes donos de fazendas áreas com formação de roça e apta para pecuária. De certa forma, poucas pessoas conseguiram comprar terrenos e muitas procuraram novos terrenos após o término do contrato, seja para assinar um novo contrato ou para se mudar para outra cidade ou estado. Essa ação mostra o sofrimento que essa comunidade passou quando teve que se estabelecer em um lugar e se mudar para outro para recomeçar em um curto espaço de tempo.

Foram épocas de muito sofrimento, mesmo para quem tinha dinheiro e muitas terras. Imagine estar grávida, entrar numa floresta densa com os filhos, sem luz nem água encanada, rede de esgoto e começar tudo do zero. Mas era isso que queríamos, então não podemos reclamar, apenas agradecer! Muitas pessoas arrendaram terras e plantaram, e os fazendeiros só vinham para observar o trabalho e cuidar da terra (Rosa Ferreira dos Anjos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

O sofrimento de muitos que não tinham residência permanente começou com a rescisão dos respectivos contratos. Além da dor de trabalhar de sol a sol, dos perigos da floresta e do fornecimento de produção e alimentos de qualidade para a família, havia grandes preocupações sobre onde iriam parar após o término dos seus contratos. “Imagine “pular de galho em galho” e ter que começar tudo de novo. Como não havia terras próprias, muitos ficaram aqui, morando e plantando em terrenos arrendados” (Terezinha Silva dos Santos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022). Nesta perspectiva, os arrendatários tinham três preocupações, a produção para autoconsumo, produção para gerar investimentos na própria região e o atendimento das exigências previstas na rescisão contratual.

Outro tema relacionado a esses processos, que se concentra na interação com a terra e é de grande importância para a agricultura familiar, é a relação entre trabalho e família. É interessante destacar que todos os membros da família trabalhavam nas etapas do plantio, inclusive as mulheres. Apesar de as mulheres se dedicarem aos serviços domésticos, em todas as entrevistas há a afirmação de que também atuavam na limpeza do terreno e em outros serviços pesados.

Mulheres e homens eram igualmente agricultores, mas não eram igualmente “empregados domésticos”. Assim, o trabalho das mulheres estava dividido entre as atividades agrícolas e domésticas e, portanto, era superior ao dos homens em termos de responsabilidade e desempenho. Também era comum pagar diárias a trabalhadores externos durante o plantio e preparação para colheita. Esse ato auxiliava para complementar a renda familiar.

Era comum algumas famílias estarem em um lugar hoje e em outro amanhã. O motivo foi o término do contrato de arrendamento. Alguns ficaram aqui, outros partiram até que saiu terras doadas através da reforma agrária e, em meados da década de 1990, muitas dessas pessoas que não tinham terras próprias deixaram Taquarussu para ir para outro lugar para pegar terras grátis (Josefa Tavares de Almeida, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Narrativas como a de Josefa aparecem em diversas partes das colaborações orais e identificam uma evasão significativa em Taquarussu na década de 1990. Uma espécie de “fuga

da dor” de não possuir moradia fixa. Este problema está relacionado com a contribuição de outros dois fatores: segundo as colaborações de Claudenir José Crivelli “os jovens querendo estudar foram embora e não retornaram mais” e segundo Lourdes Garcia Justino “a economia saiu das mãos dos pequenos e foi para os fazendeiros na criação de gado”, substituindo a mão de obra humana por máquinas.

Essas ações contribuíram para um declínio significativo da população de Taquarussu e tiveram um impacto negativo na economia local. Grande parte da evasão foi de pequenos produtores que praticavam a agricultura familiar, resultando na redução da produção e em danos aos imóveis comerciais devido a pouca clientela para seu excesso. Desta forma, muitos comerciantes declararam falência. “Esse momento da reforma agrária foi um pouco sufocante para quem ficou. Era comum ver muita gente e muitos comércios lotados. Do nada, muitos fecharam e deixaram Taquarussu” (Terezinha Silva dos Santos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022). Nesse sentido, a evasão foi motivada pelo mesmo desejo que impulsionou o povoamento: “o desejo de uma vida melhor”. Com pouco apoio de políticas públicas e sem local para se estabelecer, tornou-se comum que as pessoas migrassem para outras áreas a fim de obter terras gratuitas.

Também com a doação de terras para a reforma agrária, muitas pessoas foram para Eldorados, Itaquiraí e outras regiões. Nas décadas de 1950 e 1980, as pessoas migraram por causa das notícias de que a terra era barata e pela boa produção de algodão, mas na década de 1990 muitos partiram porque não tinham terras próprias. Passou a ser comum ver famílias derrubarem suas casas e construir em outras localidades que estava com doações. Taquarussu perdeu muita gente (Claudenir José Crivelli, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Outra razão para esta evasão é que a produção saiu das mãos dos pequenos produtores e foi substituída por máquinas. Grande parte da terra era de arrendamento, não pertencente aos pequenos produtores, e a agricultura começou a ter dificuldades devido aos danos causados pelas pragas, por isso os arrendatários procuraram associações que pudessem contatar os fazendeiros. Devido ao alto custo, não valia a pena os inquilinos investirem no controle de pragas. Frustrados com este diálogo, os fazendeiros procuraram novas oportunidades de investimento e ignoraram os arrendamentos. Sobre esse tema a Terezinha Teixeira Rosa narra que: “durante este período, muitas pessoas deixaram Taquarussu e os fazendeiros introduziram maquinaria e deixaram a mão de obra manual de lado. Ficou melhor para eles, mas ficou mais difícil para as pessoas que precisavam trabalhar”.

De certa forma, foi difícil para os pequenos produtores. Devido ao problema do bicudo, famílias finalizando os contratos de arrendamento, a economia saiu da mão dos pequenos e foi para os fazendeiros na criação de gado. Também em meados da década de 1980, muitas pessoas perderam o emprego devido à mecanização do trabalho. Deixamos de ser manuais, deixamos de usar animais e força humana, passamos a usar máquinas (Lourdes Garcia Justino, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Como resultado destas intervenções, a população de Taquarussu diminuiu significativamente. Em 1987, a população era estimada em aproximadamente 9.500 habitantes, sendo 4.000 nas áreas urbanas e 5.500 nas áreas rurais. Em 1991, o número de residentes caiu para 4.533, dos quais 2.402 viviam em áreas urbanas e 2.131 em áreas rurais. A evasão diminuiu a população em cerca de 61% nas áreas rurais e 40% nas áreas urbanas entre 1987 e 1991. “Nesse período, cerca de 200 famílias deixaram o Bairro da Festa. Imagina quantos saíram de Taquarussu... muitos. Foi terrível para nós, perdemos mais da metade da nossa população (Lourdes Garcia Justino, entrevista realizada em Taquarussu em 2022) ”.

Os pequenos produtores procuraram novos arrendamentos, mudaram-se para outras regiões ou adquiriram pequenas parcelas de terra para investir na pecuária leiteira. Neste último caso, poucos investiram e muitos saíram, embora até hoje existam pequenos produtores que praticam a agricultura e pecuária leiteira familiar. Porém, o contato das famílias arrendadas com as terras da antiga Fazenda Samambaia, e o acordo com os fazendeiros, contribuíram para a formação do bairro Taquarussu, nomeação como distrito e a sua emancipação político-administrativa. “Taquarussu nasceu da vontade e da força de pessoas que migraram de diversas regiões do Brasil. Dos braços dos pequenos produtores que eram na sua maioria arrendatários, dos comerciantes, dos vendedores ambulantes” (Antônio Carlos Braz, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Parte da população não residia e trabalhava em terras próprias e, mesmo que economizasse algum dinheiro, era difícil de adquiri-las, porque não pertenciam mais à Companhia Colonizadora Viação São Paulo Mato Grosso, e sim aos fazendeiros que elevaram os preços. Os donos de grandes porções de terras não estavam interessados em estabelecer uma comunidade, pois não era prático para a sua estratégia de investimento. No entanto, a tática da aglomeração de famílias praticantes da agricultura familiar levou a formação do bairro.

Atualmente cidades como Eldorado e Bataguassu possuem diversas famílias oriundas do Município de Taquarussu, pessoas que não residem no município, mas que ainda compartilham em sua memória a história de vida, a construção de uma comunidade, de identidades, culturas, a trajetória de colonização e emancipação, e que a partir de arrendamentos

ergueram uma estrutura sólida. Sobre esse eixo a entrevistada Terezinha Silva dos Santos narra que: “eram pessoas que viam futuro aqui, mas tiveram que procurar outro lugar porque os grandes proprietários não queriam uma cidade em suas fazendas. Não houve saída e muitos foram embora, encontrando soluções nas terras doadas”.

Se Taquarussu tivesse possuído a estratégia e a atenção dos governantes desde o início com projetos de urbanização como Batarama e Batayporã, talvez teria alcançado um maior desenvolvimento e sustentado a sua economia, como fizeram durante o processo de povoamento. Batarama não se desenvolveu devido à queda dos preços da mamona e o menor número de famílias que viviam na área foram embora. Taquarussu desenvolveu-se como a “arma dos fracos”, mas perdeu o seu poder devido à falta de vontade e aos elevados preços da terra por parte dos fazendeiros, que impossibilitou a compra por parte dos pequenos produtores.

A interação entre arrendatários e grandes e pequenos proprietários de terra evidenciam as manifestações da pequena comunidade taquarussuense. São segmentos representativos do coletivo, construídos em espaços de interação, resignificado pelos próprios atores e transformados em expressões de identidade.

4.1.6 O BAIRRO SÃO JOÃO

Com o crescente desenvolvimento do bairro Taquarussu durante o período de evolução econômica e demográfica, outros bairros surgiram e seguiram os mesmos processos de compras mantidos em Taquarussu, os terrenos foram adquiridos pela Viação São Paulo Mato Grosso. Neste contexto surge o bairro Pouso das Araras, o bairro Vera Cruz, o bairro Tranchã, o bairro Três Ranchos, o bairro Procópio, o bairro Cafezinho e o bairro São João. Esse último iremos abordar nesta parte do trabalho. A contribuição de Terezinha Silva Santos aborda este tema:

À medida que Taquarussu começou a aparecer, outros sítios também se formaram. Trata-se de um terreno pertencente à Batayporã e originalmente vendido pela Viação São Paulo Mato Grosso. Eram várias glebas, e no fundo de Taquarussu ainda havia muita terra com mata e as famílias negociaram lá também. Nesse sentido, as pessoas começaram a vir para Gleba Machado e aproveitaram esta área, tornando-se assim o bairro São João (Terezinha Silva Santos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

A formação da Vila São João ocorreu na Gleba Machado, a cerca de 11,3 km do distrito ruralizado de Taquarussu. Naquela época não havia estradas, apenas pequenos corredores, dificultando a movimentação dos colonos. A contribuição de Matilde Gonzaga Gomes relembra

as difíceis circunstâncias pelas quais ela e sua família passaram para chegar até Gleba Machado: “continuamos nossa jornada, mas não havia estradas, apenas algumas picadas que a Companhia Viação havia construído para cortar lotes, meu pai teve que abrir mais com facão para passar com a mudança”.

Foi muito difícil para quem veio tentar algo em Taquarussu, tinham uma estrada ruim, mas tinha. Para os idealizadores da Vila São João não existem estradas. Acho que foi muito difícil para eles, porque assim como aqui, para chegar lá, tiveram que enfrentar a mata, os insetos e os perigos dos animais selvagens (Aliceu Francisco da Silva, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Através das histórias de Matilde, Terezinha e Aliceu, destacamos a trajetória comum daqueles que chegaram na Gleba Machado e acabaram por estabelecer uma comunidade. Mesmo que algumas pessoas não estivessem na situação de ter que atravessar a mata fechada para chegar ao bairro São João, ainda assim conhecem essa trajetória e se expressam mediante a proximidade territorial e por terem vivenciado situações semelhantes para se estabelecerem em ambos bairros ruralizados.

Com as primeiras relações sociais, a formação das primeiras estradas e troca de experiências, outras famílias vieram para a região e estabeleceram uma pequena vila. Essas ações fomentou a formação de uma identidade cultural para São João, potencializada por um sentimento de “pertencimento”. Compreendemos esta problemática a partir das ideias de Pierre Bourdieu (2010), que afirma que a comunidade só constrói a sua identidade através do reconhecimento do grupo de um sentimento de pertença.

Sobre o sentimento de pertencimento a Matilde Gonzaga Gomes, considerada, a família Gonzaga, os primeiros residentes do Bairro São João e Matilde a primeira professora, conta que:

Vivi toda a minha vida aqui no São João e desenvolvemos um profundo carinho por esta pequena vila. Naquela época, compramos nossas terras aqui, tínhamos a possibilidade de ir para outro lugar, como Taquarussu, Batayporã, Nova Andradina, mas sentíamos que nosso lugar era aqui e ficamos (Matilde Gonzaga Gomes, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Essa combinação de experiência histórica e tradição nos faz compreender a formação do bairro de São João, que é idêntica à trajetória de Taquarussu, pois ambos perseguiam o mesmo objetivo: “assim como nós, todas essas pessoas queriam conquistar a terra para começar uma vida em um novo lugar” (Matilde Gonzaga Gomes, entrevista realizada em Taquarussu em 2022). “Acho que todo mundo passou por momentos difíceis e as pessoas ficaram porque

gostaram do lugar. A mesma coisa acontece em outros locais, por exemplo: o São João não tinha estradas, a situação era pior que Taquarussu, mas as pessoas ainda ficaram lá”, narra Claudenir José Crivelli.

Esse sentimento de pertencimento faz com que pessoas com ideias e hábitos diferentes compartilhem o mesmo espaço, troquem experiências e costumes, formando assim uma identidade que está em constante construção. As entrevistas mostram-nos que a afluência ao bairro São João começou em meados de 1965 e que em meados da década de 1970 já se via formar uma vila com pessoas que migraram de diferentes regiões do Brasil. Nomes como Senhor Abel Gonzaga, Manoel Francisco, Francisco Souza Dias e Euclides Antônio podem ser encontrados como fundadores do bairro. Estes nomes parecem caracterizar as primeiras famílias a instalarem-se na região, bem como a formação de comércios.

Nessa perspectiva, surge um eixo temático: quem seria o primeiro a chegar na Gleba Machado? A colaboração de Aliceu Francisco da Silva, que evoca o surgimento dos bairros ruralizado de Taquarussu, enfatiza que: “o pessoal comenta que um dos primeiros moradores do Bairro São João foram os pais da Matilde, família Gonzaga”.

Matilde, com seus pais Abel Gonzaga, Izabel Maria da Cruz e seus irmãos, chegaram às terras da antiga Fazenda Samambaia em 1965, seis anos após a primeira migração para Taquarussu. Vieram da cidade de Ouro Branco do estado de São Paulo em direção a Batayporã, onde herdaram terras com a intenção de obter melhores condições de vida e logo se interessaram por terras próximas a Taquarussu.

Foram comprados terrenos no Bairro da Festa e no Bairro da Alegria, meu pai ficou com as terras do segundo bairro, mas o terreno não era bom para lavoura, foi aí que surgiram os lotes da Fazenda Samambaia, prometendo terrenos bons e baratos. Meu pai descobriu graças a um amigo, se não me engano, chamado Salomão, integrante da Companhia São Paulo Mato Grosso. Meus pais decidiram vender as terras herdadas e comprar 10 alqueires dessas terras que temos hoje. Naquela época tudo era mato, as famílias vinham para Taquarussu e desmatavam terrenos. Desta forma surgiu Taquarussu e outros bairros vizinhos que hoje fazem parte de Taquarussu, Pouso das Araras, Vera Cruz, São João, todos, terrenos vendidos pela Companhia Viação São Paulo Mato Grosso. (Matilde Gonzaga Gomes, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Podemos constatar que uma das características das famílias migrantes é a procura de boas terras para iniciar uma vida social e promover a economia pecuária e agrícola, ato que se iniciou em meados da década de 1965.

No dia 3 de junho de 1965 nos mudamos, passando pelo local onde

Taquarussu estava sendo instalada, onde havia algumas casas de pau a pique e famílias. Lembro que a família Zé do Jipe e Antônio Rodrigues tinha um barzinho em frente à escola. Lembro também do Agenor Baiano e Rosa Anjos, Miguel Araújo, José Laurindo e Maria São Pedro, não lembro muitos nomes. Era possível ver cabanas de sapê nas proximidades do Córrego Baile. (Matilde Gonzaga Gomes, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Assim como ocorria no bairro Taquarussu, um grande número de pessoas não possuía terras próprias e arrendava lotes por cerca de três anos para cultivar. Com o aumento do fluxo de famílias, tornou-se necessário estabelecer as primeiras instituições sociais rapidamente, pois resolver problemas como a aquisição de mercadorias exigia deslocamento até Taquarussu, e quando não disponíveis no bairro vizinho, era preciso ir até Batayporã ou Nova Andradina, geralmente a pé ou a cavalo.

Neste contexto, por volta de 1967, surgiu a necessidade de uma escola, que inicialmente funcionou na sala da casa dos pais de Matilde Gonzaga Gomes. O bairro em construção naquela época fazia parte da administração de Batayporã, e por isso o prefeito, a pedido do pequeno povoado, analisou a distância até o centro mais próximo, as dificuldades e as condições de transporte. Assim, em 1967, foi solicitada a construção de uma escola.

Havia muitas crianças no bairro, então meus pais sempre quiseram ajudar os moradores e me deram a ideia de ensinar alguma coisa para as crianças. Meu pai foi a Batayporã falar com o Prefeito para tentar conseguir alguma coisa. Na época tinha concluído a quarta série e com esse conhecimento comecei a lecionar na sala da minha casa, isso em 1967. No mesmo ano, o prefeito Manoel Leite construiu esta pequena escola, hoje abandonada. Com o tempo, não consegui mais lecionar, pois já havia professores de nível médio na área. Precisávamos dar espaço a esses profissionais e eles me mandaram para o bairro Oitocentos por quatro anos, mas com o tempo acrescentaram também professores de nível médio. Voltei para São João e trabalhei como merendeira escolar por cerca de doze anos. Depois, por conflitos políticos, o executivo trocou de representante e me demitiram, foi quando comecei a trabalhar como boia fria. (Matilde Gonzaga Gomes, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Como nas outras localidades, a religiosidade era bem presente no incipiente bairro. Com o crescimento da comunidade, as missas passaram a ser organizadas pelos moradores, onde o Padre de Batayporã se deslocava para realizar os encontros. “Depois que fez a escolinha, o Padre Aldo, que vinha de Batayporã, começou a celebrar missa e com o tempo foi necessário construir uma igreja. Foi feita uma reunião e decidiram construir a igreja no sítio dos meus pais”, narrou Matilde. Para a manutenção da pequena igreja católica, a população organizava festas como quermesses, o que trazia diversas pessoas dos bairros vizinhos. Em meados de 1973 é possível identificar outras religiões no bairro, além da igreja católica também havia a presença

da igreja Assembleia de Deus e alguns benzedeiros.

A nomeação do bairro surgiu por um consenso popular. De início era conhecido como Gleba Macaco Vermelho. O Padre que seguia aquela população se negou a abençoar a então capela construída em um bairro com tal nome, e com isto foi necessário pensar em outras opções. Nas análises das entrevistas, principalmente nas narrativas de Terezinha Silva Santos e Matilde Gonzaga Gomes, é possível notar divergências quanto a origem da nomeação "São João". Terezinha aponta que "hoje onde se localiza o São João era conhecido como Macaco Vermelho, mas o padre se negou a abençoar e construir uma capela com esse nome, então nomeou a região com o nome do senhor mais velho que se chamava João". Por outro lado, Matilde, assemelhando alguns pontos, apresentar outra história por trás do bairro, destaca que:

A primeira quermesse foi realizada em junho atrás desta casa onde moro hoje, para celebrar o São João. Muita gente se reuniu e foi uma festa muito animada e divertida. Depois que esta primeira festa se tornou uma tradição, o Padre Aldo nomeou São João como padroeiro, e a comunidade passou a chamar-se Bairro São João. (Matilde Gonzaga Gomes, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Mesmo apontando divergências nas narrativas, é possível compreender que a cultura e a identidade que iniciava naquela localidade passou a denominar pontos característicos da população. Terezinha, destacou que foi nomeado o homem mais velho da comunidade dando espaço a identidade e a importância dos primeiros desbravadores que tiveram a coragem de enfrentar a mata virgem. Matilde, fala sobre as festas e feiras juninas de Santo São João e discute a força da tradição que caracteriza a cultura desta comunidade. De certa forma, povos de diferentes regiões do Brasil trouxeram suas tradições e costumes e identificaram uma cultura híbrida que hoje caracteriza o povo deste lugar e está em constante mudança.

[...] o interessante foi que pude observar pessoas diferentes que migraram de lugares diferentes. Dava para ver isso não só na maneira como falavam e no sotaque, mas também na maneira como organizavam as coisas e trabalhavam no campo. Aprendemos coisas novas e trocamos ideias. Dessa forma surgiu o bairro (Matilde Gonzaga Gomes, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Com a construção de uma igreja católica e de uma pequena escola em meados de 1971, São João passou a ser reconhecido como um bairro ruralizado da cidade de Batayporã. Durante as décadas de 1970 e 1980, a luta e o entusiasmo de seus moradores proporcionaram uma grande força econômica devido a agricultura e pecuária. Sobre esse tema o colaborador Aliceu

Francisco da Silva narra que: este poder económico está linearmente “relacionado com as atividades desenvolvidas em Taquarussu, os arrendatários obtinham comunicação e relações de negócios, pois estavam apenas cerca de 12 km de distância”. Neste sentido, São João desempenhou grandes processos na história econômica de Taquarussu, tanto pela produção agrícola quanto pela valorização de comércios.

O bairro baseava sua economia na agricultura e na pecuária, sendo responsável pela maioria da produção econômica do município de Batayporã. De acordo com as colaborações orais e as informações do Jornal DOeste (1973), "mais ou menos 100 mil arrobas de algodão foram produzidas [...] no bairro São João. Taquarussu e São João juntos produziam muito e esses produtos são o resultado da vida pacífica e próspera de muitas pessoas hoje" (Claudenir José Crivelli, entrevista realizada em Taquarussu em 2022). Além do algodão, os arrendatários também cultivavam amendoim e criavam gado.

Cerca de cinco anos após a primeira família se instalar na região, "matas foram derrubadas e destinadas à plantação, os migrantes foram construindo moradias, e em curto prazo de tempo se enxergava uma comunidade estruturada" (Matilde Gonzaga Gomes, entrevista realizada em Taquarussu em 2022). Em 1973, a sede do bairro contava com cerca de 250 habitantes e aproximadamente 30 residências. Havia cerca de 10 casas comerciais em atividade, incluindo um açougue, duas lojas de tecidos, sete mercados de secos e molhados, dois bares e uma máquina de arroz. No aspecto educacional, o bairro contava com cerca de 12 escolas distribuídas pela sede e pelas áreas rurais, com aproximadamente 1.100 alunos frequentando o curso primário.

Com o desmembramento de Taquarussu do Município de Batayporã em 1980, seguindo os limites territoriais, o bairro ruralizado São João passou a fazer parte do território do município então emancipado. No entanto, a partir de 1980, "assim como Taquarussu, o bairro foi perdendo habitantes e sua força econômica diminuiu, desestabilizando os comércios e resultando em uma grande evasão" (Lourdes Garcia Justino, entrevista realizada em Taquarussu em 2022). Conforme Taquarussu perdia sua força o bairro São João sentia as causas, se por acaso o município tivesse mantido sua crescente economia e números populacionais, hoje o bairro São João teria força suficiente para a formação de um novo município.

4.1.7 CRENÇA POPULAR: O SACI-PERERÊ ORALIZADO NO PROCESSO DE POVOAMENTO DE TAQUARUSSU

A tradição oral que fundamenta esta pesquisa permite-nos ver, analisar, compreender e apreciar todos os eixos temáticos que surgem direta ou indiretamente nas entrelinhas das narrativas escutadas no ano de 2022. Os desejos, os silêncios, os gritos através da construção da memória nos levam a valorizar histórias inteiras e assim compreender que: “as pessoas mais simples têm algo surpreendente a nos contar (Bosi, 2003, p. 09). É possível porque o termo “aplicada” sugere que cuidemos, cultivemos, eduquemos as histórias que são narradas, lidas e que “servem para dimensionar a *memória viva*” (Seawright, 2023, p. 05).

Nessa jornada encontramos histórias de começos e recomeços que compõem o cotidiano da comunidade de destino de Taquarussu. Características contadas pelos “velhos” que passam um ar de cuidado e respeito a determinadas situações. São eixos que estão ligados às crenças do grupo e que a partir de histórias de vida são transmitidas de geração em geração. Essa questão nos faz compreender a importância das histórias de vida para essa pesquisa, e relatos como de Josefa Tavares de Almeida vai de encontro com as considerações que a pesquisadora Ecléa Bosi (2003) destaca: “as histórias de vida estão povoadas de coisas perdidas que se daria tudo para encontrar: elas sustentam nossa identidade, perdê-las é perder um pedaço da alma” (Bosi, 2003, p. 27).

É maravilhoso ouvir e contar histórias, lembro que quando era pequena meus pais contavam histórias para nós. A gente escutava cada palavra e cada história ensina algo, principalmente o respeito pelas coisas, pelas pessoas e pela natureza. Hoje sou eu quem conto e estou muito feliz que você veio ouvir minha história (Josefa Tavares de Almeida, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Ouvir o que os mais velhos dizem é uma atividade aprazível e a partir dessa escuta descobrimos a reconstrução do passado que hoje constitui o sujeito do presente (BOSI, 2013). Sentar e ouvir faz parte das tradições de diferentes grupos, e fazer isso com a comunidade de destino de Taquarussu proporcionou momentos de aprendizagem que nos ajudaram a entender o sentimento de pertencer a um lugar, a uma cultura – como o caso do Saci-pererê. Essa história está ancorada às crenças populares da comunidade de Taquarussu e diz muito sobre essas pessoas. É uma porta aberta à imaginação, à subjetividade e estão “longe de serem histórias insignificantes, essas anedotas são, pelo contrário, histórias significativas, cheias de sentido que é útil de se estudar” (Renar, 1999, p. 06).

A história do Saci-Pererê simboliza a memória e a cultura da comunidade de Taquarussu, trazendo consigo uma riqueza de significados, medos, ensinamentos e silêncios (Nora, 1984). Esta memória, talvez um dos mais conhecidos em várias regiões do Brasil, está intrinsecamente ligado às narrativas de vida dos entrevistados desse estudo. Para compreendermos esse eixo de análise, mergulhamos nas histórias compartilhadas por Rosa Ferreira dos Anjos, Terezinha Teixeira Rosa, Agenor Francisco dos Anjos, Aliceu Francisco da Silva e Antônio Emir Morraes, juntando-as a pesquisas sobre a importância das crenças populares e suas significâncias para a comunidade (Silva, 2021), bem como as tradições orais no contexto da globalização e da diversidade cultural (Vieira, 2009), e o saci nas hipóteses formadas ao longo dos anos sobre a dinâmica da nossa identidade brasileira, filtrada pelo conhecimento popular, expresso pela indústria cultural (Meihy, 2016).

A história do saci-pererê possui diversas versões que se entrelaçam em diferentes regiões do Brasil, combinando cosmologias europeias, africanas e indígenas (Meihy, 2016). Na composição deste ser, encontramos características de entidades africanas (Ossaim), histórias indígenas (Yací Yaterê) e portuguesas (Matinta Pereira e Fradinho), além de duendes europeus (Anastasia, 2002). Luís Câmara Cascudo, renomado estudioso das crenças populares brasileiras, sugere que os portugueses difundiram suas crenças através dos bandeirantes, enquanto os povos indígenas, juntamente com as explorações dos bandeirantes, deixaram suas marcas culturais, como histórias que foram posteriormente "catalogadas e confundidas com as dos portugueses" (Cascudo, 2002, p. 51). Por sua vez, os negros propagaram suas histórias por meio da religião e dos rituais.

As primeiras menções ao Saci surgem no século XIX, principalmente nas regiões de Minas Gerais e São Paulo. Cascudo destaca a possibilidade de essa entidade ter origem na cosmologia indígena, especialmente dos Tupi-Guaranis, povo disperso pelas regiões do Paraguai e do Paraná. A origem do nome Saci-pererê possui diversos significados. Mouzar (2007) sugere que vem do dialeto Tupi, *çaa-cy* (olho ruim) + *perereg* (saltitante). Por outro lado, Rodrigues (1980) destaca que vem de *Caçy Tapeperê*, que significa "a mãe das almas que sai nos caminhos ou nas estradas". Rodrigues (1980) também menciona que, devido à dificuldade de pronúncia da língua indígena, o nome sofreu variações regionais: Saci-Cererê, Saci-Perê, Matin-Taperê, Matinta Pereira, Sererê, Saperê, Siriri, Saci-Saçurá, Saci-Triquet, entre outros.

Existem diversas versões sobre a existência dessa entidade espalhadas pelo Brasil. Na cosmologia guarani, Yací Yaterê é descrito como um pequeno homem de cabelos loiros, com duas pernas, que aparece durante o descanso após o almoço. Segundo a lenda, ele faz as pessoas se perderem e as leva para seu irmão Aó-Aó, um canibal. Na Argentina, Uruguai e Paraguai, o

saci é conhecido como Yací Yaterê, mas possui uma varinha mágica e um corpo vermelho. Em Portugal também houve relatos de uma entidade chamada Fradinho da mão furada que usa um barrete vermelho na cabeça. Referência como um diabo que entra na casa à noite pelo buraco da fechadura e atormenta todos aqueles que dormem de barriga para cima, impossibilitando-os de gritar ou se mover. Na Alemanha há histórias sobre o Kobolde, um pequeno demônio inquieto que faz travessuras para tirar a paz das pessoas. Se as pessoas o agradarem, ele não as atormentará. Já no nordeste brasileiro, conta-se a história de um menino que perdeu uma das pernas num jogo de capoeira (Casudo, 2002).

Como podemos observar, a história deste personagem passou por várias transformações simbólicas e atraiu grande atenção da mídia, especialmente através da obra de Monteiro Lobato, que deu uma dimensão midiática ao Saci. Esse processo transformou essa figura mística em algo mais "domesticado", onde suas travessuras são suavizadas e consideradas apenas brincadeiras (Meihsy, 2016). No entanto, pelas narrativas, podemos perceber que sua origem não é necessariamente a de um menino travesso com apenas uma perna; há relatos que o descrevem como uma criatura demoníaca, com chifres e cauda (Vieira, 2009).

Ao examinarmos as histórias de vida da comunidade de Taquarussu, encontramos cinco relatos sobre a entidade Saci-Pererê, três deles diretos e dois indiretos. O entrevistado Aliceu Francisco da Silva mencionou em sua entrevista que: "aqui também tinha e ainda tem curandeiros; há até uma história que a família do Agenor Baiano conta sobre a surra que uma cabra levou do Saci, e no dia seguinte a levaram para uma benzedeira para ser curada". Neste ponto, é interessante problematizar a representação do Saci oralizada como uma figura maligna, já que causar danos a outro ser e deixá-lo em uma situação em que precise de ajuda vai contra a ideia de sua "adocicação" transmitida pela mídia.

O entrevistado Agenor Francisco dos Anjos relembra as dificuldades que enfrentou na década de 1960, compartilhando uma história vivenciada com sua família sobre a aparição do Saci-pererê. Com expressão de espanto, ele relata a história de um "negrinho" com um assobio estridente.

Um dia, Dona Isaura dos Anjos, esposa de Francisco, veio a Batayporã para "dar à luz" ao seu bebê, e ele montou nesta égua para visitá-la. Ao chegar ao Córrego do Umbaracá, a égua não quis atravessar a água porque era profunda. Havia duas pranchas instaladas pela Companhia Viação São Paulo Mato Grosso, ao passar a égua escorregou, caiu e ficou presa entre as tabuas. Francisco tirou a roupa, pulou no córrego e cortou a corda, fazendo-a cair na água. Ele rapidamente puxou a corda em volta do pescoço dela, puxou-a para fora da água e continuou seu caminho. Tenho boas histórias para contar, até mesmo sobre a aparição do negrinho do Saci-pererê que quase matou uma cabra. Ele bateu nela e sumiu deixando apenas o barulho alto de seu assobio. No dia seguinte apenas sangue escorreu de seus mamilos. Felizmente, foi um

benzedor que me ajudou (Agenor Francisco dos Anjos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

A história se passa no início do período de povoamento de Taquarussu, época em que o território era coberto por mata virgem, em que não havia energia elétrica e as famílias aumentavam o processo de desmatamento para construir casas e campos para cultivar lavouras e criar gado, prejudicando assim a fauna e a flora da região. Rosa Ferreira dos Anjos, esposa de Agenor, conta a história com mais detalhes.

Para chegarmos aonde estamos hoje, passamos por muito sofrimento. Olho para trás e me recordo de diversas histórias... quando chegamos nas terras de cinco alqueires, meu esposo Agenor trouxe uma cabra para tirar leite para as crianças, a qual ficava amarrada embaixo da casa de pau a pique. Certa noite, quando todos dormiam, ouviu-se barulhos da cabra berrando desesperadamente, como se estivesse sufocada. Rapidamente Agenor pegou o lampião e um facão e desceu correndo para averiguar o ocorrido e, com agilidade cortou a corda, momento em que viu apenas um vulto correndo, o qual assobiava muito alto, que chegava a ensurdecer.

No dia seguinte, meu esposo Agenor, como de costume, tirou o leite de cabra, porém para seu espanto, saía apenas sangue de seus peitos. Já imaginando o que teria ocorrido e quem teria causado, saiu a procura de ajuda, e foi, então, que soube de um benzedor que estava nas redondezas. Ao procurá-lo, o mesmo benzeu a cabra e colocou em seu pescoço um colar feito com alho. Após isso, em três dias a cabra estava curada.

Foi assustador, nunca havia passado por essa experiência. Depois desse dia nunca mais foi visto esse vulto, mas na época era comum escutar o assvio ensurdecido do saci-pererê (Rosa Ferreira dos Anjos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Como podemos perceber na história, a presença dessa entidade não tem a delicadeza que a mídia costuma passar na imagem do Saci-pererê. O oralista José Carlos Sebe Bom Meihy (2016), pensando no personagem Saci, deixa a possibilidade de análise: “será que o Saci oralizado, o tal protetor das matas, não teria a ver com os negros quilombolas, fugitivos escravos que auto retirados do sistema, assombrariam os brancos? [...]”.

Nessa perspectiva, ao refletirmos sobre a fundação de Taquarussu a partir das histórias dos 14 colaboradores desta dissertação, os quais remeteram em vários momentos às comunidades indígenas naquela região, surge uma boa oportunidade para pensarmos a crença popular do Saci em relação a presença indígena. Como Terezinha Teixeira Rosa expressa: “mas aqui em Taquarussu, meados da década de 1960, tinha, sim, índios que transitavam pelas matas. Nunca vi, mas o povo comentava”, e Antônio Carlos Braz acrescenta: “minha mãe tinha medo e havia aquele pensamento de que aqui só tinha bicho, mato e ‘índio’”. Essas perspectivas abrem uma nova possibilidade: o Saci poderia estar relacionado aos povos indígenas nas

histórias de vida dos colaboradores, que, com sua resistência à exploração das florestas e seus grupos, assombravam os pioneiros?

A presença desses grupos na área é evidente tanto nas histórias colaborativas que expressam medo, quanto nas pesquisas relacionadas à presença da comunidade indígena Ofaié no Vale do Ivinhema até meados de 1948. Isso nos permite apresentar uma nova perspectiva sobre a história e trajetória desses grupos. Existem vários estudos que documentam a resistência dos indígenas Ofaié contra a colonização, lutando e confrontando os fazendeiros para manter viva sua identidade e cultura. Nesse sentido, surge a questão: Seriam esses nativos os responsáveis pelos assovios estridentes e assustadores?

As entrevistas que retratam a aparição do Saci nos mostram um cenário de área ruralizada em processo de povoamento, com casas de pau-a-pique cercadas por mata virgem e iluminadas por lampiões. Esse ambiente nos mantém em suspense, retratando um local escuro e pouco iluminado. Diferentemente do gentil e perneto Saci modernizado, os entrevistados não especificaram qual seria a aparência física da entidade que surpreendeu suas famílias. Eles contam a história de um “negrinho”, como aponta Agenor, que desapareceu “correndo” como um “vulto”, conforme nos conta Rosa. A expressão “correndo” sugere que o agressor da cabra tinha duas pernas e não apenas uma, como retratado nas histórias do Saci moderno.

É evidente que essas pessoas ocupavam áreas já habitadas pelos Ofaié. Levando isso em consideração, sugiro intercalar as histórias orais com o contato que Darcy Ribeiro teve com os Ofaié, em 1948, nos territórios que hoje são Batayporã e Taquarussu, dois anos antes de começar a comercialização das terras da Fazenda Samambaia. Também podemos intercalar essa temática com a pesquisa de Carlos Alberto Dutra.

Agenor Francisco dos Anjos e Rosa Ferreira dos Anjos descrevem o Saci-pererê como um “negro de porte pequeno do sexo masculino”, semelhante às pesquisas de Carlos Alberto dos Santos Dutra (2004), que apresentam alguns relatos sobre os Ofaié como pessoas de estrutura pequena, tímidas e de índole “pacífica”. No entanto, é importante ressaltar que quando Dutra mencionou a índole “pacífica”, não significa que esses grupos aceitavam a opressão colonial; muito do contrário, as pesquisas atuais destacam que eles lutaram e resistiram. Além disso, os exploradores estavam próximos do Córrego Baile, um local extremamente importante para a subsistência do grupo Ofaié, que o utilizava para se deslocar para outras regiões e para pescar e beber água.

Alguns dos relatos que Carlos Alberto Dutra utiliza em sua pesquisa são pejorativos, como o próprio pesquisador reconhece e problematiza: “Miguel Arrojado Ribeiro Lisboa, pejorativamente, considera os Ofaié fracos e medrosos, embora reputados mestres no roubo.

Razão, pela qual, segundo ele, o grupo tem sido muito perseguido e sacrificado”. Ao refletirmos sobre isso, enfatizo que ao questionarmos o Saci-pererê oralizado como supostos reflexos da resistência indígena, não estamos propondo uma visão estereotipada ou pejorativa. Estamos buscando novas formas de compreender a crença popular, considerando o poder da memória para lembrar, criar, recriar e narrar no presente, valorizando o papel da memória, um lugar que antes era ocupado por mata fechada e habitado por povos indígenas.

Ao contar a história do Saci-pererê, Rosa Ferreira dos Anjos enfatizou o aparecimento recorrente dessa entidade, sugerindo que essa ação fazia parte do cotidiano das pessoas, ocorrendo sempre à noite e contribuindo para a construção da identidade da comunidade. Essa questão ganha ainda mais destaque porque a história de Rosa e Agenor foi conhecida e comentada quando Taquarussu ainda era bairro, como afirmou o colaborador Aliceu ao relatar que sabia da história da cabra que foi espancada pelo Saci. Esta história é eventualmente atualizada a cada momento de escuta e narração, à medida que cada narrador imprime sua identidade cultural ao contar.

Nas entrevistas com o senhor Antônio Emir Moraes, relatou que também conhecia a história da família Anjos, mas nunca havia presenciado situações semelhantes às contadas na história. Esta passagem destaca novamente o poder da memória e da construção da identidade baseada na experiência, bem como as histórias populares que são tão importantes e fazem parte da história desta comunidade. Emir disse:

Muitas pessoas vieram para cá, o pessoal do Zé Baiano foi um dos primeiros. Esses povos antigos têm muitas histórias para contar. Minha família ajudou a fundar a região de Teodoro Sampaio SP, onde presenciaram muitas coisas sobrenaturais. Aqui em Taquarussu também tem histórias, era comum escutar a história do Saci contada pelo Agenor Baiano. Você sabe, quando algo acontece, todo mundo fala sobre isso. Nunca vi nada assim por aqui, mas escutava as histórias. Vi muitos animais silvestres: onças, sucuris, pássaros, tamanduás (Antônio Emir Moraes, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Além disso, percorrendo as histórias narradas, as entrevistas realizadas com Terezinha Teixeira Rosa nos dão uma compreensão diferente da história do Saci-pererê. A colaboradora lembra da floresta e das histórias que seu pai contava, narra que era comum encontrar sepulturas no interior da mata e o que a comunidade chama de sepulturas indígenas: “além dos túmulos, também existem casas construídas com coqueiros”.

A colaboradora evidencia o coletivo dessa história, mas através de suas experiências dá um sentido diferente ao que contam. Relatou que:

No passado, não havia muita segurança, mas todos traziam cães para manter as suas casas seguras. Não eram como os cães decorativos de hoje, eram cães de verdade, cães enormes que todos tinham medo quando olhavam para eles. À noite, quando a família descansava após um dia de árduo trabalho, era comum escutar o som de um cachorro correndo e latindo como se estivesse com dores. Acontece que era um local de mata onde vivem muitos insetos e às vezes os cães são picados por esses insetos e até por animais peçonhentos. Quando o incidente aconteceu, por medo, algumas pessoas disseram que foi a caipora e outras que foi o Saci-Pererê quem pegou e espancou os cachorros. São histórias que fazem parte do nosso imaginário daquela época. As pessoas contam muitas histórias. Mas em meio a essas histórias, as pessoas trabalharam duro para conseguir algo aqui. Claro que as condições da terra ajudaram muito (Terezinha Teixeira Rosa, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Nessa história, surgiu um novo personagem, a caipora. Se pensarmos nas narrativas que conhecemos sobre o saci e a caipora, todas têm o mesmo objetivo: proteger a floresta da exploração humana, especialmente do "homem branco". Embora compartilhem esse propósito comum, as experiências evocadas são diferentes. O que transparece nessas histórias é a ambientação: casas situadas em meio a matas e campos; o momento do dia: à noite, quando todos estão dormindo; e as vítimas: animais (no caso das histórias ouvidas, o cachorro e a cabra).

As histórias que a família Anjos conta sobre o Saci, que Aliceu e Emir conhecem e que Terezinha Teixeira Rosa apresentou sob uma nova perspectiva, destacam mais uma vez o que foi analisado neste estudo: a memória coletiva. Vemos que ela transcende o âmbito familiar e se torna conhecida pela comunidade. A partir desse conhecimento, outras histórias são compartilhadas, cada uma com trajetórias diferentes, mas que contribuem para a coesão e funcionamento da comunidade de Taquarussu.

O ato de ouvir e contar histórias é de grande importância para essas narrativas, pois estão intrinsecamente ligadas à identidade da comunidade de Taquarussu. Essa prática ajudou a difundir a cultura da comunidade, pois a história do saci foi ouvida e contada por algumas pessoas que estavam envolvidas em suas atividades quando Taquarussu ainda era uma comunidade ruralizada. Hoje, mesmo aqueles que não têm a experiência de ter visto, ouvido ou sentido a presença da tão temida entidade, também lembram e compartilham essas histórias.

4.1.8 UMA ANÁLISE ACERCA DA TOPONÍMIA “TAQUARUSSU”

O estado de Mato Grosso do Sul é marcado pela diversidade étnica e possui a terceira maior população indígena do Brasil (IBGE, 2022), o que de certa forma influencia os diferentes

nomes de cidades, fazendas, rios e até mesmo das glebas, referidas por topônimos²¹. Tomamos como exemplo: Taquarussu, Batayporã, Ivinhema, Bataguassu, Rio Samambaia, Rio Anhanduí, Gleba Iguassu e outros que utilizam o dialeto Tupi, a maioria dos municípios do estado possuem esta característica. Ao analisarmos os nomes dos municípios de Mato Grosso do Sul, entendemos que os topônimos de origem indígena são de grande importância, principalmente no sul do estado. Sobre esse tema, relata o entrevistado Antônio Carlos Braz:

Mato Grosso do Sul tem muitas culturas, interações de diferentes grupos. Estamos em um estado muito rico e contamos com a cultura indígena. Trabalhos como o seu devem lançar luz sobre esta questão, pois os povos indígenas são de grande importância. Basta olhar os nomes de cidades como a nossa, Taquarussu, que possui origem na língua nativa. Mais que isso, aqui em Taquarussu tivemos a presença da comunidade Ofaié (Antônio Carlos Braz, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

As comunidades indígenas que habitavam a região do Vale do Ivinhema, especialmente a comunidade indígena Ofaié, na região de Taquarussu, com o tempo foram obrigados a migrar e, de certa forma, a desaparecer daquela paisagem. As colaborações de Terezinha Teixeira Rosa dizem que: “nunca vi, mas o povo comentava. Minha mãe tinha medo de deixar a gente sozinho, e quando eles morriam faziam túmulo no chão e meu pai cansou de encontrar, porém, eles se afastaram e sumiram”.

As últimas pesquisas sobre a presença dessas comunidades na região do Vale do Ivinhema enfatizam que hoje não há mais vestígios de pessoas com vínculos familiares. O pesquisador Danilo Leite Moreira, em sua dissertação de mestrado, afirma que “embora existam registros da presença de grupos de índios Ofaié, atualmente nem na região nem nas proximidades existem sequer descendentes deles” (Moreira, 2015, p. 26). Curiosamente, os dados do IBGE do Censo de 2022 destacam que há, em Taquarussu, 3 moradores que se autodeclararam indígenas, embora não possamos afirmar que esses moradores se reconheçam como pertencentes aos Ofaié.

De todo modo, a presença dos Ofaié em Taquarussu foi pensada quando o projeto de pesquisa entrou em campo. A entrevistada Terezinha Teixeira Rosa, quem mais falou da presença de utensílios indígenas em Taquarussu, contou-nos que: “mas aqui em Taquarussu, em meados da década de 1960, havia índios perambulando pela mata. Nunca vi isso, mas as

²¹ Segundo os pesquisadores José Quitério da Silva e Pedro Antonio Gomes de Melo, toponímia é mais que uma disciplina que aborda nomeação de lugares do ponto de vista linguístico imanente, mas criam vínculos com as etnias, com as denominações das sociedades de todos os tempos, com a cultura de cada lugar e influências que as localidades, exercem e/ou sofrem nos/dos denominadores. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/completo/Um%20estudo%20onom%C3%A1stico%20-20JOS%20C3%89.pdf. Acesso em: 11.08.2022.

peças comentaram”. Ainda complementa que: “meu pai geralmente voltava para casa falando que havia encontrado pertences dos índios perdidos na mata”.

Histórias como a de Terezinha Teixeira Rosa nos fizeram olhar atentamente para essa questão e nos levaram a conhecer Valdeir, descendente de Ofaié, que mora no município de Batayporã. Além de Valdeir, a antropóloga Simoni Santos Siqueira relata em sua dissertação²² de mestrado que obteve contato com a comunidade Anodhi, na cidade Brasilândia, e notificou que existe a presença de descendentes dos indígenas Ofaié também nas cidades de Ivinhema e Nova Andradina.

Embora o termo "Taquarussu" tenha origem tupi, é crucial destacar que os Ofaié habitaram o Vale do Ivinhema. Atualmente, muitos municípios do sul de Mato Grosso do Sul apresentam influências desse grupo, mesmo que de forma muitas vezes invisibilizada pela expansão e opressão colonizadora do século XIX. No entanto, ainda há vestígios dessa presença, mesmo que seja através de seus descendentes.

É correto falar, compreender e ressignificar a história dessas comunidades que também estiveram em Taquarussu, porque com a intervenção dos brancos essas comunidades desapareceram de forma muito injusta. Pensar nisso é entender que eles estiveram aqui e usaram muitos dos recursos que os colonos da década de 1950 usaram. O córrego e outros rios, bem como o uso do bambu taquara, que originou o nome Taquarussu (Antônio Carlos Braz, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Os topônimos que identificam os 78 municípios sul-mato-grossenses refletem diversas influências, incluindo a presença indígena, representada em cinco perspectivas distintas. Alguns homenageiam "heróis" que tiveram papel na região, enquanto outros descrevem características do meio ambiente físico. Além disso, há aqueles que remetem a nomes de colonizadores ou dominadores, bem como situações de fronteiras. Dos topônimos, 27% têm origem indígena e 10.2% são nomes híbridos, sendo que 9% desses últimos têm base na língua indígena (Isqueiro, 2008, p. 50,51). Entre os 23 municípios do estado de Mato Grosso do Sul emancipados entre os anos de 1980 e 2003, quatorze têm topônimos de origem portuguesa, seis são baseados em termos indígenas e três são hibridizados. Bodoquena, Itaquiraí, Tacuru, Taquarussu, Juti e Japorã são exemplos de municípios formados a partir de nomes de origem indígena.

Essa influência se manifesta tanto nas características geográficas quanto étnicas. A toponímia brasileira tem sua origem em diversos troncos linguísticos, com grande parte

²² SIQUEIRA, Simoni Santos. *A trajetória do povo Ofaié: territorialidade e reconhecimento de direitos territoriais*. [recurso eletrônico] Dissertação (Mestrado em Antropologia) — Unidade Federal da Grande Dourados, 2020. Disponível no Repositório Institucional da UFGD em: <<https://portal.ufgd.edu.br/biblioteca/repositorio>>. Acesso em: 11.08.2022

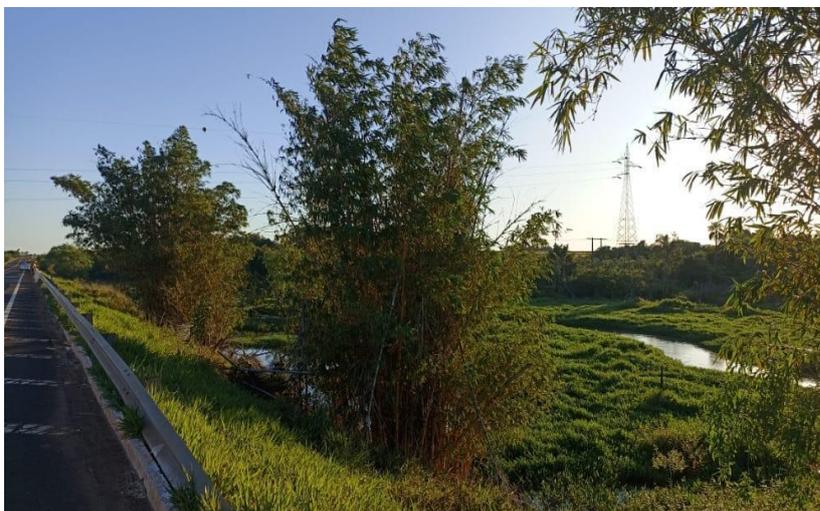
proveniente do tupi, devido à língua ser amplamente falada na costa do Brasil e uma das principais responsáveis pela identificação de nomes geográficos no território (Melo, 2013, p. 163). Taquarussu é um exemplo de fitotopônimo, referindo-se ao topônimo relacionado a vegetais (Melo, 2013). Nesse sentido, a colaboradora Maria Aparecida da Silva explica: "o nome Taquarussu surge da própria mata, da vegetação, da taquara que a gente usava para muitas coisas".

Como mencionado, a área estudada sempre teve relação com a presença de comunidades indígenas, e é compreendido que muitos colonos no Vale do Ivinhema interagiam com esses grupos, que percorriam os córregos e rios da região. Embora a maioria da população de Taquarussu desconheça essa história, existem pesquisas que corroboram essa relação. A questão da nomenclatura destaca a presença indígena, explicada pelas características étnicas e geográficas.

É crucial compreender a origem do nome Taquarussu através da perspectiva da população ruralizada. Esse aspecto é destacado em todas as colaborações de 2022. Antônio Carlos Braz relatou: "desde aquela época, sabíamos que o nome vem da presença de tantas taquaras, o que justifica por que o nome Taquarussu permaneceu como distrito de Batayporã e posteriormente se tornou município".

Nesse sentido, o nome Taquarussu deriva da abundância de taquaras, também conhecidas como Taboca ou Taquarussu. Trata-se de uma planta da família das gramíneas, que atinge grandes alturas e era abundante nas matas das antigas Glebas Iguassu e Machado, onde hoje se encontra Taquarussu. A palavra tem origem tupi e significa "taboca gigante". De acordo com o Dicionário de Palavras Brasileiras de Origem Indígena, a etimologia de taquaruçu é taquara + do tupi usú.

FOTOGRAFIA 31. MOITAS DE TAQUARA NO LEITO DO CÓRREGO BAILE – TAQUARUSSU



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2022.

Para a comunidade indígena Ofaié, a taquara era utilizada na confecção de flechas, cachimbos e cestos. Já para as famílias que migraram para as terras da Fazenda Samambaia em meados de 1959, era utilizada como utensílios domésticos e construção de casas, como relatou Agenor Francisco dos Anjos: “sinto orgulho de Taquarussu, cidade que possui esse nome por conta da quantidade de taquara que existia na região. Usamos o bambu para construir casas e telhados. Dava para fazer cumbuquinhas para pegar água e também fazer facas, pois sua fibra é muito afiada”. A fotografia de n. 31 aponta a presença da planta no território de Taquarussu, sob a margem do Córrego Baile, leito fundamental para a colonização da região.

Nos desdobramentos das narrativas, compreende-se que a nomeação do município foi fruto de uma escolha popular: “as pessoas observaram os bambus, extraíram para o próprio benefício e sobrevivência e, juntos, deram o nome dessa planta para a nossa cidade” (Maria Aparecida da Silva, entrevista realizada em Taquarussu em 2022). Contando com as características naturais da vegetação, a abundância de bambus, a comunidade passou a identificar a região com essa característica. O nome começou a propagar nos bares e demais comércios, identificados por viajantes que trabalhavam no setor de transporte de mercadorias e nas cidades vizinhas.

O entrevistado António Carlos Braz ressalta que: “quando chegamos, havia bambuzais por todos os lados que olhávamos”, e Aliceu Francisco da Silva complementa que:

O nome se espalhou graças aos comentários das pessoas, por exemplo, muitas

peessoas que moravam perto venderam suas terras e vieram para cá dizendo “vamos para Taquarussu”. Também começou a se espalhar quando o Sr. Gileno abriu o primeiro barzinho da cidade vendendo apenas bebidas e em 1963, o Sr. Antônio Rodrigues e Zé do Jipe abriram uma mercearia que vendia de tudo: arroz, feijão, farinha. (Aliceu Francisco da Silva, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Gradativamente, os moradores foram identificando a região com a nomeação, pois “no passado era falado: é Taquarussu porque tem muito bambu”, lembra Josefa Tavares de Almeida. Ainda a colaboradora Terezinha Silva dos Santos narra que: “na época, havia um ponto de ônibus debaixo de uma moita de Taquara, foi um dos motivos que levou a pensar no nome”. Esses mesmos relatos se assemelham com a entrevista do Senhor José Laurindo, pai de Terezinha Silva dos Santos, realizado no ano de 2008 para o *Jornal Vale do Ivinhema* (2008)²³, que ressalta a origem. O local servia como ponto de referência para entrega de mercadorias aos trabalhadores que estavam na mata.

O nome se espalhou graças à intervenção da população local, e como já existia uma comunidade estabelecida, o prefeito de Batayporã, Manoel Leite, junto com o Padre José, se deslocaram até o núcleo e questionaram sobre a nomeação. “Houve diversos nomes, mas quando surgiu Taquarussu todo mundo aplaudiu”, narra Terezinha Silva dos Santos. Seguindo as coordenadas de Taquarussu, outros nomes de bairros rurais pertencentes hoje ao município de Taquarussu foram surgindo, tais como o Pouso das Araras, Bairro Vera Cruz, Bairro Tranchã, Bairro Três Ranchos, Bairro Procópio, Bairro Cafezinho e Bairro São João.

O Três Ranchos foi por conta que no início havia somente 3 ranchos de três irmãos, o Pouso das Araras por conta da quantidade de aves, o bairro cafezinho por conta da colheita de café e, desta forma, os outros bairros (Terezinha Silva dos Santos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Nota-se que o fitotopônimo da palavra Taquarussu está intimamente ligada à vegetação nativa, o que demonstra a interação entre o homem e o meio ambiente. A quantidade de bambu nativo, conhecida pelos indígenas como cana-brava (trono ou haste furada). A colaboradora Matilde Gonzaga Gomes criticou esse assunto em sua entrevista e nos mostrou que esse relacionamento, embora apresente uma bela história, não pode ser visto de forma romântica ou pacífica.

A chegada de muitas pessoas a Taquarussu estabeleceu uma ligação entre o homem e a natureza. Observe que o homem viu a magnífica floresta de bambu e deu o nome à cidade. Porém, o homem é egoísta, desmatou muito e destruiu grande parte das nossas árvores e animais (Matilde Gonzaga Gomes,

²³ Vale do Ivinhema. *Seu José Laurindo viveu intensamente a história de Taquarussu*. Ano I, n. 03, maio de 2008.

entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Atualmente a taquara não está mais presente em grandes proporções, aparece apenas em pequenos arbustos distribuídos pela zona ruralizada, mas representa uma cultura indígena enraizada na história urbana e que destaca a identidade e a cultura taquarussuense. A vegetação caracteriza a estrutura da localidade e quando observada denominou a comunidade de Taquarussu.

Nas entrevistas compreende-se que o nome escolhido de modo popular sugere a vegetação nativa da região, a quantidade de bambus/taquaras, porém os colaboradores desconhecem a etimologia da nomeação. Nesses contextos outros nomes foram surgindo como “apelido” para caracterizar Taquarussu, como “Ouro Branco” e “Flor do Vale”.

A nomeação Ouro Branco surge em meados do ano de 1970, período que a produção do algodão provinha de grande destaque e o município ainda atuava como núcleo, bairro do município de Batayporã. O algodão movimentou grande parte da economia local, sendo que o distrito por muito tempo bancou a sua sede. Por conta da grande produção do vegetal a região passou a ser conhecida com a nomeação. “Quando chegamos todo mundo estava investindo em algodão, para onde quer que você olhasse dava para ver esses botões brancos, que aqui começamos a chamar de ouro branco”, narra a colaboradora Terezinha Teixeira Rosa.

A nomeação do pseudônimo “Flor do Vale” surgiu em meados do ano de 1981, momento em que o Prefeito nomeado Adelmo Benedito Pontes, organizou um concurso popular que escolheria um pseudônimo para o município emancipado. Surgiram diversos nomes, como “Princesinha do algodão”, o então conhecido “Ouro Branco”, porém o pseudônimo vencedor foi pensado pela professora Lourdes Justino ao observar as lindas flores que o algodoeiro libera, “Flor do Vale”.

A cidade hoje também é conhecida como Flor do Vale, graças a um concurso da prefeitura organizado e selecionado por Dona Lourdes, o nome aparece até no hino nacional de Taquarussu "para frente Flor do Vale". É um hino muito lindo, fala de tudo, algodão, crianças, professores, empresas, pioneiros, o que Taquarussu realmente passou, conta a trajetória de um povo que lutou e luta até hoje... é muito lindo. (Antônio Emir Moraes, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Em conversa, a colaboradora Lourdes Garcia Justino explicou a história do surgimento Flor do Vale, evidenciada pelas relações econômicas que prevaleciam naquela época, produção agrícola abundante do algodão, de acordo com as observações que fez na organização e luta deste grupo de agricultores, no dia a dia das pessoas.

Comecei a pensar na agricultura, na lavoura, em toda a história da economia estar nas mãos de pequenos produtores. Naquela época Taquarussu era como um jardim, no final da tarde com o pôr do sol, ao sair para o terreiro de casa, sentia o cheiro da colheita, o cheiro das flores do algodão, o cheiro do amendoim. Fiquei tão fascinada pelas roças brancas de tanto algodão, pela fartura. Sou filha de agricultor e meu pai sempre foi muito amoroso e metucioso na lavoura, quando chegava em casa dizia alegremente "ah, mas esse ano as flores desabrocham tão bem, vai produzir muito amendoim", "eu vou produzir muito algodão". Como este foi o início do município, também se estabeleceram regiões e Taquarussu tornou-se parte do Vale do Ivinhema graças ao Rio Ivinhema. A respeito disso, disse a mim mesmo: "Se você quer o fruto, tem que plantar e ter flores. A flor que perfuma esta terra e deixa esperança de uma nova vida, e depois o fruto que nutre e acalenta a esperança deste povo. Nesta seção associei o nome da região aos resultados da luta dos produtores e foi assim que nasceu a "Flor do Vale". "Flor" para a transição da semente à flor, o produto simboliza coragem e luta, e "Vale" para o nosso Vale do Ivinhema (Lourdes Garcia Justino, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Os topônimos apresentados estão ligados à história do município, ao cotidiano, a vegetação e tudo aquilo que os colonos observaram e que chamou a atenção. São também abordagens ideológicas, pois conduz à memória, as narrativas, as vivências do grupo que as utiliza (Dick, 1996, p. 12). E desta forma nos faz, por meio do discurso, "nomear [...] (Faggion; Misturini; Dal Pizzol, 2013, p. 6), identificar fatores geográficos e culturais que compõem os movimentos que idealizaram Taquarussu como bairro ruralizado, distrito e, por fim, o município.

Hoje em dia é difícil encontrar bambuzais abundantes na região de Taquarussu como no período colonial devido aos incêndios florestais, ao desmatamento e ao aumento do uso de fibra para construção de casas. Esse mesmo processo tem ocorrido com outras variedades de plantas, árvores e animais, causando diversos impactos ambientais na flora e na fauna nativas.

4.1.9 "NÓS E OS OUTROS": A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA E CULTURAL TAQUARUSSUENSE

A movimentação e concentração de pessoas de diversas regiões do Brasil nas terras que hoje são Taquarussu trouxe consigo famílias, homens, mulheres e crianças carregando elementos culturais, costumes e tradições da cidade/estado de origem. Pararam em outras localidades até chegarem às terras que hoje constituem Taquarussu, permitindo a troca de experiências.

Esse processo moldou culturas e identidades "múltiplas e híbridas" (Hall, 2006). A busca pela construção da identidade do município ocorreu antes mesmo da emancipação, de

forma indireta, e com o encontro de diferentes costumes, organizou-se uma pequena comunidade a fim de estreitar as relações sociais. “Havia muita gente, de vários lugares, de São Paulo, do Paraná, do Nordeste... Pessoas com ideias e costumes diferentes se conheceram nessas terras”, narra a colaboradora Lourdes Garcia Justino.

Nesse sentido, as contribuições de Stuart Hall para a compreensão da identidade neste estudo são cruciais, pois a cultura, em suas diversas manifestações e instrumentos, cria nas subjetividades novas formas de ser, de se expressar, de pensar, de interagir com os outros e com o mundo. Essa ação solidifica limites da identidade como não fixos, passando por um processo de construção e reconstrução contínua a partir da troca de experiências que os povos que se encontraram nas terras da atual Taquarussu mantêm desde a década de 1950. Essas questões estão presentes nas narrativas que falam sobre origens, recomeços e cotidiano. As subjetividades são percebidas pelo oralista a partir da escuta e expressada pelos colaboradores através do discurso e do diálogo.

A representação da identidade da comunidade ruralizada se constitui a partir do conhecimento e reconhecimento. Dar a conhecer e fazer conhecer produz a existência daquilo que enuncia (Bourdieu, 2010). Neste sentido, a comunidade Taquarussu passou por uma transformação identitária a partir das relações sociais, sob o alto reconhecimento e sentimento de pertença à comunidade. As entrevistas analisadas e disponibilizadas na íntegra neste estudo falam da vida e de tudo o que acontece num momento em relação aos lugares, às pessoas, às experiências que são lembradas e contadas no tempo presente. Sobre os acontecimentos vividos, a colaboradora Carmelina Candido dos Santos Silva diz:

Me sentia muito bem e como gostava de ir a Batayporã mesmo a pé, vendo aquelas matas fechadas, naquelas aberturinhas entre as árvores que só existia no sítio do Otacílio Pinheiro e nas margens do Córrego Baile, pulando as poças de água na estrada. Ah... era lindo de se ver e admirar (Carmelina Candido dos Santos Silva, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Assim, dado o trecho destacado acima que fala sobre a saudade, experiências, memória e identidade, nos remete as apresentações feitas por Michel Pollak sobre a memória e a identidade social. Podemos pensar esse processo sob três sentimentos: a) unidade física ou fronteiras físicas, no caso do corpo das pessoas, e fronteiras de pertencimento, no caso de um grupo coletivo; b) continuidade no tempo, no sentido literal e psicológico e, c) o sentimento de coerência de que os diferentes elementos que formam uma pessoa são efetivamente unificados (Pollak, 1992, p. 204). Dá uma sensação de identidade de pertencimento, no qual a pessoa faz parte de determinado grupo que possui fronteiras, que se propagou no tempo e que é coerente

na sua construção de vivência social.

Alguns autores discutem a questão “do outro”, como Stuart Hall e Tomaz Tadeu da Silva, e compreende-se que a formação identitária é um fenômeno “em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros” (Pollak, 1992, p. 204). Tanto a memória como a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais.

Cada pessoa da comunidade de destino de Taquarussu possui sua referência do passado. No tempo presente, lembra e (re)constrói o espaço em que vive, imprimindo suas características e representações através da memória coletiva, elemento constitutivo da identidade e que vivencia um sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou grupo em sua reconstrução. Evidencia o sentimento de pertencimento presente na identidade coletiva da comunidade.

Os autores citados acima nos ajudam a observar e compreender o compartilhamento de referências nas relações sociais estabelecidas no interior da comunidade Taquarussu e refletem o processo de colonização. Este processo forma um coletivo que define “nós” e “outro”, ao mesmo tempo que cria diferenças e fronteiras, sejam matérias (econômicas e políticas) ou simbólicas (culturais), mas que demarcam e faz reconhecer o outro (Bourdieu, 2010).

Para isso as contribuições de Pierre Bourdieu (2010) são fundamentais para a compreensão da comunidade de destino e suas histórias, no sentido que o pertencimento abrange todas as esferas sociais e estreitar laços por meio de vínculos, referências e valores. Institui uma identidade na pessoa que o faz refletir sobre o lugar que está inserido, criando vínculos afetivos.

Ao analisarmos as entrevistas mantidas no ano de 2022, é possível compreender que as fronteiras da comunidade que ganhava vida e sua sede – Batayporã, sempre existiu na memória e foi além da unidade física, tanto pela distância, região cortada pelo Córrego Baile, quanto pelo sentimento de não pertencimento daquela comunidade.

Esse problema ficou evidente quando os colaboradores argumentaram que não precisavam da intervenção de Batayporã; em contrapartida, o distrito ruralizado de Taquarussu ajudou a sede municipal com os lucros provenientes do cultivo e colheita do algodão. Passagens como essas identificam um sentimento de não pertencimento a Batayporã e refletem um sentimento de pertencimento à comunidade ruralizada. Histórias como a do Emir Francisco da Silva reafirmam e refletem outras histórias encontradas nas redes colaborativas.

A vida no sertão é diferente de hoje, não tinha máquinas para trabalhar no campo, esse trabalho era manualmente, à mão, em arados com cavalos. As pessoas daqui trabalharam duro para limpar a floresta e criar seus filhos. Meu pai era um homem muito trabalhador, foi agricultor a vida toda e ajudou muito em Taquarussu. Minha mãe cuidava das tarefas domésticas, ela também era parteira e cuidava muito bem da gente. Hoje temos uma cidade linda, limpa e arrumada. Tenho orgulho de dizer que fui um dos primeiros grupos a chegar aqui (Emir Francisco da Silva, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

As relações mantidas nessa comunidade, as experiências compartilhadas entre as pessoas e com o lugar, construíram símbolos e identidades que deixaram marcas, sejam elas sociais, políticas, econômicas ou culturais. Essas relações se caracterizam por meio de interesses, sejam coletivos ou individuais, e suas mudanças provocam uma série de alterações no modo de vida dos integrantes do grupo.

Essa questão nos leva a refletir sobre o conceito de "unidade física" abordado por Michel Pollak, que evidencia "fronteiras" entre grupos. As quatro redes colaborativas, de modo indireto, demonstram certa insatisfação em serem denominadas como Batayporãenses, o que evidencia a formação de fronteiras e a identidade do bairro Taquarussu. A colaboradora Terezinha Teixeira Rosa expressa: "que bom que Taquarussu se separou de Batayporã, não precisamos deles para comer nem beber".

Os colaboradores expressam o desejo de emancipação e buscaram apoio na política partidária. "Queríamos muito que o bairro se tornasse uma cidade e o sonho se tornou realidade, com o apoio de alguns vereadores" (Claudenir José Crivelli, entrevista realizada em Taquarussu em 2022). "Havia alguns vereadores que residiam aqui, o Senhor Zuza e o Adelino Rocha, que questionavam a emancipação de Taquarussu devido ao fluxo de pessoas" (Terezinha Silva dos Santos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Graças à memória afetiva da comunidade, é possível definir as fronteiras e, nesse sentido, identificar as relações sociais e os conflitos de poder. A intervenção dos representantes dos partidos políticos, de acordo com a Lei nº 3.708, de 24 de maio de 1976, fez de Taquarussu um distrito de Batayporã. Esse processo intensificou as fronteiras entre o bairro e seu município, alimentando o "sonho de emancipação". A colaboradora Josefa Tavares de Almeida relata: "Taquarussu era parte de Batayporã e, com o tempo, tornou-se distrito. Sonhávamos em nos separar de Batayporã, e com a nomeação como distrito, esse desejo se fortaleceu".

Essa intervenção demarca os limites do distrito, e a intensificação ocorre com o desmembramento, já que Taquarussu fazia parte da administração política e geográfica de Batayporã. Fronteiras, limites e denominações territoriais, tanto físicas quanto populacionais,

são estabelecidas. A comunidade deixa de ser Batayporãense e passa a ser conhecida como Taquarussuense.

O "sonho" de emancipação está presente nas histórias, justificado pelo sentimento de não pertencimento. Essa questão é reflexo da intervenção do governador do estado, Marcelo Miranda Soares, que sancionou a Lei nº 77 em 13 de maio de 1980. "Em 1980, conquistamos nossa emancipação. Não me recordo exatamente como aconteceu, mas sei que o Senhor Deca se tornou o primeiro prefeito, não por eleição, mas por nomeação" (Agenor Francisco dos Anjos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Podemos compreender esse processo emancipatório através dos "jogos" de disputa e poder, da intervenção dos membros das comunidades rurais e dos políticos em suas atividades partidárias. Nesse sentido, é necessário combinar as histórias das redes colaborativas com documentos escritos. Quando falamos dos "jogos" de disputa e poder, referimo-nos ao que Pierre Bourdieu (2010) chama de poder simbólico, que resulta de atividades estratégicas. Trata-se da compreensão interna da comunidade de Taquarussu, um local repleto de formas de luta e poder, que atua nas relações sociais através das ações de mobilização realizadas pelo poder simbólico.

Mediante a análise das entrevistas, percebe-se que as fronteiras que dividiram Taquarussu e Batayporã remontam ao período de colonização. Esse processo se intensifica com a lei de criação do município, estabelecendo fronteiras e fazendo com que o poder simbólico, manifestado através de documentos, seja imposto a todos (Bourdieu, 2010). As fronteiras ficaram delimitadas da seguinte forma:

Art. 2º - O município de Taquarussu terá os seguintes limites: partindo do Ribeirão Naile no cruzamento da linha São Bento; descendo pelo Ribeirão Baile até o Rio Baía; por este abaixo até o canal Acurutuba até a foz do Rio Ivinhema, por este acima até encontrar a linha São Bento; prosseguindo por esta linha até o Ribeirão Baile, ponto de partida.²⁴

Sobre este tema, a colaboradora Maria Aparecida da Silva enfatizou que: “era o nosso desejo, mas não esperávamos que um dia isso se concretizasse. Dormimos e acordamos com Taquarussu desmembrado de Batayporã, o que surpreendeu a todos. Aceitamos, celebramos e seguimos em frente com nossas vidas”. Essa configuração sancionada pelo Estado caracterizou uma nova unidade, que prejudicou a unidade de Batayporã, tanto pela perda de território, como pela perda de população e pela perda de poder econômico. “Foi um grande prejuízo para

²⁴ Diário Oficial n.º 337 de 13-05-1980. Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS.

Batayporã, porque Taquarussu tinha muita gente e lucrava muito com o algodão” (Lourdes Garcia Justino, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Porém, antecedendo esse processo, outra fronteira era prevista. Após cinco anos de criação do município de Batayporã, em 1968 surge o Projeto Lei n. 80/1968. O deputado Carlos de Souza Medeiros, em ato estratégico solicita uma revisão territorial, sendo uma parte do município de Batayporã necessário ao desmembramento e incluída nos limites do município de Nova Andradina. A área territorial desejada é a que configura hoje o município de Taquarussu.

O Projeto foi rejeitado, pois não seguiu os parâmetros que a Lei Orgânica dos Municípios requer “a criação do município e suas alterações territoriais só poderão ser feitas quadrienalmente, no ano anterior ao da eleição municipal”²⁵. Se acaso o projeto tivesse sido organizado em 1967 teria a possibilidade de aprovação, Taquarussu não teria a configuração atual, ou até mesmo não se desenvolvido a município. Indiretamente é possível compreender que o projeto foi aprovado pela população da comunidade ruralizada, sendo organizado por meio da tática a partir de abaixo-assinado, contendo cerca de 170 assinaturas.

Teve uma época, pouco tempo do início da formação da comunidade, quase viramos Nova Andradina. Um político da época organizou um projeto de lei para que essas terras pudessem pertencer ao território de Nova Andradina. Teve até um movimento da população, queriam isso. Mas não deu certo, não sei porque, não me recordo bem, eu era criança ainda (Carmelina Candido dos Santos Silva, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

O projeto se justifica na formação da via de comunicação entre os bairros rurais Pouso da Arara, Batarama e Taquarussu. Previa estratégia para possibilitar o fácil acesso para o transporte dos produtos agrícolas. Havia tanto o interesse da comunidade ruralizada, quanto de alguns políticos de Nova Andradina, induzindo três aspectos: a) melhor transporte dos insumos; b) população do bairro ruralizado não se sentia parte de Batayporã; e c) políticos de Nova Andradina com interesses íntimos nos eleitores para a eleição.

Ocorreu até uma organização de abaixo-assinado, e era época de política municipal, para prefeito e vereadores, acho que tinha interesses políticos aí. Mas não deu certo, o projeto foi negado. Mas o pessoal daqui queria, aceitaram... bom, eles assinaram o papel e foi enviado para os governantes (Terezinha Silva dos Santos, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

²⁵Lei complementar n.º 1, de 9 de novembro de 1967. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/leicom/1960-1969/leicomplementar-1-9-novembro-1967-364990-publicacaoriginal-1-pl.html>. Acesso em: 15.08.2022

As pessoas da comunidade ruralizada de Taquarussu não se sentiam parte de Batayporã e através do projeto de alteração territorial enxergaram a possibilidade de separação. Com isso podemos nos aproximar do segundo sentimento de Michel Pollak, “continuidade no tempo, no sentido literal e psicológico”. É entendida no quadro de um sentimento de pertencimento, o que Benedict Anderson (2008) chama de “comunidade política imaginada”.

Esse sentimento de pertencimento está ligado à comunhão que as pessoas têm com o local onde vivem. O colaborador Agenor Francisco dos Anjos relata que: “fiz 90 anos, pai de dez filhos, mesmo com as marcas do tempo sou grato pela minha luta e sinto orgulho de fazer parte da história de Taquarussu. Sofri muito, só ficou aqui quem teve a coragem, mas estou vivo, a saúde não é boa, mas estamos aqui”. Esta passagem reforça a questão da comunidade imaginada.

Imaginada não no sentido “fantasiado”, mas dentro da comunidade de Taquarussu, emoções e práticas sociais foram criadas para despertar o sentimento de pertencimento, como é o caso do “sofrimento” e dos atos de “coragem” descritos por Agenor. Imaginada porque, mesmo sendo uma comunidade pequena, sempre haverá limites e as pessoas que ali vivem, mesmo que nunca se conheçam, compartilham significados e símbolos que, a partir da memória narrada, enxergamos a sua coletividade. O comum é desenhado através da “camaradagem horizontal” (Anderson, 2008).

A colaboradora Maria Aparecida da Silva aborda essa questão em sua entrevista e reflete sobre outras colaborações. Narra que havia muitos caminhões transportando madeira e algodão, assim como a chegada de muitas famílias. “Pessoas diferentes, de lugares diferentes, não conheço todos, mas lá estávamos nós, lutando para construir uma casa, uma roça, perfurar um poço e colocar comida na mesa” (Maria Aparecida da Silva, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

O movimento inclui a “camaradagem horizontal”, pois as entrevistas refletem uma relação de irmandade e ajuda. Mesmo tendo trajetórias e motivos diferentes entre si, quando se estabeleceram nas terras de Taquarussu, todos tinham o mesmo objetivo: “todos procuravam esperança de uma nova vida em um novo lugar e Taquarussu proporcionou isso” (Antônio Carlos Braz, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Portanto, na relação da comunidade de destino Taquarussu, há um terceiro ponto identificado por Pollak, que é o “sentimento de coerência”, construindo uma identidade comum para se separar de Batayporã e unificar outros elementos que formam a pessoa. Iniciou a implementação de uma estratégia de poder, dominação, inclusão e de exclusão (Albuquerque

Junior, 2008). Com a divisão do território, foram estabelecidas fronteiras, levando à inclusão de cidadãos como taquarussueses e à exclusão da população bataiporãense.

Com o sancionamento da lei de criação do município e a construção de um sentimento de pertencimento por meio da memória afetiva, começaram a se estabelecer elementos que dão ênfase ao “sentimento de nação” (Hall, 2006 p. 51). Essa questão raramente aparece nas colaborações das redes afetivas. Lourdes Garcia Justino narra que: “foi preciso elaborar os brasões, bandeira, hino, nome e um pseudônimo... são os símbolos”, as “representações objectais” (Bourdieu, 2010) podem ser representadas por bandeiras, símbolos e outros meios estratégicos, configurados segundo uma operação simbólica que é imposta.

Respeitadas as condições de expressão verbal, foi analisado o que Pierre Bourdieu chama de “representações objectais” (bandeiras, brasões²⁶), não com o objetivo de promover o sentimento municipalista ou uma história progressista ou oficial. Justifico mediante a expressão da memória coletiva. Nesse sentido, os símbolos de Taquarussu são o brasão, a bandeira e o hino.

Embora a existência desses fatores tenha surgido nas entrevistas, são eixos que não representam as experiências que os colaboradores contam em suas histórias de vida. As narrativas retratam o cotidiano do campo através das histórias de trabalhadores rurais, e as experiências adquiridas nesse espaço geram outras logics diferentes daquelas propostas pela história oficial.

O colaborador Antônio Emir Moraes conta que: “após a emancipação de Taquarussu e a nomeação de Deca como primeiro prefeito, o executivo procurou organizar alguns símbolos, como a bandeira e o brasão”. Os símbolos foram organizados por lideranças políticas, sem participação comunitária e muito menos mencionam ou representam a população taquarussuense. Nesse sentido, podemos questionar o silêncio ou o esquecimento dessas pessoas e de suas histórias de vida. É o sentimento nacional encobrindo as trajetórias dessas pessoas.

Essa problemática só pode ser determinada com base no significado existencial do conjunto de histórias inteiras, a escuta de diferentes histórias do mesmo eixo, e o diálogo com outros documentos para a compreensão de uma “disputa por memória”, como Michael Pollak (1992) chama. Existe a “memória nacional” impulsionada pelo emblema brasão e agora as histórias de vida, as “memórias subterrâneas”, que representam uma perspectiva diferente e dão um novo sentido à trajetória das pessoas, diferente da apresentada pelo brasão.

²⁶ O Brasão e a Bandeira Municipal foram instaurados pelo então prefeito Jesus Ferreira Neves, aprovado pela Câmara Municipal e sancionado pela Lei n. 83/86, de 28 de outubro de 1986.

As interpretações do brasão na Lei Municipal nº 083/86 baliza um sentimento de progresso, referindo-se a elementos utilizados em Portugal durante o período colonial do Brasil, fornece esclarecimentos aos fundadores devido à sua riqueza e nobreza. A vida ordinária dos agricultores e a agricultura familiar são dois polos opostos as relações que o brasão representa, diferentes das experiências expressadas nas entrevistas realizadas em 2022.

Ao refletir sobre o esquecimento e destacar o que esta pesquisa sugere, as histórias apresentam outro eixo que contribui para um sentido de coerência na construção da identidade coletiva. “Outra questão muito linda que preciso contar é sobre a criação do Hino de Taquarussu” (Lourdes Garcia Justino, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Este eixo evidencia as memórias “subterrâneas” em oposição às “memórias oficiais” (Pollak, 1992). Como enfatizam as entrevistas, o hino nacional de Taquarussu, diferentemente do brasão, não surgiu das organizações das lideranças políticas partidárias, mas da comunidade expressando as diversas relações sociais mantidas em seu seio.

Surgiu em meados do ano de 1989, quando o Francisco Modesto era Prefeito de Taquarussu. Em 1990 o senhor Odomiro Lopes, que era vizinho nosso, chamou meu esposo Lúcio pela cerca de balauça e com pedaço de papel na mão disse “olha aqui vizinho escrevi uma letra”, mas como ele era semianalfabeto não sabia muito como ligar as palavras. Ele também já havia começado a melodia. Começou a cantar a música e Lúcio gostou. Entregou a letra e meu esposo levou para a escola e começou a melhorar alguns pontos, colocar personagens, quando começou a surgir: “Linda cidade evoluindo, crescendo para o bem da nação”, até que saiu a letra toda. Com um violão a letra foi terminada em forma de marcha, o que acho mais bonito (Lourdes Garcia Justino, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Não houve um concurso para a composição e seleção do hino como em outros municípios, como Batayporã. O hino surgiu do íntimo da comunidade, sob inúmeras observações de dois vizinhos agricultores, Odomiro Lopes e Lúcio Paulo Justino, sob a lavoura, os comércios, a população, apenas com um violão e um pedaço de papel de caderno. O hino de Taquarussu foi escrito em 1989, mas só em 1990 é que foi reconhecido como símbolo pela lei orgânica. Em 1996, a letra foi considerada um hino, gravada por uma orquestra.

A questão dos direitos autorais da letra foi discutida por muito tempo, até que em 2016, apenas o nome de Odomiro Lopes foi citado. Muito se tem pensado sobre esta questão em relação às polêmicas de políticas partidárias, como salienta a colaboradora Lourdes, “éramos contra o grupo político de João do Bruno e pensamos que por isso, por causa da rixa política, não colocarão as contribuições de Lúcio na composição. Toda vez que ele escutava, chorava, se sentia injustiçado e desvalorizado”. Porém, em 2016, o então prefeito, Roberto Tavares de

Almeida, e o vereador Gilso Francisco Filho reconheceram a participação e atualizaram informações nos sites oficiais da cidade.

A letra escrita por Odomiro Lopes e Lúcio Paulo Justino ficou conhecida por toda a população no ritmo de marcha. Antes mesmo de ser reconhecido como símbolo de Taquarussu, as pessoas cantavam e batiam palmas durante diversas apresentações organizadas pela escola. “Lembro que quando era estudante cantávamos o hino de Taquarussu como os alunos e os professores cantam hoje, mas naquela época a letra não era reconhecida e não tinha o mesmo ritmo” (Terezinha Teixeira Rosa, entrevista realizada em Taquarussu em 2022). No entanto, o prefeito regente não teve interesse em organizá-lo como hino e só em 1996 é que foi reconhecido.

Quando a letra e a melodia ficaram prontas, Lúcio mostrou para os professores e numa festa da escola tocamos com os alunos. No aniversário de Taquarussu, André Puccinelli veio a convite do prefeito e ouviu a música. Ele gostou muito e teve a ideia de fazer dessa música o hino da cidade, mas o prefeito não deu muita atenção e os demais representantes que compareceram também não se interessaram muito. Mas todos os anos era cantado no aniversário da cidade. Em 1996, já com João do Bruno no comando, mandou Zé do Braz procurar Lúcio e informá-lo que uma orquestra de Campo Grande gravaria a música e faria dela um hino. Eles se encontraram na Câmara Municipal, a música foi cantada em forma de marcha, gravada e o rapaz levou para Campo Grande para ser produzida em estúdio (Lourdes Garcia Justino, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Para entender e identificar melhor os elementos que sustentam a identidade, vejamos a tabela abaixo com a letra do hino de Taquarussu-MS.

QUADRO 01: HINO DE TAQUARUSSU – MS

Hino de Taquarussu-MS
(Composição: Odomiro Lopes e Lucio Paulo Justino).

Linda cidade evoluindo
Crescendo para o bem da nação
Com gente humilde e hospitaleira
De luta e muita dedicação
Trabalhando de cedo à noite
Não há nada que nos atrapalhe
Recebendo as bênçãos de Deus
Pra frente “Flor do Vale”

Vamos para frente vamos, com nossa Taquarussu
É o orgulho de nosso povo
Localizada em Mato Grosso do Sul

Cercada pelos verdes campos
De nossa plantação
Produzindo soja, e o trigo
Arroz, milho e o feijão
Com os nossos campos de gado
Nossa cultura de algodão
Com este solo cheio de fartura
Firmando nossa produção

Vamos para frente vamos, com nossa Taquarussu
É o orgulho de nosso povo
Localizada em Mato Grosso do Sul

Saudamos os nosso professores
Que lutam pela alfabetização
O desempenho dos agricultores
Que fazem tudo pela exportação
A luta de nossos operários
E os roceiros de calos nas mãos
Que enfrentam com o sol e chuva
Pra nossa mesa não faltar o pão

Vamos para frente vamos, com nossa
Taquarussu
É o orgulho de nosso povo
Localizada em Mato Grosso do Sul

Saudamos os nossos comércio
Nossos fiéis e a cristandade
E os velhinhos pioneiros
A juventude que brilha a cidade
Salve as nossas crianças
Sul-Matogrossenses de coração
Que é o orgulho do nosso Estado
O futuro de nossa nação.

Fonte: Prefeitura de Taquarussu-MS.

A letra descreve o povo de Taquarussu e suas lutas diárias – o cotidiano. Percorre pelo campo e as diversas plantações, elementos que evidenciam características geopolíticas, sociais e históricas, evidenciando a cultura e a identidade de um povo. Embora destaquem o algodão, o trigo, o arroz, o milho e o feijão, que tiveram grande importância no início do período colonial, hoje não são mais produtos de identidade local, mas deixaram sua marca na história como um processo lucrativo que chamou atenção de diversas pessoas de distintas regiões do Brasil.

O município de Taquarussu foi desmembrado em 1980, ato que refletiu a vontade e construção identitária da comunidade. Porém, muitos símbolos estabelecidos pelas leis municipais não representam a existência dessas pessoas, como os elementos que compõem o brasão. Por outro lado, a comunidade, através do presente, recria esta história e ao rememorar-la mostra o que foi e o que é hoje.

Existem certos elementos que caracterizam uma identidade e a partir das vozes dessas pessoas podemos identificar e compreender o que todo o grupo social vivenciou. As pessoas que migraram desde a década de 1950, sendo fazendeiros, arrendatários e pequenos produtores, construíram identidades próprias a partir do cotidiano e não se limitaram às suas funções. Assim, essas famílias, homens e mulheres, atuam como (re)criadoras do seu próprio cotidiano.

Muita coisa mudou, Taquarussu mudou, a mata virou rua. As pessoas mudaram, os costumes mudaram. No passado havia muitas feiras dos agricultores, ao contrário de hoje. As pessoas sentavam-se à volta de fogueiras e falavam sobre a vida, festejando com sanfonas. As casas eram rodeadas de roças e até as taquaras que deram nome à nossa cidade desapareceram, restando muito pouco. Hoje temos costumes diferentes, as pessoas ficaram mais contidas, cada um está no seu lugar. Criaram a festa do Peão, deram outros significados... Taquarussu mudou muito e o povo também (Terezinha Teixeira Rosa, entrevista realizada em Taquarussu em 2022).

Embora alguns traços mencionados no hino e destacados pelos colaboradores em suas entrevistas remetam a um passado histórico sob a identidade de Taquarussu, esses elementos não refletem a identidade e a cultura atuais, uma vez que a maioria deles não faz mais parte da vida cotidiana. Isso fica evidente no caso da economia baseada no algodão, como mencionado pelo colaborador Antônio Emir Moraes: "o algodão costumava ser muito bom. Depois que essa fase passou, fui trabalhar na SEMAT e hoje sou aposentado, fazendo pequenos trabalhos arrumando cadeiras. Outras pessoas também buscaram outras atividades para se dedicarem".

A festa do Peão de Rodeio é um desses elementos, sendo a mais conhecida e movimentando o município, dando ênfase ao comércio e à economia local. As tradicionais festas juninas também desempenham um papel importante, envolvendo as escolas e os bairros rurais. As festas religiosas, como as quermesses, destacam a fé de uma parcela da população. As feiras livres contribuem para a agricultura familiar, enquanto a cultura do tereré e do churrasco são fortes entre os moradores. Além disso, novos símbolos municipais surgiram, como a árvore de Ipê e a árvore de Paineira localizadas no estádio Crivelão. Esta última foi plantada em 1969 por Cassimiro Alves dos Reis e hoje é uma das referências visuais do município, especialmente em sua época de floração e seca.

Nesse sentido, o sujeito pós-moderno está em constante deslocamento, desarticulando as identidades estáveis do passado e possibilitando a articulação de novas identidades (Hall, 2006, p. 12-17-18). A compreensão teórica do sujeito pós-moderno de Stuart Hall nos permite compreender o deslocamento e a falta de permanência identitária na comunidade de Taquarussu. Novos elementos foram surgindo e caracterizando a população, como festas, tradições e símbolos do cotidiano, longo do tempo através de interações sociais e culturais. As identidades são construídas dentro de discursos sociais e culturais que são históricos e contextuais. Hall (2006) enfatiza que as identidades são moldadas por representações culturais e significados atribuídos pelas sociedades, ou seja, a forma como somos representados na

cultura — através da linguagem, mídia e práticas sociais — influencia profundamente nossa compreensão de nós mesmos e dos outros. O autor sugere que as identidades são formadas através da marcação da diferença, e para se entender o que somos, também precisamos entender o que não somos. As identidades são criadas em relação à alteridade — os "outros" — e, muitas vezes, essa construção de identidade envolve a criação de fronteiras simbólicas entre grupos. Nesse sentido, Hall (2006) propõe que a identidade é uma espécie de "narrativa" que é continuamente recontada ao longo do tempo, moldadas em contextos de poder e desigualdade. As relações de poder influenciam quem tem o direito de definir identidades e quais identidades são valorizadas ou marginalizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elaborar e executar um projeto de pesquisa em História Oral representou um desafio significativo desde as fases iniciais deste estudo. A cada interação com a comunidade de Taquarussu, novas questões surgiram, contribuindo para o funcionamento eficaz do projeto, uma vez que a memória coletiva é um fenômeno em constante construção e sujeito a flutuações e transformações. Partindo das histórias do cotidiano e das experiências das pessoas entrevistadas, o projeto se propôs a acolher as narrativas obtidas através das vozes da própria vida, buscando realizar análises contrapostas em consonância com as fontes documentais e bibliográficas. O ato de escutar as quatorze histórias de vida na comunidade de Taquarussu nos impulsionou a ir além das abordagens convencionais de coleta de dados, reconhecendo que cada narrativa é um componente central de um produto construído coletivamente.

Foi fundamental compreender a complexidade de trabalhar com História Oral, pois essa área demanda um respeito ético e técnico para se adentrar nas vidas das pessoas entrevistadas. A elaboração do projeto de pesquisa foi o ponto de partida que nos permitiu avançar através de uma série de procedimentos, resultando em um movimento público, social, humanizador e democrático. Assim, podemos definir a História Oral como uma disciplina que valoriza as histórias, as colaborações, a análise crítica e a singularidade das comunidades. Neste processo, foi essencial reconhecer a importância da troca de olhares e da arte de escutar, assumindo as peculiaridades do produto tecido coletivamente. Destaco o termo "colaboração" no sentido de valorizar e respeitar as pessoas que compartilharam suas histórias conosco para análise. Não se trata de apaziguar disputas de poder, mas de compreender e analisar os diferentes eixos que emergem das entrevistas. Essa abordagem se alinha com os princípios da Nova História Política, que enfoca o cotidiano, as histórias e trajetórias das pessoas comuns. Reconhecemos que o político está presente em todos os aspectos da vida, e isso se reflete na interação das pessoas em suas diversas relações sociais.

Ao estimular as lembranças individuais, buscamos compreender não apenas o que é lembrado, mas também o que é esquecido e o porquê de ser esquecido. O esquecimento está intrinsecamente ligado ao processo de recordação, e o silêncio em uma entrevista pode ter diversas razões complexas, como medo, vergonha ou trauma. Como vimos ao longo do estudo, foi importante reconhecer que algumas memórias são proibidas ou clandestinas, separadas da ideologia oficial de um grupo dominante. Os esquecimentos e os silêncios revelam os mecanismos de manipulação e ocultação de trajetórias de pessoas comuns. No entanto, essas

memórias subterrâneas aguardam serem escutadas e compartilhadas, desafiando o poder dominante.

Os eixos ligados ao cotidiano demandaram a formação das redes colaborativas e, nesse sentido, compreender o “cotidiano” foi fundamental para as análises desta pesquisa. O cotidiano foi compreendido como um conjunto de acontecimentos singulares que possui a “arte de fazer”, o qual se encontra nos traços da memória, sendo o resultado das experiências adquiridas ao longo da vida. Falou-se aqui da interação, sob o tempo em movimento, com um espaço habitado, repleto de experiências humanas que constrói e reconstrói memórias vivas. Tal interação nos permitiu pensar as mudanças e os deslocamentos que em seu interior emergem a reminiscência da memória.

O cotidiano não surge apenas como um espaço de atividades rotineiras ou apenas construídas de “rebotinho”, mas é um espaço de renovação onde as táticas e as estratégias das pessoas são constantemente aperfeiçoadas em seus modos de atuação na sociedade. Nesse sentido, emprestar os ouvidos para as histórias de vida da comunidade de destino de Taquarussu foi perceber as narrativas do cotidiano: foi escutar, enxergar, compreender e respeitar todos os movimentos, pois a memória é aquilo que se tem e aquilo de que as pessoas são formadas.

Todos os caminhos mantidos nesta pesquisa se justificaram na memória de expressão oral. As relações entre as redes, o multivocal, os vais e vens ao passado, ao presente e o desejo de futuro, nos proporcionou novos eixos e problemáticas. Foram caminhos que fizeram (re)pensar, (re)analisar e enxergar trajetórias que muitas vezes não são consideradas relevantes, mas que nos permitiram enxergar e sentir sua força a partir do contato humano na configuração das teias colaborativas. Lidar com as divergências e coerências narrativas foi o ponto culminante para a organização e conclusão da pesquisa, que ainda registra o interesse de continuidade no futuro. Entrar na vida das pessoas de Taquarussu sem compreender esse mundo seria um desperdício de tempo. E falando em tempo, gostaria de ter tido mais tempo para ouvir "mais e mais" histórias, pois, como já afirmado, a história oral nunca tem fim. Trabalhamos com pessoas, com movimentos, com vidas que estão constantemente construindo novas experiências e significados, e é por esses motivos que temos uma abordagem humanizadora e democrática.

A comunidade de destino analisada nesse estudo esteve para além de um mero espaço geográfico, mas englobou um âmbito emocional, afetivo e de troca de experiências, ações e sentimentos. Desse modo, tem-se como comunidade de destino, homens e mulheres com suas famílias - ou sem suas famílias - que migraram, a maioria do interior de São Paulo e de estados nordestinos, para o sul do Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul), entre as décadas de 1950 e

1980, com intuito de adquirir terras baratas e férteis. A jornada narrada pelos entrevistados foi como uma teia, na qual cada pessoa se conectou com outro e encontrou seu lugar na comunidade, saindo de sua própria história singular. Afinal, essas pessoas se envolveram com as terras de Taquarussu de diversas formas, criando memórias que ora se entrelaçam, ora se contradizem.

A análise das entrevistas revelou não apenas as histórias individuais dos moradores, mas também trouxe à tona personagens e contextos que os entrevistados tiveram contato direto ou indireto, e que nos possibilitou “escovar a história a contrapelo”, como sugerido por Walter Benjamin. A escuta das entrevistas nos permitiu recuperar, mesmo que por indícios, a presença dos indígenas Ofaié em Taquarussu, um povo que, com o passar do tempo e com as frentes colonizadoras, desapareceu da região do Vale do Ivinhema, mas que deixou suas marcas de luta, resistência e sobrevivência. Este é, sem dúvida, um aspecto importante da história de Taquarussu que exige mais pesquisas futuras por parte da historiografia. A análise das entrevistas também trouxe à tona narrativas sobre o Projeto Marcha Para o Oeste de Getúlio Vargas e os empreendimentos colonizadores de Jan Antonin Bata, conduzidos pela empresa colonizadora Viação São Paulo-Mato Grosso nas Glebas Cayuás, Iguassu, Machado e Recanto, bem como destacou a vontade dessas empresas de elaborarem uma “memória oficial” em Taquarussu baseada no nome de empresários, políticos e herdeiros em prédios públicos e documentos oficiais da cidade.

Podemos afirmar que as famílias pioneiras de Taquarussu enfrentaram inúmeros desafios para estabelecerem-se no extremo oeste brasileiro, desde a vinda em caminhões “paus-de-arara” por estradas sinuosas, perpassando a limpeza das terras alcançadas, a derrubada da mata e a abertura de campos para plantação, a construção de estradas e moradias. Estabelecidos, os novos moradores enfrentaram constantes ataques de animais perigosos como onças e porcos-do-mato, bem como aprenderam a conviver com insetos e lidaram com a enorme distância dos centros comerciais. A instalação de casas comerciais foi impulsionada pela crescente produção de algodão em Taquarussu, o que supriu as necessidades da população e contribuiu para a formação das primeiras vilas, facilitando as atividades cotidianas e fornecendo produtos essenciais para a sobrevivência. Com o passar dos anos, os moradores daquele “bairro rural”, até então dependente do município de Batayporã, foram construindo uma identidade própria e o consequente desejo de se tornarem independentes, assumindo coletivamente o nome “Taquarussu”, o qual remete a forte presença de taquara na paisagem, um tipo de bambu nativo.

Destarte, os moradores ressignificaram a fundação de Taquarussu elaborando, coletivamente, seus lugares de memória, caracterizando paisagens como o Córrego Baile como

um ponto de partida para a construção da cidade e um refúgio acolhedor para seus habitantes. Os moradores ressignificaram, ainda, a presença indígena em Taquarussu e os possíveis conflitos com os indígenas que ali habitavam, atribuindo a esses conflitos um caráter místico, baseado na crença popular do saci, caracterizando o desaparecimento dos indígenas Ofayé da região ao poder dos benzedeiros que supostamente abençoaram os novos moradores e livraram Taquarussu do “poder dos sacis”. As memórias faladas ainda trouxeram questões que se contrapõem as narrativas presentes em sites como o da Prefeitura Municipal de Taquarussu, questionando nomes de supostos fundadores e demonstrando narrativas “marginais” sobre quem fundou a primeira escola, a primeira igreja etc.

Em geral, essa jornada colaborativa para contar a história do povoamento de Taquarussu só foi possível graças à participação dos quatorze entrevistados que representaram as quatro redes colaborativas, cujas histórias de vida permitiram compreender e transmitir uma história íntima plural e dissidente sobre o município. Taquarussu ainda guarda diversas histórias e trajetórias de vida que, lembradas através da memória de expressão oral, se tornam comuns. Este é o resultado do estabelecimento de diálogos entre as fontes orais e materiais e, sobretudo, do trabalho coletivo que valoriza a presença das pessoas e merece a valorização verbal ao ter suas histórias escutadas.

Em última análise, colocando-me como a última voz desse texto, sinto-me profundamente satisfeito em conduzir a pesquisa. Como ex-aluno do ensino básico da rede pública de Taquarussu, sempre ouvi meus professores lamentarem a escassez de material sobre a história do município. Agora, como professor, e com algumas experiências em sala de aula, percebo a necessidade de recursos que auxiliem o processo de ensino-aprendizagem. Por isso, entre outros motivos, esta pesquisa é de grande importância para mim. Partindo do pessoal (o projeto preliminar), alcança a comunidade (os colaboradores e demais membros da comunidade de destino), passa pela academia (Universidade - Programa de Pós-Graduação) e se torna acessível ao público através das redes sociais e de outros meios, incluindo as escolas.

REFERÊNCIAS

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ALEXANDRE, Hélio Carlos; Pereira, Rafael. *Taquarussu – MS: sua história*. Andradina — SP, Elaboração HR — História Regional. 2017.
- ARAMBASIC, Dolores Ljiljana; SILVA, Evandro Amaral Trachta. *Passos tchecos em terras brasileiras*. OCTEB - Oficina Cultural Tcheca e Eslovaca do Brasil, Batayporã, Mato Grosso do Sul, Brasil 2003.
- ARRUDA, Gilmar. *Cidades e sertões entre a história e a memória*. Bauru: EDUSC, 2000.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. *Sobre o conceito de História*. In: Obras Escondidas, v. I. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BONFIM, Juliana Sanches Silva. *Colonização particular: atuação da Companhia Viação São Paulo - Mato Grosso (1940-1960)*. Dourados, MS: UFGD, 2009.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. 12 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória*. Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOSI, Ecléa. *Velhos amigos*. Ilustração de Odilon Moraes. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papyrus, 1996.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A dinâmica dos nomes da cidade de São Paulo: 1554 – 1987*. São Paulo: Annablume, 1996.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo Arquivo do Estado, 1990.
- DUTRA, Carlos. Alberto dos Santos. *O território Ofaié pelos caminhos da História: reencontro e trajetória de um povo*. 2004. Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, 2004. 133 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Dourados – MS.
- FAGGION, Carmen Maria; MISTURINI, Bruno; DAL PIZZOL, Elis Viviana. Ideologias no ato de nomear: a toponímia revelando mudanças nas relações de poder de uma comunidade. *Revista Entreletras*. Universidade Federal de Tocantins, 2013.
- GINZBURG, Carlos. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difficil, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

- HALL, Stuart. *Da diáspora*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- ISQUEIRO, Aparecida Negri. O nome do município. Um estudo etnolinguístico e sócio-histórico na toponímia Sul-Mato-Grossense. *Revista Prolíngua*. Campo Grande, v. 2, n. 2, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/13403/7607>. Acesso em 11 de maio de 2022.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5. ed. Campinas, São Paulo: Ed. Unicamp, 2003.
- MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- MAFFESOLI, Michel. Comunidades. Prefácio. In: SEAWRIGHT, Leandro Alonso. *Vidas Machucadas: história oral aplicada*. São Paulo: Contexto, 2023.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 1998.
- MARTINS, Eduardo. *Ofaié – eu estou na estrada – Hagaté te Tahfwa* (Nova Andradina e Vale do Ivinhema). 1. ed. Campo Grande: Life Editora, 2022.
- MEIHY, José Carlos Sebe. *Augusto e Lea: um caso de (des)amor em tempos modernos*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.
- MEIHY, José Carlos Sebe; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2015.
- MEIHY, José Carlos Sebe; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. *Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias*. São Paulo: Contexto, 2011.
- MEIHY, José Carlos Sebe; SEAWRIGHT, Leandro Alonso. *Memória e narrativas: história oral aplicada*. São Paulo: Contexto, 2020.
- MELO, Pedro Antônio Gomes de. Toponímia indígena: um estudo lexical dos nomes de municípios alagoanos de étimo tupi. *Revista eletrônica de Ciências*, v. 6, n. 1, jan./jun., 2013. pp. 160 – 179. Disponível em: <https://docplayer.com.br/67735612-Toponimia-indigena-um-estudo-lexical-dos-nomes-de-municipios-alagoanos-de-etimo-tupi.html>. Acesso em: 11 de agosto de 2022.
- MOREIRA, Danilo Leite. *Por uma nova História de Emancipação Político Administrativo do município de Batayporã-MS (1953-1964)*. 2015. 133 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto história. São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- PAIS, Jose Machado. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo, SP: Cortez, 2003.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212. 1992.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz. 2016.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Revista Projeto de História*. São Paulo, n. 14, fev. 1997.

PORTELLI, Alessandro. Um trabalho de relação: observações sobre a história oral. *Revista da História*. Três Lagoas, v. 7, n. 13 jul-dez, 2017. p. 182-195. Disponível em: <http://www.Users/Windows/Downloads/5306-Texto%20do%20artigo-16859-1-10.20171203.pdf>. Acesso em: 23 de janeiro de 2023.

REDIGOLO, Jaqueline. *História e memória de taquarussu: a consolidação do município*. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) — Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. Disponível em: <https://issuu.com/editoraunicamp/docs/20pp-2012-a-memoria-a-historia-o-esquecimento>. Acesso em 06 de maio 2023.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes. *Usos & abusos da história oral*. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006,

SANTOS, Ana Cláudia dos. *Memória do município de Taquarussu — MS: a história contada por seus protagonistas*. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) — Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

SEAWRIGHT, Leandro Alonso. A história oral como disciplina, a memória coletiva e a “costura artesanal”: religião, política. *Revista Nupem*, Campo Mourão, v. 9, n. 17, mai/ago. 2017, p. 29-43. Disponível em: <http://revistanupem.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/318/294>. Acesso em: 25 de abril de 2022.

SEAWRIGHT, Leandro Alonso. *Vidas Machucadas: história oral aplicada*. São Paulo: Contexto, 2023.

THOMSON, A. Histórias (co) movedoras: história oral e estudo de migração. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, Anpud/ Humanitas, v. 22, n. 44, p. 342-364, 2002.

WEINRICH, Harald. *Lete: arte e crítica do esquecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

ZILIANI, José Carlos. *Colonização: táticas e estratégias da Companhia de Viação São Paulo Mato Grosso (1908-1960)*. 2010. 238 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/103128>. Acesso em 02 de abril de 2021.

FONTES PERIÓDICAS

JORNAL D’OESTE. *Bataiporã, 10 anos de luta e de progresso*. Suplemento. Nova Andradina, 11 de novembro de 1973.

JORNAL O REGIONAL. *Sem título*. Edição 027. Nova Andradina MS, 20 a 27 de junho de 1981.

JORNAL VALE DO IVINHEMA. *Sem título*. Ano I, nº 03. Ivinhema, maio de 2008.

DOCUMENTOS DO EXECUTIVO, LEGISLATIVO E JUDICIÁRIO

BRASIL. *Lei Complementar Nº 1, de 9 de novembro de 1967*. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/leicom/1960-1969/leicomplementar-1-9-novembro-1967-364990-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acessado em 23 de fevereiro de 2022.

MATO GROSSO DO SUL. *Lei Estadual Nº 77 de 12 de maio de 1.980. Diário Oficial Nº 337 de 13-05-80.* Disponível em: https://www.tjms.jus.br/legislacao/public/pdf-legislacoes/lei_n.77.pdf. Acessado em 23 de fevereiro de 2022.

MATO GROSSO. *Lei Estadual de Nº 3708 de 24 de maio de 1.976. Diário Oficial de 24/05/76.* Disponível em: <https://www.al.mt.gov.br/storage/webdisco/leis/lei-3708-1976.pdf>. Acessado em 23 de fevereiro de 2022.

RIO BRILHANTE (MS). Cartório do 1º Ofício Registro de Imóveis e Anexos. Livros de Registro Auxiliar, Livro 8, fls 17, registro sob nº 2 (dois) o memorial “Glebas”. *Certidão de Escritura das glebas “Cayuás”, “Iguassu”, “Machado” e “Recanto” - Loteamento Rural.* Proprietários: A Companhia de Viação São Paulo - Mato Grosso. 27 de agosto de 2003.

TAQUARUSSU (MS). *Lei Municipal Nº 083/86, de 28 de outubro de 1986.* Disponível em: https://www.taquarussu.ms.gov.br/novo_site/legislacao/leis/1986/20170718125434.pdf. Acessado em 23 de fevereiro de 2022.

TAQUARUSSU (MS). *Lei Municipal Nº 558/2021, de 09 de dezembro de 2021.* Disponível em: <https://www.taquarussu.ms.gov.br/site/wp-content/uploads/2021/12/Lei-558-2021.pdf>; Acessado em 23 de fevereiro de 2022.

TAQUARUSSU (MS). *Lei Orgânica do Município de Taquarussu-MS. 1990.* Disponível em: <http://www.tce.ms.gov.br/storage/docdigital/2009/09/00001306.pdf>. Acessado em 23 de fevereiro de 2022.